

Judith McNaught

Dois Pesos, Duas Medidas



Homem de viril beleza, Nick Sinclair, Presidente da Global Industries, comanda os negócios da mesma forma como o faz com suas mulheres: com charme, ousadia e implacável autocontrole. Acostumado ao que há de melhor, ele contratou Lauren Danner e supôs que a orgulhosa beldade logo seria mais uma conquista fácil. No entanto, a brilhante inteligência e a rara energia da jovem o deslumbram. Aos poucos, contra sua vontade, ele se vê intrigado, desafiado e... apaixonado.

Entretanto, Lauren vive uma mentira, uma farsa que se torna mais perigosa a cada momento. Seu segredo pode destruir a frágil confiança de Nick, e a promessa de um futuro com o homem mais irresistível que ela já conheceu...



**Digitalização: Silvia
Revisão e Formatação: Cintia**

Neste inesquecível romance, Judith McNaught, uma das maiores bestsellers da atualidade, levará o leitor a um mundo exclusivo e arriscado de paixão e trapaça, onde dois superastros dos negócios travarão uma furiosa luta pelo poder.

Nota da Digitalizadora

Bom... eu não sou boa em escrever, mas posso dizer que gostei muito do livro. Ele eh uma pessoa amarga que subiu sozinho na vida e não confia em ngn. Ela uma mocinha simples que faz de td para mostrar a ele o amor. Uma vingança que ela não quer aceitar. Gostei mesmo do livro.

Nota da Revisora

São inevitáveis as comparações com os outros livros da McNaught, mas posso dizer que foi uma história fofa; o típico livro “Sessão da Tarde”.

Nosso mocinho é durão, acha que pode tudo e para variar, podre de rico. Ai, que delícia! Tudo de bom!! rsrs. Nossa mocinha é uma coitada que entra numa roubada. Agora tenho mais convicção que o ditado: “parente é serpente” é verdadeiro! rsrs. Mas gostei da garota. Fiquei com coração apertado ao ler o que a bruxa da mãe dele fez com ele quando era só um garotinho de 5 anos... E isso refletiu durante toda a vida dele até o ultimo capítulo do livro. Principalmente no último capítulo.

Se você gosta de histórias no melhor estilo “patrão-secretária” vá em frente que vale a pena. Se você não gosta, vá em frente que vale a pena do mesmo jeito! rsrs. É um livro gostoso que te deixa com um gostinho de “quero muito mais” no final.

Obs: O livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2010, portanto, não estranhem caso se deparem com palavras que antes eram acentuadas, e agora, não mais.

Judith McNaught
Dois Pesos, Duas Medidas

Tradução: Alda Porto
BERTRAND BRASIL
Copyright© 1984, by Judith McNaught

Título original: Double Standards
Capa: Simone Villas-Boas
Foto da autora: Gasper Tringale
Editoração: DFL
Texto revisado segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa 2010

Impresso no Brasil / Printed in Brazil
CIP-Brasil. Catalogação na fonte Sindicato Nacional dos Editores
de Livros, RJ
M429d McNaught, Judith, 1944
Dois pesos, duas medidas/Judith McNaught; tradução Alda Porto.
Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 294p.

Tradução de: Double standards
ISBN 978-85-286-1430-5

1. Romance americano. I. Porto, Alda. II. Título.
10-1785 - CDD-8I3
CDU-821.111 (73)-3

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 - 2º andar - São Cristóvão
20921 -380 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (0XX21) 2585-2070 - Fax: (0xx21) 2585-2087

Capítulo 1

Philip Whitworth ergueu o olhar com a atenção atraída pelo ruído de passos ligeiros que afundavam no luxuoso tapete oriental estirado em seu escritório presidencial. Recostado na poltrona giratória de couro marrom, examinou o vice-presidente, que avançava a passos largos em sua direção.

— Então? — perguntou, impaciente. — Já anunciaram quem deu o menor lance?

O recém-chegado apoiou os punhos cerrados na superfície da escrivaninha de mogno polida de Philip.

— Sinclair deu o lance mais baixo — disse ele, sem pestanejar. — A National Motors vai lhe dar o contrato para o fornecimento de todos os rádios para os carros que fabricam, porque Nick Sinclair bateu o nosso preço em míseros trinta mil dólares. — Inspirou furioso e expirou num assobio. — Aquele miserável nos tirou um contrato de cinqüenta milhões de dólares diminuindo em um por cento o nosso preço!

Apenas o leve enrijecimento do maxilar aristocrático de Philip Whitworth denunciava a raiva que fluía em seu interior, ao dizer:

— É a quarta vez em um ano que ele nos tira um grande contrato. Uma senhora coincidência, não?

— Coincidência! — repetiu o vice-presidente. — Não é nada disso, diabos, e você sabe, Philip! Alguém em minha divisão está na folha de pagamentos de Nick Sinclair. Algum sacana deve estar nos espionando, descobrindo o valor do lance em nosso envelope lacrado e repassando a ele essa informação, para que Sinclair dê o seu, poucos dólares inferior ao nosso. Somente seis homens que trabalham para mim sabem o valor de nosso lance para esse serviço, e um deles é o espião.

Philip reclinou-se mais na poltrona, e seus cabelos grisalhos tocaram o alto espaldar de couro.

— Você mandou investigar os seis, e tudo que ficamos sabendo é que três deles traem as esposas.

— Então as investigações não foram completas o suficiente! — Empertigando-se, o vice-presidente passou a mão pelos cabelos e deixou pender o braço.

— Escute, Philip, sei que Sinclair é seu enteado, mas você vai ter de fazer alguma coisa para detê-lo. Ele está determinado a destruí-lo.

A frieza ficou estampada nos olhos de Philip Whitworth.

— Eu jamais o reconheci como “enteado”, e minha esposa não o reconhece como filho. Agora, o que precisamente, você propõe que eu faça para detê-lo?

— Infiltrar um espião nosso na empresa de Sinclair, descobrir quem é o contato dele aqui. Não me importa o que você vai fazer, mas, pelo amor de Deus, faça alguma coisa!

O áspero toque do interfone na escrivadinha cortou a resposta de Philip, e ele enterrou o dedo no botão.

— Sim, que foi, Helen?

— Desculpe interrompê-lo, senhor — disse a secretária —, mas uma tal de srta. Lauren Danner está aqui, dizendo que tem uma hora marcada com o senhor para falar sobre um emprego.

— Tem sim — ele suspirou irritado. — Concordei em entrevistá-la para talvez trabalhar conosco. — Desligou o botão e voltou sua atenção para o vice-presidente, que, embora preocupado, olhava-o com curiosidade.

— Desde quando você entrevista candidatos, Philip?

— Trata-se de uma entrevista de cortesia — explicou o presidente com outro suspiro de impaciência. — O pai dela é um parente distante meu, primo de quinto ou sexto grau, pelo que me lembro. Danner é um daqueles parentes que minha mãe desenterrou anos atrás, quando estava fazendo pesquisas para o livro dela sobre a nossa árvore genealógica. Toda vez que localizava um novo grupo de possíveis parentes, convidava-os à

nossa casa para “uma visitinha agradável” para que pudesse aprofundar-se na questão, obtendo mais dados sobre os ancestrais, com o intuito de descobrir se eram realmente parentes e decidir se valia a pena mencioná-los no livro. Danner era professor numa universidade de Chicago. Não pôde ir, por isso mandou a esposa, uma pianista, e a filha em seu lugar. A sra. Danner morreu num acidente de carro alguns anos atrás, e jamais tive notícias dele depois disso, até a semana passada, quando me ligou e pediu que entrevistasse a filha, Lauren, para uma vaga de emprego. Ele disse que não há nada apropriado para ela em Fenster, no Missouri, onde ele mora agora.

— Um tanto presunçoso da parte dele ligar para você, não?

A expressão de Philip foi tomada por um misto de resignação e tédio.

— Vou conversar um pouco com ela e depois dispensá-la. Não temos emprego para ninguém com diploma universitário em música. Mesmo que tivéssemos, eu não contrataria Lauren Danner. Jamais conheci, na minha vida, uma menina tão irritante, afrontosa, mal-educada e sem graça quanto ela! Era gordinha, sardenta, tinha cerca de nove anos e uma juba ruiva que parecia nunca ter visto um pente. Usava óculos horrendos de tartaruga e, valha-me Deus, olhava para nós com desprezo!...

A secretária de Philip Whitworth olhou de relance para a jovem, que usava um terninho azul-marinho engomado e uma blusa branca com uma prega larga sobreposta, sentada ali na sua frente. Tinha os cabelos de um tom de mel presos num elegante coque, com cachos delicados caindo sobre as orelhas, emoldurando um

rosto de impecável e vivida beleza. Maças do rosto ligeiramente elevadas, nariz pequeno, o queixo delicadamente arredondado, mas os olhos eram seu traço mais fascinante. Sob o arco das sobrancelhas, longos cílios curvados enquadravam os olhos de um surpreendente e luminoso azul-turquesa.

— O sr. Whitworth a receberá dentro de alguns minutos — disse a secretária, educadamente, com o cuidado de não encará-la.

Lauren Danner desviou o olhar da revista que fingia ler e sorriu.

— Obrigada — disse e tornou a olhar para baixo, às cegas, tentando controlar aquela mistura de apreensão e nervosismo de confrontar-se com Philip Whitworth.

Catorze anos não haviam atenuado a dolorosa lembrança dos dois dias que passara na magnífica mansão de Grosse Pointe, onde toda a família Whitworth e até os criados haviam tratado Lauren e sua mãe com insultante desdém.

O telefone na escrivaninha da secretária tocou, fazendo o nervosismo de Lauren ir às alturas. “Como”, perguntou-se em desespero, fora parar naquela situação desagradável e insuportável? Se soubesse de antemão que seu pai ia ligar para Philip Whitworth, talvez pudesse tê-lo dissuadido. Mas, quando ficou sabendo, a ligação já havia sido feita e a entrevista, acertada. Quando tentou protestar, o velho respondera com toda a calma que Philip Whitworth lhes devia um favor, e a menos que ela lhe apresentasse argumentos lógicos contra a ida a Detroit, ele esperava que ela cumprisse com sua parte no compromisso.

Lauren largou a revista não lida no colo e deu um suspiro. Claro, podia ter lhe contado como os Whitworth se comportaram

catorze anos atrás. Mas, hoje, o dinheiro era a principal preocupação do pai, e a falta deste punha-lhe rugas de tensão no pálido rosto. Havia pouco, os contribuintes do Missouri, apanhados no aperto de uma recessão econômica, tinham votado contra um aumento desesperadamente necessário ao imposto escolar. Em consequência, milhares de professores foram imediatamente demitidos, entre eles, o pai dela. Três meses depois, ele voltara de mais uma infrutífera viagem em busca de emprego, dessa vez na cidade de Kansas. Largara a pasta na mesa e sorria tristemente para Lauren e sua madrasta:

— Acho que hoje em dia um ex-professor não consegue arranjar emprego nem como faxineiro — dissera, parecendo exausto e estranhamente pálido. Massageara meio distraído o peito perto do braço esquerdo, e acrescentara com ar sombrio: — O que talvez seja melhor. Não me sinto forte o suficiente para varrer.

Sem mais avisos, sofrera um colapso, vítima de um forte ataque cardíaco.

Embora seu pai estivesse se recuperando agora, aquele acontecimento mudara o rumo da vida de Lauren. “Não”, corrigiu-se a jovem, ela mesma mudara o rumo de sua vida. Após anos de incansável estudo e cansativos treinos ao piano, e depois de obter o mestrado em música, decidira que não tinha a ambição motivadora, a total dedicação necessária para alcançar sucesso como pianista de concertos. Herdara o talento musical da mãe, mas não sua incansável dedicação à arte.

Lauren queria mais da vida além da música. De certa forma, essa arte lhe roubara tanto quanto lhe dera. Por causa da escola, dos estudos, dos treinos e por ter de trabalhar para pagar as aulas

e a instrução, jamais tivera tempo para relaxar e divertir-se. Quando fizera vinte e três anos, havia viajado a várias cidades dos Estados Unidos, mas tudo que vira dessas cidades foram quartos de hotel, salas de ensaio e auditórios. Conhecera incontáveis homens, porém jamais tivera tempo para mais que uma breve relação. Ganhara bolsas de estudo, prêmios e recompensas, mas nunca dinheiro suficiente para pagar todas as despesas sem o fardo adicional de um emprego em meio período.

Ainda assim, após investir tanto de sua vida na música, parecia errado, um desperdício, jogar tudo fora por outra carreira. A doença do pai e a quantidade desconcertante de contas que se acumulavam haviam-na obrigado a tomar a decisão que vinha adiando. Em abril, ele perdera o emprego e, com isso, o convênio médico; em julho, fora-se a saúde também. No passado, ele lhe dera muita ajuda financeira para a escola e as aulas, agora chegara sua vez de ajudá-lo.

Ao pensar nessa responsabilidade, Lauren sentiu como se carregasse o peso do mundo nas costas. Precisava de um emprego, dinheiro, e precisava disso já. Olhou ao redor da luxuosa área da recepção e sentiu-se estranha e desorientada ao tentar imaginar-se trabalhando numa imensa empresa industrial. Não que isso importasse — se o pagamento fosse alto o bastante, aceitaria qualquer emprego que lhe oferecessem. Os bons empregos, com oportunidades de promoção, quase não existiam em Fenster, e os que estavam disponíveis pagavam uma quantia deplorável de tão baixa em comparação com outros similares em imensas áreas metropolitanas como Detroit. A secretária desligou o telefone e levantou-se.

— O sr. Whitworth a receberá agora, srta. Danner. — Lauren seguiu-a até uma porta de mogno esplendidamente esculpida. Quando a secretária abriu-a, Lauren fez uma breve e desesperada prece para que o parente do pai não se lembrasse dela da visita de tanto tempo atrás, e entrou no escritório. Anos de apresentação diante de uma platéia haviam lhe ensinado como esconder o turbulento nervosismo, que agora lhe possibilitavam abordar Philip Whitworth com uma aparência externa de perfeito equilíbrio, quando ele se levantou, exibindo uma expressão de perplexidade nas feições aristocráticas.

— Certamente, o senhor não se lembra de mim, sr. Whitworth — disse ela, estendendo com graça a mão por cima da escrivaninha —, mas sou Lauren Danner.

O aperto de mãos de Philip Whitworth foi firme, sua voz assumindo um tom de deleite mordaz:

— Na verdade, lembro-me muito bem, Lauren; você foi uma criança um tanto... inesquecível.

Ela sorriu, surpresa com esse humor franco.

— É muita bondade sua. Poderia ter dito irritante, em vez de inesquecível.

Com isso, declarou-se uma tentativa de trégua, e ele acenou com a cabeça indicando uma poltrona de veludo dourado diante da escrivaninha.

— Por favor, sente-se.

— Trouxe-lhe meu currículo — disse Lauren, tirando um envelope da bolsa ao sentar-se.

Philip abriu-o e retirou as folhas datilografadas, mas permaneceu com os olhos castanhos fixos no rosto da candidata, examinando minuciosamente suas feições.

— A semelhança com sua mãe é espantosa — disse após um longo instante. — Ela era italiana, não é mesmo?

— Meus avós eram italianos — esclareceu Lauren. — Minha mãe nasceu aqui.

Philip balançou a cabeça.

— Seu cabelo é muito mais claro, mas fora isso você tem quase a mesma aparência. — Desviou o olhar para o currículo que ela lhe dera e acrescentou, calmamente: — Ela era uma mulher extremamente bonita.

Lauren recostou-se na poltrona, um pouco perplexa pela inesperada direção que a entrevista tomava. Era um tanto desconcertante descobrir, apesar da atitude externa fria e distante catorze anos antes, que Philip Whitworth parecia ter achado Gina Danner bonita. E agora estava dizendo a Lauren que a achava bonita também.

Enquanto ele passava os olhos no currículo, Lauren deixou-se divagar, ao mesmo tempo em que observava todo o esplendor daquele suntuoso escritório. Era dali que Philip Whitworth comandava todo seu império. Ela aproveitou o momento para examiná-lo. Para um cinquentão, era extremamente sexy. Embora fosse grisalho, o rosto bronzeado não era muito marcado por rugas e não havia sinal algum de excesso de peso no corpo alto e bem formado. Sentado atrás da imensa escrivaninha baronial, num terno escuro de corte impecável, ele parecia cercado por uma aura

de riqueza e poder que Lauren, com relutância, achou impressionante.

Visto agora pelos olhos de uma adulta, ele não parecia o homem frio, presunçoso e esnobe de que ela se lembrava. Na verdade, parecia, nos mínimos detalhes, um homem distinto e elegante da alta sociedade. Tinha com ela uma atitude, sem dúvida, cortês, e senso de humor também. Somando tudo, Lauren não pôde deixar de sentir que seu preconceito contra ele durante todos aqueles anos talvez tivesse sido injusto.

Philip Whitworth voltou-se para a segunda página do currículo dela, e Lauren sentiu-se um fracasso. Por que, exatamente, tinha essa súbita mudança de opinião quanto a ele? perguntou-se, sentindo-se pouco à vontade. Era verdade que ele se mostrava cordial e gentil agora — mas por que não seria? Ela não era mais uma menininha simplória de nove anos, e sim uma jovem com um rosto e corpo que faziam os homens se virarem para cravar os olhos nela.

Haveria mesmo cometido um erro de julgamento sobre os Whitworth durante todos aqueles anos? Ou deixava-se agora influenciar pela óbvia riqueza e agradável sofisticação de Philip Whitworth?

— Embora seu desempenho na universidade seja excelente, espero que compreenda a inutilidade de uma formação em música para o mundo dos negócios — ele disse.

Na mesma hora Lauren voltou a atenção para a questão imediata:

— Sei disso. Formei-me em música porque adorava, mas percebo que não há futuro nessa área para mim.

Com tranqüila dignidade, ela explicou em poucas palavras os motivos que a fizeram abandonar a carreira de pianista, incluindo a saúde do pai e a situação financeira da família.

Philip ouviu com atenção, depois tornou a olhar para o currículo que tinha em mãos.

— Notei que também fez vários cursos de administração na faculdade.

Quando ele fez uma pausa, Lauren começou a achar, com expectativa, que ele poderia estar realmente considerando contratá-la.

— Na verdade, faltaram apenas alguns para eu me formar em administração.

— E enquanto fazia faculdade, você trabalhou depois das aulas e nas férias de verão como secretária — continuou Philip, pensativo. — Seu pai não falou disso ao telefone. Suas qualificações como estenógrafa e datilógrafa são mesmo tão excelentes como diz o currículo?

— São — respondeu Lauren, mas, à menção daquele antecedente como secretária, seu entusiasmo começou a definhar.

Philip relaxou em sua poltrona e, após pensar por um instante, pareceu chegar a uma decisão:

— Posso lhe oferecer o emprego de secretária, Lauren, um cargo de desafio e responsabilidade. Nada mais posso fazer, a não ser que você realmente se forme em administração.

— Mas eu não quero ser secretária — disse ela com um suspiro.

Um irônico sorriso entortou-lhe os lábios quando viu como Lauren parecia desencorajada.

— Você disse que a sua principal preocupação agora é o dinheiro, e no momento, por acaso, há uma tremenda escassez de secretárias executivas qualificadas e de alto nível. Por isso, são muito procuradas e muitíssimo bem pagas. A minha, por exemplo, fatura quase tanto quanto os executivos de nível médio da administração.

— Mesmo assim... — Lauren começou a protestar.

O sr. Whitworth ergueu uma das mãos para silenciá-la.

— Deixe-me concluir. Você trabalhava para o presidente de uma pequena empresa industrial. Numa empresa assim, todos sabem o que todo mundo faz e por quê. Infelizmente, nas grandes corporações como esta, apenas os altos executivos e suas secretárias têm consciência do quadro geral. Posso lhe dar um exemplo do que estou tentando dizer?

Lauren fez que sim com a cabeça, e ele continuou:

— Digamos que você seja contadora em nossa divisão de rádios e lhe peçam para preparar uma análise do custo de cada aparelho que produzimos. Você passa semanas preparando o relatório sem saber por que está fazendo isso. Talvez porque estejamos pensando em fechar essa divisão, pode ser que estejamos pensando em expandi-la; ou ainda porque planejamos fazer uma campanha de publicidade para ajudar a vender mais rádios. Você não sabe quais são nossos planos, nem seu supervisor, nem o supervisor dele. As únicas pessoas que têm conhecimento desse tipo de informação confidencial são os gerentes de divisão, vice-presidentes e — concluiu com ênfase, sorridente — suas secretárias! Se você começar nessa posição aqui, terá uma boa

visão geral da empresa, e poderá fazer uma escolha esclarecida sobre possíveis metas futuras de carreira.

— Posso fazer qualquer outra coisa numa empresa como a sua que pague tão bem quanto o cargo de secretária? — perguntou Lauren.

— Não — ele respondeu com tranqüila firmeza. — Só depois de conseguir o diploma em administração.

Por dentro, Lauren suspirou, mas sabia que não tinha escolha. Precisava ganhar tanto dinheiro quanto possível.

— Não fique tão triste — disse ele —, o trabalho não será chato. Ora, minha própria secretária sabe mais de nossos planos futuros do que a maioria dos meus executivos. As secretárias executivas estão por dentro de todo tipo de informações altamente confidenciais. São...

Parou de falar por um instante, olhando fixamente para Lauren em um silêncio cheio de impacto emocional, e, quando voltou a falar, tinha na voz um tom calculado e triunfante:

— Secretárias executivas ficam sabendo de informações altamente confidenciais — repetiu, e um inexplicável sorriso cruzou-lhe as aristocráticas feições. — Uma secretária! — ele sussurrou. — Jamais suspeitariam de uma secretária! Nem sequer a investigam. Lauren, — disse baixinho, os olhos castanhos brilhando como topázio —, vou lhe fazer uma proposta bastante incomum. Por favor, não discuta enquanto não ouvir até o fim. Bem, o que você sabe sobre espionagem industrial ou corporativista?

Lauren teve a incômoda sensação de que pendia à beira de um perigoso precipício.

— O suficiente para saber que já mandaram muita gente para a prisão por causa disso, e que não quero de jeito nenhum, nada com isso, sr. Whitworth.

— Claro que não — disse ele, com suavidade na voz. — E, por favor, me chame de Philip, afinal, somos parentes, e venho chamando você de Lauren.

Inquieta, ela fez que sim com a cabeça.

— Não lhe peço que espione outra empresa, estou pedindo que espione a minha! Deixe-me explicar. Nos últimos anos, uma empresa chamada Sinco tornou-se nossa maior concorrente. Toda vez que damos um lance em um contrato, a Sinco parece saber quanto vamos oferecer e dão um lance um por cento menor. De algum modo, descobrem o valor que colocamos no envelope, que é lacrado, depois reduzem o preço da própria proposta para que fique pouco abaixo da nossa e nos roubem o contrato. Voltou a acontecer ainda hoje. Só seis homens aqui poderiam ter dito à Sinco qual era o valor de nosso lance, e um deles deve ser um espião. Não quero demitir cinco executivos leais apenas para me livrar de um traidor ganancioso. Mas se a Sinco continuar a roubar-nos negócios desse jeito, vou ter de começar a despedir o pessoal, — continuou. — Eu emprego doze mil pessoas, Lauren. Doze mil pessoas dependem das Empresas Whitworth para ganhar a vida. Doze mil famílias contam com a empresa para ter um teto e comida na mesa. Há uma chance de você ajudá-las a manter o emprego e suas casas. Só lhe peço que se candidate a um cargo de secretária na Sinco hoje. Deus sabe que precisam aumentar a equipe para cuidar do trabalho que acabaram de nos roubar. Com

suas qualificações e experiências, na certa a considerarão para o cargo de secretária de algum alto executivo.

Indo contra seu maior bom-senso, Lauren perguntou:

— Se eu conseguir o emprego... e depois?

— Então lhe darei os nomes dos seis homens, um dos quais deve ser o espião, e você só precisará ficar atenta para ouvir se alguém da Sinco os menciona.

Philip curvou-se para frente em sua poltrona e cruzou as mãos sobre a escrivaninha.

— É difícil, Lauren, mas, falando francamente, estou desesperado o suficiente para tentar qualquer coisa. Agora, eis a minha parte no acordo: eu planejava lhe oferecer um cargo de secretária, com um salário bastante atraente...

A cifra que citou espantou Lauren, e isso se revelou em sua expressão. Era muito mais do que seu pai ganhava como professor. Ora, se vivesse com frugalidade, poderia sustentar a família e a si mesma.

— Vejo que ficou satisfeita — disse Philip com uma risadinha. — Os salários em cidades grandes como Detroit são muito altos em comparação com lugares menores. Agora, se você se candidatar a uma vaga na Sinco hoje à tarde e lhe oferecerem um emprego de secretária, quero que aceite. Se o salário for inferior ao que acabei de lhe oferecer, minha empresa dará um cheque mensal a você no valor da diferença. Se você conseguir o nome do espião, ou qualquer coisa de verdadeiro valor para mim, pago-lhe uma gratificação de dez mil dólares. Dentro de seis meses, se não conseguir descobrir nada de importante, pode largar o emprego na Sinco e vir trabalhar como secretária para nós. Tão logo complete

os cursos de administração, eu lhe darei qualquer outro cargo que deseje aqui, desde que, claro, tenha competência para tal. — Ele percorreu o rosto dela com seus olhos castanhos, investigando suas feições perturbadas. — Alguma coisa a incomoda — observou em voz baixa. — O que seria?

— Tudo isso me incomoda — admitiu Lauren. — Não gosto de intriga, sr. Whitworth.

— Por favor, me chame de Philip. Pelo menos faça isso por mim. — Com um suspiro de cansaço, ele tornou a recostar-se na poltrona. — Lauren, eu sei que não tenho absolutamente direito algum de lhe pedir que se candidate a uma vaga na Sinco. Talvez a surpreenda saber que tenho consciência de como foi desagradável para você visitar-nos catorze anos atrás. Meu filho Carter achava-se numa idade difícil. Minha mãe estava obcecada com a pesquisa da árvore genealógica da família, e minha esposa e eu... bem, sinto muito por não termos sido mais cordiais.

Em circunstâncias normais, Lauren teria recusado a oferta dele. Mas sua vida achava-se num completo tumulto, e as responsabilidades financeiras eram opressivas. Sentia-se tonta, estava insegura e carregava um fardo inacreditável.

— Tudo bem — disse devagar. — Eu aceito.

— Ótimo — disse Philip prontamente.

Pegou o telefone, discou o número da Sinco, pediu para falar com o gerente de pessoal e passou o telefone a Lauren, para que marcasse uma entrevista. Lauren secretamente esperava que a outra empresa recusasse a recebê-la, mas tal esperança foi logo cortada pela raiz. Segundo o homem com quem ela falou, a Sinco acabara de ganhar um grande contrato e precisava imediatamente

de secretárias experientes. Como ele planejava trabalhar até tarde da noite, instruiu-a a aparecer logo por lá.

Depois Philip se levantou, estendeu a mão e segurou a dela.

— Obrigado — disse apenas. — Quando preencher o formulário para a vaga, dê o endereço de sua casa no Missouri, mas este número de telefone aqui, para que a encontrem em minha casa. — Anotou o número num bloco de papel e arrancou a folha. — Os empregados o atendem com um mero “alô” — explicou.

— Não — Lauren apressou-se a dizer. — Eu não gostaria de me impor... Prefiro ficar num hotel.

— Não a culpo por sentir-se assim — respondeu ele, fazendo-a sentir-se rude e indelicada —, mas gostaria de compensá-la por aquela outra visita.

Lauren sucumbiu ao argumento:

— Tem absoluta certeza de que a sra. Whitworth não fará nenhuma objeção?

— Carol terá enorme prazer.

Quando a porta se fechou atrás de Lauren, Philip Whitworth pegou o telefone e discou um número que tocava no escritório particular do filho, logo do outro lado do corredor.

— Carter, acho que vamos enfiar uma estaca na armadura de Nick Sinclair. Lembra-se de Lauren Danner...?

Capítulo 2

Quando Lauren entrou no Departamento Pessoal da Sinco, já passava das cinco e ela chegara à conclusão de que não podia espionar para Philip Whitworth. Só de pensar nisso no caminho lhe fizera o coração palpitar e as palmas das mãos suarem ao volante. Embora fosse gostar de ajudar Philip, as intrigas e trapaças envolvidas deixavam-na petrificada. Ainda assim, odiava admitir sua covardia para ele.

Enquanto preenchia os intermináveis formulários e questionários exigidos pela Sinco, ocorreu-lhe que a melhor maneira de sair do apuro seria honrar a promessa candidatando-se a uma vaga, e depois ter certeza absoluta de que não lhe ofereceriam uma. Portanto, errou de propósito na ortografia, datilografia e estenografia, e deixou de incluir o diploma universitário. Mas o feito que coroou tudo foi como respondeu à última pergunta no formulário para candidatar-se ao emprego. As instruções mandavam relacionar, em ordem de preferência, três cargos para os quais se sentia qualificada na empresa. Lauren

escrevera “presidente” como primeira escolha, “gerente de pessoal” como segunda e “secretária” como terceira.

O verdadeiro gerente de pessoal, sr. Weatherby, avaliou os testes e manifestou no rosto o horror ao fazê-lo. Colocou-os de lado e pegou o formulário, e ela viu-o deslizar o olhar até o pé da última página, onde se achava relacionado, entre as suas três opções, o próprio cargo dele! Ao ler isso, o homem ficou com o rosto rubro de raiva e fez adejarem as narinas. Lauren teve de morder o trêmulo lábio inferior para esconder o riso. Talvez fosse talhada para a intriga e o subterfúgio, pensou com um sorriso interior ao vê-lo levantar-se e informar-lhe com toda frieza que ela não satisfazia os padrões de contratação da Sinco para cargo algum.

Quando Lauren saiu do prédio, descobriu que a pavorosa noite encoberta de agosto aprofundara-se numa prematura escuridão e ventania. Com um arrepio convulsivo, apertou mais o blazer azul-marinho contra o corpo.

O tráfego no centro concentrava-se na avenida Jefferson, um mar de faróis brancos e lanternas traseiras vermelhas que passavam em disparada nas duas direções. Enquanto esperava que o sinal abrisse, malditas gotas de chuva começaram a salpicar na calçada em volta. O trânsito ficou mais tranqüilo e Lauren correu até o outro lado do largo bulevar com muitas pistas, chegando ao meio-fio pouco antes que os carros passassem roncando.

Sem fôlego e ensopada, ergueu o olhar para o escurecido e alto prédio em construção à sua frente. O estacionamento onde deixara o carro ficava a quatro quadras, mas, se cortasse pela área em torno do edifício, podia poupar pelo menos meia quadra. Uma nova rajada de vento que soprava do rio Detroit açoitou-lhe as

saías nas pernas e ajudou-a a decidir-se. Sem ligar para a placa de Acesso Proibido, abaixou-se sob as cordas em torno da área de construção.

Andando tão rápido quanto permitia o terreno acidentado, Lauren olhou para cima, para as luzes espalhadas aqui e ali no prédio que, fora isso, estava às escuras. Tinha pelo menos oitenta andares, todo de espelhos que refletiam as luzes cintilantes da cidade. Onde havia iluminação por dentro, a superfície espelhada tornava-se um vidro comum nos dois lados, e Lauren viu caixas empilhadas nos escritórios, como se os moradores se aprontassem para ocupar o espaço.

Perto do edifício julgou-se protegida do vento que soprava do rio, por isso teve o cuidado de permanecer sob essa proteção. Enquanto corria, ocorreu-lhe que era uma figura feminina solitária, sozinha no escuro naquela que diziam ser uma cidade tomada pelo crime. A ideia fez-lhe o medo subir pela espinha.

Passos pesados de repente bateram na terra atrás, e ela sentiu o coração pular de terror. Apressou o passo, e as passadas anônimas aproximaram-se mais também. Em pânico, Lauren disparou a correr, aos tropeços. No momento em que voava rumo à entrada principal, uma das enormes portas de vidro se abriu e dois homens surgiram do prédio escuro.

— Socorro! — ela gritou. — Tem alguém... — Os pés se enroscaram num emaranhado de fios. Lauren tropeçou e foi lançada no ar, com a boca aberta num grito silencioso; debatendo-se para equilibrar-se, pousou esparramada, com o rosto voltado para baixo, no chão aos pés dos homens.

— Sua desastrada! — disse um deles com a voz arrastada, marcada por uma furiosa preocupação quando os dois se agacharam e examinaram-na ansiosos. — Que diabos você acha que está fazendo?

Apoiando-se no antebraço, Lauren ergueu um olhar magoado, que foi dos sapatos para o rosto do homem.

— Teste para o circo — respondeu, secamente. — E para o bis, em geral, caio de uma ponte.

Uma sonora risadinha veio do outro sujeito, que a pegou com firmeza pelos ombros e ajudou-a a levantar-se.

— Como se chama? — perguntou. E quando ela disse o nome, ele acrescentou preocupado: — Consegue andar?

— Por quilômetros — garantiu-lhe Lauren, insegura. Cada músculo do seu corpo protestava, e o tornozelo esquerdo pulsava de dor.

— Então acho que você consegue ir até o prédio para darmos uma olhada no estrago — disse o homem com um sorriso na voz. Deslizando o braço pela cintura dela, puxou-a para si de modo a permitir-lhe encostar-se nele para sustentar-se.

— Nick — disse o outro com voz aguda —, acho melhor eu chamar uma ambulância, enquanto você fica aqui com a srta. Danner.

— Por favor, não chame! — ela implorou. — Estou mais envergonhada do que machucada — acrescentou em desespero, quase desabando de alívio quando o homem chamado Nick começou a guiá-la para o saguão escuro.

Ela pensou por um instante que era desaconselhável entrar num prédio deserto com dois desconhecidos, mas quando

entraram, o outro sujeito acendeu alguns pequenos spots no teto alto e a maioria das dúvidas de Lauren se desfez; era um homem de meia-idade, digno e com terno e gravata. Mesmo com pouca luz, parecia mais um executivo bem-sucedido que um bandido. Lauren deu uma espiada em Nick, cujo braço envolvia-lhe a cintura. Usava jeans e um casaco denim. A julgar pelo perfil indefinido, Lauren imaginou-o por volta dos trinta, e nada tinha que lhe parecesse sinistro.

Olhando para trás, Nick falou ao outro:

— Mike, deve haver um kit de primeiros socorros numa das salas de manutenção. Encontre-o e traga-o aqui.

— Certo — respondeu Mike, e encaminhou-se em direção a um sinal luminoso em que se lia “Escada”.

Lauren lançou um olhar curioso em volta do imenso saguão. Todo em mármore travertino: as paredes, os pisos e mesmo as graciosas colunas que se erguiam em dois andares até o teto bem ao alto. Dezenas de plantas em vasos e folhagens opulentas alinhavam-se contra uma das paredes, ao que parece à espera de alguém que as colocasse em seus lugares certos no vasto piso do saguão.

Quando chegaram a um conjunto de elevadores na parede oposta, Nick passou a mão por trás dela e apertou o botão. As reluzentes portas metálicas abriram-se e Lauren entrou sob as fortes luzes do elevador.

— Vou levá-la a um escritório mobiliado, onde poderá sentar-se e descansar até se sentir firme o suficiente para caminhar sem ajuda.

Lauren lançou-lhe um olhar sorridente e agradecido, e imobilizou-se com o choque. Parado ao lado dela, com as feições bem iluminadas agora pela luz mais forte, estava um dos homens mais bonitos que ela já vira. Ao mesmo tempo, as portas do elevador se fecharam e Lauren desviou os olhos do rosto dele.

— Obrigada — disse num sussurro estranho e áspero, livrando-se, com timidez, do braço que a amparava —, mas posso ficar de pé sozinha.

Ele apertou o botão do octogésimo andar, e Lauren sufocou o impulso feminino de estender a mão e ajeitar os cabelos, seria demasiado óbvio, vaidoso demais. Imaginou se lhe restava algum vestígio de batom, ou se tinha a face suja. Para uma jovem sensata, reagia de forma bastante tola ao que, afinal, não passava de um atraente rosto masculino.

“Seria de fato tão atraente assim?”, perguntou-se. Decidiu tornar a olhar, mas com discrição dessa vez. Como quem não quer nada, ergueu os olhos para as luzes acima das portas em que piscavam os números dos andares. Cuidadosamente, ficou olhando para o lado... Nick observava os números, com a cabeça meio inclinada para trás, o rosto de perfil.

Além de ser ainda mais atraente do que ela julgara, ele tinha pelo menos um metro e oitenta de altura, ombros largos e músculos de um atleta. Espessos cabelos castanhos cor de café, com um belo e estiloso corte. Força masculina talhada em cada traço do altivo perfil, das sobrancelhas pretas retas à arrogante projeção do queixo. Boca firme, mas com contorno sensual.

Lauren ainda examinava a fina linha dos lábios quando os viu de repente abrirem-se, como se ocultassem o riso. Disparou a olhar para cima e, horrorizada, viu-o direcionar os olhos cinza para ela.

Apanhada no ato de encará-lo e quase babar nele todo, disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Eu... eu tenho medo de elevadores — improvisou como uma louca. — Tento me concentrar em outra coisa para... hã... afastar a mente da altura.

— Muito inteligente — ele observou, mas o tom provocador deixava óbvio que estava aprovando não sua sensata decisão de dizer que tinha medo de elevadores, mas sim a engenhosidade de inventar uma mentira tão plausível.

Lauren viu-se dividida entre rir dessa seca observação e corar por não ter conseguido enganá-lo. Não fizera nenhuma das duas coisas, e, em vez disso, teve o cuidado de manter o olhar voltado para as portas do elevador até se abrirem no octogésimo andar.

— Espere aqui enquanto acendo as luzes — disse Nick. Alguns segundos depois, painéis de lâmpadas no teto acenderam-se, iluminando todo o andar, cuja metade esquerda continha uma imensa sala de recepção e quatro escritórios com grandes painéis de lambris de carvalho. Nick tomou o cotovelo de Lauren, cujos pés afundaram no tapete verde-esmeralda enquanto se deixava guiar para contornar a porta do elevador e ir até o lado oposto.

Aquela metade do andar continha outra área de recepção ainda maior, com uma mesa circular de recepcionista ao centro. Lauren teve o vislumbre de um belo escritório à direita, já equipado com arquivos embutidos e uma reluzente mesa em madeira cromada. Em sua mente, comparou-a à que usava em seu

antigo emprego. Aquela se achava no meio do entulhado escritório para três pessoas. Era difícil acreditar que um espaço tão luxuoso como este se destinasse a uma simples secretária.

Quando expressou o pensamento em voz alta, Nick lançou-lhe um olhar zombeteiro.

— As secretárias profissionais qualificadas muito se orgulham por serem apenas isso, secretárias, e os salários que recebem sobem a cada ano.

— Eu, por acaso, sou secretária — declarou ela quando os dois atravessaram a área da recepção rumo a um par de portas de jacarandá com dois metros e meio de altura. — Atravessei a rua atrás de um emprego na Sinco antes de, hã, conhecer você.

Nick abriu as duas portas, recuando depois para deixá-la entrar na frente, enquanto a examinava mancar.

Lauren tinha uma consciência tão aguda daquele olhar de um cinza penetrante nas suas pernas que sentiu os joelhos cederem, e já cruzara metade do aposento antes de olhar de fato em volta. O que viu a fez parar subitamente.

— Minha nossa! — murmurou. — O que é isso, afinal?

— Isso — respondeu Nick com um sorriso ao ver a expressão boquiaberta da jovem — é o escritório do presidente. Um dos poucos já totalmente prontos.

Sem fala, ela deixou o olhar de admiração passear pelo gigantesco escritório. A extensa parede em frente era de vidro do chão ao teto, o que oferecia uma ininterrupta vista noturna de Detroit em todo o esplendor; fantástica e brilhante, aberta em leque por intermináveis quilômetros ao longe. As três outras paredes eram revestidas com painéis de jacarandá acetinado.

Metros e mais metros de tapetes creme revestiam o piso, e uma esplêndida mesa do mesmo jacarandá à extrema direita dava de frente para a sala. Seis cadeiras cromadas e com estofado verde-musgo ocupavam posições estratégicas diante da mesa, e no lado oposto três longos sofás da mesma cor e bastante confortáveis formavam um amplo “U” em torno de uma imensa mesa de centro com tampo de vidro, tendo como base um enorme pedaço de madeira bem envernizada.

— É absolutamente de tirar o fôlego — ela disse baixinho.

— Vou preparar um drinque para nós enquanto Mike pega o kit de primeiros socorros — disse Nick.

Lauren voltou-se, olhando-o com ar divertido enquanto ele caminhava até uma parede vazia, de jacarandá, apertando-a com as pontas dos dedos. Um imenso painel deslizou em silêncio para o lado e revelou um belo bar espelhado, iluminado por minúsculos spots ocultos acima. As prateleiras de vidro continham fileiras de taças e jarras de cristal Waterford.

Como Lauren não respondeu à oferta de bebida, ele olhou para trás. Ela ergueu os olhos azuis do bar recuado, olhou-o no rosto e decifrou a expressão que ele tentava esconder. Achava, claro, graça da reação pasma da jovem àquela opulência, e saber disso fez com que ela, de repente, compreendesse uma coisa que até então ignorara: enquanto estava plenamente consciente da atração masculina dele, ele parecia ignorá-la completamente como mulher.

Após suportar, durante seis anos, uma admiração embasbacada e olhares lascivos e maliciosos dos homens, ela encontrara, por fim, um a quem desejava desesperadamente

impressionar, e nada acontecia. Nada, em absoluto. Intrigada e, sem dúvida, decepcionada, tentou afastar o mal-estar com um encolher de ombros. Dizia-se que a beleza residia nos olhos de quem via, e tudo indicava que os olhos de Nick nada viam de interessante quando olhavam para ela. Não teria sido tão ruim, se ele ao menos não a achasse terrivelmente engraçada!

— Se você quiser se lavar, há um banheiro bem ali — sugeriu Nick, indicando com a cabeça a parede atrás do bar.

— Onde? — perguntou Lauren, seguindo a direção do olhar dele.

— Vá direto em frente e, quando chegar à parede, basta pressioná-la.

Ele voltara a torcer os lábios, e Lauren lançou-lhe um olhar exasperado, enquanto seguia a instrução. Ao tocar com as pontas dos dedos o liso jacarandá, um painel abriu-se com um estalo e revelou o espaçoso banheiro, no qual ela entrou.

— Aqui está o kit de primeiros socorros — anunciou Mike, entrando na suíte em seguida. — A jovem ia fechar a porta do banheiro, mas parou ao ouvi-lo acrescentar, em tom baixo: — Nick, como advogado da empresa, aconselho que essa jovem seja examinada por um médico hoje à noite, para provar que não sofreu ferimentos sérios. Se você não insistir nisso, algum advogado pode afirmar que a queda a invalidou e processar a empresa, exigindo milhões.

— Pare de fazer drama em cima disso! — Lauren ouviu Nick gritar. — É apenas uma criança de olhos arregalados que passou por um susto dos diabos numa queda feia. A sirene de uma ambulância a aterrorizaria.

— Tudo bem — disse o outro com um suspiro. — Estou atrasado para uma reunião em Troy e preciso partir. Mas, pelo amor de Deus, não ofereça a ela nada alcoólico. Os pais podem nos processar por assédio sexual de menor e...

Intrigada e insultada por ver-se chamada de criança assustada de olhos arregalados, Lauren fechou a porta em silêncio. De cara amarrada, voltou-se para o espelho acima da pia e soltou um grito horrorizado. Tinha o rosto coberto de terra e sujeira, o elegante coque estava desfeito e pendendo torto na nuca, mechas de cabelo grudavam-se como redemoinhos desordenados por toda a cabeça, e o blazer do terninho, pendendo no ombro esquerdo, emprestava-lhe um ar de bêbada.

Exibia a aparência exata de uma caricatura de si mesma, pensou com uma risadinha histérica, uma engraçada e impotente moleca travessa.

Por algum motivo, de repente tornou-se imperativo ter um ar muito diferente ao deixar o banheiro. As pressas, pôs-se a despir o imundo blazer azul-marinho, antevendo, muito alegre, o choque que aguardava Nick, quando ela se lavasse e se apresentasse.

Se Lauren ficou com o pulso acelerado de excitação enquanto esfregava o rosto e as mãos, disse a si mesma que era apenas porque ansiava rir por último, e não por desejar que ele a julgasse atraente. Mas precisava apressar-se; se passasse muito tempo ali, a transformação não seria nem de longe tão eficaz.

Tirou a meia-calça, com uma careta à visão dos furos nos joelhos, e passou mais sabonete na esponja. Tão logo estava razoavelmente limpa, jogou o conteúdo da bolsa a tiracolo na pia e abriu o pacote de meia-calça extra que por acaso trazia. Após alisá-

los, retirou os grampos dos cabelos tom de mel escuro e pôs-se a escová-los, forçando a escova pelas mechas embaraçadas numa pressa implacável. Ao acabar, eles já caíam numa massa suave e brilhante que se encaracolava naturalmente nos ombros e nas costas. Rapidamente passou um batom cor de pêssego, um pouco de blush, depois enfiou tudo na bolsa e afastou-se do espelho para ver como estava. Exibia uma cor viva, os olhos brilhantes de animada antecipação. A blusa branca com uma prega sobreposta na frente parecia um pouco formal, mas destacava a graciosa linha do pescoço e enfatizava a curva dos seios. Satisfeita, deu as costas ao espelho, pegou o blazer e a bolsa, e saiu do banheiro, fechando o painel de jacarandá com um suave estalo.

Nick estava em pé em frente ao bar espelhado, de costas para ela. Sem se virar, informou:

— Precisei dar um telefonema, mas os drinques ficarão prontos num minuto. Achou tudo de que precisava lá dentro?

— Sim, achei, obrigada — respondeu Lauren, e largou a bolsa e o blazer.

Ficou de pé, calada, diante do grande sofá, olhando os movimentos rápidos e parcimoniosos do homem ao pegar dois copos de cristal na prateleira e depois puxar uma bandeja de gelo da compacta geladeira e freezer ao fundo do bar. Ele tirara o casaco de denim e jogara-o sobre uma das cadeiras. Em cada movimento dos braços, o fino tecido da camisa de malha azul esticava-se, enfatizando os ombros largos e musculosos. Lauren deixou o olhar vagar pela linha definida daqueles quadris estreitos e daquelas pernas compridas, realçados pela calça jeans justa.

Quando ele falou, assustou-se, com culpa, desviando o olhar para os cabelos escuros de Nick.

— Receio que este bar não tenha refrigerantes nem refrescos, Lauren, por isso preparei um copo de tônica com gelo para você.

Lauren reprimiu uma risadinha à menção de refresco e, pudica, cruzou as mãos nas costas. O suspense e a expectativa cresceram-lhe por dentro quando Nick tampou a jarra de cristal com o uísque, pegou um copo em cada mão e virou-se.

Ele deu dois passos em direção a ela e parou de repente.

Juntou as sobrancelhas e deslizou os olhos cinza pela volumosa massa de cabelos cor de mel queimado que emolduravam o rosto dela e caíam-lhe em glorioso abandono pelos ombros e costas. O olhar surpreso que dirigiu àquele rosto notou os vividos olhos turquesa que chispavam com humor por baixo dos cílios densos e curvos, o nariz empinado, as faces finamente esculpidas e os lábios macios. Passou depois para os seios fartos, a cintura esguia e as longas pernas bem torneadas.

Lauren esperava fazê-lo notá-la como mulher, e ele sem dúvida correspondia. Agora torcia para que ele dissesse algo agradável. Mas ele nada disse.

Sem dizer palavra, girou nos calcanhares, foi até o bar e despejou o conteúdo de um dos copos na pia de aço inoxidável.

— Que está fazendo? — perguntou Lauren.

A voz dele saiu cheia de divertida ironia:

— Adicionando um pouco de gim à sua tônica.

Lauren desatou a rir, fazendo-o voltar-se e olhá-la, um sorriso irônico curvando-lhe os lábios.

— Só por curiosidade, quantos anos você tem?

— Vinte e três.

— E ia se candidatar a uma vaga de secretária na Sinco... antes de jogar-se a nossos pés esta noite? — incitou-a Nick, adicionando uma modesta dose de gim à tônica.

— É.

Ele entregou-lhe o copo e indicou o sofá com a cabeça.

— Sente-se... não devia ficar de pé com o tornozelo machucado.

— Para ser franca, não dói — ela protestou, mas sentou-se, obediente.

Nick ficou parado na frente dela, olhando-a com uma expressão curiosa.

— A Sinco lhe ofereceu o emprego? — perguntou.

Era tão alto que ela tinha de inclinar a cabeça para trás, a fim de enfrentar aquele olhar.

— Não.

— Eu gostaria de dar uma olhada nesse tornozelo — ele disse.

Após colocar o drinque na mesa de centro de vidro, agachou-se e começou a desafivelar a fina tira da sandália dela. O simples roçar dos dedos no tornozelo causou-lhe um arrepio na perna, e Lauren enrijeceu-se com o choque inesperado.

Por sorte, ele pareceu não notar isso quando explorou com os dedos a panturrilha e desceu devagar para o tornozelo.

— Você é boa secretária?

— Meu antigo patrão achava que sim.

Com a cabeça ainda curvada, Nick disse:

— Há sempre demanda de boas secretárias. O departamento pessoal da Sinco sem dúvida vai acabar ligando para lhe oferecer o cargo.

— Eu duvido — disse ela com um irreprimível sorriso. — Receio que o sr. Weatherby, o gerente de pessoal, não me ache muito brilhante — explicou.

Nick ergueu a mão e moveu o olhar com franca apreciação masculina sobre as vividas feições da candidata.

— Lauren, acho você tão brilhante quanto uma moeda nova, reluzente. Weatherby deve estar cego.

— Claro que está! — ela provocou. — Senão, jamais usaria um paletó xadrez com uma gravata estampada.

Nick riu:

— Usa mesmo?

Lauren confirmou com a cabeça e sentiu o momento de camaradagem assumir uma estranha carga de consciência inexplicável e cada vez mais profunda. Agora, ao sorrir, via mais que apenas um homem muitíssimo bonito. Via um leve cinismo naqueles olhos, temperado com simpatia e humor, a dura experiência gravada no rosto fortemente cinzelado. Para Lauren, isso o tornava ainda mais atraente. Não havia como negar tampouco o poder do magnetismo sexual que emanava de cada centímetro vigoroso e seguro daquele corpo, atraindo-a.

— Não parece inchado — ele comentou, tornando a curvar a cabeça na direção do tornozelo. — Chega a doer?

— Muito pouco. Nem de longe tanto quanto minha dignidade.

— Nesse caso, amanhã o tornozelo e a dignidade na certa estarão ótimos.

Ainda de cócoras, Nick segurou o pé dela com a mão esquerda e estendeu a outra para pegar a sandália. Quando já ia calçá-la, ergueu o olhar e deu um sorriso preguiçoso, que fez o pulso de Lauren disparar, ao perguntar:

— Não há um conto de fadas sobre um homem que busca uma mulher cujo pé se encaixa num sapatinho de cristal?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Cinderela.

— Que me acontece se esta sandália se encaixar?

— Eu o transformo num belo sapo — ela disse, irônica.

Ele riu, emitindo um som profundo e maravilhoso, quando os olhares se encontraram e ela viu alguma coisa reluzir das profundezas prateadas daqueles olhos misteriosos: uma breve chama de atração sexual, que ele logo apagou. O momento agradável e bem-humorado chegara ao fim. Ele afivelou a sandália de Lauren. Pegando seu drinque, secou-o rapidamente e colocou o copo sobre a mesinha de centro. Era, sentiu Lauren, um sinal indesejado de que o tempo que passaram juntos chegava ao fim. Viu-o curvar-se, pegar o telefone no outro lado da mesa de centro e digitar um número de quatro dígitos.

— George — disse ao telefone —, aqui é Nick Sinclair. A senhorita que você perseguia achando que era uma invasora recuperou-se da queda. Quer trazer o carro da segurança à frente do prédio e levá-la onde o dela está estacionado? Certo, encontro você lá embaixo dentro de cinco minutos.

Lauren sentiu o coração afundar. Cinco minutos. E não ia ser ele quem a levaria ao carro! Teve uma sensação terrível de que ele tampouco ia perguntar-lhe como poderia entrar em contato com

ela. Era uma ideia tão deprimente que desfez por completo a vergonha por ter descoberto que vinha fugindo de um segurança esta noite.

— Você trabalha para a empresa que construiu este arranha-céu? — perguntou, tentando adiar a separação dos dois e descobrir alguma coisa a respeito dele.

Nick olhou quase impaciente o relógio.

— É, trabalho.

— Gosta do trabalho de construção?

— Adoro construir coisas. — Foi a curta resposta. — Sou engenheiro.

— Vai ser enviado a algum outro lugar quando este prédio for concluído?

— Vou passar quase todo o meu tempo aqui pelos próximos anos.

Lauren levantou-se e pegou o blazer, com pensamentos confusos. Talvez com os sofisticados computadores controlando tudo, desde os sistemas de aquecimento aos elevadores nos novos arranha-céus, fosse necessário manter algum tipo de engenheiro no quadro de funcionários. Não que isso de fato importasse de uma forma ou de outra, ela pensou com um terrível pressentimento. Na certa não ia tornar a vê-lo.

— Bem, obrigada por tudo. Espero que o presidente não descubra que você atacou o armário de bebidas dele.

Nick disparou-lhe um olhar irônico.

— Já foi atacado por todos os faxineiros. Vai ter de ser trancado para que isso tenha fim.

Ao descerem no elevador, ele pareceu preocupado e apressado. Na certa já tinha um encontro esta noite, pensou Lauren um pouco triste. Com alguma bela mulher — modelo, no mínimo, se tinha de igualar-se à beleza dele. Claro, talvez ele fosse casado — mas não usava aliança nem parecia casado.

Um carro branco com as palavras Divisão de Segurança da Global Industries encostara junto à compacta terra batida diante do prédio e esperava, com um guarda uniformizado ao volante. Nick levou-a ao carro e segurou a porta aberta, enquanto ela se sentava no banco do passageiro. Usando o corpo para protegê-la do ar gelado, ele apoiou o antebraço no capô e curvou a cabeça para falar-lhe pela estreita abertura.

— Conheço algumas pessoas na Sinco; vou ligar para alguém e ver se eles conseguem convencer Weatherby a mudar de ideia.

O ânimo de Lauren foi às alturas com esse indício de que ele gostava dela o suficiente para interceder, mas ao lembrar como sabotara de propósito os testes, balançou a cabeça em autêntica consternação.

— Não se dê ao trabalho. Ele não vai mudar, causei uma impressão terrível. Mas obrigada pela oferta.

Dez minutos depois, Lauren pagou o funcionário do estacionamento e, em meio à chuva, saiu para o bulevar. Obrigando-se a afastar os pensamentos de Nick Sinclair, seguiu as orientações que a secretária de Philip lhe dera e pensou, com angústia, no encontro iminente com a família Whitworth.

Em menos de meia hora, ia tornar a entrar na mansão de Grosse Pointe. As lembranças do humilhante fim de semana na

elegante casa catorze anos atrás lhe invadiram a mente, causando-lhe um arrepio de medo e constrangimento. O primeiro dia não fora ruim; passara-o praticamente sozinha. O mais terrível começara logo após o almoço, no segundo dia. Carter, o filho adolescente da família, aparecera-lhe na porta do quarto e anunciara que a mãe o instruíra a levá-la para fora de casa, pois ela esperava amigos e não queria que a vissem. Durante o restante da tarde, o garoto fizera-a sentir-se tão infeliz e assustada quanto pudera.

Além de chamá-la de Quatro Olhos por causa dos óculos que usava, vivia referindo-se ao pai dela, professor numa universidade em Chicago, como o Professor de Escola, e a mãe, pianista de concerto, de a Tocadora de Piano.

Enquanto lhe proporcionava um passeio pelos jardins formais, fizera-a tropeçar “por acidente”, fazendo com que se esparramasse num imenso canteiro de rosas cheias de espinhos. Meia hora depois, quando Lauren havia trocado de vestido, pois aquele estava sujo e rasgado, Carter pedira abjetas desculpas e oferecera-se para mostrar-lhe os cães da família.

Parecia tão sincero e com uma ânsia tão infantil de mostrar-lhe os cachorros que, no mesmo instante, Lauren decidiu que o acidente com as roseiras devia ter sido de fato um acidente.

— Eu tenho um cachorro em casa — confiara com orgulho, apressando-se a segui-lo até o outro lado do cuidado gramado, do fundo da propriedade. — Chama-se Fluffy, e ela é branca — acrescentara, ao chegarem a uma sebe podada, que ocultava um enorme canil gradeado e trancado. Ela ficara radiante com os dois dobermans e depois com Carter, que retirava o pesado cadeado do

portão. — Minha melhor amiga tem um doberman, que brinca com a gente também.

— Esses dois também sabem lá seus próprios truques — prometera o garoto, abrindo o portão e afastando-se para deixá-la entrar.

Lauren entrou no cercado sem medo.

— Oi, cachorros — disse baixinho, aproximando-se dos animais, silenciosos e vigilantes.

Ao estender a mão para acariciá-los, o portão bateu com força atrás de si e Carter, ríspido, deu a ordem, incisivamente:

— Pega, rapazes! Pega!

Na mesma hora, os dois cães se enrijeceram, mostraram os dentes e avançaram sobre a garota, petrificada de medo.

— Carter! — ela gritou, recuando até dar com as costas na grade. — Por que eles estão fazendo isso?

— Se eu fosse você, não me mexeria — ele zombou com a voz sedosa do outro lado da cerca. — Se você se mexer, vão pra cima da sua garganta e rasgar a jugular.

Com isso, afastou-se assobiando alegremente.

— Não me deixe aqui! — gritou Lauren. — Por favor... não me deixe aqui!

Trinta minutos depois, quando o jardineiro encontrou-a, ela não gritava mais. Choramingava histérica, com os olhos fixos nos cães que rosnavam.

— Fora daqui! — gritou o homem, abrindo o portão e entrando furioso no canil. — Que foi que deu em você, atijando esses malditos cachorros? — repreendeu-a ríspido, pegando-a pelo braço, praticamente arrastando-a para fora.

Quando fechou o portão, Lauren por fim registrou alguma coisa na total falta de medo do sujeito, sentindo novamente as cordas vocais, antes paralisadas.

— Eles iam rasgar minha garganta — murmurou rouca, as lágrimas a escorrerem pelas faces.

O jardineiro fixou os olhos azuis aterrorizados e perdeu a irritação da voz:

— Não a teriam machucado. Esses cachorros são treinados para dar alarme e assustar os intrusos, só isso. Sabem que não devem morder ninguém.

Lauren passou o resto da tarde esparramada na cama, pensando numa forma sangrenta de ir à forra com o pestinha, mas embora fosse muitíssimo prazeroso imaginá-lo de joelhos, implorando por misericórdia, todos os esquemas que imaginou eram para lá de impraticáveis.

Quando sua mãe desceu para o jantar naquela noite, ela já se resignara quanto ao fato de que teria de engolir o orgulho e fingir que nada acontecera. Não adiantava queixar-se de Carter à mãe, pois Gina Danner era uma ítalo-americana que tinha profunda e sentimental devoção à família, por mais distante e obscura que fosse essa relação “familiar”. A mãe presumiria, caridosamente, que Carter apenas fizera uma brincadeira infantil.

— Teve um dia agradável, querida? — sua mãe perguntou, quando as duas desceram a escada curva rumo à sala de jantar.

— Tudo correu bem — murmurou Lauren, imaginando como ia conter a vontade de dar um belo pontapé em Carter Whitworth.

Ao pé da escada, uma criada anunciou que um certo sr. Robert Danner estava ao telefone.

— Vá em frente — disse Gina à filha, com um daqueles delicados sorrisos, ao estender a mão para atender o telefone.

Na porta arqueada da sala de jantar, Lauren hesitou. Sob a luz de um reluzente candelabro, a família Whitworth já estava sentada à imensa mesa.

— Eu falei bem claro à srta. Danner para descer às oito horas — dizia a mãe de Carter ao marido. — São oito e dois agora. Se não tem compreensão ou modos suficientes para ser pontual, comeremos sem ela.

Fez um curto aceno com a cabeça ao mordomo, que logo começou a servir a sopa nas frágeis tigelas de porcelana, dispostas em cada um dos lugares.

— Philip, tolerei isso tanto quanto pude — prosseguiu a mulher —, mas me recuso a tolerar outros desses penetras aproveitadores em minha casa. — Girou a cabeça loura com um elegante penteado para a senhora mais idosa sentada à esquerda. — Sra. Whitworth, vai ter de parar com isso. A essa altura, sem dúvida, já reuniu dados suficientes para concluir seu projeto.

— Se fosse assim, eu não precisaria ter essas pessoas aqui. Sei que são irritantes e mal-educadas, e uma provação para todos nós, mas você vai ter de tolerá-las mais um pouco, Carol.

Lauren estava parada à porta, com uma centelha de rebelião nos tempestuosos olhos azuis. Uma coisa era ela ter sofrido humilhações nas mãos de Carter, mas não ia deixar aquela gente horrível e perversa ludibriar seu brilhante pai e sua bela e talentosa mãe!

Gina juntou-se à filha na entrada da sala de jantar.

— Desculpe tê-los feito esperar — disse, tomando a mão de Lauren.

Nenhum dos Whitworth se deu ao trabalho de responder; apenas continuaram a tomar a sopa.

Tomada por uma súbita inspiração, Lauren lançou um rápido olhar à mãe, que desdobrava um guardanapo de linho e punha-o no colo. Abaixando a cabeça, juntou as mãos e, com sua voz infantil, entoou:

— Querido Senhor, pedimos Sua bênção sobre esta comida. E também que perdoeis os hipócritas que se julgam melhores que todos os demais apenas por terem mais dinheiro. Obrigada, Senhor. Amém.

Evitando meticulosamente o olhar da mãe, pegou a colher com toda a calma.

A sopa, pelo menos Lauren supôs que era isso, esfriara. O mordomo, de pé a um lado, viu-a largar a colher.

— Algum problema, senhorita?

— Minha sopa esfriou — ela explicou, enfrentando o olhar desdenhoso do criado.

— Menina, como você é ignorante! — exclamou Carter com uma risadinha, quando Lauren pegou seu pequeno copo de leite. — Isto é vichyssoise, sopa cremosa feita com batata e alho-poró, e deve ser tomada fria.

O leite “escorregou” da mão dela e encharcou o jogo americano e o colo dele com um dilúvio branco gelado.

— Oh, eu sinto muito — disse ela, abafando um risinho ao vê-lo enxugar a lambança. — Não passou de um acidente... Carter, você sabe como são os acidentes, não sabe? Devo contar a todos

sobre o “acidente” que você sofreu hoje? — Ignorando o olhar homicida do menino, voltou-se para a família. — Carter sofreu muitos “acidentes” hoje. Tropeçou “acidentalmente” quando me mostrava o jardim e me empurrou pra cima das rosas. Depois, quando me mostrava os cachorros, por “acidente” me trancou no canil e...

— Eu me recuso a ouvir mais suas acusações escandalosas e mal-educadas — cortou Carol Whitworth, o belo rosto frio e duro como gelo.

De algum modo, a menina encontrara coragem para enfrentar aquele olhar gélido sem pestanejar:

— Desculpe-me, senhora — disse com fingida mansidão.

— Não percebi que era falta de educação falar do meu dia. — Com todos os Whitworth ainda a olhá-la, ela pegou a colher.

— Claro — acrescentou pensativa —, eu também não sabia que eram boas maneiras chamar os convidados de penetras aproveitadores.

Capítulo 3

Exausta e desanimada, Lauren estacionou diante da mansão Tudor de três andares dos Whitworth. Abriu o bagageiro do carro e retirou a mala. Dirigira doze horas seguidas, a fim de estar lá para o compromisso com Philip Whitworth naquela tarde. Passara por duas entrevistas de emprego, caíra na lama, estragara as roupas e conhecera o homem mais bonito e fascinante de sua vida. E, pela deliberada reprovação nos testes da Sinco, arruinara as chances de trabalhar perto dele...

O dia seguinte era sexta-feira e ia passá-lo à procura de um apartamento. Assim que encontrasse um, poderia partir para Fenster e empacotar seus pertences. Philip não dissera quando queria que ela começasse a trabalhar para a empresa dele, mas que retornasse ali pronta para se apresentar ao emprego duas semanas a partir da segunda-feira.

A porta da frente foi aberta por um parrudo mordomo uniformizado, que Lauren logo reconheceu como uma das

testemunhas de sua performance na sala de jantar catorze anos atrás.

— Boa-noite — ele começou, mas Philip Whitworth o interrompeu.

Percorrendo a passos largos o amplo vestíbulo de mármore, o executivo exclamou:

— Lauren, eu quase morri de preocupação com você! Por que demorou tanto?

Parecia tão ansioso que Lauren se sentiu péssima por deixá-lo preocupado, e pior ainda por decepcioná-lo por não tentar com mais afinco conseguir um emprego na Sinco. Em poucas palavras, explicou-lhe que as coisas “não haviam saído muito bem” na entrevista. Esboçou às pressas os detalhes da queda em frente ao prédio da Global Industries, e perguntou se tinha tempo para lavar-se antes do jantar.

No banheiro que o mordomo lhe mostrou no segundo andar, tomou uma ducha, escovou os cabelos e pôs uma saia cor de damasco feita sob medida e uma blusa combinando.

Philip levantou-se quando ela se aproximou da entrada em arco da sala de estar.

— Você é de uma rapidez esplêndida, Lauren — disse, levando-a até a esposa, de cuja personalidade glacial a jovem se lembrava tão bem. — Carol, sei que se lembra de Lauren.

Apesar de seu preconceito pessoal, Lauren teve de admitir que, com a silhueta esguia, elegante e os cabelos louros penteados com todo esmero, Carol Whitworth continuava sendo uma bela mulher.

— Claro que sim — disse Carol com um agradável e decoroso sorriso, que não chegou bem a alcançar-lhe os olhos cinza. — Como vai, Lauren?

— É óbvio que Lauren vai muito, muito bem, mãe — observou Carter Whitworth, rindo e levantando-se com educação.

Deslizou o olhar vagaroso e envolvente por toda a jovem, dos vividos olhos azuis e das feições de traços delicados à graciosa silhueta feminina.

Lauren manteve a expressão neutra enquanto era reapresentada ao carrasco de sua infância. Aceitando o cálice de xerez que o rapaz lhe servira, sentou-se no sofá e examinou-o, cautelosa, quando ele se sentou ao lado, em vez de retornar à poltrona que ocupava antes.

— Mas, sem dúvida, você mudou — disse Carter com um sorriso apreciativo.

— Você também — respondeu Lauren com cuidado. Carter passou o braço como por acaso no encosto do sofá atrás dos ombros dela.

— Não nos demos muito bem, pelo que me lembro.

— Não, não mesmo.

Lauren deu uma olhada tímida em direção a Carol, que observava o pequeno flerte do filho, com os olhos frios e inescrutáveis, assumindo uma expressão de regia altivez.

— Por que não? — insistiu o rapaz.

— Eu... hã... não me lembro.

— Eu sim. — Ele sorriu. — Fui insuportavelmente grosseiro e completamente detestável com você.

Lauren encarou estupefata a franca expressão pesarosa, e o preconceito contra ele começou a dissolver-se.

— É, foi mesmo.

— E você... — ele riu — ... comportou-se como uma moleca insubordinada no jantar.

Os olhos de Lauren iluminaram-se com um sorriso de resposta, ao balançar devagar a cabeça.

— É, é verdade.

Com isso, declarou-se uma tentativa de trégua. Carter ergueu os olhos para o mordomo, parado, em pé, no vão da porta, levantou-se e ofereceu a mão à convidada.

— O jantar está pronto. Vamos?

Mal haviam acabado o último prato quando o mordomo apareceu de novo na sala de jantar.

— Com licença, mas há um telefonema para a srta. Danner de um homem que diz ser o sr. Weatherby, da Sinco Electronics Company.

Philip Whitworth esboçou um sorriso radiante.

— Traga o telefone aqui para a mesa, Higgins.

A conversa ao telefone foi breve, Lauren quase apenas ouvindo. Quando ela desligou, ergueu os olhos sorridentes para Philip.

— Ande — ele pediu —, conte-nos. Carol e Carter sabem o que você está tentando fazer para nos ajudar.

Embora um pouco desanimada ao tomar conhecimento de que duas outras pessoas sabiam de seu futuro clandestino, Lauren aquiesceu:

— Parece que o homem que me socorreu quando caí esta noite tinha um amigo muito influente na Sinco. O tal amigo ligou para o sr. Weatherby alguns minutos atrás, e o resultado foi que esse senhor acabou de se lembrar de que há uma vaga de secretária, que julga perfeita para mim. Devo ser entrevistada para a vaga amanhã.

— Ele disse quem vai entrevistar você?

— Acho que disse que o homem se chama Williams.

— Jim Williams — murmurou Philip em voz baixa, alargando o sorriso. — Maravilha!

Logo depois, Carter despediu-se para ir ao seu próprio apartamento, e Carol retirou-se para os seus aposentos. Mas Philip pediu a Lauren que permanecesse na sala de estar com ele.

— Williams talvez queira que você comece imediatamente — ele disse, depois que os outros saíram. — Não queremos que quaisquer obstáculos a impeçam de conseguir esse emprego. Acha que pode ir rápido à sua casa, arrumar as malas e voltar para o trabalho?

— Não posso ir até em casa arrumar as malas enquanto não tiver encontrado um apartamento aqui — lembrou-lhe Lauren.

— Não, claro que não — concordou ele. Após pensar um instante, disse: — Sabe, alguns anos atrás comprei uma casa num condomínio em Bloomfield Hills para uma tia minha. Faz meses que ela está na Europa, e pretende ficar lá por mais um ano. Seria um prazer tê-la morando lá.

— Não, realmente eu não poderia — apressou-se a protestar Lauren. — Você já fez mais que o suficiente por mim; não posso permitir que me ofereça um lugar para morar também.

— Eu insisto — ele afirmou com amável firmeza. — E, de qualquer modo, estará me fazendo um favor, porque tive de pagar ao porteiro do condomínio uma soma considerável para vigiar a casa. Dessa forma ambos pouparemos dinheiro.

A jovem puxou, meio ausente, a manga da blusa cor de damasco. Seu pai precisava de cada centavo que pudesse lhe mandar, e o mais rápido possível. Se ela não precisasse gastar dinheiro com aluguel, também poderia enviar-lhe esse dinheiro. Aflita e hesitante, olhou para Philip, que já tinha, porém, retirado uma caneta e papel do bolso do paletó e anotava algo.

— Aqui estão o endereço e o número do telefone do condomínio — informou-a, entregando-lhe o pedaço de papel. — Após preencher os formulários de emprego na Sinco amanhã, dê-lhes estas informações. Assim, ninguém lá jamais ligará sua pessoa à minha.

Um calafrio de pressentimento subiu pela espinha de Lauren diante do fatídico lembrete do papel duplo que iria desempenhar se trabalhasse na Sinco. Espionando. Assustada, logo desviou a mente dessa palavra. Não, ela realmente não estaria fazendo aquilo. Tudo o que de fato estaria fazendo era tentando descobrir o nome da pessoa desleal que espionava a empresa de Philip. Interpretada desse ponto de vista, a missão tornava-se não apenas justificada, mas positivamente honrável. Por um momento sentiu-se muito virtuosa, até lembrar-se com severidade do verdadeiro motivo que agora a deixava tão disposta a trabalhar para a Sinco: Nick Sinclair trabalhava bem do outro lado da rua, e ela queria abraçar a oportunidade de ficar perto dele.

A voz de Philip interrompeu-lhe os pensamentos: — Se lhe oferecerem um cargo de secretária na Sinco amanhã, aceite-o e parta de lá para o Missouri. Se eu não tiver notícias suas até por volta do meio-dia, saberei que conseguiu a vaga e cuidarei para deixar o apartamento pronto para você em uma semana.

Capítulo 4

A manhã seguinte, às onze e cinquenta, Lauren teve muita sorte de encontrar uma vaga para estacionar do outro lado dos escritórios da Sinco, bem em frente ao prédio da Global Industries. Com uma mistura de medo e expectativa, saiu do carro, alisou a saia bege justa, ajeitou o curto blazer estilo militar e atravessou a rua ao encontro do sr. Weatherby.

Apesar do informal e quase insinuante sorriso, o entrevistador mostrava óbvio aborrecimento.

— Na verdade, srta. Danner — disse, conduzindo-a até o escritório dele —, poderia ter poupado muito tempo e problemas à senhorita, a mim e a vários outros se apenas me houvesse dito ontem que era amiga do sr. Sinclair.

— O sr. Sinclair telefonou-lhe e disse que eu era amiga dele? — perguntou Lauren, curiosa.

— Não — respondeu o sr. Weatherby, esforçando-se muito para esconder a irritação. — O sr. Sinclair ligou para o presidente de nossa empresa, sr. Sampson, que ligou para o vice-presidente

executivo, que ligou para o diretor de operações, que ligou para o meu chefe. E ontem à noite meu chefe ligou para minha casa e me informou que eu ofendera e julgara mal a senhorita, que por acaso possui extrema inteligência e é amiga pessoal do sr. Sinclair. E depois desligou o telefone na minha cara.

Lauren não conseguia acreditar que provocara tamanha comoção.

— Lamento profundamente ter lhe causado tantos problemas — disse, com remorso. — Não foi de toda culpa sua... afinal, de fato, eu me saí mal nos testes.

Ele assentiu com a cabeça, demonstrando simpatia.

— Eu disse ao meu chefe que você não sabia com que lado do lápis escrever, mas ele respondeu que não dava a mínima se datilografasse com os dedos dos pés. — Levantando-se pesadamente da cadeira, acrescentou: — Agora, se me acompanhar, eu a levarei ao escritório do sr. Williams, nosso vice-presidente executivo, cuja secretária está de mudança para a Califórnia. Ele precisa entrevistá-la para o cargo.

— O sr. Williams é o vice-presidente executivo que telefonou para o diretor de operações, que telefonou... — começou Lauren, apreensiva.

— Exatamente — interrompeu o sr. Weatherby.

Lauren seguiu-o, atormentada pelo inquietante pensamento de que mesmo se a detestasse, o sr. Williams talvez lhe oferecesse o emprego porque fora intimidado por seu superior. Minutos depois, porém, abandonou essa ideia. James Williams, de trinta e poucos anos, tinha o ar enérgico, autoritário, de um homem que jamais seria o fantoche de ninguém. Ele ergueu os olhos,

desviando-os dos documentos que lia quando o sr. Weatherby chegou com Lauren ao escritório e apontou friamente com a cabeça a poltrona de couro diante da grande escrivaninha.

— Sente-se — disse a ela. Ao outro, dirigiu-se curto e grosso: — Feche a porta ao sair.

Como lhe haviam mandado, Lauren sentou-se e esperou Jim Williams levantar-se e contornar a escrivaninha. Recostando-se na mesa, ele cruzou os braços sobre o peito e olhou para ela de uma forma penetrante.

— Então você é Lauren Danner? — perguntou, calmamente.

— Sou — admitiu a entrevistada. — Temo que sim. Uma expressão divertida atravessou o rosto dele, suavizando por um momento as frias feições de homem de negócios.

— Deduzo pelo seu comentário que você esteja a par do alvoroço que causou ontem à noite.

— Estou — suspirou Lauren. — De cada detalhe constrangedor e excruciante.

— Sabe soletrar “excruciante”?

— Sei — ela respondeu, totalmente perplexa.

— Com que rapidez consegue datilografar... quando não está sob a pressão de um teste?

Lauren enrubesceu.

— Cerca de uma centena de palavras por minuto.

— Estenografia?

— Sim.

Sem despregar os olhos do rosto dela, estendeu a mão para trás e pegou um lápis e um bloco da escrivaninha. Entregando-os a ela, disse:

— Anote isso, por favor. — Lauren encarou-o aturdida, depois se recuperou e começou a escrever enquanto ele ditava rápido: — Cara srta. Danner, como minha assistente administrativa, espera-se que desempenhe várias atividades de secretária e realize tais funções de forma eficiente e natural, sendo o elo pessoal entre mim e meus funcionários. Terá, o tempo todo, de respeitar precisamente as diretrizes da empresa, não importando sua relação com Nick Sinclair. Em algumas semanas nos mudaremos para o prédio da Global, e, se alguma vez tentar aproveitar-se da amizade que mantém com o sr. Sinclair, seja deixando de realizar suas obrigações ou ignorando as regras que se aplicam ao resto do pessoal, eu a demitirei no ato e a acompanharei pessoalmente até a porta da frente. Se, por outro lado, mostrar interesse e iniciativa, eu lhe delegarei o máximo de responsabilidade que deseje aceitar e seja capaz de assumir. Se estiver de acordo, apresente-se ao trabalho aqui em meu escritório às nove horas da manhã daqui a duas semanas a partir de segunda-feira. Perguntas, Lauren?

Ela ergueu os olhos para ele.

— Quer dizer que o emprego é meu?

— Depende se sabe datilografar esse memorando sem erros num tempo razoavelmente curto.

Lauren ficou demasiado impressionada pela fria e distante oferta de trabalho para sentir-se nervosa com a transcrição do memorando. Em alguns minutos, retornou da máquina de escrever e entrou, hesitante, no escritório dele.

— Eis o memorando, sr. Williams.

Ele olhou para o papel, e depois para ela. — Muito eficiente. De onde Weatherby tirou a ideia de que você é uma cabeça de vento?

— Foi a impressão que passei a ele.

— Importa-se de me dizer o que aconteceu?

— Na verdade, não. Foi tudo um... um mal-entendido.

— Muito bem, deixemos isso morrer aí. Agora, ainda precisamos discutir alguma outra coisa? Sim, claro, seu salário.

O salário que ele citou foi de dois mil dólares anuais a menos do que Philip oferecera, mas este prometera pagar a diferença.

— Bem, quer o emprego?

— Sim — respondeu Lauren, esboçando um sorriso. — E não. Gostaria de trabalhar para você, porque tenho a sensação de que poderia aprender muito. Mas não quero o trabalho se o único motivo de oferecê-lo a mim for por causa de... de...

— Nick Sinclair?

Lauren assentiu com a cabeça.

— Nick nada tem a ver com isso. Eu o conheço há muitos anos e somos bons amigos. A amizade, porém, não tem lugar em assuntos profissionais. Ele tem o trabalho dele e eu o meu. Não ousou lhe dizer como fazer o dele, e não gostaria que tentasse me influenciar na escolha de uma secretária.

— Então por que o senhor decidiu me entrevistar hoje, embora eu não tenha passado nos testes?

Despreendeu-se dos olhos castanhos dele um brilho de prazer.

— Ah, isso. Bem, na verdade, minha antiga secretária, Theresa, por quem tenho o maior respeito, também não caiu nas graças de Weatherby desde o início. Quando eu soube que uma

jovem e brilhante candidata a secretária não tinha se dado bem com ele ontem, pensei que talvez fosse mais uma Theresa. Embora não seja, acho que nós dois vamos trabalhar juntos ainda melhor, Lauren.

— Obrigada, sr. Williams. Vejo-o duas semanas depois de segunda-feira.

— Me chame de Jim.

Lauren sorriu e aceitou o aperto de mãos dele.

— Nesse caso, pode me chamar de Lauren.

— Achei que já tinha chamado.

— Chamou.

Williams retorceu os lábios.

— Bom para você... não me deixe intimidá-la.

Lauren saiu do prédio escuro para a estonteante luz do sol de um esplêndido dia de agosto. Ao esperar o sinal mudar de vermelho para verde, sentiu o olhar irresistivelmente atraído para o prédio da Global Industries, do outro lado da rua. *“Estaria Nick trabalhando ali?”*, perguntou-se. Ansiava por vê-lo.

O sinal abriu e ela atravessou o largo bulevar em direção ao carro. Mas se Nick quisesse vê-la de novo, sem dúvida, teria lhe pedido seu número de telefone. Talvez fosse tímido. Tímido! Lauren balançou a cabeça por causa da ideia ridícula, quando estendeu a mão para abrir a porta. Nick Sinclair nada tinha de tímido! Com aquela beleza e charme indolente, na certa se habituara a mulheres que tomavam a iniciativa e o convidavam a sair...

As portas de vidro do prédio abriram-se e seu coração elevou-se às alturas quando Nick surgiu no seu campo visual. Por um

jubiloso momento, acreditou que a vira parada no carro e saíra para falar com ela, mas ele virou à direita e dirigiu-se ao extremo oposto do prédio.

— Nick! — gritou impulsivamente. — Nick!

Ele virou-se para trás e Lauren acenou para ele, sentindo uma felicidade absurda quando o viu caminhar em sua direção com aqueles passos largos.

— Imagine onde estive? — Ela deu um sorriso radiante. Nick tinha nos olhos cinza uma luz provocativa, afetuosa, quando os deslizou pelos lustrosos cabelos cor de mel, presos num elegante coque, o refinado conjunto bege, a blusa de seda e as sandálias marrom-chocolate.

— Desfilando como modelo para a Bonwit Teller? — ele aventurou-se com um sorriso.

Lauren ruborizou-se com o elogio, mas manteve a compostura.

— Não, estive no outro lado da rua, na Sinco Electronics, e me ofereceram um emprego... graças a você.

Nick ignorou a referência à sua ajuda.

— Você aceitou?

— Aceitei, sim! O dinheiro é fantástico; o homem com quem vou trabalhar é excelente, e o emprego parece interessante e desafiador.

— Está satisfeita, então?

Lauren fez que sim com a cabeça... depois aguardou, na esperança de que a convidasse para sair. Em vez disso, ele abaixou-se para abrir a porta do carro dela.

— Nick — interpelou-o antes que a coragem a abandonasse. — Estou a fim de comemorar. Se você conhece um bom lugar de sanduíches e uma bebida gelada, convido-o a almoçar por minha conta.

Ele hesitou por um momento insuportável, depois abriu um sorriso nas feições bronzeadas.

— Foi a melhor oferta que tive o dia todo.

Em vez de dizer a ela aonde ir, Nick sentou-se ao volante e assumiu a direção. Algumas quadras adiante, virou na Jefferson, e parou num estacionamento atrás do que parecia uma casa de tijolos de três andares reformada. A tabuleta acima da porta dos fundos, feita de madeira escura com profundas letras douradas entalhadas, dizia apenas Tony's. Dentro, a casa havia sido transformada num encantador restaurante, pouco iluminado, com pisos de carvalho escuro, mesas brilhantes de tão bem lustradas, caldeirões e panelas de cobre pendurados artisticamente nas rústicas paredes de tijolos. A luz do sol iluminava as janelas de vitral e toalhas xadrez em vermelho e branco realçavam o aconchego e charme.

Um garçom parado perto da porta saudou-os com um educado “bom-dia” e conduziu-os à única mesa desocupada em todo o restaurante. Quando Nick puxou a cadeira para ela sentar, Lauren olhou para os outros clientes ao redor. Ela era uma das poucas mulheres lá, mas se via uma variedade de tipos masculinos. A maioria usava terno e gravata, embora outros, entre eles seu acompanhante, vestia calça e camisa esporte de colarinho aberto.

Um garçom mais velho apareceu à mesa deles, saudou Nick com um afetuoso tapinha no ombro e um alegre:

— Que bom vê-lo aqui de novo, meu amigo — e começou a entregar-lhe imensos cardápios forrados de couro.

— Vamos querer o especial, Tony — disse Nick e, ao olhar questionador de Lauren, acrescentou: — A especialidade são sanduíches recheados no pão francês... tudo bem para você?

Como oferecera pagar o almoço, ela achou que ele lhe pedia permissão para escolher algo que custava mais que um sanduíche comum.

— Por favor, peça o que quiser — insistiu, generosa. — Estamos comemorando meu novo emprego e posso me dar ao luxo de pedir qualquer coisa no cardápio.

— Que tal lhe parece morar em Detroit? — ele perguntou, quando Tony, que parecia ser o dono, já havia se afastado. — Certamente será uma grande mudança para uma garota de cidade pequena do Missouri.

Garota de cidade pequena? Lauren ficou estarrecida. Não era essa a impressão que em geral passava às pessoas.

— Na verdade, morávamos numa zona residencial nos arredores de Chicago até a morte da minha mãe, quando eu tinha doze anos. Depois, mudei-me com meu pai para Fenster, no Missouri... a cidade onde ele foi criado, e ali ele arrumou um emprego de professor na mesma escola que freqüentou na infância. Assim, você pode ver que não sou afinal uma completa “garota de cidade pequena”.

A expressão de Nick não mudou.

— É filha única?

— Sim, mas meu pai se casou de novo quando eu tinha treze anos. Junto com uma madrasta, também ganhei uma irmã dois anos mais velha que eu e um irmão um ano mais velho.

Ele deve ter captado o tom de desagrado na voz dela ao falar do meio-irmão, porque comentou:

— Achei que todas as meninas gostassem da ideia de ter um irmão mais velho. Você não?

Um irrepreensível sorriso iluminou o rosto expressivo de Lauren.

— Ah, da ideia de ter um irmão mais velho, sim. Mas infelizmente não gostava de Lenny na época. Nós nos detestamos à primeira vista. Ele me provocava sem dó, puxava minhas tranças e roubava dinheiro do meu quarto. Eu retaliava contando a todo mundo na cidade que o moleque era gay... o que ninguém acreditava, pois acabou se tornando um tremendo devasso!

Nick riu, e Lauren notou que, quando ele sorria, franzia os cantos dos olhos. Contrastando com o tépido bronzeado do rosto, seus olhos tinham uma cor de metal prateado-claro. Sob as retas sobrancelhas e vastos cílios pontudos, seus olhos brilhavam com humor e perspicaz inteligência, enquanto os lábios firmes eram a promessa da agressiva e excitante sensualidade masculina. Lauren foi tomada pela mesma deliciosa agitação dos sentidos como na noite anterior, e com toda cautela baixou o olhar para o bronzeado pescoço dele.

— E sua meia-irmã? — ele perguntou. — Como era ela?

— Deslumbrante. Bastava andar pela rua que os caras babavam só de olhar.

— Tentava roubar seus namorados?

Os olhos de Lauren alegraram-se ao encará-lo do outro lado da mesa estreita.

— Eu não tive muitos namorados para ela roubar... pelo menos não até os dezessete anos.

Descrente, ele ergueu uma de suas sobrancelhas escuras para analisar a clássica perfeição das feições dela, os olhos como cetim brilhante turquesa sob o peso dos cílios curvos, e demorou-se nos volumosos cabelos cor de mel. A luz do sol que entrava pelos vitrais ao lado da mesa banhava-lhe o rosto com um suave brilho.

— Acho muito difícil acreditar nisso.

— Juro que é verdade — afirmou Lauren, fazendo pouco caso do elogio com um sorriso.

Lembrava-se com grande clareza da menina sem graça que fora, e embora as lembranças não fossem muito dolorosas, na verdade não dava agora demasiada importância a nada tão duvidoso como beleza exterior.

Tony serviu dois pratos na toalha de mesa em xadrez vermelho e branco, cada um contendo um crocante pão francês cortado em tiras longas, formando uma pilha alta, com recheio de rosbife malpassado em fatias tão finas como se fossem hóstia. Ao lado de cada prato, pôs uma pequena tigela com o caldo de carne.

— É delicioso... prove — recomendou ele. Lauren provou o dela e concordou:

— Delicioso mesmo — disse a Nick.

— Ótimo! — exclamou o dono do restaurante, o rosto redondo bigodudo sorrindo esfuziante com um ar paternal. — Então deixe Nick pagar a conta! Ele tem mais grana que você. O avô dele me emprestou o dinheiro para abrir este lugar — confidenciou, antes

de afastar-se apressado e repreender um ajudante de garçom desajeitado.

Comeram a refeição em silenciosa camaradagem, entremeada com as perguntas dela sobre o restaurante e o proprietário. Pelo pouco que conseguiu entender das curtas respostas de Nick, a família dele e a de Tony eram amigas havia três gerações. A certa altura, o pai de Nick chegara a trabalhar para o pai de Tony, mas de algum modo a situação financeira deve ter mudado a favor do avô de Nick, para que tivesse dinheiro suficiente para emprestar a Tony.

Quando terminaram de comer, Tony surgiu à mesa para retirar os pratos. O serviço no lugar era bom até demais, pensou Lauren, desanimada. Encontravam-se ali há apenas trinta e cinco minutos, e ela esperava passar, no mínimo, uma hora com Nick.

— Que tal uma sobremesa? — perguntou Tony, com olhos amistosos voltados para ela. — Para você eu sugiro *cannoli*... ou um pouco de meu *spumoni* especial, que não é como os que se encontra nas lojas — garantiu orgulhoso. — É o verdadeiro *spumoni* italiano: vários sabores e cores de sorvete cremoso, distribuídos em camadas e recheados com...

— Pedacinhos de frutas e um monte de nozes — concluiu Lauren, sorrindo com entusiasmo. — Do jeito que minha mãe fazia.

O queixo de Tony caiu e ele analisou minuciosamente o rosto da jovem. Após um longo momento, balançou a cabeça numa afirmativa.

— Você é italiana! — proclamou com um largo sorriso.

— Só metade — corrigiu Lauren. — A outra metade é irlandesa.

Em dez segundos, Tony já lhe bisbilhotara o nome completo, o da família da mãe e descobrira que ela ia mudar-se para Detroit, onde não conhecia ninguém. Lauren sentiu-se um pouco culpada por não citar Philip Whitworth, mas como Nick conhecia pessoas na Sinco, achou que não devia correr o risco de mencionar sua ligação com Philip na frente dele.

Ela ouvia o que Tony dizia com grande felicidade. Fazia tanto tempo que havia morado em Chicago e visitado os primos italianos, e era tão gostoso tornar a ouvir aquele fantástico e familiar sotaque!

— Se precisar de alguma coisa, Lauren, me procure — disse Tony, dando-lhe um tapinha no ombro como fizera com o amigo. — Uma linda jovem sozinha na cidade grande precisa de alguma família a quem recorrer quando precisar de ajuda. Aqui sempre terá uma refeição... uma boa refeição italiana — esclareceu. — Agora, que tal meu magnífico *spumoni*?

Lauren olhou para Nick e depois para o rosto de Tony, marcado pela expectativa da resposta.

— Eu adoraria comer um pouco de *spumoni*. — anunciou, ignorando o protesto do estômago cheio, interessada em prolongar o almoço.

Tony deu um largo sorriso, e Nick retribuiu-o com um ar conspirador.

— Essa menina ainda está em fase de crescimento, Tony.

Os olhos de Lauren escureceram-se de exasperação e confusão diante dessas palavras, e por um minuto traçou, como quem não quer nada, um grande quadrado vermelho na toalha de mesa com a unha feita.

— Nick, posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro.

Ela cruzou os braços na mesa e encarou-o diretamente.

— Por que fala de mim como se eu fosse alguma adolescente ingênua?

Nick torceu os lábios, fazendo uma careta engraçada.

— Não percebi que fazia isso. Mas suponho que seja para me lembrar de que você é jovem, que veio de uma pequena cidade no Missouri, e na certa é muito ingênua.

A resposta surpreendeu-a.

— Sou adulta, e o fato de ter crescido numa cidade pequena não quer dizer nada! — Parou de falar quando Tony lhe serviu o *spumoni*, mas tão logo ele se afastou, acrescentou, irritada: — Não sei de onde tirou essa ideia de que sou ingênua, mas não sou!

A luz provocadora nos olhos de Nick extinguiu-se quando ele se recostou e examinou-a, curioso.

— Não é?

— Não, não sou.

— Nesse caso — ele arrastou a voz imperturbável —, quais são seus planos para o fim de semana?

Lauren sentiu um sobressalto de prazer no coração, mas perguntou, cautelosa:

— Quais são seus planos?

— Uma festa. Alguns amigos meus vão dar uma festa neste fim de semana numa casa em Harbor Springs. Eu estava indo para lá quando nos encontramos hoje. Fica a umas cinco horas de carro daqui, e voltaríamos no domingo.

Lauren planejara ir direto a Fenster de carro naquela tarde. Por outro lado, a viagem de ida e volta levava apenas um dia, e ela poderia facilmente empacotar todos os seus pertences em menos de uma semana. Tinha mais de duas semanas antes de começar no trabalho novo, portanto tempo não era problema, e desejava desesperadamente ir à festa com Nick.

— Tem certeza de que não será inconveniente para seus amigos se eu for com você?

— Não será inconveniente; eles esperam que eu leve alguém.

— Nesse caso — sorriu Lauren —, eu adoraria ir. Na verdade, minha mala já está no bagageiro do carro.

Nick olhou para trás e pediu a conta a Tony com um aceno de cabeça. O homem mais velho trouxe-a e a deixou na mesa perto dele, mas com destreza Lauren cobriu-a com a mão e puxou-a para si.

— Eu vou pagar o almoço — declarou, ocultando com todo cuidado o choque diante do valor exorbitante pela quantidade que haviam comido.

Ao estender a mão para pegar a carteira, porém, Nick largou várias notas na mesa e, impotente, ela viu Tony recolhê-las.

— Com esse preço — provocou-o Lauren —, me surpreende que todas as mesas não estejam vazias.

Tony chegou mais perto, numa atitude confidencial.

— Minhas mesas jamais ficam vazias. Na verdade, só se reserva uma com antecedência se tiver o nome na minha lista. Vou mandar Ricco pôr o seu nome nela. — Ergueu um braço imperioso e três belos jovens garçons morenos aproximaram-se. — São meus

filhos — apresentou-os o orgulhoso Tony. — Ricco, Dominic e Joe. Ricco, ponha o nome de Lauren na lista.

— Não, por favor, não se incomode — apressou-se ela a intervir.

Ele ignorou-a.

— Uma bela garota italiana como você precisa de uma família que a proteja e guie numa cidade grande como Detroit. Venha nos visitar sempre, moramos nos andares acima do restaurante. Ricco, Dominic — ordenou Tony em tom severo —, quando Laurie aparecer, fique de olho nela. Joe, fique de olho em Ricco e Dominic! — A Lauren, que quase explodiu numa gargalhada, explicou: — Joe é casado.

Reprimindo a alegria com um esforço, Lauren olhou para os seus quatro designados “guardiões” com feliz gratidão nos olhos.

— Em quem eu devo ficar de olho? — perguntou, provocante.

Em perfeito uníssonos, quatro rostos morenos italianos se viraram, acusativos, na direção de Nick, que na cadeira os observava com uma expressão divertida.

— Lauren me disse que pode tomar conta de si mesma — respondeu imperturbável, ao empurrar a cadeira para trás e levantar-se.

Disse que precisava dar um telefonema e, enquanto o fazia, Lauren desceu o corredor até o banheiro feminino. Quando saiu, reconheceu os ombros largos e dirigiu-se a um telefone na entrada. Nick falava baixo, em sua voz de barítono, mas uma palavra chegou a ela clara como o toque de um sino: “Ericka.”

“Que hora mais estranha para ligar para outra mulher”, pensou. Ou não seria isso? Nick dissera que os anfitriões

esperavam que levasse um amigo, e ele, sem dúvida, teria dado um jeito de chamar alguém muito antes desse dia. Estava cancelando um encontro!

Nick entrou no esportivo Pontiac Trans Am dela, ligou a ignição e franziu a cara quando a luz de aviso da bateria surgiu rubra no painel.

— Acho que não tem nada de errado com a bateria — apressou-se a explicar Lauren. — A caminho daqui, parei e mandei um mecânico verificar. Ele não encontrou nada errado, por isso talvez seja apenas um curto na própria luz de aviso. O carro só tem seis meses.

— Que tal o levarmos ao norte e ver como ele se sai? — perguntou Nick após uma curta pausa. — Assim você não ficará sozinha na estrada a caminho do Missouri, se o gerador realmente morrer.

— Maravilhoso! — ela agradeceu prontamente.

— Fale-me mais de sua família e de você — ele pediu, quando saíram do estacionamento.

Lauren virou o rosto para frente, tentando não mostrar tensão. A pequena trama de mentiras que tecera já se tornava maior e mais enredada. Como Nick conhecia gente na Sinco, e ela, de propósito, não mencionara o diploma universitário no formulário, hesitava em falar-lhe que estivera na faculdade nos últimos cinco anos. Olhando o esplêndido Centro Renascença, deu um suspiro. Sendo uma pessoa naturalmente honesta, já lhe mentira sobre a idade, pois na verdade só faria vinte e três dali a mais três semanas. E dissera a Tony, na frente dele, que não tinha

amigos nem parentes em Detroit. Agora ia tomar o cuidado de “esquecer” os últimos cinco anos de sua vida.

— Foi uma pergunta difícil? — Nick brincou.

O sorriso dele fazia coisas malucas com as batidas de seu coração. Ela queria erguer a mão, encostá-la no queixo firme e traçar a linha daqueles lábios sensuais. Observou a gola da camisa aberta no pescoço, o que a fazia querer tocar os pelos negros enroscados pouco acima do profundo V do terceiro botão. Até o cheiro da colônia picante provocava seus sentidos, convidando-a a chegar mais perto.

— Não há muita coisa a contar. Meu meio-irmão, Lenny, já fez vinte e quatro anos, está casado e começando a própria família. E Melissa fez vinte e cinco e casou-se em abril. O marido é um mecânico que trabalha na concessionária da Pontiac, onde comprei este carro.

— E seu pai e sua madrasta?

— Meu pai é professor. Brilhante e sábio. Minha madrasta é muito amorosa e completamente dedicada a ele.

— Se seu pai é professor, surpreende-me que não a tenha estimulado a continuar na faculdade, em vez de deixá-la trabalhar como secretária.

— Ele me estimulou — respondeu Lauren, sem olhar nos olhos dele, aliviadíssima quando ele se viu obrigado a voltar a atenção para a complicada mudança de pistas, e com a ampla curva que os levou até a rampa de entrada da Interestadual 75. A via expressa conduziu-os pelo interior da cidade antes que o cenário mudasse, passando de fábricas e habitações urbanas para casinhas

suburbanas, seguidas por um imenso shopping e bairros residenciais muito mais opulentos.

— E suas roupas? — ela perguntou de repente. — Não vai precisar de uma mochila ou mala?

— Não. Mantenho algumas roupas em outra casa em Harbor Springs.

A brisa que entrava pela janela do carro levantava de leve os volumosos cabelos dele, de um tom de marrom-café. Embora cortados e penteados para ficarem rentes dos lados, eram apenas longos o bastante para roçar o colarinho, *“longos o bastante”*, refletiu Lauren com um ar melancólico, para uma mulher deslizar os dedos entre eles. Os dedos dela. Desgrudando os olhos do seu perfil, baixou os óculos escuros no nariz e virou a cabeça para olhar apenas semiconsciente o cenário da Interestadual, quando os intermináveis subúrbios deram lugar ao campo aberto. Nick sem dúvida irradiava ousada perícia sexual e confiante virilidade. Mesmo agora, possuía uma perturbadora consciência da coxa rígida e musculosa a apenas alguns centímetros da sua, e da forma como os ombros poderosos faziam com que ela parecesse uma anã. Tudo na aparência dele, e na maneira como a olhava, advertia-a de que ele podia ser perigoso para a sua paz de espírito.

Perigoso? Concordar em passar com ele o fim de semana em nada condizia com ela, tão inexplicável quanto aquela compulsiva atração que sentia por ele. E também uma coisa precipitada e irresponsável. Mas perigoso? E se Nick fosse um louco assassino que pretendesse matá-la, mutilar seu corpo e enterrá-lo na mata? Se o fizesse, ninguém jamais saberia o que lhe acontecera, porque ninguém sabia que estavam juntos, a não ser Tony e os filhos, e ele

podia apenas dizer-lhes que ela voltara para o Missouri. Eles acreditariam. No sentido literal e no figurado, Nick podia matar e sair impune!

Lauren lançou um olhar rápido e apreensivo ao cinzelado perfil e relaxou as feições num débil sorriso. O instinto sobre as pessoas jamais a havia traído antes, e ela sabia instintivamente que não corria perigo físico.

As três horas seguintes passaram-se num delicioso borrão. O carro devorava os quilômetros, mandando uma balsâmica brisa tocar-lhes os rostos e despentear-lhes os cabelos, e os dois conversavam com camaradagem sobre tudo e nada.

Nick, notou Lauren, era extremamente evasivo quando se tratava de falar sobre ele mesmo, mas sem dúvida insaciável quando se tratava de sondar as origens dela. Tudo que sabia dele era que o pai morrera quando Nick tinha quatro anos, e os avós, que o haviam criado, morreram alguns anos atrás.

Na cidade de Grayling, que Nick disse ficar a cerca de uma hora e meia do destino final — Harbor Springs — ele parou numa pequena mercearia. Quando voltou, Lauren viu-o trazer duas latas de Coca-Cola e um maço de cigarros. Alguns quilômetros mais adiante, encostou junto a uma mesa de piquenique à beira da estrada.

— Não é um dia deslumbrante?

Deliciada, Lauren jogou a cabeça para trás e apreciou as nuvens brancas que atravessavam o brilhante céu azul. Olhou para Nick de relance e viu-o observando-a com uma expressão indulgente.

Ignorando essa atitude blasé, ela disse:

— Em minha terra o céu nunca é assim tão azul, e faz muito mais calor. Acho que é porque o Missouri fica mais ao sul.

Nick abriu as latas de Coca e entregou-lhe uma. Encostou casualmente o quadril na mesa de piquenique, e Lauren tentou retomar a conversa do ponto em que fora interrompida alguns minutos atrás:

— Você disse que seu pai morreu quando você tinha quatro anos, e seus avós o criaram... o que aconteceu com sua mãe?

— Nada — ele respondeu.

Pondo um cigarro entre os lábios, acendeu um fósforo e colocou as mãos em torno da chama para protegê-la da brisa.

Lauren observou a vital densidade dos cabelos de um castanho escuro ao vê-lo curvar a cabeça na direção do palito, e depois se apressou a erguer os olhos azuis de encontro aos dele.

— Nick, por que você fala tão pouco sobre si mesmo? — Ele apertou os olhos pra fugir da fumaça aromática do cigarro que subia, dispersando-se ao vento.

— Tão pouco? Estive falando pelos cotovelos durante centenas de quilômetros.

— Mas não sobre alguma coisa realmente pessoal. Que foi que houve com sua mãe?

Ele sorriu.

— Alguém já lhe disse que você tem olhos incrivelmente bonitos?

— Já, e você está desviando do assunto!

— E que também fala extremamente bem? — ele continuou, ignorando a observação.

— Isso não surpreende, pois meu pai é professor de inglês, como você já descobriu.

Então, deu um suspiro, exasperada com essa evasão deliberada.

Nick ergueu o olhar para o céu e deixou-o vagar pelas árvores e a estrada deserta, antes de por fim tornar a olhar para ela.

— Só percebi como estava tenso três horas atrás, quando afinal comecei a relaxar. Precisava dar uma fuga assim.

— Está trabalhando muito?

— Cerca de setenta horas por semana nos últimos dois meses.

— Os olhos expressivos dela encheram-se de simpatia, e Nick sorriu-lhe um daqueles sorrisos cordiais e cativantes que a deixou com o coração acelerado. — Você sabia que é uma companhia muito relaxante?

Lauren não ficou satisfeita em particular por saber que, enquanto o achava eletrizante, ele a achava relaxante.

— Obrigada, vou tentar não fazê-lo dormir antes de chegarmos a Harbor Springs.

— Pode fazer isso depois de chegarmos — veio a sugestiva resposta.

O coração de Lauren bateu a toda força.

— O que eu quis dizer é que espero não o estar chateando.

— Acredite, não me chateia nem um pouco. — A voz dele aprofundou-se com sensualidade: — Na verdade, estou querendo fazer uma coisa desde ontem à noite, quando me virei com seu copo de tônica na mão e a vi ali parada, fazendo muita força para não rir do meu choque.

Mesmo no estado de nervosismo em que se encontrava, Lauren soube que ele pretendia beijá-la. Ele tomou-lhe a Coca de seus dedos fracos e colocou-a com toda a calma na mesa de piquenique ao lado, estendeu os braços, puxando-a deliberadamente para entre suas pernas. Ela roçou o quadril na parte interna da coxa dele, enviando ondas de assustada consciência por todo o seu sistema nervoso. Ele deslizou-lhe as mãos pelos braços e de forma muito delicada aprisionou-lhe os ombros. Em impotente antecipação, ela viu os lábios firmes e sensuais descendo devagar para irem de encontro aos seus.

Nick cobriu com a sua boca a dela, movendo-a e sondando num beijo de ociosa bajulação, mas com uma insistência de tirar o fôlego. Lauren tentou, em desespero, agarrar-se a sua sanidade que fugia, mas no momento em que ele deslizou a língua entre seus lábios, sentiu que perdera a batalha.

Com um gemido abafado, encostou-se nele e deixou que lhe abrisse os lábios. A reação dele foi instantânea. Apertou os braços, prendendo-a contra o peito, enquanto abria a boca faminta e mergulhava-lhe a língua, acariciando a dela. Alguma coisa explodiu dentro de Lauren, que arqueou o corpo contra o dele e ergueu as mãos em compulsão para acariciar-lhe o pescoço e deslizá-las entre os cabelos macios na nuca dele, enquanto reagia com avidez àquela boca faminta.

Quando Nick por fim ergueu a cabeça, ela se sentiu marcada a ferro por aquele beijo, marcada permanentemente como propriedade dele. Trêmula num tumulto interno, apoiou a testa no ombro dele. Os lábios quentes desceram-lhe pela face, correram para baixo, mordendo de leve o lóbulo da orelha dela.

Dando uma risadinha, ele disse a ela, ao pé do ouvido:

— Acho que lhe devo um pedido de desculpas, Lauren. Ela encostou-se no peito de Nick e tornou a erguer o olhar.

Os nublados olhos cinza que a miraram de volta tinham pálpebras pesadas e ardiam de paixão, e embora ele sorrisse, era um sorriso irônico que zombava de si mesmo.

— Por que você me deve um pedido de desculpas?

Nick deslizou a mão acima e abaixo das costas dela numa preguiçosa carícia.

— Porque, apesar de você ter me garantido que não é ingênua, até alguns minutos atrás eu receava que este fim de semana fosse mais do que você podia dar conta... e mais do que você esperava.

Ainda estonteada pelo beijo, Lauren perguntou baixinho:

— E agora, que acha?

— Acho — murmurou secamente — que este fim de semana pode tornar-se mais do que eu esperava. — Olhou dentro dos fulgentes olhos azuis dela, os próprios escurecidos em resposta. — Também acho que, se você continuar a me olhar desse jeito, vamos nos atrasar cerca de duas horas para chegar a Harbor Springs.

Piscou os olhos, apontando com um olhar significativo para o motel do outro lado da estrada, mas, antes que Lauren ao menos pensasse em entrar em pânico, estendeu a mão e puxou-lhe com firmeza os óculos escuros pelo nariz abaixo.

— Esses seus olhos vão ser minha desgraça — disse com um humor sombrio. Depois a pegou pelo braço e levou-a até o carro.

Lauren desabou no assento, sentindo-se como se houvesse acabado de passar por um ciclone. O motor do carro rugiu ao

ganhar vida, e ela se obrigou a relaxar e pensar com lógica. Tinha dois problemas imediatos a enfrentar: primeiro, já ficara óbvio que Nick pretendia levá-la para a cama nesse fim de semana. Na mente dele, tratava-se de um desfecho previsto. Claro, ela podia simplesmente dizer não quando chegasse a hora, mas o segundo problema era que não tinha certeza alguma de que queria dizer não. Jamais antes se sentira tão atraída por um homem, nem afetada por um beijo. Jamais quisera tanto fazer amor com um homem.

Olhou as mãos fortes e ágeis de Nick ao volante, depois ergueu os olhos para aquele perfil tão forte e bonito. Ele era tão atraente, de uma virilidade tão gritante, que as mulheres sem dúvida davam-lhe uma olhada e iam ávidas para a cama com ele sem jamais esperar qualquer envolvimento emocional. Com certeza ela própria não seria uma conquista tão fácil. Ou seria?

Um triste sorriso tocou-lhe os lábios quando ela voltou a cabeça para a janela. Todos sempre a julgavam muito inteligente, muito sensível, mas ali estava, já planejando fazer Nick Sinclair apaixonar-se... pois ela sabia que já estava se apaixonando por ele.

— Lauren, esta viagem está se tornando um pouco solitária do meu lado do carro. Em que está pensando?

Cheia de ideias sobre o destino dos dois, ela voltou-se e, sorridente, balançou devagar a cabeça.

— Se eu lhe dissesse, ia matá-lo de medo.

Capítulo 5

Lauren deslizou o olhar com admiração pelo panorama das ondas azuis cintilantes do lago Michigan que se avolumavam e espumavam brancas ao rebentar indolentes na praia.

— Chegaremos lá em alguns minutos — disse-lhe Nick, saindo da rodovia e tomando uma estrada rural bem conservada que serpeava pelas imponentes fileiras de pinheiros.

Vários minutos depois, virou à esquerda num acesso de veículos asfaltado e sem identificação. Por mais de um quilômetro, o caminho da entrada particular ziguezagueava gracioso por entre majestosas sorveiras-bravas, de cujos galhos carregados pendiam cachos magníficos de frutos laranja vivo.

Lauren olhou para a paisagem bem cuidada nos dois lados da estrada e percebeu que o chalé simples, próximo ao lago, que a princípio imaginara quando ele a convidara para o fim de semana, não ia ser o que encontraria. Nada a preparara, porém, para a visão que a saudou quando saíram das sombras matizadas para o

brilho dourado do sol poente e pararam atrás de uma longa fileira de opulentos carros estacionados.

Ao longe, contra o pano de fundo de um íngreme penhasco, avistava-se uma imensa casa em estilo moderno, com três andares de estuque e vidro. Hectares de exuberantes gramados verdes, pontilhados por mesas com guarda-sóis coloridos, inclinavam-se suavemente até uma praia. Garçons de paletós azul-claro passavam bandejas entre o que parecia no mínimo uma centena de convidados, refestelados em espreguiçadeiras ao redor de uma gigantesca piscina em forma de feijão, conversando e rindo em grupos animados no gramado, ou passeando na praia.

Destacados de um céu róseo e dourado, cintilantes iates brancos ancorados balançavam lânguidos na água ondulante. Lauren deduziu que as pessoas exibiam sereno alheamento a um lago de mais de duzentos metros de profundidade em alguns lugares, e não pareciam intimidadas pelo fato de que tempestades poderiam assolar a superfície de cinquenta e oito mil quilômetros quadrados, açoitando-os numa turbulenta fúria cinzenta.

Nick saltou do carro e contornou-o para abrir a porta dela. Com a mão em seu cotovelo, Lauren não teve outra opção senão caminhar ao lado dele ao longo da sinuosa fileira de possantes esportivos e luxuosos carros de passeio em direção aos grupos de convidados.

À beira do gramado, parou e observou as pessoas com quem ia se misturar. Além de vários astros e estrelas de cinema, distinguiu outros rostos vagamente conhecidos, os que via repetidas vezes em matérias de revistas sobre a alta sociedade e os multimilionários.

Deu uma olhada em Nick, que examinava vagarosamente a multidão. Ele não parecia impressionado nem intimidado por aquela resplandecente reunião dos ricos e famosos; na verdade, parecia irritado. Quando falou, sua voz saiu marcada pela mesma chateação que ela identificara na expressão de seu rosto:

— Lamento, Lauren. Se eu soubesse que a “reuniãozinha” de Tracy ia ser assim, jamais a teria trazido aqui. Vai ser barulhenta, abarrotada de gente e frenética.

Embora se sentisse pouco á vontade cercada por pessoas tão famosas, ela conseguiu ostentar um ar de indiferença e lançou-lhe um sorriso animado.

— Talvez, se tivermos sorte, ninguém perceberá que estamos aqui.

— Não conte com isso — advertiu Nick, seco.

Seguiram sem pressa pelo perímetro do gramado circundado por uma mata densa. Ao chegarem a um bar instalado para uso dos convidados, ele parou atrás do balcão. Em vez de observá-lo como uma idiota apatetada, enquanto ele lhes preparava as bebidas, Lauren forçou-se a virar-se e observar os arredores. Concentrava-se num grupo que conversava perto deles, quando uma ruiva deslumbrante ergueu o olhar e reconheceu Nick.

Com um sorriso irrompendo nas perfeitas feições, a mulher deixou os amigos e correu em direção aos dois, com a calça de pernas largas formando leves ondulados nos tornozelos.

— Nick, querido! — disse, rindo e já deslizando as mãos adornadas com anéis pelos braços dele acima, ao curvar-se para beijá-lo.

Nick largou a garrafa de bebida e enlaçou os braços nela, puxando-a para retribuir o beijo.

Mesmo depois que a soltou, Lauren notou que a ruiva continuou com as mãos nos braços dele, enquanto lhe sorria calorosa com os olhos fixos nos olhos cinza dele.

— Todo mundo se perguntava se você ia nos desapontar e não vir — ela continuou. — Mas eu sabia que viria, porque o telefone não parou de tocar com ligações de seu escritório. Os empregados e todos os demais anotaram recados para você a tarde toda. E quem é esta? — perguntou animada, desprendendo afinal as mãos dos braços dele e recuando para olhar Lauren com franca curiosidade.

— Lauren, esta é Barbara Leonardos — Nick deu início às apresentações.

— Chame-me de Bebe... como todos os demais. — Tornou a virar-se para Nick e continuou quase como se Lauren não estivesse ali. — Achei que você ia trazer Ericka.

— É mesmo? — ele escarneceu rindo. — E eu achei que você estava em Roma com Alex.

— Estávamos — admitiu Bebe —, mas quisemos ver você logo.

Após ela deixá-los momentos depois, Nick começou a explicar:

— Bebe é...

— Sei bem quem ela é — interrompeu-o Lauren em voz baixa, tentando não parecer reverente. Barbara Leonardos era a queridinha das revistas de moda e colunistas de fofoca, uma herdeira americana do petróleo e casada com um industrial grego multimilionário. — Vi fotos dela em revistas e jornais dezenas de vezes.

Nick entregou-lhe o drinque que preparara, pegou o dele e inclinou a cabeça para o casal que vinha a passos largos e de braços dados em sua direção.

— Reconhece algum daqueles dois?

— Não, não me parecem nem um pouco familiares. — Nick sorriu.

— Neste caso, eu os apresentarei. São, por acaso, nossos anfitriões, além de grandes amigos meus.

Preparando-se para a inevitável rodada de apresentações, Lauren examinou a bela morena na faixa dos trinta e o homem meio parrudo ao lado, que beirava os sessenta.

— Nick! — A mulher riu radiante, jogando-se nos braços do amigo em total desatenção à bebida que ele segurava, e beijando-o com o mesmo desembaraço entusiasmado e íntimo de Bebe. — Não o vemos há meses! — repreendeu-o ao recuar. — Que diabos você tem feito?

— Alguns de nós trabalhamos para ganhar a vida — respondeu-lhe Nick com um sorriso afetuosos. Estendendo a mão, pegou o braço de Lauren e trouxe-a para o círculo de camaradagem. — Lauren, gostaria que conhecesse nossos anfitriões, Tracy e George Middleton.

— É um grande prazer conhecê-la, Lauren — disse Tracy, e logo cobrou do amigo: — Que fazem os dois aí parados sozinhos? Ninguém vai nem perceber que estão aqui.

— Por isso mesmo que estou aqui — respondeu Nick, sem rodeios.

Tracy soltou uma risada pesarosa.

— Sei que lhe prometi que ia ser uma pequena reunião. Juro que não tínhamos a menor ideia de que todas as pessoas que convidamos iam aparecer. Você não imagina o problema que isso nos criou.

Olhou para o céu lilás e depois para trás. Acompanhando-lhe o olhar, Lauren viu que quase todos os convidados começavam a encaminhar-se até a casa ou desciam em direção ao píer, onde lanchas aguardavam para levá-los aos respectivos iates. Garçons haviam começado a arrumar mesas sob um imenso toldo listrado, e acendiam-se archotes ao redor da piscina. Músicos transportavam os instrumentos para um grande palco que fora montado na extremidade oposta da piscina.

— Todos já estão se vestindo para o jantar — declarou Tracy. — Vocês vão até o Abrigo para se trocar ou planejam trocar de roupa aqui?

A mente de Lauren vacilou. Vestir-se para jantar? Não tinha nenhuma roupa adequada para usar num jantar formal!

Ignorando o aperto de Lauren em seu antebraço, Nick adiantou-se:

— Lauren vai trocar-se aqui. Vou até o Abrigo, retornar os telefonemas que não podem esperar, e me troco lá.

Tracy sorriu para Lauren.

— A casa está superlotada: você e eu podemos usar nosso quarto, e George encontrará algum outro lugar para se trocar. Vamos?

Nick notou a expressão de Lauren com um brilho irônico de entendimento.

— Acho que Lauren quer conversar alguma coisa comigo. Vá indo, e ela se juntará a você.

Assim que o casal se afastou e não mais podiam ser ouvidos, Lauren disse, desesperada:

— Nick, eu não tenho nada adequado para vestir. Claro que você também não deve ter, não é?

— Tenho umas coisas no Abrigo, e encontrarei um vestido para você também — ele tranquilizou-a com toda a calma. — Mandarei trazê-lo, e estará no quarto de Tracy quando você estiver pronta para vesti-lo.

No interior da casa, dominavam uma cacofonia de vozes e alvoroçada atividade. Risos e conversas saíam de vinte aposentos diferentes em três pavimentos separados, com empregados correndo para todo lado com roupas recém-passadas nos braços e bandejas com drinques nas mãos.

Nick parou diante de uma das empregadas e pediu-lhe as mensagens telefônicas. Num instante, chegavam-lhe à mão, e ele virou-se para Lauren com um sorriso caloroso.

— Encontro você dentro de uma hora junto à piscina. Consegue aguentar sem mim durante tanto tempo?

— Ficarei bem — ela tranquilizou-o. — Não se apresse.

— Tem certeza?

Com os fascinantes olhos cinza perscrutando os dela, Lauren não tinha certeza nem do próprio nome, mas assentiu com a cabeça assim mesmo. Quando ele se foi, ela virou-se e viu Bebe Leonardos observando-a com visível curiosidade. Varrendo a expressão sonhadora do rosto, Lauren perguntou:

— Onde fica o telefone? Gostaria de ligar para casa.

— Claro. Onde você mora? — perguntou casualmente Bebe.

— Em Fenster, no Missouri — ela respondeu, seguindo-a até um luxuoso escritório próximo aos fundos da casa.

— Fenster?

Bebe fungou, como se um odor ofensivo se associasse ao nome da cidade.

Então saiu e fechou a porta atrás de si.

A ligação interurbana para o pai não levou muito tempo porque ambos tinham verdadeira consciência da despesa envolvida. Mas o pai dela rira de orgulho e estupefação ao saber do novo emprego e do salário, e ficou aliviado por Philip Whitworth insistir que ela morasse no condomínio da tia, sem pagar aluguel. Ela não falou da barganha com Philip porque não queria deixá-lo ansioso. Queria apenas que ele soubesse que o seu fardo financeiro agora fora aliviado.

Após desligar, atravessou o escritório e entreabriu a porta, parando ao som de uma animada voz feminina alteada em saudação no fim do corredor.

— Bebe, querida, você está maravilhosa; faz séculos que não a vejo. Sabia que Nick Sinclair deve estar aqui neste fim de semana?

— Está aqui — respondeu Bebe. — Já falei com ele.

— Graças a Deus ele veio! — A outra mulher riu. — Carlton arrastou-me para cá de uma praia divina nas Bermudas porque quer conversar com Nick sobre algum acordo comercial.

— Carlton terá de esperar sua vez — avisou Bebe indiferente. — Nick também é o motivo pelo qual Alex e eu estamos aqui. Meu marido quer conversar com ele sobre a construção de uma rede de hotéis internacionais. Vem tentando telefonar-lhe de Roma há duas

semanas, mas nosso amigo não retornou as ligações, por isso pegamos um avião para cá ontem.

— Não vi Ericka lá fora — comentou a outra.

— Não viu porque ele não a trouxe... mas espere até ver o que trouxe no lugar dela. — A risada sarcástica na voz refinada de Bebe fez Lauren enrijecer-se, mesmo antes de a ruiva acrescentar: — Você não vai acreditar! A garota deve ter uns dezoito anos e saiu direto de uma fazenda no Missouri. Antes de Nick deixá-la sozinha por uma hora, precisou até lhe perguntar se ficaria bem por conta própria!

As vozes esmoreceram quando as duas se afastaram.

O ataque verbal de Bebe surpreendeu e irritou Lauren, mas ela abriu com toda a calma a porta e saiu no corredor.

Sentada à penteadeira de Tracy uma hora mais tarde, Lauren escovou o pesado cabelo até as mechas douradas e cor de mel queimado emoldurarem-lhe o rosto e caírem graciosamente onduladas acima dos ombros. Depois aplicou um blush rosado nas altas maçãs do rosto, uma nova camada de brilho da mesma cor nos lábios e jogou os cosméticos na bolsa.

Aquela altura Nick sem dúvida esperava-a na piscina. A ideia trouxe-lhe um brilho de pura felicidade aos olhos turquesa quando ela se curvou mais para perto do espelho e colocou cuidadosamente os amados brincos de ouro catorze quilates, que haviam pertencido à mãe.

Quando terminou, recuou para examinar o efeito do longo e sofisticado vestido de jérsei creme que Nick mandara entregar enquanto ela tomava um banho. O tecido macio realçava-lhe os seios eretos e cheios, e as mangas longas e justas cingiam-lhe os

braços até os pulsos, onde terminavam em pontas nas costas das mãos. O cinto de elos dourados firmava a cintura da blusa, de modo que exibia cada atraente curva feminina do corpo, desde o decote à bainha da saia levemente rodada de onde se projetavam os bicos das delicadas sandálias douradas que Tracy lhe emprestara.

— Perfeita! — Tracy riu. — Vire-se para eu ver as costas. — Lauren, obediente, fez-lhe a vontade, — Como uma coisa que parece tão recatada vista pela frente pode ser tão deslumbrante por detrás? — perguntou, olhando as costas lisas da jovem com o bronzeado dourado exposto quase até a cintura.

— Bem, vamos?

Enquanto as duas percorriam a varanda, Lauren ouvia os ruídos da festança ao lado da piscina abaixo flutuar pelas janelas abertas. Dezenas de risonhas vozes femininas misturavam-se aos murmúrios masculinos mais profundos e depois se mesclavam num caos com a música alegre da orquestra.

Cinco segundos depois que saíram para o pátio ao ar livre, Tracy viu-se cercada e arrebanhada por um grupo de amigas, deixando Lauren sozinha. Ela esticou o pescoço e examinou a multidão em busca de um vislumbre de Nick. Avançou dois passos e logo o viu no meio de um grande grupo de pessoas no outro lado da piscina.

De olhos na alta figura dele, Lauren encaminhou-se cuidadosa e contornou os obstáculos de convidados, garçons, mesas com guarda-sóis e piscina. Ao chegar mais perto, viu-o junto a pessoas que conversavam animadas. Com a cabeça inclinada para elas, parecia ouvi-las com enlevada atenção, mas de vez em quando

desprendia o olhar e deslizava-o pela multidão, como se à procura de alguém.

Dela, percebeu Lauren, com um ardor interno. Como se sentisse a sua proximidade, Nick ergueu de repente a cabeça e seus olhos encontraram-se em meio ao aglomerado de gente. Com uma brusquidão que beirava a descortesia, balançou a cabeça para as pessoas com quem conversava e sem uma palavra apenas se afastou.

Quando o último grupo no pátio se separou para deixá-lo passar, Lauren teve a primeira visão de corpo inteiro dele e arquejou. O smoking preto e lustroso caía-lhe na esplêndida e alta figura como se o mais excelente alfaiate o tivesse feito sob medida. A estonteante brancura da camisa adornada de rufos fazia um belo contraste com o rosto bronzeado e a gravata borboleta formal. Nick usava o elegante traje com a segurança de um homem inteiramente habituado a ele. Lauren sentiu um absurdo orgulho dele, e não fez qualquer tentativa de escondê-lo quando ele parou, afinal, à sua frente.

— Alguém já lhe disse como você é lindo? — perguntou baixinho.

Um vagaroso sorriso infantil espalhou-se pelas feições dele.

— Que acharia se eu lhe dissesse que não? — Lauren riu.

— Acharia que você está tentando parecer modesto.

— Então, que devo fazer agora? — ele perguntou.

— Suponho que devia tentar parecer meio encabulado e sem graça com o elogio.

— Não fico encabulado nem sem graça com muita facilidade.

— Nesse caso, podia tentar me encabular dizendo-me como acha que eu estou — ela insinuou rindo.

Girando devagar para não chamar a atenção dos outros convidados, mostrou-lhe de propósito o completo e surpreendente efeito do vestido. A reluzente luz de archotes refletiu-se no tom de mel queimado dos seus cabelos quando ela completou a volta e esperou o olhar de Nick deslizar-lhe pelo rosto animado, pelos olhos azuis luminosos e macios lábios cheios, depois, percorrer-lhe de cima a baixo os exuberantes contornos do corpo.

— Então? — provocou-o, por sua vez. — Que acha?

Em vez de responder, ele ergueu afinal os olhos cinza para os dela em chamas e tornou a deslizá-los pelo corpo esbelto. Hesitou e de repente respondeu:

— Acho que o vestido cai como uma luva em você. — Lauren desatou a rir.

— Não deixe ninguém lhe dizer que tem jeito para elogios, porque não tem.

— É mesmo? — ele brincou, desafiando-a com os olhos, — Nesse caso, direi exatamente o que acho: você é de uma beleza refinada, tem a fascinante capacidade de parecer ao mesmo tempo uma mulher sofisticada, de extrema sensualidade, e uma jovem em tudo angelical. E gostaria como nunca que não estivéssemos confinados aqui com uma centena de outras pessoas durante as próximas horas, pois sempre que a olho, sinto um desconfortável e forte desejo de descobrir como será tê-la nos braços esta noite.

A tez clara de Lauren coloriu-se de rubor. Não era tão angelical assim, e entendia o que Nick queria dizer com “desconfortável e forte desejo”. Desviou o olhar daqueles olhos

zombeteiros e dirigiu-o aos convidados, aos iates acesos como brilhantes árvores de Natal, a tudo, menos ao corpo rígido e alto de Nick. Por que ele fora tão direto? Talvez desconfiasse que ela jamais tivesse dormido com alguém antes, e tentasse de propósito deixá-la em pânico para que admitisse o fato. Será que o incomodaria o fato de ela ser virgem?

A julgar pela franca atitude em relação ao sexo, era improvável que existisse algo que ele já não tivesse feito ou desconhecesse. No tocante às mulheres, Lauren duvidava que restasse uma única fibra de inocência naquele corpo de agressiva virilidade. Mesmo assim, teve a sensação de que Nick não ia querer seduzir uma virgem e levá-la para a cama. Claro, essa virgem específica queria muito ser “seduzida” por ele, mas não tão cedo, e tampouco com quase nenhum esforço. Deveria fazê-lo esperar até gostar mesmo dela. Deveria, mas não tinha certeza de que o faria.

Tomando-lhe firmemente o queixo entre o polegar e o indicador, ele virou para si o rosto erguido dela, obrigando-a a encarar-lhe os olhos provocadores.

— Se sou tão lindo, por que não olha para mim?

— Foi uma tolice eu lhe dizer isso — desculpou-se Lauren, com tranqüila dignidade — e...

— Foi, sem a menor dúvida, um grande exagero. — Nick sorriu, soltando-lhe o queixo — mas gostei de ouvir. E, caso lhe interesse saber, — acrescentou com a voz enrouquecida —, ninguém jamais me disse isso antes. — Ergueu os olhos no momento em que ouviu alguém chamá-lo pelo nome, e logo fingiu não ter ouvido. Pondo a mão sob o cotovelo dela, conduziu-a em

direção ao toldo listrado no gramado, onde garçons serviam entradas quentes e frias. — Vamos pegar algo para você comer e beber.

Nos cinco minutos seguintes, outras seis pessoas o chamaram. Quando isso aconteceu, ele comentou irritado:

— Por mais que eu gostasse de passar sozinho a noite com você, vamos ter de confraternizar. Não posso continuar me fingindo de cego e surdo por muito mais tempo.

— Eu entendo — disse Lauren, solidária. — São todos muito ricos e mimados, e, porque você trabalha para eles, acham que são seus donos.

Nick uniu as escuras sobrancelhas em surpresa.

— O que a faz pensar que trabalho para eles?

— Sem querer, escutei Bebe Leonardos dizer a alguém que o marido veio de Roma para conversar com você sobre a construção de hotéis internacionais. E a outra mulher disse que o marido dela, cujo nome é Carlton, veio à festa também para tratar de algum tipo de negócio com você.

Ele lançou um olhar aborrecido a toda a multidão, como se cada pessoa ali constituísse uma ameaça pessoal à sua paz.

— Eu vim até aqui porque tenho trabalhado duro há dois meses e queria relaxar durante um fim de semana — disse furioso.

— Se não quiser falar mesmo com ninguém sobre negócios, não há por que fazer isso.

— Quando viajam milhares de quilômetros para falar com a gente, as pessoas às vezes são danadas de persistentes — ele explicou, olhando mais uma vez os convidados. — E a não ser que

meu palpite esteja errado, no mínimo quatro outros homens vieram hoje aqui fazer exatamente isso.

— Apenas os deixe comigo — disse Lauren, com um sorriso encantador. — Eu os mantenho a distância.

— Faria isso? — Ele riu. — E como?

Sob os exuberantes cílios castanho-avermelhados, os olhos azuis de Lauren piscavam.

— Assim que alguém começar a falar com você sobre negócios, interrompo-o e finjo distrair você.

Nick baixou os olhos para os lábios dela. — Não deve ser difícil... você sempre me distrai.

E durante as três horas seguintes, ela fez exatamente como prometera. Com um brilhantismo tático que deixaria no chinelo Napoleão Bonaparte, livrou-o com toda a diplomacia de pelo menos uma dezena de conversas profissionais. Tão logo ele começava a envolver-se na discussão em demasiada profundidade, Lauren interrompia-o e lembrava-o com delicadeza que lhe prometera pegar uma bebida, levá-la a um passeio, mostrar-lhe o entorno ou qualquer artimanha que lhe ocorresse no momento.

E Nick deixava-a fazê-lo, observando as estratégias muitíssimo eficazes com uma mistura de franca admiração e velada diversão. Com um drinque na mão esquerda e o braço direito enlaçado na cintura dela, ele a mantinha ao seu lado, usando-a sem a menor desfaçatez como um escudo voluntário. Mas à medida que a noite avançava e a bebida fluía, as conversas tornaram-se mais altas, as risadas, mais hilárias e as piadas, mais obscenas. E os homens que queriam o tempo de Nick, mais persistentes.

— Você quer mesmo arranjar uma câimbra na perna de tanto andar? — ele perguntou-lhe num sussurro provocativo quando se afastaram de um iatista de tez muito corada que lhe pediu para dizer tudo que sabia sobre uma empresa petrolífera em Oklahoma.

Lauren bebericava o terceiro cálice de uma deliciosa bebida servida após o jantar, com gosto e consistência de malte achocolatado, porém começava a perceber que a bebida era muito mais forte do que imaginara.

— Claro que não... minhas pernas são perfeitas — anunciou rindo e virou-se para ver seis pessoas exuberantes que jogavam tênis numa única quadra. Uma das mulheres, uma francesa estrela de cinema, retirara a saia, ficando apenas de tomara que caia de lantejoulas, calcinha de renda preta e... saltos altos.

Nick tirou-lhe o cálice vazio da mão e largou-o sobre uma mesa com guarda-sol ao lado.

— Vamos caminhar até a praia?

Um grupo festivo já seguia num dos iates com brilhante iluminação. Os dois ficaram juntos na praia, ouvindo a música e risadas, contemplando o feixe de luz do luar fluindo pelo lago. — Dance comigo — ele pediu, e Lauren encaminhou-se, obediente, para os braços dele, adorando senti-los deslizar em seu corpo.

Encostou a face contra o tecido macio do paletó preto do smoking e moveu-se com ele ao ritmo da canção de amor tocada pela orquestra. Tinha vibrante consciência da intimidade das pernas masculinas que se deslocavam entre as dela.

Desde que se levantara naquela manhã, ela participara de uma reunião com o sr. Weatherby, de uma entrevista com Jim Williams, almoço com Nick, uma longa viagem e agora esta festa

onde bebera mais do que em toda a vida. Num único dia, sentira tensão, excitação, esperança e paixão, e agora passava o fim de semana com o homem de seus sonhos. O carrossel emocional em que se encontrava cobrava-lhe o preço total; agora sentia uma deliciosa exaustão e mais que uma leve tonteira.

Os pensamentos flutuaram de volta para a estrela do cinema francês, e ela riu baixinho.

— Se eu fosse aquela mulher jogando tênis, teria continuado de saia e tirado os sapatos. Sabe por quê?

— Para poder jogar melhor? — murmurou Nick, distraído, afastando com o nariz a sedosa mecha de cabelo que caíra sobre a têmpora dela.

— Não, nem sei jogar tênis. — Lauren ergueu bruscamente o rosto para o do parceiro e confidenciou: — O motivo de conservar a saia é eu ser uma menina recatada. Ou inibida? Bem, de qualquer modo, sou uma das duas coisas.

Tornou a encostar a face nos sólidos músculos do peito dele, e Nick aninhou-se contra os cabelos dela, espalmou a mão na parte inferior da espinha nua e apertou-a mais contra o seu corpo rígido.

— Na verdade — continuou sonhadoramente — não sou recatada nem inibida, mas o confuso produto de uma criação meio puritana com uma educação liberal. O que significa que julgo errado fazer qualquer coisa, mas acho muito certo outras pessoas fazerem o que querem. Vê algum sentido nisso?

Nick ignorou a pergunta e fez outra:

— Lauren, há alguma chance, mesmo que remota, de você estar ficando bêbada?

— Não sei ao certo.

— Não se embebede — exigiu ele. Embora dito em voz baixa, foi uma ordem, dada para ser obedecida. Em vez de protestar contra aquela atitude autoritária, Lauren ergueu de repente a cabeça, mas os lábios dele atraíram-lhe no mesmo instante a atenção. — Nem pense nisso — murmurou ele, severo.

Então abriu a boca sobre a dela num beijo perturbador que a fez precipitar-se em espiral na escuridão, onde nada existia senão os sensuais lábios viris pressionados contra os seus, ferozes e exigentes. Afundou a mão na volumosa massa de cabelo na nuca dela e mergulhou a língua em sua boca, acariciando a dela, retirando-a e mergulhando repetidas vezes, até Lauren dar-lhe instintivamente o que ele queria. Suavizou os lábios e começou a movê-los com os dele, estimulando o desejo já ardente entre os dois. Contra si, sentiu a nítida evidência da paixão crescente de Nick, e tremores de prazer percorreram-na de cima a baixo. Os corpos juntos uniam forças e demoliam-lhe o controle. Descuidada, arqueou-se para cima numa febril necessidade de agradá-lo mais, e ele apertou o braço ao redor de seus quadris, puxando-a ainda mais para perto de suas coxas rígidas.

Nick arrastou a boca com violência pela sua face, e até o sussurro saiu rouco de desejo.

— Moça, você não beija como nenhuma puritana — disse e colou os lábios mais uma vez nos dela. Aos poucos, relaxou a boca e afastou-a. Tremendo de excitação e medo, e já sem forças, Lauren encostou a testa no ombro dele. Afundava no abismo de desejo rápido demais e muito profundamente para libertar-se. Suas palavras seguintes o confirmaram: — Vamos para o Abrigo.

— Nick, eu...

Ele deslizou os braços dos quadris aos ombros dela, apertou-os e afastou-a alguns centímetros.

— Olhe para mim — pediu com delicadeza.

Lauren ergueu os olhos azuis, entorpecidos, para os prateados que a encaravam.

— Eu quero você, Lauren.

A declaração tranqüila e direta disparou-lhe chamas por todo o corpo.

— Eu sei — ela sussurrou, instável. — E isso me deixa muito feliz.

Os olhos de Nick sorriram com afetuosa aprovação daquela candura feminina, e ele levou a mão ao rosto de Lauren e deslizou-a amorosamente pela têmpora até a nuca.

— E...? — incentivou-a.

Lauren engoliu em seco, incapaz de desprender o olhar do dele nem de lhe mentir.

— E eu quero você — confessou trêmula.

Nick enfiou os dedos naqueles fartos cabelos e puxou-lhe a cabeça mais para perto da boca que descia ao seu encontro.

— Nesse caso — murmurou, com a voz pastosa —, por que continuamos em pé aqui fora?

— Ei, Nick! — Uma voz amistosa bramiu de poucos metros dali. — É você?

Lauren afastou-se de um salto, como se flagrada em algum ato indizível, e depois quase desatou a rir quando Nick tornou a puxá-la e disse sem se alterar:

— Sinclair já foi embora horas atrás.

— Não! Foi? Sabe por quê? — perguntou o homem, aproximando-se e espreitando-os desconfiado.

— Obviamente tinha coisa melhor a fazer — respondeu Nick, a fala arrastada.

— É o que vejo — concordou o recém-chegado de bom humor.

Após ter identificado sua presa, não mostrou qualquer inclinação a aceitar aquela rude insinuação e partir. Com um sorriso expressivo no rosto de queixo duplo, saiu saracoteando das sombras, obeso e moreno, e logo fez Lauren lembrar um urso de pelúcia. O paletó do smoking pendia aberto, a camisa de pregas desabotoada na gola e a gravata borboleta balançando solta no pescoço. Era... adorável, ela concluiu, quando Nick o apresentou como Dave Numbers.

— Como vai, sr. Numbers? — perguntou educada.

— Muito bem, mocinha — ele respondeu com um afável sorriso. Virou-se para Nick e informou: — Está rolando uma partida infernal de vinte e um a bordo do iate de Middleton. Bebe Leonardos acabou de perder vinte e cinco mil dólares. Tracy Middleton lança apostas de três mil por rodada, e George recebeu quatro do mesmo naipe em duas mãos diferentes. As probabilidades de isso acontecer são de quatro mil em uma, e duas vezes deve ser de uns...

Mantendo um sorriso amável no rosto, Lauren apoiou a cabeça no peito de Nick, encostando-se em busca de calor, enquanto fingia ouvir Dave Numbers resumir os resultados da jogatina em andamento. Não apenas sentia frio, ficava sonolenta, e a mão do companheiro subindo e descendo-lhe pelas costas numa

carícia indolente tinha um efeito quase hipnótico. Reprimiu um bocejo, depois outro, e minutos depois cerrou as pálpebras.

— Vou fazer a moça dormir de tédio, Nick — desculpou-se Numbers, enquanto falava das probabilidades de um jogo de futebol americano próximo.

Encabulada, Lauren endireitou-se e tentou abrir um sorriso animado no rosto sonolento, quando Nick observou com um laivo de humor:

— Acho que Lauren está pronta para ir para a cama. — O mais velho olhou-a e piscou para ele.

— Cara de sorte.

Com um breve aceno, virou-se e encaminhou-se em direção à casa.

Enlaçando-a, Nick abraçou-a com força junto ao tórax musculoso e enterrou o rosto nos cabelos perfumados.

— Vou, Lauren?

Ela aninhou-se mais perto no calor daqueles braços.

— Vai o quê?

— Ter sorte esta noite?

— Não — respondeu ela, sonolenta.

— Achei que não. — Ele deu uma risadinha, apoiado contra os cabelos dela. Inclinando-se para trás, encarou-lhe o rosto sonolento e balançou a cabeça, irônico. — Vamos... você está quase dormindo.

Passou a mão em volta dos ombros dela e começou a conduzi-la de volta à casa.

— Gostei do sr. Numbers — ela comentou. — O olhar de soslaio dele foi cheio de diversão.

— Acontece, na verdade, que ele se chama Mason. Numbers é um apelido.

— Um mago da matemática — observou Lauren em tom apreciativo. — E é muito simpático, amigável e...

— Um agenciador de apostas — interrompeu Nick.

— Um o quê? — Ela quase tropeçou de surpresa. Apesar da hora tardia, a casa continuava iluminada e a festa, num auge febril. — Essas pessoas não dormem nunca? — perguntou, quando Nick abriu a porta da frente e as ruidosas gargalhadas explodiram ao redor deles.

— Se puderem evitar, não — ele respondeu, inspecionando a cena. Perguntou a uma empregada qual quarto fora reservado a Lauren, então a levou ao andar de cima. — Vou ficar no Abrigo esta noite. Passaremos o dia lá amanhã... a sós. — Abriu a porta do quarto e acrescentou: — As chaves do carro estão com o mordomo. Você tem apenas de virar ao norte na saída do acesso de veículos e chegar à primeira estrada, menos de quatro quilômetros à esquerda. O Abrigo fica no fim dessa estrada e ele é a única casa ali. Impossível não vê-lo. Espero você às onze.

Essa arrogante suposição de que ela se dispunha de bom grado a ir ao Abrigo e fazer tudo o mais que ele quisesse, encheu-a de exasperada diversão.

— Não devia perguntar se eu quero ficar a sós com você lá? — Ele riu baixinho.

— Você quer. — Sorrindo-lhe como se Lauren fosse uma menina de nove anos, gracejou animado: — Se não quiser, pode virar ao sul na saída do acesso e rumar ao Missouri. — Enlaçando

os braços em volta dela, tomou-lhe os lábios num longo e ardente beijo. — Até às onze.

Irritada, Lauren o contradisse, de modo petulante: — A não ser que eu decida partir para o Missouri. — Depois que Nick saiu, ela afundou na cama, com um trêmulo sorriso involuntário nos lábios. Como podia um homem exibir tão revoltante autoconfiança, arrogância e ser tremendamente maravilhoso? Ocupara-se demais com os estudos, o trabalho e a música para sequer chegar a envolver-se com alguém, mas era adulta. Sabia o que desejava, e queria Nick. Ele era tudo que um homem devia ser — forte, educado, inteligente, sensato —, e tinha senso de humor, além de ser bonito e sexy.

Ergueu o travesseiro, envolveu-o nos braços, abraçou-o junto ao peito e esfregou o rosto na franha branca como se fosse a camisa dele. Nick estava jogando com o desejo, mas Lauren queria fazer com que também a amasse; queria conquistá-lo. Se pretendia fazer isso, e vir a tornar-se especial para ele, tinha de ser diferente das outras mulheres que Nick conhecera.

Deitou-se de costas e fitou o teto. Chegou à conclusão de que ele se sentia seguro demais quanto a ela. Por exemplo, saíra com total confiança de que ela iria para o Abrigo no dia seguinte. Uma boa dose de incerteza talvez o desestabilizasse e favorecesse sua causa. Por isso, iria atrasar-se o suficiente para fazê-lo achar que não apareceria. Onze e meia seria perfeito... a essa altura ele teria chegado à conclusão de que ela não iria ao seu enterro, mas não lhe restaria tempo para ir a outro lugar.

Com o travesseiro ainda envolto nos braços e o sorriso nos lábios, adormeceu. Dormiu com a paz interior e a profunda alegria

de uma mulher que sabe ter encontrado o homem cujo destino se ligava ao dela.

Capítulo 6

De acordo com seu plano de chegar ao abrigo um pouco atrasada, Lauren pediu as chaves do carro ao mordomo e encaminhou-se para o acesso de veículos às onze e meia da manhã, apenas para descobrir que pelo menos outros seis carros estavam bloqueando o dela.

Até identificarem os donos, encontrarem as chaves e retirarem os carros, já eram onze e quarenta e cinco, e ela ficara meio frenética. Tinha as mãos cerradas no volante ao girá-lo e tomar a estrada principal. E se ele tivesse decidido não esperar?

Segundo a exata orientação de Nick, a pouco menos de quatro quilômetros viu uma entrada de veículos asfaltada à esquerda com uma pequena tabuleta de madeira que dizia O Abrigo e virou nessa direção. Acelerou ladeira acima, afugentando para a densa floresta coelhos e esquilos, que correram assustados.

Uma casa em forma de L surgiu no campo visual ao fim da estradinha, uma espetacular construção de vidro e cedro bruto, que parecia ser a extensão de um penhasco, cuja vista dava para o

oceano Pacífico. Ela freou subitamente o carro ao lado da casa, pegou a bolsa e subiu correndo a larga entrada de azulejos até a porta da frente.

Tocou a campainha e esperou. Tocou-a de novo e esperou ainda mais. Quando a apertou a terceira vez, porém, já sabia que ninguém ia atender. Não tinha ninguém ali.

Virando-se, contemplou desanimada o pequeno gramado bem cuidado. Não fazia o menor sentido contornar a casa até os fundos, porque ela se empoleirava bem na beira de um penhasco, tendo atrás apenas uma íngreme encosta de uns trinta metros até a água e um impressionante terraço de cedro suspenso no ar.

Nick não quisera esperá-la por muito tempo, pensou amargurada. Quando não a viu chegar na hora, deve ter imaginado que ela partira para o Missouri. Não tinha carro consigo ali, portanto devia ter ido a algum lugar com o dono daquela casa magnífica.

Começou a retornar pelo mesmo caminho, sentindo-se muito idiota e com vontade de chorar. Não podia sentar-se nos degraus da entrada e torcer para que Nick voltasse e dormisse ali aquela noite, nem regressar à casa dos Middleton, pois estava lá como convidada dele. Devia saber que não seria nada bom tentar fazer jogos com um óbvio mestre nisso. Por causa de sua maquinação, ela acabaria por passar esse glorioso dia dirigindo de volta ao Missouri sozinha, afinal.

Engolindo o que estava entalado em sua garganta, Lauren abriu a porta do carro e pôs a bolsa no banco do carona. Ao parar para apreciar mais uma vez a estonteante beleza dos arredores, firmou o olhar em alguns degraus entalhados no penhasco rochoso

ao lado e ouviu um estranho ruído metálico bem lá embaixo. Era óbvio que os degraus formavam uma escada por entre as árvores até a praia, e tinha alguém lá. Com o coração martelando as costelas, ela desceu-a correndo.

No último degrau deteve-se, paralisada de alegria e alívio à visão da forma ágil e conhecida de Nick. Vestindo apenas um short branco de tenista, encontrava-se agachado e trabalhava no motor de um pequeno barco que fora puxado para a estreita meia-lua da faixa de areia da praia. Por um longo momento Lauren apenas o observou, com os olhos em deleite perante a pura beleza viril dos ombros largos, braços musculosos e das costas que se estreitam em sua parte inferior, brilhando como bronze untado de óleo.

Parada ali, viu-o interromper o trabalho no motor e verificar o relógio de pulso. Ele deixou cair o braço e girou devagar a cabeça para fitar algo à direita. Ficou tão imóvel que Lauren despregou afinal os olhos de seu perfil e acompanhou o seu olhar. Quando percebeu o que ele fizera, sentiu uma ternura vibrar por todo o corpo: estendera mantas na areia e pusera uma imensa barraca de praia atrás para protegê-las do sol. Uma toalha de mesa fora posta com todo o esmero acomodando porcelanas, taças de cristal e talheres de prata. Viam-se três cestas de piquenique afastadas num dos lados, e uma garrafa de vinho despontava da tampa aberta de uma delas.

Nick deve ter subido e descido uma dezena de vezes aqueles íngremes degraus, notou ela. Considerando que, alguns minutos antes, Lauren julgara que ele nem tinha se importado com ela o suficiente para esperá-la chegar, essa prova de como de fato se preocupara era duplamente comovente.

Não tanto assim, apressou-se a lembrar a si mesma, tentando, sem êxito, desfazer o sorriso do rosto. Afinal, o que de fato via era a cena preparada com todo o cuidado para seduzir... Tentativa de sedução, corrigiu, sorrindo por dentro.

Ajeitando a camiseta aveludada verde-claro de decote em V que combinava com os shorts, ela decidiu dizer algo espirituoso à guisa de saudação. E Nick, claro, agiria de forma muito descontraída e fingiria que nem notara que ela se atrasara. Com esse roteiro em mente, adiantou-se. Por infelicidade, não conseguiu pensar em nada espirituoso para dizer.

— Oi! — gritou alegre.

Agachado, ele girou devagar, ainda com a chave de fenda na mão. Passou os braços em volta dos joelhos curvados e encarou-a com frios e inescrutáveis olhos cinza.

— Está atrasada — disse.

A reação foi tão diferente do que imaginara que Lauren teve de reprimir uma risadinha aturdida ao encaminhar-se para ele.

— Achou que eu não vinha? — indagou, fazendo-se de inocente.

Nick ergueu as sobrancelhas escuras numa expressão sardônica.

— Não era isso que eu devia achar? — perguntou, não como pergunta, mas como fria acusação, e o primeiro impulso de Lauren foi negar.

Em vez disso, balançou a cabeça em assentimento, um irrepreensível sorriso provocando-lhe os lábios.

— Era — admitiu baixinho, vendo os frios olhos cinza se aquecerem com fascinado interesse. — Estava decepcionado?

No mesmo instante, arrependeu-se da pergunta, porque sabia que ele agora retaliaria com alguma frase ferina.

— Muito decepcionado — confessou tranqüilo.

Um traiçoeiro calor fluiu pelo sistema nervoso dela ao olhar dentro daqueles hipnóticos olhos cinza e, quando Nick largou a chave de fenda e levantou-se, ela recuou um passo, cautelosa.

— Lauren?

Ela engoliu em seco.

— Sim?

— Gostaria de comer primeiro?

— Primeiro — ela sussurrou rouca — ... antes do quê?

— Antes de sairmos para velejar — respondeu Nick, examinando-a perplexo.

— Ah, velejar! — A respiração saiu numa risada. — Sim, obrigada, adoraria comer primeiro. E adoraria velejar.

Capítulo 7

Lauren jamais tivera um dia tão glorioso quanto aquele. Nas duas horas seguintes ao início do passeio, nascera uma afetuosa camaradagem entre os dois: camaradagem formada por comentários espontâneos e risos compartilhados, pontuados por longos e calmos silêncios.

Nuvens brancas e fofas decoravam o brilhante céu azul, e o vento colhia a vela, enviando o barco em silêncio pela água. Ela viu uma gaivota grasnar acima, e depois deu uma olhada em Nick, sentado à cana do leme da frente. Ele sorriu e ela retribuiu o sorriso, depois tornou a erguer o rosto para o céu, deleitando-se no calor do sol dourado e sabendo que Nick olhava para ela, indolentemente e com admiração.

— Podíamos jogar a âncora aqui, tomar banho de sol e pescar um pouco. Gostaria? — perguntou Nick.

— Eu adoraria.

Lauren viu-o levantar-se e começar a recolher a vela.

— Vamos fisgar algumas percas para o jantar — ele disse, minutos depois, ao montar duas varas de pesca. — A pesca de salmão também é forte aqui, mas precisaríamos de um dispositivo com manivela para baixar uma linha com um chumbo mais pesado em profundidade maior constante.

Lauren pescara com o pai muitas vezes às margens de verdejantes enseadas e rios do Missouri, mas nunca num barco. Ela não fazia a mínima ideia do que seria um “dispositivo com manivela para baixar uma linha com um chumbo mais pesado em profundidade maior constante”, mas pretendia descobrir. Se Nick gostava de pescar em barcos, ela também aprenderia a gostar.

— Peguei um — ele gritou meia hora depois, quando a linha se retesou com um zunido vibrante.

Lauren largou sua vara e correu até a outra ponta do barco, dando instruções aos gritos, sem pensar:

— Firme o anzol! Mantenha a ponta da vara para cima. Não deixe a linha afrouxar. Ele está correndo... solte a trava.

— Santo Deus, como você é mandona! — Nick riu, e ela percebeu, com um sorriso pesaroso no rosto, que ele manejava o peixe com perícia. Alguns minutos depois, Nick apoiou-se na borda do barco e colocou a grande perca numa rede presa a um cabo longo. Como um orgulhoso menino exibindo seu troféu a alguém especial, ergueu o peixe que se debatia para Lauren apreciá-lo melhor. — Bem, o que acha?

Bastou uma olhada naquela expressão pueril, nas feições talhadas a cinzel, que o amor a desabrochar em Lauren irrompeu em total florescimento. “*Você é maravilhoso*”, ela pensou.

— É um peixe maravilhoso! — disse.

E naquele momento de aparente despreocupação, tomou a mais importante decisão da sua vida. Nick já lhe conquistara o coração; era correto que essa noite também recebesse o seu corpo.

* * *

O sol se punha numa labareda carmesim quando ele afrouxou a vela e os dois começaram a fazer o caminho de volta. Lauren sentiu mais uma vez em si o olhar do parceiro quando ele se sentou à cana do leme, de frente para ela à luz da tarde que esmorecia. Começava a ficar frio e ela dobrou as pernas junto ao corpo, envolvendo-as com os braços. Resolvera por completo na sua mente a questão de como passariam a noite, mas a ideia de que ia dar um passo tão irrevogável com um homem a quem adorava, mas sobre o qual tão pouco sabia, a preocupava.

— Em que está pensando? — perguntou Nick, tranqüilo.

— Que sei muito pouco sobre você.

— Que gostaria de saber?

Era a abertura que Lauren queria com tanto desespero.

— Bem, para começar, como passou a conhecer Tracy Middleton e os convidados da festa dela?

Como se para retardar a resposta, Nick retirou um cigarro do maço no bolso e enfiou-o entre os lábios. Riscou um fósforo e curvou as mãos sobre a chama, acendendo-o.

— Tracy e eu crescemos juntos, morávamos em casas vizinhas — respondeu, apagando o fósforo com uma destra sacudidela do pulso. — Perto de onde fica hoje o restaurante de Tony.

Lauren surpreendeu-se. O restaurante onde haviam almoçado ficava no que era agora um bairro no centro da cidade elegantemente restaurado. Mas quinze ou vinte anos atrás, durante o crescimento de Nick e Tracy, não poderia ter sido de modo algum um lugar muito agradável.

Ele observou as emoções oscilarem nas feições dela e pareceu adivinhar o rumo de seus pensamentos.

— Tracy se casou com George, que tem quase o dobro de sua idade, para escapar do antigo bairro.

Com toda a cautela, Lauren abordou o assunto que Nick evitara antes e que mais a interessava:

— Nick, você disse que seu pai morreu quando você tinha quatro anos, e que seus avós o criaram. Mas que aconteceu com sua mãe?

— Nada aconteceu com minha mãe. Voltou a morar com os pais dela, no dia seguinte ao do enterro de meu pai.

Estranho... sua completa indiferença a alertou e a fez examiná-lo com cuidado. Tinha o rosto tranqüilo, uma máscara neutra. Tranqüilo e impassível até demais, pensou ela. Não queria bisbilhotar, mas começava a se apaixonar por esse homem entusiasmado, fascinante, enigmático, e precisava, com desespero, entendê-lo. Hesitante, perguntou:

— Sua mãe não o levou com ela?

A concisão do tom de Nick advertiu-a de que não o agradava o rumo da conversa, porém ele respondeu mesmo assim:

— Minha mãe era uma mulher rica e mimada de Grosse Pointe, que conheceu meu pai quando ele foi à casa de sua família consertar uma fiação elétrica. Um mês e meio depois, rompeu com

o noivo sem graça, mas muito rico, e casou-se, em vez disso, com meu pai, que era orgulhoso, mas muito pobre. Parece que ela se arrependeu quase em seguida. Meu pai insistia que minha mãe vivesse com o que ele ganhava, e ela o odiava por isso. Mesmo quando os negócios dele melhoravam, minha mãe desprezava a vida que levava e desprezava-o.

— Então por que não o deixou?

— Segundo meu avô — respondeu Nick secamente —, numa área ela achava meu pai irresistível.

— Você se parece com seu pai? — perguntou Lauren por impulso.

— Quase idêntico, me disseram. Por quê?

— Por nada — disse ela. Mas teve uma deplorável sensação de que entendia a exata área em que o pai dele devia ter sido irresistível para a mãe. — Continue a história, por favor.

— Não tem muito mais para contar. No dia seguinte ao do enterro, ela anunciou que queria esquecer a esquálida vida que levava e mudou-se para a casa dos pais em Grosse Pointe. Três meses depois, casou-se com o ex-noivo, e em um ano teve outro filho... meu meio-irmão.

— Mas ela vinha visitar você, não?

— Não.

Horrorizou-a a ideia de uma mãe abandonar o filho e depois viver no luxo a apenas poucos quilômetros dele. Grosse Pointe era onde os Whitworth também moravam, e não ficava longe do bairro onde Nick fora criado.

— Quer dizer que nunca mais a viu?

— Via de vez em quando, mas apenas por acaso. Uma noite, ela apareceu no posto de gasolina onde eu trabalhava.

— O que ela disse?

— Pediu que eu verificasse o óleo — respondeu Nick, imperturbável.

Apesar da aparente atitude de total indiferença, Lauren não podia acreditar que, quando jovem, Nick fosse tão invulnerável assim. Sem dúvida o fato de a própria mãe tratá-lo como se ele não existisse deve ter lhe causado um terrível sofrimento.

— Isso foi tudo que ela disse? — perguntou, firmemente. Alheio ao fato de que Lauren não partilhava o irônico humor dele quanto à história, respondeu:

— Não... acho que me pediu para calibrar os pneus também.

Embora Lauren mantivesse a voz neutra, por dentro sentia-se mal. Lágrimas aferroavam-lhe os olhos e ela ergueu a cabeça para o céu que se tornava lilás a fim de escondê-las, fingindo ver as nuvens rendadas flutuarem acima da lua.

— Lauren? — ele chamou com a voz seca.

— Hummm? — fez ela, os olhos cravados na lua.

Nick curvou-se, tomou-lhe o queixo e girou o rosto para o dele. Notou os olhos marejados, em aturdida descrença.

— Você está chorando! — comentou incrédulo. Lauren acenou-lhe com a mão fazendo pouco caso do fato.

— Não ligue para isso... também choro em filmes.

Nick desatou a rir e puxou-a para o colo. Ela teve um estranho sentimento materno ao passar o braço em volta dele e afagar-lhe de modo confortador os volumosos cabelos escuros.

— Suponho — disse com a voz trêmula — que enquanto você crescia, seu irmão tinha todo tipo de coisas com as quais você só podia sonhar. Carros novos e tudo o mais.

Erguendo-lhe o queixo, Nick sorriu para aqueles entristecidos olhos azuis.

— Eu tinha avós maravilhosos, e garanto-lhe que não guardo quaisquer cicatrizes emocionais do que aconteceu com minha mãe.

— Claro que guarda... qualquer um guardaria! Ela o abandonou, e depois, quase diante de você, esbanjou atenção para o outro filho...

— Pare com isso — ele provocou — ou vai me levar às lágrimas.

Com tranqüila gravidade, Lauren explicou:

— Eu chorava pelo menino que você era então, não pelo homem que é agora. Apesar de tudo que aconteceu... não, por causa disso... você se tornou um homem forte, independente. Na verdade, quem deve se lamentar é seu meio-irmão.

Nick riu:

— Você tem razão, ele não passa de um idiota. — Lauren ignorou o humor dele.

— O que quis dizer é que você teve sucesso sozinho, sem pais ricos para ajudá-lo. Isso o torna um homem maior que seu meio-irmão.

— Por isso sou maior? — ele brincou. — Sempre achei que era por causa de meu gene. Sabe, meu pai e meu avô eram homens altos...

— Nick, estou tentando ser séria!

— Desculpe.

— Quando você era jovem, deve ter sonhado em se tornar rico e bem-sucedido como o marido e o filho de sua mãe.

— Mais rico — confirmou Nick. — E mais bem-sucedido.

— Então foi para a faculdade e conseguiu o diploma de engenharia — concluiu ela. — Depois, o que você fez?

— Quis abrir minha própria empresa, mas não tinha dinheiro suficiente.

— Que pena — disse Lauren, solidária.

— E também basta da história de minha vida, por hora — ele concluiu, evasivo. — Estamos quase chegando.

Capítulo 8

A afetuosa intimidade que se criara entre eles ao velejarem de volta continuava a envolvê-los enquanto jantavam à luz da clarabóia no terraço de cedro suspenso acima do penhasco.

— Não se incomode — disse Nick, quando Lauren levantou-se com a intenção de tirar a porcelana e os cristais da mesa. — A governanta cuidará disso pela manhã.

Pegou uma garrafa de Grand Marnier e serviu o licor em dois frágeis cálices. Entregou um a ela e recostou-se na cadeira. Levando o seu aos lábios, contemplou-a por cima da borda.

Lauren girou a haste do cálice entre os dedos, tentando ignorar a atmosfera de expectativa que pairava sobre os dois. Seu tempo esgotava-se; Nick satisfizera-lhes a fome física, e agora se preparava, indolente, para satisfazer-lhes a fome sexual. Lauren percebia isso na forma de ele demorar o olhar possessivo em suas delicadas feições, ali sentado à sua frente, enquanto conversavam.

Ela levou o cálice aos lábios e tomou um gole fortificante da bebida de laranja e conhaque. A qualquer momento ele ia levantar-

se e levá-la para dentro. Ela ergueu os olhos quando ele acendeu um cigarro. No brilho tremeluzente da clarabóia, as bonitas feições morenas pareciam misteriosas e quase predatórias. Um calafrio em parte de medo e em parte de excitação subiu-lhe pela espinha.

— Está com frio? — perguntou Nick em voz baixa. Lauren apressou-se a fazer que não com a cabeça, temendo que ele logo sugerisse que entrassem. Então percebeu que ele devia tê-la visto estremecer e acrescentou:

— Quer dizer, senti um friozinho ainda há pouco, mas está tão gostoso aqui fora que ainda não suporto a ideia de entrar.

Vários minutos depois, Nick apagou o cigarro e afastou a cadeira da mesa. Lauren sentiu o coração disparar. Esvaziou o cálice e estendeu-o na direção dele.

— Quero mais um pouco.

Viu um lampejo de surpresa na expressão dele, mas a satisfação e serviu mais Grand Marnier em ambos os cálices, e depois tornou a sentar-se na cadeira, observando-a abertamente.

Nervosa demais para receber o olhar dele, ou sustentá-lo, ela levantou-se, deu um sorriso trêmulo e encaminhou-se até a beirada do terraço, para contemplar do outro lado da água escura as luzes que piscavam nas colinas. Queria agradá-lo sempre, e de todas as maneiras, mas e se essa noite fosse um fracasso? Nick exibia tão assustadora virilidade e tão gritante experiência que a virgindade e a inexperiência dela talvez lhe parecessem um transtorno.

A cadeira de Nick arranhou a madeira do terraço, e Lauren ouviu-o aproximar-se e parar bem atrás dela. Pôs-lhe as mãos nos ombros e a fez sob ressaltar-se.

— Você está com frio — murmurou, puxando-a para junto do peito e envolvendo-a com os braços para aquecê-la. — Melhor assim? — perguntou, com os lábios nos cabelos cor de mel. A pressão daquelas pernas e coxas apertadas contra si roubou-lhe o poder de fala. Lauren balançou a cabeça e pôs-se a tremer descontrolada. — Você está tremendo. — Transferiu as mãos para a cintura e virou-a com delicada insistência em direção à casa. — Vamos lá para dentro, onde está quente.

Lauren sentia-se tão nervosa que só percebeu que as portas de vidro deslizantes para as quais o anfitrião a levou não eram as que se davam para a saída quando entrou e viu-se num luxuoso quarto decorado em tons de caramelo, branco e marrom. Parou atônita, com os olhos cravados na imensa cama do outro lado do aposento. Ouviu-o fechar a porta de vidro com uma pancada final, mortal, e enrijeceu o corpo todo.

Por trás, Nick deslizou o braço pela sua cintura e puxou a rígida forma para si. Com a outra mão, afastou-lhe os sedosos e pesados cabelos e expôs-lhe o pescoço. A respiração de Lauren tornou-se rasa e rápida quando sentiu os lábios na nuca e depois deslizarem para a orelha, ao mesmo tempo que ele começou a mover as mãos, indolentes, pela região da barriga dela e subindo.

— Nick — ela protestou, — eu... eu ainda não me sinto muito cansada.

— Bom, — sussurrou ele, enquanto lhe traçava com a língua as dobras da orelha. — Porque vai levar horas até eu deixar você dormir.

— O que eu queria dizer era... — Lauren arquejou quando o sentiu mergulhar a língua no fundo de sua orelha, disparando-lhe

calor pelas pernas. — O que eu queria dizer... — esclareceu trêmula — é que ainda não estou pronta para... para ir pra cama.

A profunda voz dele agiu nela como um afrodisíaco:

— Esperei uma eternidade por você, Lauren. Não me peça para esperar mais.

O sentido que ela interpretou nessas palavras eliminou as últimas dúvidas sobre a profundidade do que ele de fato sentia por ela, e a exatidão do que ela fazia. Assim, não empreendeu ação alguma para impedi-lo quando Nick deslizou as mãos sob a blusa aveludada, mas quando ele a retirou e virou-a de frente para olhá-lo, tinha o coração disparado loucamente.

— Olhe para mim — incentivou-a baixinho.

Lauren tentou erguer os olhos e não conseguiu. Engolia convulsivamente em seco.

Deslizando as mãos para os cabelos dela, ergueu-lhe o rosto em sua direção, com os hipnóticos olhos cinza cravados no fundo dos dela.

— Vamos fazer isso juntos — tranquilizou-a. Tomando-lhe a mão, colocou-a contra a frente do seu peito. — Desabotoe minha camisa — incitou-a, delicado.

Em algum lugar na caótica turbulência em que estava sua mente, Lauren percebeu que Nick na certa achava que aquela hesitação era porque outros amantes menos experientes não lhe haviam ensinado as preliminares certas para o ato sexual, e ele agora tentava orientá-la.

Baixou os cílios curvados e projetou sombras nas faces ruborizadas ao cumprir a ordem com dedos que haviam ficado desajeitados por uma mistura de pânico e alegria. Ele

desenganchou-lhe com destreza o sutiã de renda, ela desabotoou devagar cada um dos botões da camisa dele, intensificando, sem o saber, a excitação dele com sua lentidão.

Os dedos dela moviam-se com vontade própria, abrindo-lhe a camisa e expondo-lhe o bronzeado peito musculoso. Era tão lindo e todo seu para tocá-lo, pensou Lauren, tão inebriada ao se dar conta disso que mal notou quando ele lhe retirou o sutiã pelos braços.

— Toque-me — ordenou Nick, enrouquecido.

Lauren não precisava mais de encorajamento nem de instrução. Guiada por amor e instinto, deslizou as mãos, acariciou-lhe os pelos escuros do tórax e curvou-se para beijar-lhe a carne dura e musculosa. Um arrepio correu por todo o corpo dele ao primeiro roçar daqueles lábios e o fez afundar a mão livre nos cabelos macios da nuca de Lauren, erguendo a cabeça. Por um momento apenas a encarou, com os olhos ardentes do desejo que vinha reprimindo, e então baixou a cabeça.

Com os lábios quentes e de uma refinada delicadeza a princípio, saboreou e moldou os delas. Então os separou devagar e começou a explorar-lhe a boca com a língua, com uma fome tão lânguida que a enlouqueceu de prazer.

Ela arqueou-se contra o amado, deslizando as mãos pelo peito nu, e levou-o a erguer a cabeça. Os olhos cinzentos em chamas arderam olhando para os dela, vendo apenas o próprio desejo refletido naquelas profundezas azuis. Respirou com dificuldade, tentando visivelmente controlar a paixão, e perdeu a batalha.

— Deus do céu, eu quero você! — disse, feroz, e pressionou-lhe os lábios contra os seus, exigentes. Após separá-los com a

língua, mergulhou naquela boca num beijo que disparou chamas explosivas por todo o corpo de Lauren.

Ela gemeu, acomodou-se naquelas coxas endurecidas, e ele moveu as mãos pelo corpo dela, deslizou-as pelas laterais dos seios, pelas costas, e então mais embaixo, forçando-a a comprimir os quadris no latejante calor da virilidade intumescida entre as suas pernas.

A Terra tremeu quando a agarrou entre os braços, devorando-lhe a boca com a sua enquanto a deitava na cama. Também se deitou e cobriu-lhe o corpo com o seu.

Tomou-lhe os seios nus nas mãos, estimulou os mamilos em dolorosa rigidez e fechou os lábios neles. Retornou aos lábios dela, abriu-lhe a boca faminta com a sua, explorou-a, com mãos experientes, excitou-a e atormentou-a, banhando-lhe os sentidos num caleidoscópio de ardorosos prazeres eróticos que fez pulsar uma quente necessidade em cada nervo do palpitante corpo de Lauren.

Deslocou-se então para cima dela e alguma coisa excitante e feroz agitou-se bem no seu íntimo, pronta para acolhê-lo. Mas no momento em que Nick lhe abriu caminho entre as pernas e separou-as, seu corpo todo se enrijeceu de involuntário susto.

— Nick! — ela arquejou, apertando uma perna contra a outra.
— Nick, espere, eu...

Ele rejeitou a sua tardia recusa com duas palavras roucas:

— Não, Lauren.

O desejo desprendido dessa voz abalou-lhe a resistência, e ela enlaçou os braços apertados nos largos ombros dele, puxou-o para si e ergueu os quadris a fim de acolhê-lo. Nick mergulhou de corpo

inteiro nela, enterrando-se na acolhedora maciez com uma destreza que causou a Lauren apenas um instante de dor, logo esquecida quando ele começou a mover-se com atormentadora lentidão dentro dela.

— Espero você há apenas poucos dias, mas parece uma eternidade — declarou, a voz áspera, e começou a intensificar o ritmo dos impetuosos mergulhos, levando-a cada vez mais próxima do pico, até o amor e a paixão de Lauren explodirem afinal em vibrante êxtase.

Estreitou os braços em volta dela e, com um mergulho final, uniu-se a ela no ensandecido e delicioso esquecimento para onde a enviara...

Descendo como de um sonho da euforia enevoada em que flutuava, saciada e feliz, Lauren aos poucos tomou consciência do calor que emanava do corpo ao seu lado, e do peso da mão descansando em cima de sua barriga. Mas ali deitada, começou a sentir uma vaga inquietação infiltrar-se na mente confusa. Tentou impedi-la de entrar, afastá-la do regozijo do momento, mas era tarde demais. Lembrou-se de que ele a mantivera nos braços cerrados, mergulhando o corpo no dela quando sussurrara: *“Espero você há apenas poucos dias, mas parece uma eternidade.”*

O seu etéreo contentamento deu lugar à adversa realidade. Interpretara mal o sentido das palavras dele quando lhe dissera que vinha esperando uma eternidade por ela. O verdadeiro sentido era que os poucos dias que ele tivera de esperar para fazer amor com ela pareceram uma eternidade. Isso não mudava seus sentimentos por ele, mas a deixava inquieta.

Ele teria notado a sua virgindade? Como reagiria? E se perguntasse por que ela decidira aceitar fazer amor com ele? Com certeza, não ia dizer-lhe a verdade ainda que estava apaixonada e queria que ele a amasse.

Lauren resolveu que teria de evitar o assunto. Hesitante, abriu os olhos.

Deitado de lado, apoiado no cotovelo, Nick encarava-a intensamente. Parecia intrigado, em dúvida e divertido...

Ele notara. E, a julgar por sua expressão, pretendia conversar a respeito.

Lauren rolou para longe daquele olhar e logo se sentou de costas para ele. Pegando a camisa dele, largada ao pé da cama, enfiou os braços nas mangas num esforço de cobrir a nudez.

— Eu adoraria um pouco de café — murmurou, agarrando-se a isso como uma desculpa para fugir às possíveis perguntas. — Vou fazer um pouco.

Levantou-se e olhou-o, depois enrubesceu ao vê-lo deslizar o olhar por suas pernas longas e bem torneadas, antes de erguê-lo para o rosto.

Jamais se sentira tão envergonhada como naquele momento parada ali, nua em pelo dentro da volumosa camisa dele.

— Você... você não se incomoda que eu use sua camisa, se incomoda? — perguntou, atrapalhando-se com os botões.

— De modo nenhum, Lauren. — Foi a solene resposta, mas com um brilho risonho nos olhos. O divertimento dele era tão enervante que as mãos de Lauren começaram a tremer. Concentrando-se em enrolar os punhos das mangas, ela perguntou:

— Como você gosta?

— Exatamente como fizemos.

Ela disparou-lhe um olhar e o rubor nas faces intensificou-se.

— Não — corrigiu, com uma rápida e nervosa sacudida da cabeça. — Quer dizer, como gosta de seu café?

— Puro.

— Você... quer um pouco?

— Um pouco do quê? — perguntou Nick, insinuante, rindo com uma expressão perversa.

— De café!

— Quero, obrigado.

— Pelo quê? — gracejou Lauren, maliciosa, depois girou nos calcanhares e saiu apressada antes que ele pudesse responder.

Apesar de sua ousadia ao sair do quarto, sentia-se precariamente à beira das lágrimas quando entrou na cozinha e acendeu as luzes. Nick ria dela, que jamais esperara esse tipo de reação dele. Fora assim tão sem jeito, mostrara tão desengonçada inexperiência?

Atrás de si, ouviu-o entrar na cozinha e logo se ocupou em colocar café no coador.

— Por que esses armários estão tão vazios? A não ser o que comemos à noite, não há mais comida.

— Porque a casa foi posta à venda — ele respondeu, instalando as mãos firmes na cintura dela até comprimir o tecido de sua calça jeans na parte de trás das pernas nuas de Lauren. — Por que você não me disse? — perguntou em voz baixa.

— Disse o quê? — fez-se de desentendida.

— Você sabe muito bem.

Ela fitou pela janela acima da pia.

— Na verdade, eu acabei me esquecendo.

— Errado. — Nick riu. — Tente de novo.

— Porque o assunto nunca veio à tona — ela respondeu, com um encolher de ombros indiferente — e porque achei que você não fosse notar.

— O assunto nunca veio à tona — repetiu ele em tom seco — porque virgens de vinte e três anos nos dias de hoje são raríssimas. E virgens de vinte e três anos com a sua aparência, mais raras ainda. Quanto ao resto... bem, foi claro como o sol.

Lauren virou-se para encará-lo, examinando-o com curiosos olhos azuis.

— Mas antes de... desse ponto, você não percebeu que eu não tinha... não tinha... antes?

— Jamais me ocorreu que você fosse virgem até ser tarde demais para fazer alguma diferença para qualquer um de nós. — Abraçando-a, ele acrescentou: — Mas você devia ter me dito antes de irmos para a cama.

— Se eu tivesse dito, você teria mudado de ideia? — perguntou Lauren, adorando o som da voz e os braços dele à sua volta.

— Não, porém teria sido mais delicado com você. — Recuando, encarou-a com genuína perplexidade. — Por que eu teria mudado de ideia?

— Não sei — resmungou, nervosa. — Achei que talvez tivesse, bem, reservas sobre... sobre...

— Sobre o quê? — zombou Nick, tolerante. — Sobre “roubar” alguma coisa que pertence ao seu futuro marido? Não seja ridícula. Ele não vai esperar que você seja virgem; os homens não valorizam

mais a virgindade. Não queremos nem esperamos que uma mulher seja inexperiente. Também somos liberais, sabe? Você tem os mesmos desejos físicos que eu, Lauren, e o direito de satisfazê-los com quem desejar.

Cautelosa, ela baixou os olhos para o medalhão de ouro pendurado numa comprida corrente também de ouro que pendia do pescoço dele e perguntou:

— Você já gostou, gostou de verdade, de algumas das mulheres que teve na vida?

— De algumas delas, sim.

— E não se incomodava com o fato de que haviam tido relações sexuais com outros homens?

— Claro que não.

— Isso parece uma atitude muito... insensível...

Nick baixou os olhos e manteve-os nos tentadores montículos dos seios dela.

— Se eu dei a você a impressão de que sou insensível, acho que é hora de voltarmos para aquele quarto.

Lauren perguntou-se se aquela deliberada interpretação que ele dera do uso da palavra insensível devia-se a querer evitar o assunto. Se tivesse amado de verdade aquelas mulheres, não teria se sentido possessivo em relação a elas? Se realmente se importasse com ela, não ficaria satisfeito em saber que fora o único homem com quem ela fizera amor? Ergueu os olhos azuis aflitos para os dele.

— Nick?

Ele olhou para a delicada e jovem beldade a quem abraçava. Tinha o rosto emoldurado por ondas soltas de um mel queimado, a

boca macia e generosa, e os seios fartos lhe pressionavam sedutoramente o peito nu. Abraçou-a com mais força e curvou a cabeça.

— Que foi? — murmurou, mas abriu a boca, num beijo profundo e inebriante que lhe silenciou a voz.

Um pouco depois do amanhecer, Lauren rolou na cama e viu os cabelos escuros de Nick no travesseiro ao lado. Com um onírico sorriso de satisfação, fechou os olhos e mergulhou de volta no sono profundo de jubilosa exaustão. Só tornou a acordar quando ele pôs uma xícara de café na mesinha de cabeceira ao lado e sentou-se na cama.

— Bom-dia — ela disse, desfazendo o sorriso quando o viu já de banho tomado, barbeado e metido numa calça larga, feita sob medida, e uma camisa cinza com a gola aberta. — Algum problema? — perguntou, agarrando o lençol junto aos seios ao esforçar-se para levantar, lutando para livrar-se dos travesseiros.

Sentia-se sem graça, nua diante de Nick, todo vestido, mas ele parecia inteiramente alheio àquele mal-estar. Na verdade, parecia alheio à nudez dela.

— Lauren, receio que vamos ter de encurtar o dia de hoje. Um... um parceiro de negócios ligou esta manhã e chegará aqui dentro de uma hora. Encontrarei outra carona de volta à cidade.

Lauren sentiu uma terrível decepção, mas, quarenta minutos depois, quando Nick a acompanhou até o carro, a decepção intensificara-se, transformando-se em confusa inquietação. O amante sedutor, passionai, da noite anterior, desaparecera. Nesta manhã, continuava amistoso, mas impessoal, tratando-a como se

houvessem passado uma noite agradável, porém sem importância, jogando baralho, e não fazendo amor. Ou seria assim que os homens sempre agiam depois? Na certa, talvez ela apenas estivesse demasiado sensível, concluiu, parando junto ao carro e virando-se para ele.

Esperava que Nick a tomasse nos braços e lhe desse um beijo de despedida. No entanto, ele pôs as mãos nos bolsos, lançou-lhe um olhar franco, aberto, e disse:

— Lauren, você tomou precauções contra as possíveis conseqüências de ontem à noite?

Gravidez! O rosto dela parecia em chamas quando fez que não com a cabeça. Sentiu que a resposta o irritou, mas a voz dele saiu calma e inalterada:

— Se houver conseqüências, quero que me informe. Nem tente fazer tudo sozinha. Promete que me contará?

Sem graça demais para falar, ela assentiu com a cabeça, quando ele abriu a porta do carro para ela. Ainda engrenando a marcha a ré, Lauren viu-o retornar, a passos largos, casa adentro.

Olhou o relógio no painel, enquanto atravessava as longas faixas de terras cultivadas de Indiana. *“Se houver conseqüências, quero que me informe.”* Me informe... Revolvia sem parar as últimas palavras na mente.

Na véspera, quando conversavam sobre a mudança dela, conseguira passar a informação casual de que estaria de volta a Detroit na sexta-feira, e nesse meio-tempo o telefone ia ser instalado em seu nome. Nick poderia encontrá-la na sexta simplesmente pegando o telefone e perguntando à telefonista o

novo número, e ele sabia disso. Por que fizera parecer que os dois não falariam um com o outro, a não ser que ela precisasse encontrá-lo para dizer-lhe que estava grávida?

Em certo aspecto, sentia-se como uma qualquer que fora usada e jogada fora. Os dois haviam se divertido juntos e passaram a conhecer-se; ela sentira-se tão próxima dele... com certeza ele também sentira essa proximidade. Claro que não pretendia simplesmente dar o fora e esquecê-la.

Amava-o, e sabia que ele gostava dela. Talvez já tivesse começado a amá-la... Talvez fosse por isso que se tornara tão distante e impessoal esta manhã! Após trinta e quatro anos de independência e de ter sido abandonado pela própria mãe, não gostaria de sentir-se dependente de uma mulher para ser feliz. Quanto mais sentisse que estava se entregando, mais lutaria contra esse sentimento, concluiu Lauren.

Um róseo pôr do sol riscava o céu quando ela cruzou o rio Mississippi em direção ao Missouri. Estava exausta, mas otimista. Quando retornasse a Detroit na sexta, Nick lhe telefonaria. Talvez adiasse até sábado ou domingo, porém, com certeza, não por mais tempo.

Capítulo 9

O otimismo de Lauren não a deixou durante os movimentados dias de empacotamento dos pertences e arrumação das malas, e desabrochou em excitada expectativa na quinta-feira de manhã, quando se despediu do pai e da madrasta com um aceno da mão e partiu para Michigan.

Com as indicações dadas por Philip Whitworth, não teve dificuldades para localizar o elegante condomínio residencial de Bloomfield Hills naquela noite. De fato, teve alguma dificuldade para acreditar que iria morar mesmo ali. Passava por uma casa magnífica depois da outra. Espetaculares casas de pedra e vidro ficavam bem afastadas da rua arborizada, em parte ocultas pelo esmerado paisagismo; mansões estilo Tudor estendiam-se ao lado de imensas casas coloniais georgianas de pilares brancos.

Eram dez horas da noite quando parou diante dos portões de um condomínio fechado com lindas residências em estilo espanhol de tirar o fôlego. O porteiro saiu e examinou-a pela janela aberta do carro. Ao ouvi-la dar o nome, disse:

— O sr. Whitworth entrou com o carro há meia hora, senhorita. — Depois de levar Lauren até a rua em que iria morar, respeitosamente levou os dedos à aba do chapéu e acrescentou: — Como é uma nova moradora, se eu puder ser de alguma ajuda, basta me avisar.

Lauren esqueceu seu cansaço depois de estacionar diante de um adorável pátio com entrada arqueada que exibia o número 175. Philip prometera mostrar-lhe os arredores e parara o Cadillac no acesso que levava à garagem privada.

— Bem, o que acha? — ele perguntou meia hora depois, quando terminou a visita ao luxuoso apartamento.

— Acho maravilhoso — disse Lauren, levando uma das malas ao quarto, onde uma parede inteira espelhada ocultava o espaço do armário. Abriu uma porta e desviou o olhar, estupefato, para Philip. — Que faço com essas roupas? — Aquela e cada porta aberta achavam-se lotadas de deslumbrantes conjuntos e vestidos de linho, seda e crepe. Ela reconheceu algumas das marcas de estilistas, enquanto outras peças pareciam ser originais de Paris. A maioria das roupas ainda conservava as etiquetas e era óbvio que nunca haviam sido usadas. — Sua tia sem dúvida tem um gosto juvenil para roupas — comentou.

— Minha tia é uma consumidora compulsiva — explicou Philip, desinteressado. — Liguei para alguma instituição de caridade e mandarei vir buscar todas essas coisas.

Lauren correu a mão por um bonito blazer de veludo vinho e olhou a etiqueta pendendo da manga. Não apenas a mulher tinha um gosto muito jovem para roupas, como também usava o mesmo tamanho que ela.

— Philip, você pensaria na possibilidade de me deixar comprar algumas dessas roupas?

Ele encolheu os ombros.

— Pegue o que você quiser e dê o resto; vai me poupar o trabalho — disse, já se dirigindo à escada para a sala de estar no andar de baixo.

Lauren apagou as luzes e seguiu-o.

— Mas são roupas muito caras...

— Sei quanto custam — interrompeu-a, irritado. — Paguei por elas. Pegue o que quiser... são suas. — Após ajudá-la a carregar o resto das coisas do carro, virou-se para ir embora. — Aliás — parou com a mão na maçaneta da porta —, minha mulher não sabe que comprei esta casa para minha tia. Carol acha que meus parentes se aproveitam de mim em termos financeiros, por isso jamais comentei com ela. Ficaria grato se você não comentasse nada também.

— Sim, claro, não vou dizer nada. — prometeu Lauren. Depois que ele partiu, ela fitou o luxuoso apartamento que era agora seu lar, a lareira de mármore, as valiosas antiguidades e os graciosos móveis estofados de seda. O apartamento parecia ter sido decorado para um layout de revista. A visão das roupas atraentes penduradas nos armários no andar de cima ficou acima de tudo em sua mente. *“Minha mulher não sabe que comprei esta casa para minha tia... por isso, ficaria grato se você não comentasse nada...”*

Um sorriso astuto iluminou-lhe devagar o rosto quando tornou a olhar a bela sala e balançou ironicamente a cabeça. Tia nada... era amante dele! Em algum momento no passado recente, Philip

Whitworth devia ter tido uma amante. Lauren afastou a questão com um dar de ombros; não tinha nada a ver com isso.

Encaminhou-se até o telefone e suspirou de alívio quando ouviu o sinal de discagem. O telefone estava funcionando. O dia seguinte era sexta-feira, e Nick talvez telefonasse.

* * *

Cedo na manhã seguinte, sentou-se à mesa da cozinha, para fazer a lista de compras. Além dos itens essenciais, precisava de dois especiais para quando Nick aparecesse: uísque e Grand Marnier. Pegando sua bolsa, olhou de relance para o telefone. A ideia de que ele talvez não telefonasse revolveu-lhe a mente, mas ela afastou-a. Nick desejara-a com muita intensidade em Harbor Springs, e deixara isso óbvio. Quando nada, o desejo sexual o levaria até ela.

Duas horas depois, entrava em casa carregando as compras que fizera. Passou o resto do dia escolhendo as roupas nos armários, experimentando-as e separando as que cabiam e as que tinham de ser ajustadas. Nick ainda não havia telefonado quando foi deitar-se, mas consolou-se com a ideia de que ligaria no dia seguinte, sábado.

Passou o sábado desfazendo as malas e mantendo-se perto do telefone. No domingo, sentou-se à escrivaninha e elaborou um orçamento que lhe permitiria mandar o máximo de dinheiro possível para casa. Lenny e Melissa também ajudavam, mas cada um tinha hipotecas e outras obrigações financeiras que ela não tinha.

O bônus de dez mil dólares que Philip prometera sem dúvida era tentador — se conseguisse descobrir o nome daquele espião ou então saber alguma coisa de verdadeiro valor para a empresa dos Whitworth. Lauren descartou a última alternativa. Se desse a Philip informação confidencial, não seria em nada melhor do que o espião que ele tentava desmascarar.

Além da dívida dos pais, tinha as contas de luz, de telefone, de supermercado. Mais a prestação do carro e a mensalidade do seguro... Sua lista de obrigações parecia não ter fim.

Na segunda-feira, ao ver um novelo de lã cinza-prateado, da cor dos olhos de Nick, num armarinho, decidiu comprá-lo e fazer um suéter de tricô. Disse a si mesma que iria tricotá-lo como um presente de Natal para o meio-irmão, mas no íntimo sabia que era destinado a Nick...

Na noite do dia seguinte, domingo, quando separava as roupas que usaria no primeiro dia de trabalho, tranqüilizou-se pensando que amanhã ele telefonaria... para desejar-lhe sorte no novo emprego.

Capítulo 10

— Bem, está pronta para se demitir? — Brincou o seu novo chefe, Jim Williams, às cinco horas da tarde seguinte. — Ou acha que aguenta o tranco?

Lauren sentou-se em frente a ele na escrivaninha, com o bloco de estenografia todo rabiscado. Nick não telefonara para desejá-lhe boa sorte no primeiro dia, mas ela ficara tão ocupada que não tivera muito tempo para sentir-se infeliz em relação a isso.

— Acho — respondeu rindo — que trabalhar com você será uma experiência cheia de emoções.

Ele riu, desculpando-se:

— Trabalhamos tão bem juntos que, uma hora depois de estar aqui, eu me esqueci que você era novata. — Lauren sorriu ao ouvir o elogio. Era verdade, trabalhavam bem juntos. — Que acha do pessoal? — ele perguntou e, antes que ela pudesse responder, acrescentou: — O consenso entre os homens aqui é que tenho a mais bela secretária da empresa. Andei respondendo a perguntas sobre você o dia todo.

— Que tipo de perguntas?

— A maioria sobre seu estado civil... se é casada, comprometida ou se está disponível. — Com uma indagadora erguida da sobrancelha, perguntou: — Está disponível, Lauren?

— Para o quê? — ela gracejou, mas teve uma inquieta sensação de que a pergunta indireta se referia ao status do seu relacionamento com Nick. Levantando-se, apressou-se a dizer: — Quer que eu termine essa transcrição esta noite, antes de ir embora?

— Não, amanhã de manhã está bom.

Será que havia entendido errado ou as perguntas de Jim tinham sido mais para ele mesmo do que em nome da informação geral?, perguntou-se enquanto esvaziava a escrivaninha. Sem dúvida, ele não poderia estar pensando em convidá-la para sair. Segundo o que lhe disseram no almoço nesse dia, três das suas secretárias haviam cometido o erro de sucumbir ao carismático apelo de Jim, que logo as transferira para outras divisões.

Segundo o mexerico, era uma figura destacada na sociedade, rico e excelente partido, mas avesso a misturar negócios com prazer. Com certeza, era bem bonitão, pensou Lauren, imparcial. Alto, volumosos cabelos cor de areia e afetuosos olhos castanho-dourados.

Ela verificou as horas no relógio e trancou às pressas a escrivaninha. Se Nick fosse finalmente telefonar, decerto o faria esta noite. Ligaria para perguntar-lhe como fora o primeiro dia no trabalho. Se não ligasse agora, após duas semanas e um dia, era óbvio que não tinha a menor intenção de fazê-lo. Ela sentiu náusea só de pensar nisso.

Dirigiu o carro até em casa o mais rápido possível que o intenso trânsito lhe permitiu. Eram seis e quinze quando avançou a toda a velocidade condomínio adentro. Preparou um sanduíche, ligou a TV e sentou-se no sofá de seda listrada de azul e branco, fitando o telefone. Torcendo para que tocasse.

As nove e meia subiu e tomou uma ducha, deixando a porta do banheiro aberta para poder ouvir o telefone no quarto. Às dez horas, deitou-se. Ele não ia telefonar-lhe. Jamais.

Fechou os olhos envoltos em lágrimas e o bonito rosto bronzeado de Nick surgiu à sua frente. Via-lhe o franco desejo no olhar de pálpebras pesadas quando a olhava, ouvia a voz precisa, profunda, dizendo: *“Eu quero você, Lauren.”*

Era óbvio que não a queria mais. Lauren virou a cabeça no travesseiro e lágrimas quentes escorreram-lhe dos cantos dos olhos.

Na manhã seguinte, Lauren se jogou no trabalho com mais determinação que sucesso. Cometeu erros nas cartas que datilografara, desconsiderou duas ligações de Jim e arquivou no lugar errado um importante documento. Ao meio-dia, saiu para uma caminhada e passou diante do prédio da Global Industries esperando, embora sem esperança, que Nick se materializasse. Mas isso se revelou inútil, e o pior foi que, ao fazê-lo, sacrificou o pouco que lhe restara do devastado orgulho.

“Chega de liberação sexual das mulheres!”, pensou infeliz, girando outra folha de papel na máquina de escrever naquela tarde. Não conseguia tratar sexo como algo casual, continuaria sentindo-se confusa e decepcionada se não tivesse dormido com Nick, mas pelo menos não se sentiria usada e descartada.

— Está tendo um dia ruim? — perguntou Jim mais tarde, quando ela lhe entregou um relatório que tivera de datilografar mais duas vezes antes de ficar correto.

— Sim, desculpe — respondeu Lauren. — Não os tenho com frequência — acrescentou com o que esperava fosse um sorriso tranquilizador.

— Não se preocupe com isso... acontece com todo mundo — acrescentou Jim, rubricando as iniciais no canto inferior do documento. Olhou o relógio de pulso e levantou-se. — Tenho de levar este relatório ao escritório da controladoria no novo prédio.

Todos se referiam ao prédio da Global Industries como “o novo prédio”, portanto Lauren não teve a menor dúvida do que ele queria dizer.

— Você já viu o espaço que vamos ocupar lá? — Lauren sentiu seu sorriso moldar-se.

— Não, não vi; tudo que sei é que, na manhã de segunda-feira, deveremos nos apresentar para trabalhar lá.

— Certo — confirmou ele, vestindo o paletó do terno. — A Sinco é a menor e menos lucrativa das subsidiárias da Global Industries, mas nossos escritórios vão ser muito impressionantes, Lauren. Antes de ir embora — disse, entregando-lhe uma folha rasgada de jornal —, poderia mostrar isto a Susan Brook, no departamento de Relações Públicas e perguntar se ela já viu? Se não viu, diga que fique com esta cópia para o arquivo do RP. — Virou-se para sair do escritório. — Você na certa já terá ido embora quando eu voltar. Tenha uma noite agradável.

Alguns minutos depois, Lauren dirigiu-se meio desligada ao departamento de Relações Públicas. Acenou com a cabeça e sorriu

para os outros funcionários ao passar pelas mesas deles, mas em sua mente via Nick. Como ia conseguir esquecer algum dia a forma como a brisa lhe despenteava os cabelos escuros enquanto ele fisgava aquele peixe idiota? E como ele ficava bem num smoking?

Reprimindo a desolação que sentia, sorriu para Susan Brook ao entregar-lhe a folha que Jim arrancara do jornal.

— Jim me pediu para perguntar se já viu isto. Se não, disse que pode ficar com você para colocar no arquivo.

Susan desdobrou a folha e deu uma olhada.

— Não vi. — Rindo, enfiou a mão em um compartimento da escrivaninha e retirou uma pasta bem grossa, cheia de recortes de revistas e jornais. — Meu trabalho predileto é manter o arquivo dele atualizado — disse rindo ao abri-lo. — Veja... não é o mais deslumbrante pedaço de homem que você já viu?

Lauren deslizou o olhar do irrepreensível sorriso de Susan para o rosto de fria beleza masculina com o qual se deparava na capa da revista Newsday. O choque imobilizou-lhe o corpo inteiro em rigidez quando estendeu a mão para pegar a revista.

— Leve o arquivo todo com você para a sua mesa e babe o quanto quiser — sugeriu a relações-públicas, alheia ao estado de choque de Lauren.

— Obrigada — respondeu ela, com a voz embargada. Retornou apressada ao escritório de Jim e, fechando a porta atrás de si, afundou numa cadeira e abriu a pasta. As mãos frias e úmidas deixaram impressões digitais na brilhante capa da revista Newsday quando ela traçou as arrogantes sobrelanceiras escuras de Nick, os lábios que uma vez acariciaram e devoraram os dela, num esboço de sorriso. “J. Nicholas Sinclair”, dizia a legenda abaixo da

foto. “Presidente e Fundador da Global Industries.” Não acreditava no que via; sua mente recusava-se a aceitar aquilo.

Largando de lado a revista, Lauren aos poucos desdobrou a página que Jim arrancara do jornal, datado de duas semanas atrás... do dia depois de Nick mandá-la embora de Harbor Springs porque um “parceiro de negócios” chegaria para vê-lo. A manchete dizia: *“Águias financeiras e suas borboletas reúnem-se para cinco dias de prazer em festa em Harbor Springs.”* Toda a página era dedicada a fotos e comentários sobre a festa. No centro, destacava-se uma foto de Nick deitado no terraço de cedro da casa no Abrigo, o braço ao redor de uma bela loura que não fora vista na reunião quando Lauren estava lá. A legenda dizia: *“O industrial J. Nicholas Sinclair e a companheira de longa data, Ericka Moran, na casa da srta. Moran, perto de Harbor Springs.”*

Companheira de longa data... casa da srta. Moran...

A dor dilacerou-a, como se rasgasse seu peito e garganta. Nick levava-a à casa da namorada e fizera amor com ela na cama da outra!

— Ah, meu Deus — ela sussurrou em voz alta, os olhos enchendo-se de lágrimas escaldantes.

Ele fizera amor com ela e depois a mandara embora porque a outra decidira juntar-se ao grupo em Harbor Springs.

Como se precisasse atormentar-se ainda mais, Lauren leu cada palavra na página, e depois pegou o exemplar da Newsday e leu toda a matéria de oito páginas. Quando terminou, a revista escorregou-lhe dos dedos dormentes e caiu no chão.

Não era de se admirar que Bebe Leonardos houvesse sido tão hostil! Segundo a matéria, Nick e Bebe haviam se envolvido num

tórrido caso amoroso amplamente noticiado, que durara até ele largá-la por uma estrela do cinema francês — a mesma mulher que jogava tênis de salto alto naquela noite em Harbor Springs.

Uma risada histérica borbulhou no íntimo de Lauren. Enquanto dirigia de volta para o Missouri, o descarado fazia amor com a amante. Enquanto permanecia sentada junto ao telefone dia e noite na última semana, tricotando um suéter para ele, ele comparecia a um baile beneficente com Ericka em Palm Springs.

A humilhação cobriu-a de ondas que a afogavam e explodiam pelo corpo todo. Os ombros tremiam com silenciosos e violentos soluços quando ela cruzou os braços no tampo da escrivaninha de Jim e enterrou o rosto ali. Chorava pela própria idiotice, pelas ilusões despedaçadas e pelos sonhos partidos. A vergonha disparou mais lágrimas que lhe vertiam dos olhos — fizera amor com um homem a quem conhecera por apenas quatro dias — e de quem nem sabia o verdadeiro nome! Se não fosse por pura sorte, estaria grávida agora mesmo!

Lembrou-se do sofrimento indignado que sentira porque a mãe dele o abandonara quando menino, e chorou com mais vontade ainda. A mãe devia tê-lo afogado!

— Lauren? — A voz de Jim interrompeu-lhe o pranto.

Ela sobressaltou-se e ergueu de imediato a cabeça quando ele chegou ao seu lado.

— Que foi que houve? — perguntou assustado. Engolindo a infelicidade, ela dirigiu devagar o olhar ao preocupado rosto do chefe. Os exuberantes cílios exibiam pontas cheias de lágrimas e os olhos azuis estavam marejados.

— ... Eu pensei que ele fosse um engenheiro comum, que queria começar uma empresa própria algum dia. E ele me deixou acreditar nisso! — arquejou ela. — Deixou que eu acreditasse! — A compaixão no semblante de Jim foi mais do que ela podia suportar. — Posso sair daqui sem ninguém me ver? Quer dizer, todos já foram embora?

— Já, mas você não vai dirigir nesse estado. Eu levo...

— Não — logo protestou Lauren. — Estou bem, de verdade! Posso dirigir.

— Tem certeza?

Ela adquiriu, enfim, o controle da voz trêmula: — Absoluta. Fiquei apenas chocada e um pouco sem graça, só isso.

Jim gesticulou sem jeito em direção ao arquivo.

— Já terminou com isso?

— Não li tudo — ela respondeu, perturbada.

Jim pegou a revista no chão, guardou-a na pasta com o recorte de jornal e estendeu-lhe o grosso arquivo. Lauren pegou-o, como uma autômata, e saiu correndo. Ela achou que ia desatar de novo em prantos ao entrar no carro, mas isso não aconteceu. Tampouco chorou durante as três horas que passou lendo o arquivo. Não haviam restado mais lágrimas.

Lauren chegou ao estacionamento após passar pela placa que dizia: *Reservado aos Funcionários da Sinco*. Depois do que lera na noite anterior, o nome Sinco tinha outro significado: Componentes Eletrônicos Sinclair. A empresa fora fundada, segundo o *The Wall Street Journal*, por Matthew Sinclair e o seu neto Nick doze anos antes, numa garagem atrás do que era hoje o restaurante de Tony.

Estacionou o carro, pegou o arquivo sobre J. Nicholas Sinclair no banco do passageiro e saltou. Nick construía um império financeiro, e agora o mantinha vivo empregando espiões entre os concorrentes. Óbvio que era tão inescrupuloso nas atividades comerciais quanto na vida pessoal, ela pensou, feroz.

As mulheres no escritório sorriram-lhe com alegres saudações, o que a fez sentir-se culpada porque ia desempenhar um papel na destruição da empresa para a qual trabalhavam. Não, destruí-la não, corrigiu-se ao pôr a bolsa na escrivaninha. Se a Sinco merecesse sobreviver, deveria ter competência para competir honestamente pelos contratos. Do contrário, merecia extinguir-se antes que destruísse os concorrentes honestos, empresas como a de Philip Whitworth.

Parou diante do escritório de Jim. Saberá ele que a Sinco pagava espiões? De algum modo, achava que não. Não podia acreditar que o seu chefe aprovasse tal coisa.

— Obrigada por me deixar levar o arquivo para casa — disse em voz baixa ao entrar na sala.

Ele logo desprendeu o olhar do relatório na mão para as feições pálidas e compostas de Lauren.

— Como se sente esta manhã? — perguntou, tranquilo. Encabulada, ela enfiou as mãos nos fundos bolsos laterais da saia.

— Sem graça... e muito idiota.

— Sem entrar em detalhes dolorosos, poderia me dar uma ideia do que Nick fez para magoá-la tanto assim? Com certeza você não estava chorando daquele jeito porque descobriu que ele é rico e bem-sucedido!

Lauren sentiu uma nova pontada de dor à lembrança de como colaborara de bom grado para aquele jogo de sedução. Mas devia a Jim algum tipo de explicação sobre o comportamento histérico que exibira na noite anterior, e respondeu com uma tentativa esfarrapada de exibição de indiferença:

— Por eu achar que ele era um simples engenheiro, disse e fiz algumas coisas cuja lembrança me deixa extremamente envergonhada.

— Entendo — Jim assentiu com toda a calma. — E que pretende fazer em relação a isso?

— Mergulhar no trabalho aqui e aprender tudo que puder — ela respondeu com ressentida sinceridade.

— Eu quis dizer o que pretende fazer quando encontrar Nick?

— Jamais quero tornar a vê-lo enquanto eu viver! — Foi a resposta concisa.

Um meio sorriso repuxou os lábios de Jim, mas sua voz saiu solene:

— Lauren, sábado que vem vão oferecer um coquetel privado no restaurante giratório da cobertura do prédio da Global Industries. Esperam que todos os principais executivos de nossas várias empresas e as respectivas secretárias compareçam. O objetivo da festa é reunir todos que trabalhavam em diferentes prédios antes, para termos a oportunidade de conhecer pessoalmente uns aos outros. E você terá a oportunidade de conhecer as secretárias com quem tratará no futuro, além dos chefes delas. Nick é o anfitrião.

— Se não se importa, eu preferia não ir — disse ela sem rodeios.

— Eu me importo.

Ela sentiu-se encurralada. Jim não era o tipo de chefe que deixaria a vida pessoal da secretária interferir no trabalho. E se perdesse o emprego, jamais descobriria a quem Nick pagava para espionar a empresa de Philip Whitworth.

— Mais cedo ou mais tarde você terá de se encontrar cara a cara com Nick — continuou Jim num tom persuasivo. — Não prefere que isso aconteça no sábado, quando já estiver preparada de antemão? — Ao vê-la ainda hesitar, declarou categórico: — Pego você às sete e meia.

Capítulo 11

Lauren tinha a mão trêmula ao aplicar o batom e passar um pouco de blush nas maçãs do rosto. Olhou o relógio; Jim chegaria dali a quinze minutos. Dirigiu-se a um dos armários espelhados e tirou dele um vestido de chiffon esvoaçante, o que acabara por escolher afinal naquela tarde, após experimentar todos os seus recém-adquiridos vestidos de noite.

Agora que sabia como Nick era de fato um safado inescrupuloso, arrogante, na certa não o acharia nem um pouco atraente, concluiu, puxando o zíper do vestido até em cima e calçando as elegantes sandálias. Ainda assim, seu surrado orgulho exigia que ela exibisse a melhor aparência nesta noite.

Ao fechar o armário, recuou para examinar a imagem de corpo inteiro nas portas espelhadas. Panos sobrepostos de chiffon creme ondulavam em matizes mais escuros de pêssego, criando um efeito de arco-íris suave na saia rodada, e faixas sobrepostas combinando entrecruzavam-se sob os seios e subiam num corpete

sem mangas com um decote profundo fechado na nuca, que deixava os braços, os ombros e a parte superior das costas nus.

Tentou sentir prazer com sua aparência, mas não conseguiu. Não quando ia enfrentar o homem que sem o menor esforço a seduzira e depois sugerira que lhe telefonasse se ficasse grávida; um multimilionário a quem ela convidara para almoçar e oferecera para pagar qualquer coisa no cardápio.

Levando em conta como Nick fora baixo e cínico, era surpreendente que ele não a tivesse de fato deixado pagar pela cara refeição, pensou, remexendo na caixa de jóias à procura dos preciosos brincos de ouro que haviam pertencido à mãe.

Parou para ensaiar mentalmente a forma como iria tratá-lo esta noite. Por causa do que acontecera, seria natural que o safado esperasse vê-la magoada e furiosa, mas ela não tinha a menor intenção de deixá-lo perceber que se sentia assim. Ao contrário, ia convencê-lo de que o fim de semana em Harbor Springs não passara de uma divertida escapadinha, como era óbvio que fora para ele. Em nenhuma circunstância iria tratá-lo com frieza, pois a frieza lhe mostraria que ela ainda se importava muito para estar com raiva. Mesmo que isso a matasse, iria tratá-lo com uma amizade casual, distante — o mesmo tipo de amizade impessoal que mostrava ao porteiro ou ao faxineiro no trabalho.

Isso o desestabilizaria, decidiu, ainda à procura dos brincos da mãe.

Mas onde estavam?, perguntou-se meio frenética um momento depois. Era a única coisa da mãe que tinha. Usara-os na festa em Harbor Springs, lembrou-se... e no dia seguinte no Abrigo.

E naquela noite na cama, Nick beijara-lhe a orelha e tirara-os, porque o atrapalhavam...

Os brincos da mãe estavam em algum lugar na cama da namorada dele!

Lauren apoiou as mãos na penteadeira e jogou a cabeça para frente quando uma nova onda de raiva e dor a percorreu de cima a baixo. A probabilidade era de que a outra tivesse os brincos herdados da mãe.

A campainha da porta soou e Lauren endireitou-se sobressaltada. Inspirando fundo, desceu e abriu-a.

Parado à porta, Jim parecia em cada detalhe o impressionante executivo empresarial num atraente terno e gravata escuros.

— Entre, por favor — disse, tranqüila. Ele adiantou-se para o vestíbulo, e ela acrescentou: — Vou só pegar minha bolsa e podemos ir. Ou você gostaria de um drinque primeiro?

Como ele não respondeu logo, Lauren virou-se.

— Algum problema?

Jim deslizou o olhar pelas perfeitas feições dela e a lustrosa massa de cabelos cor de mel, derramados sobre os ombros em ondas profundas e serpeantes. Com um ar apreciativo, examinou-lhe a figura no sedutor vestido de chiffon e as pernas longas e bem torneadas.

— Imagine... Está tudo maravilhoso — respondeu sorrindo.

— Gostaria de um drinque? — repetiu, surpresa, mas não insultada com essa franca avaliação masculina.

— Não, a não ser que você precise de um para reforçar sua coragem para encarar Nick.

Lauren fez que não com a cabeça.

— Não preciso de coragem. Ele nada significa para mim. — Jim disparou-lhe um olhar divertido ao conduzi-la porta afora até seu Jaguar verde-escuro.

— Deduzo que quer me convencer de que não tem mais nenhum interesse romântico por ele, é isso?

Ela teve a inquietante sensação de que não o enganara com sua fachada de indiferença, mas também ele a vira chorando desesperadamente.

— Isso mesmo — admitiu.

— Nesse caso... — Jim mudou a marcha quando entrou que nem um trovão na via expressa — eu lhe darei um conselho não solicitado. Por que não passa alguns minutos conversando com ele sobre a festa ou seu novo emprego, e depois, com um sorriso muito encantador, pede licença e aproxima-se de outra pessoa... eu, por exemplo, se estiver perto e disponível, o que tentarei fazer.

Ela virou-se para Jim com um sorriso afetuoso de gratidão.

— Obrigada — disse. Sentindo-se calma e confiante, relaxou.

Mas quando as portas do elevador se abriram dentro do elegante restaurante giratório, no octogésimo primeiro andar, ela deu uma olhada na animada multidão que circulava ao redor e sentiu uma corda de tensão enrolar-se no pescoço, sufocando-a. Nick se encontrava em algum lugar ali.

No bar, Jim pediu as bebidas para os dois, e Lauren olhou em volta no momento em que um grupo de pessoas se deslocou para um lado.

E lá estava Nick...

Parado do outro lado do ambiente, lançava a cabeça para trás e ria de algo que fora dito. Lauren sentiu o coração bater

descontrolado ao absorver-lhe com o olhar as bonitas feições bronzeadas, a elegante facilidade com que usava o terno escuro impecável, o jeito descontraído com que segurava o copo na mão. Ela notou cada detalhe dolorosamente familiar nele. E distinguiu então a bela loura que lhe sorria de rosto erguido, com a mão apoiada com intimidade na manga dele.

A angústia fluiu pelas veias de Lauren como ácido quente. Aquela era Ericka Moran, a mulher que estava com Nick na foto do jornal. E o deslumbrante vestido creme que ela usava era o mesmo que ele enviara a Lauren em Harbor Springs...

Sob ressaltada, afastou o olhar e pôs-se a falar com Jim, mas a rigidez dos seus maxilares quando ele, também, viu a bela loura do outro lado deteve-a no ato. No rosto de Jim, ela viu furiosa desolação e desejo impotente — as mesmas emoções que ela sentira momentos antes, quando olhara para Nick. Jim, concluiu, estava apaixonado por Ericka.

— Aqui está seu drinque — ele acabou por dizer, entregando-o a Lauren. — É hora de iniciarmos nossa pequena farsa.

Com um implacável sorriso, tomou-lhe o cotovelo e começou a conduzi-la em direção aos dois. Lauren recuou.

— Com certeza não precisamos ir direto até eles, precisamos? Se Nick é o anfitrião, é responsabilidade dele cumprimentar todos na festa.

Jim hesitou e depois assentiu com a cabeça.

— Tudo bem, nós os faremos vir até nós.

Durante a meia hora seguinte, enquanto circulavam entre os convidados, Lauren tornou-se cada vez mais convencida de que tinha razão sobre Jim e Ericka, e que o seu chefe tentava deixar o

casal enciumado. Sempre que a loura olhava na direção deles, ele sorria para Lauren ou a provocava com alguma coisa. Esta cooperava tentando fazer parecer que se divertia horrores, mas o fazia pelo bem de Jim, não pelo seu. Em seu dilacerado coração, sabia que Nick não dava a mínima para o que fazia ou com quem estava.

Ela tomava o segundo drinque quando, de repente, Jim lhe passou o braço pelos ombros. Ficou tão surpresa que ignorou o aperto de aviso da mão dele no seu pulso.

— O grupo reunido ali — disse, com um deliberado sorriso — é o conselho de diretores... todos industriais ricos e gananciosos. O homem à esquerda é o pai de Ericka, Horace Moran. A família de Horace — explicou — está no ramo de petróleo há gerações.

— Que inconveniente — gracejou Lauren, adejando os cílios de forma cômica para fazê-lo rir.

Jim disparou-lhe um olhar de advertência e continuou:

— O homem ao lado dele é Crawford Jones. A família dele, e a da esposa também, estão no ramo de títulos, ações e debêntures de companhias.

— Gostaria de saber por que não os deixam livres das ações e obrigações? — provocou a jovem.

— Porque — respondeu uma voz risonha dolorosamente conhecida atrás dela — Crawford e a esposa são medonhos, e ninguém os quer correndo livres por aí ameaçando criancinhas.

Todo o corpo de Lauren de repente se enrijeceu ao som da voz de barítono de Nick; então ela forçou-se a se virar. Bastou um olhar para a alegria daqueles olhos cinzentos, enquanto Nick esperava a sua reação para fazer o orgulho vir socorrê-la. Embora

desmoronasse em milhares de pedaços por dentro, conseguiu sorrir ao tocar a mão dele.

— Olá, Nick.

Ele apertou os dedos em volta dos dela.

— Olá, Lauren — respondeu sorrindo.

Com todo o cuidado, ela retirou a mão e dirigiu um animado e expectante sorriso a Ericka, e Jim logo as apresentou.

— Estive admirando seu vestido a noite toda, Lauren — disse Ericka. — É deslumbrante.

— Obrigada. — Sem olhar para Nick, acrescentou: — Notei o seu assim que entramos. — Depois se virou para Jim. — Ah, veja, o sr. Simon. Ele está tentando falar com você há muito tempo, Jim. — Com o último fiapo da pose que se desfazia, Lauren ergueu os olhos azuis para as inescrutáveis feições do anfitrião e pediu, com toda a educação: — Podem nos dar licença, por favor?

Logo depois Jim ficou absorvido numa conversa com um vice-presidente, então ela teve de fazer um enorme esforço para ser encantadora, espirituosa e virar-se sozinha. Logo se viu cercada por um grupo lisonjeiramente grande de homens interessados, admiradores, e durante o resto da noite evitou com todo o escrúpulo olhar na direção de Nick. Duas vezes virou-se e, sem querer, topou com o penetrante olhar dele, e nas duas ocasiões desviou o olhar como quem não quer nada, como se à procura de outra pessoa. Mas, depois de três horas, a tensão de encontrar-se na mesma sala que aquele homem se tornara insuportável.

Ela precisava de um pouco de solidão, um alívio de alguns minutos da constante pressão da presença de Nick. Procurou Jim e viu-o parado perto do bar, conversando com um grupo de homens.

Ela esperou até lhe atrair a atenção e inclinou de leve a cabeça para as portas deslizantes que se abriam para a parte do restaurante que ficava no pátio ao ar livre. Ele acenou com a cabeça, sua expressão dizendo-lhe que logo se juntaria a ela.

Virando-se, Lauren atravessou as portas para o bem-vindo silêncio da noite fria. Envoltas naquela escuridão aveludada, encaminhou-se para a parede alta que cercava o pátio e contemplou o resplandecente panorama de luzes espalhadas por quilômetros, oitenta e um andares abaixo. Conseguira — e com sucesso — tratar Nick com uma perfeita combinação de amizade impessoal e sorridente descaso. Sem recriminações nem justificável indignação por ele não lhe ter telefonado. Ele deve ter ficado pasmo com essa atitude, pensou, com exausta satisfação, ao erguer o copo e tomar um gole de sua bebida.

Ouviu atrás de si um sussurro quando a porta deslizante se abriu e fechou, e resignou-se à perda da solidão de que tanto necessitava. Jim viera juntar-se a ela.

— Como estou me saindo até agora? — perguntou, forçando uma alegre leveza na voz.

— Está se saindo muito bem — escarneceu a voz indolente de Nick. — Já quase me convenci de que sou invisível.

Lauren sentiu a mão tremer com tanta violência que os cubos de gelo tilintaram. Virou-se devagar, tentando raciocinar. Devia parecer despreocupada e refinada, lembrou-se, como se o que tivesse acontecido entre os dois não significasse mais para ela que para ele. Obrigou-se a erguer o olhar acima da camisa branca e gravata listrada até os olhos cheios de humor.

— É uma festa maravilhosa — comentou.

— Sentiu minha falta?

Ela arregalou os olhos com simulada inocência.

— Andei muito ocupada.

Nick encaminhou-se até a parede, apoiou a mão ali e examinou-a em silêncio. Observou a brisa soprar-lhe os cintilantes cabelos pelos ombros nus antes de cravar novamente o olhar no rosto dela.

— Então — perguntou com um sorriso —, não sentiu nem um pouco minha falta?

— Andei muito ocupada — repetiu, mas a postura deslizou um nível abaixo e acrescentou: — E por que deveria sentir? Você não é o único homem desejável e disponível em Michigan.

Ele ergueu a sobrancelha em divertida especulação.

— Essa é sua maneira de dizer-me que, após experimentar o sexo comigo, decidiu que gostou e esteve... ha... aumentando sua experiência?

Santo Deus! O sujeito nem ligava se ela tivesse ido para a cama com outros.

— Agora que teve outros homens para usar como base de comparação, como me classifica? — provocou Nick.

— Que pergunta adolescente — rebateu Lauren, desdenhosa.

— Você tem razão. Vamos.

Entornando o restante da bebida num único gole, ele largou o copo numa das mesas, depois largou o dela ao lado e tomou-lhe a mão. Girou o pulso e enlaçou seus dedos fortes com os dela, que teve uma vertiginosa consciência daquela pele quente e não parou para pensar, até começar a ser levada em direção a uma porta sem identificação no canto do prédio.

Quando Nick estendeu a mão para abrir a porta, a sanidade retornou e Lauren recuou.

— Nick, eu gostaria de lhe fazer uma pergunta, e quero uma resposta honesta. — Ele balançou a cabeça, e ela disse: — Quando o deixei em Harbor Springs, você pretendia algum dia tornar a me ver... quer dizer, sair comigo?

Nick encarou-a com toda a calma.

— Não.

Ela ainda cambaleava pelo golpe dessa única palavra quando ele estendeu de novo o braço para abrir a porta.

— Aonde vamos?

— Para a minha casa, ou para a sua, não faz diferença.

— Por quê? — ela perguntou, obstinada. Nick virou-se e olhou-a.

— Para uma garota inteligente, trata-se de uma pergunta muito idiota.

A irritação de Lauren explodiu:

— Você é a pessoa mais arrogante, egoísta...! — Interrompeu-se apenas o suficiente para inspirar fundo e estabilizar-se, e disse com a voz firme: — Não consigo lidar com sexo casual, indiscriminado; e mais, não gosto de pessoas que conseguem... pessoas como você!

— Você gostou muito de mim um mês atrás — lembrou ele friamente.

A pele rosada e os olhos dela arderam em chamas.

— Um mês atrás eu achava que você era alguém especial! — retrucou furiosa. — Um mês atrás eu não sabia que você era um playboy milionário lascivo, que muda de cama com a mesma

freqüência que muda de roupa. Você é tudo que desprezo num homem... sem princípios, promíscuo e de moral corrupta! Grosseiro, egoísta e, se eu soubesse quem de fato você era, não teria lhe dado a mínima atenção!

Nick sondou a tempestuosa e jovem beldade diante de si em toda essa desdenhosa opinião. Numa voz perigosamente baixa, desafiou-a:

— Mas, agora que sabe quem e o que sou, você não quer nada comigo? É isso?

— Isso mesmo! — sibilou Lauren. — E vou...

Num movimento ágil, ele tomou-lhe os ombros, puxou-a para os seus braços e capturou-lhe os lábios num beijo de insolente sensualidade. Assim que a tocou, cada fibra do seu ser despertou intensamente de desejo por sentir novamente o incrível prazer do corpo rígido dele mergulhando fundo no seu. Os braços enlaçaram o seu pescoço e Lauren arqueou-se contra o membro que endurecia. Nick grunhiu, suavizando e aprofundando o beijo, faminto.

— Mas que loucura — resmungou ele, atormentando-lhe a boca com a sua e as promessas daquela posse. — Qualquer um pode entrar aqui e nos ver. — E então descolou os lábios. Soltou-a, e, fraca, Lauren apoiou-se no parapeito atrás de si. — Você vem? — ele perguntou.

Ela fez que não com a cabeça.

— Não, eu já disse...

— Poupe-me do sermão sobre minha moralidade — Nick cortou-a, com frieza. — Vá procurar um cara tão ingênuo quanto

você, para os dois se atrapalharem no escuro e aprenderem juntos, se é o que deseja.

Como um profundo e limpo corte que não sangra durante vários momentos depois de infligido o ferimento, Lauren sentiu uma abençoada anestesia para a dor daquelas palavras; nutria apenas fúria.

— Espere — disse, ao abrir a porta —, sua amante, namorada, seja o que Ericka for, está com os brincos de minha mãe. Eu os deixei na cama, na casa dela, com o amante dela. Ela recebe você com prazer... eu não quero você. Mas quero de volta, sim, os brincos de minha mãe. — A dor começava a infiltrar-se de forma constante, intensificando-se a cada momento, até fazer-lhe a voz tremer: — Quero aqueles brincos de volta...

* * *

O teto acima da cama era um vazio sombrio tão deplorável quanto o seu coração quando ela repassou mentalmente o momento em que se afastou de Nick. Ele levava Ericka à festa, mas quisera ir embora com Lauren. Pelo menos essa noite devia tê-la desejado mais que a outra. Talvez fosse uma tola por não ter acompanhado aquele homem.

Furiosa, rolou de bruços. Onde tinham ido parar seu orgulho e sua autoestima? Como podia até mesmo pensar em ter um fugaz e sórdido relacionamento com aquele libertino, imoral, arrogante? Não pensaria mais nele. Haveria de varrer aquele homem de sua mente. Para sempre!

Capítulo 12

Com essa resolução firmemente enraizada na mente, Lauren foi de carro para a Sinco na segunda-feira e mergulhou de corpo e alma no trabalho.

Ao meio-dia, algumas das outras secretárias convidaram-na a juntar-se a elas para um drinque após o expediente num bar local, e ela aceitou, feliz. Quando retornou do almoço, o telefone na sua mesa tocava. Largando a bolsa, ela olhou para trás, viu o escritório vazio de Jim e atendeu o telefone.

— Srta. Danner? Por favor, venha até o departamento pessoal, imediatamente. — Era o sr. Weatherby. — Não temos muito tempo — comunicou-lhe cinco minutos depois, quando se sentou no escritório do gerente de pessoal. — Antes de mais nada, devo explicar-lhe que as informações contidas em cada proposta de emprego são automaticamente inseridas nos computadores da Global Industries. Então, sempre que um projeto exige alguém com talentos ou qualificações especiais, o departamento pessoal é notificado e faz-se uma busca no computador. Esta manhã, o

próprio diretor da Global Industries recebeu uma ligação de alta prioridade solicitando uma secretária qualificada, competente e fluente em italiano. Você foi escolhida pelo computador. Na verdade, a segunda. A opção primeira foi uma mulher chamada Lucia Palermo, que trabalhou nesse projeto antes, mas está de licença médica. Espera-se que se afaste de sua função regular toda tarde durante as próximas três semanas. Notificarei o sr. Williams de sua nova designação quando ele retornar do almoço, e arranjaréi outra secretária para trabalhar com ele durante as tardes, enquanto você trabalha nesse projeto.

As objeções de Lauren a essa arbitrária nova tarefa saíram num fluxo de palavras desarticuladas:

— Mas ainda estou tentando aprender minha função atual, e Jim... o sr. Williams... não vai ficar nada satisfeito com...

— O sr. Williams não tem opção — interrompeu o outro num tom frio. — Não sei qual a exata natureza do projeto que exige italiano fluente, mas sei que é de prioridade máxima e confidencial. — Levantou-se. — Você deve apresentar-se logo ao escritório do sr. Sinclair.

— O quêêê? — perguntou Lauren, ofegante, assustada, levantando-se de um salto. — O sr. Sinclair sabe que sou eu a pessoa designada para ele?

O sr. Weatherby deu-lhe um olhar intimidante.

— O sr. Sinclair encontra-se numa reunião no momento, e a secretária dele não achou que devia interrompê-lo para tratar dessa pequena substituição.

* * *

Uma atmosfera de contida excitação parecia impregnar o octogésimo andar quando Lauren atravessou o grosso piso atapetado verde-esmeralda em direção à mesa circular no centro da área da recepção particular de Nick.

— Meu nome é Lauren Danner — disse à recepcionista, uma bela morena. — O sr. Sinclair requisitou uma secretária bilíngüe, e fui mandada pelo departamento pessoal.

A outra olhou para trás quando as portas do escritório de Nick se abriram e de lá surgiram seis homens.

— Direi ao sr. Sinclair que você está aqui — disse, educada. Quando estendeu a mão para o telefone, este começou a tocar e ela ergueu-o. Com a mão no bocal, sussurrou à recém-chegada: — Pode entrar. O sr. Sinclair a espera.

“Não”, pensou Lauren, nervosa, “ele espera Lucia Palermo”.

As altas portas de jacarandá do escritório de Nick encontravam-se ligeiramente entreabertas, e ele, em pé, de costas atrás da escrivaninha, falava com alguém ao telefone. Inspirando fundo, Lauren adentrou o imenso conjunto coberto por um tapete creme e fechou em silêncio as portas atrás de si.

— Certo — ele disse ao telefone após uma pausa. — Ligue para o escritório de Washington e diga à nossa equipe de Relações Trabalhistas que quero todos na Global Oil em Dallas esta noite.

Com o telefone enganchado entre o ombro e a orelha, pegou uma pasta da mesa e começou a ler seu conteúdo. Tirara o paletó e, ao folhear devagar as páginas, a camisa branca esticava e enrugava-se pelos largos ombros musculosos e pelas costas, que se afilavam aos poucos até a cintura. Lauren sentiu as mãos

formigarem quando se lembrou da sensação ondulante daquele vigoroso corpo masculino, o toque da pele bronzeada e quente sob as pontas dos seus dedos...

Desprendendo com esforço o olhar, desviou-o e tentou acalmar as traiçoeiras sensações que se desenrolavam em seu íntimo. Afastados à esquerda, reviu os três sofás verde-musgo que formavam um largo U ao redor da imensa mesa de centro com tampo de vidro, onde Nick se ajoelhara para examinar o tornozelo dela na noite em que o conhecera...

— Notifique à refinaria de Oklahoma que talvez enfrentem alguns problemas também, até tudo isso se acertar — continuou Nick calmamente ao telefone. Fez-se uma breve pausa. — Ótimo. Ligue-me de volta quando tiver se encontrado com a equipe de Relações Trabalhistas em Dallas.

Desligou o telefone e virou outra página do arquivo que lia.

Lauren abriu a boca para anunciar sua presença e deteve-se. Não cairia bem chamá-lo de Nick, e ela recusava-se por completo a, humilde e respeitosamente, chamá-lo de “sr. Sinclair”. Ao dirigir-se à mesa de jacarandá, disse, em vez disso:

— Sua recepcionista me mandou entrar.

Nick virou-se de repente. Com aqueles olhos cinza como sempre inescrutáveis, largou, negligente, a pasta do arquivo no tampo da mesa, enfiou as mãos no fundo dos bolsos e contemplou-a calado. Esperou até vê-la parada logo à frente dele, do outro lado da mesa, para dizer, sem se alterar:

— Você escolheu uma péssima hora para se desculpar, Lauren. Tenho de sair para um compromisso na hora do almoço em cinco minutos.

Ela quase engasgou diante dessa revoltante presunção de que ela devia alguma desculpa a ele, mas apenas lhe dirigiu um sorriso divertido.

— Odeio ferir seu ego, mas não vim aqui me desculpar. Vim porque o sr. Weatherby em pessoa me mandou.

Nick enrijeceu os maxilares.

— Para quê? — perguntou, ríspido.

— Para ajudar em algum projeto especial que exige uma secretária extra nas próximas três semanas.

— Então está me fazendo perder tempo — ele informou-a mal-humorado. — Em primeiro lugar, você não é qualificada nem experiente o bastante para trabalhar nesse nível. Em segundo lugar, não a quero aqui.

Esse desprezo transformou a fúria em banho-maria de Lauren numa borbulhante fervura, e ela não pôde impedir-se de incitá-lo:

— Perfeito! — respondeu rindo e recuou um passo. — Agora, poderia ter a bondade de ligar para o sr. Weatherby e dizer-lhe isso? Eu já lhe tinha dado os meus motivos para não querer trabalhar para você, mas ele insistiu que eu subisse aqui.

Nick golpeou o interfone.

— Ponha-me na linha com Weatherby — ordenou ríspido, e tornou a desviar o cortante olhar para Lauren. — Exatamente quais “motivos” você lhe deu?

— Eu disse — mentiu Lauren, irada — que você é um devasso presunçoso, arrogante, e que eu preferiria a morte a trabalhar para você.

— Você disse isso a Weatherby? — perguntou o presidente da empresa numa voz baixa e ameaçadora.

Ela manteve o sorriso fixo no rosto dele.

— Disse.

— E o que Weatherby respondeu?

Sem condições de suportar a gélida rajada do olhar de Nick, ela fingiu examinar as unhas pintadas.

— Ah, disse que um monte de mulheres com quem você dormiu na certa se sente assim em relação á sua pessoa, mas que eu deveria colocar a lealdade à empresa acima de minha compreensível repugnância por você.

— Lauren — declarou ele, triunfante —, você está despedida.

Embora por dentro ela fosse uma agitada massa de raiva, dor e medo, manteve a compostura. Com uma régia inclinação da cabeça, rebateu:

— Sabe, tive certeza de que o presidente tampouco ia querer que eu trabalhasse para ele, e tentei dizer isso ao sr. Weatherby. — Encaminhou-se para as portas de jacarandá. — Mas ele achou que quando você se desse conta de que sou bilíngüe mudaria de ideia.

— Bilíngüe? — zombou o outro com desprezo. Ela virou-se para ele com a mão na maçaneta.

— Ah, mas eu sou, sim. Posso lhe dizer exatamente o que acho de você em italiano perfeito. — Viu no adversário um nervo saltar dos maxilares cerrados com rigidez e acrescentou em voz sarcástica: — Porém é muito mais prazeroso lhe dizer em inglês: você é um canalha!

Puxando com força a porta, atravessou marchando a área da recepção. Golpeava o botão do elevador quando a mão de Nick fechou-se em seu pulso.

— Volte para o meu escritório — ele grunhiu por entre os dentes.

— Tire a mão de mim! — sussurrou furiosa.

— Quatro pessoas estão nos olhando — advertiu o presidente. — Ou você volta para o meu escritório por vontade própria ou vou arrastá-la até lá na frente delas.

— Vá em frente e tente fazer isso! — ela falou-lhe, com raiva, enfrentando-o. — Eu o processarei por agressão e intimarei todas as quatro como testemunhas!

De forma Inesperada, a ameaça dela arrancou-lhe um relutante sorriso.

— Você tem os olhos azuis mais incrivelmente lindos que já vi. Quando se enfurece, eles...

— Poupe-me! — sibilou Lauren, sacudindo com violência o pulso.

— Já poupei — provocou-a com ar sugestivo.

— Não fale comigo assim... não quero parte alguma de você.

— Sua pequena mentirosa. Você quer cada pedacinho de mim.

Sua zombeteira confiança neutralizou a luta dela e deixou-a sem ar. Derrotada, apoiou o cotovelo na parede de mármore e olhou-o com impotente súplica.

— Nick, por favor, me deixe ir embora.

— Não posso. — Ele franziu a testa numa expressão sombria de perplexidade. — Sempre que a vejo, parece que não posso deixá-la ir embora.

— Você me despediu! — Ele riu.

— Acabei de recontratar.

Lauren sentia-se enfraquecida demais pela turbulência dos últimos minutos para resistir àquele sorriso devastador, e, além disso, precisava desesperadamente do emprego. Ressentida, impeliu-se para longe da parede e acompanhou-o até o escritório da secretária, ligado ao dele por uma porta.

— Mary — ele disse a uma mulher de cabelos grisalhos que, no mesmo instante, ergueu o olhar penetrante, sob as lentes dos óculos. — Esta é Lauren Danner, que vai trabalhar no projeto Rossi. Enquanto eu estiver no almoço, instale-a aqui na escrivaninha e entregue-lhe a carta que veio de Rossi esta manhã para traduzir. — Voltou-se para Lauren com um afetuoso sorriso íntimo. — Vamos ter uma longa conversa quando eu voltar.

Mary Callahan, como proclamava a pequena placa com o nome na escrivaninha, não parecia mais entusiasmada com a presença de Lauren em seu escritório do que ela própria.

— Você é muito nova — resumiu a mais velha, investigando com os olhos azul-claros o rosto e o corpo da recém-chegada.

— Estou envelhecendo rápido — ela respondeu. Ignorando o incisivo olhar da mulher, instalou-se na mesa de trabalho em frente à da outra no grande escritório.

À uma e meia da tarde, o telefone de Mary tocou, e Lauren levantou-se da escrivaninha para atendê-lo.

— Mary? — perguntou em dúvida uma refinada voz feminina.

— Não, aqui é Lauren Danner — respondeu com a melhor voz de secretária. — A srta. Callahan não está no escritório. Posso transmitir o recado?

— Ah, olá, Lauren — respondeu a voz, com simpática surpresa. — Aqui é Ericka Moran. Não quero interromper Nick,

mas poderia dizer a ele que vou chegar de Nova York amanhã no último voo? Diga que irei direto do aeroporto para o clube Recess e me encontrarei com ele lá às sete horas.

A surpresa de Lauren com o fato de que obviamente a outra se lembrava dela foi superada em importância pelo ressentimento de ter que receber recados das namoradas de Nick.

— Ele ainda está no almoço, mas lhe darei o recado — prometeu, com a voz enérgica.

Desligou o telefone, que no mesmo instante tornou a tocar. Desta vez a mulher tinha um sotaque sulista arrastado, uma voz enrouquecida, e perguntou por “Nicky”.

Lauren apertou o fone com tanta força que a mão doeu, mas respondeu num tom afável:

— Sinto muito, ele não está no momento. Quer deixar algum recado?

— Ai, droga — sussurrou a voz sexy. — Aqui é Vicky. Ele não me disse se a festa de sábado é formal ou não, e eu não faço a mínima ideia do que vestir. Ligarei para a casa dele à noite.

“Faça isso!”, pensou Lauren, quase batendo o telefone na base.

Mas, quando Nick retornou do almoço, ela já tinha recuperado a calma. Durante as três semanas seguintes, prometeu a si mesma, iria ater-se ao plano original e tratá-lo com a educada amizade que mostrava a qualquer um dos colegas. Se ele a pressionasse, seria apenas divertida, e se isso o irritasse — bem, ótimo!

O interfone na escrivaninha tocou. A sonora voz de barítono disparou-lhe um delicioso arrepio de cima abaixo, um arrepio ao qual resistiu com estoicismo.

— Lauren, pode vir até aqui, por favor?

Era óbvio que ele tinha se preparado para a “longa conversa” dos dois. Ela pegou os recados que anotara e entrou no escritório.

— Sim? — disse, erguendo as delicadas sobrancelhas em indagação, ao encontrá-lo sentado na borda da mesa, com os braços cruzados no peito.

— Venha cá — chamou-a, muito tranqüilo. Cautelosa, contemplou aquela postura relaxada e a indolente expressão acariciadora nos olhos. Avançou, mas parou fora do seu alcance.

— Não é perto o suficiente — disse Nick. — É mais que perto o suficiente.

A diversão brilhava nos olhos dele, que aprofundou a voz, para persuadi-la:

— Precisamos resolver algumas questões pessoais entre nós. Por que não o fazemos à noite, durante um jantar? — sugeriu.

Muito educada, Lauren recusou com uma meia-verdade:

— Lamento, já tenho compromisso.

— Tudo bem. Que tal amanhã à noite? — ele perguntou, estendendo-lhe a mão.

Ela acomodou com força os recados na palma estendida do outro.

— Você já tem um compromisso... a srta. Moran às sete no clube Recess.

Nick ignorou o lembrete.

— Vou partir para a Itália na quarta-feira...

— Faça boa viagem — ela interrompeu-o, sorrindo.

— Voltarei no sábado — continuou ele com um traço de impaciência. — Vamos...

— Lamento — disse Lauren com um sorrisinho divertido destinado a irritá-lo. — Estou ocupada no sábado, e você também. Vicky telefonou para saber se a festa de sábado é formal ou não. — Então, por se deliciar inteira com a visível frustração dele, acrescentou com um estonteante sorriso: — Ela chama você de Nicky. Acho lindo isso... Vicky e Nicky.

— Cancelarei o encontro — declarou lacônico.

— Mas eu não cancelarei o meu. Agora, tem mais alguma coisa?

— Tem sim, droga. Magoei você, e sinto muito.

— Aceito seu pedido de desculpas — Lauren disse, rindo. — De qualquer modo, o dano foi só ao meu orgulho.

Ele examinou-a, apertando os olhos.

— Lauren, eu estou tentando me desculpar com você para...

— Já se desculpou — ela interrompeu-o.

— Para podermos continuar de onde paramos — ele concluiu, implacável. Após uma pausa reflexiva, acrescentou: — Para o bem de nós dois, teremos de ser discretos para evitar fofocas na empresa, mas acho que se tomarmos razoável cuidado quando estivermos juntos, conseguiremos administrar isso bem.

Fúria, não prazer, tingiu as aveludadas faces dela, que conseguiu, porém, expressar apenas perplexidade:

— Administrar o quê? Uma aventura barata?

— Lauren — disse Nick numa voz de advertência —, quero que você me conheça. Também sei que está furiosa comigo por iniciá-la sexualmente, e depois...

— Ah, mas não estou! — ela protestou com enganosa doçura. — Não trocaria aquela noite por nada no mundo. — Recuando um passo cauteloso, acrescentou com leviandade: — Na verdade, já decidi que, quando eu tiver uma filha e ela tiver a minha idade, eu darei um telefonema a você. Se ainda estiver “ativo”, gostaria que a iniciasse...

Um passo não bastou. Ele avançou para frente, agarrou-lhe os pulsos e prendeu-a entre as coxas, os olhos faiscando com uma perigosa combinação de raiva e desejo.

— Sua linda, atrevida... — precipitou a boca, tomando-lhe os lábios com bruta e devastadora fome e implacável insistência.

Lauren cerrou os dentes e resistiu á demolidora investida daquele beijo. Com um supremo esforço físico, desviou o rosto.

— Maldito seja, pare com isso! — Sufocou, enterrando o rosto no peito dele.

Nick afrouxou um pouco seus braços dos ombros dela e, quando falou, tinha a voz rouca de confusão:

— Se eu pudesse parar, acredite, o faria! — Entrelaçando os dedos nos cabelos dela, segurou-lhe o rosto entre as mãos e obrigou-a a olhar para ele. — Depois que partiu de Harbor Springs, pensei o tempo todo em você. Durante todo o encontro no almoço de hoje, não consegui me concentrar em nada além de você, Lauren. Não consigo evitar isso.

Essa confissão destruiu a resistência de Lauren, subjugando-a e seduzindo-a de uma maneira que nenhum beijo poderia ter feito.

Nick percebeu que ela se rendera pela trêmula suavidade de seus lábios. Encarou-os, as brasas acumuladas nos seus olhos saltando em chamas quando ele tornou a baixar a cabeça.

— É este o projeto “de máxima prioridade confidencial” que exige a presença de Lauren aqui?

A divertida fala arrastada de Jim abortou o beijo e os dois ergueram subitamente a cabeça e giraram-na em direção ao escritório de Mary, onde Jim estava encostado à porta que conectava os dois escritórios.

Lauren desvencilhou-se dos braços de Nick quando Jim se endireitou no vão da porta e depois entrou sem pressa no escritório.

— Isso torna tudo muito difícil para Lauren — continuou, pensativo, dirigindo-se a Nick. — Primeiro, receio que Mary tenha testemunhado parte dessa cena, e como ela é cegamente leal a você Nick, na certa culpará Lauren. — O horror mortificado dela ao saber que Mary os vira desapareceu por completo sob o choque que sentiu ao ouvir o que seu antigo chefe anunciou em seguida: — Segundo — mentiu com um sorriso descarado —, o encontro que você queria que ela desmarcasse no sábado por acaso é comigo. Como sou um de seus mais antigos e íntimos amigos, e como há sete noites na semana, não considero um jogo muito limpo de sua parte tentar usurpar minha noite.

Nick uniu as sobrancelhas em irritação, mas o outro continuou, imperturbável:

— Como nós dois pretendemos conquistar Lauren, acho que devíamos estabelecer algumas regras básicas. Muito bem —

ponderou —, ela é a presa aqui no escritório ou não? Estou inteiramente disposto a seguir as regras...

Lauren acabou por recuperar sua voz:

— Recuso-me a ouvir outra palavra — exclamou ao sair pisando forte em direção ao escritório de Mary.

Jim afastou-se do caminho, mas manteve o desafiador sorriso apontado para o amigo.

— Como eu dizia, Nick, estou inteiramente disposto a...

— Espero sinceramente — interrompeu Nick, curto e grosso — que você tenha um motivo válido para essa visita não agendada.

Jim esfriou o clima com uma risadinha.

— Na verdade, tenho. Curtis me telefonou enquanto eu estava fora. Acho que ele quer falar sobre uma negociação...

Lauren já cruzava a porta do escritório de Mary quando ouviu o nome. Curtis. As palmas das mãos começaram a transpirar. Era um dos seis nomes que Philip Whitworth lhe pedira para prestar atenção.

Curtis quer falar sobre uma negociação.

Lauren afundou na cadeira, o sangue martelando-lhe os ouvidos ao esforçar-se para ouvir mais a conversa do escritório de Nick, porém as vozes haviam baixado e o furioso barulho da máquina de escrever elétrica de Mary tornava impossível escutar alguma coisa.

Curtis poderia ser um primeiro nome e não o sobrenome. Michael Curtis fora o nome que Philip lhe dera, mas Jim falara apenas em Curtis. Lauren pegou o catálogo telefônico da Global Industries na gaveta da escrivaninha. Dois homens chamados Curtis constavam da lista... talvez fosse um deles. Ela não

acreditava que Jim fosse o intermediário do espião cuja traição estrangulava a empresa de Philip. Ele não.

— Se você não tem trabalho a fazer... — chegou a voz de Mary Callahan, seca e gélida — terei muito prazer em lhe passar parte do meu.

Lauren corou e recomeçou o trabalho com determinação.

Nick compareceu a reuniões durante o restante do dia, e às cinco da tarde Lauren exalou um suspiro de alívio. No primeiro andar da Sinco, os ruídos de vozes alteadas e gavetas fechando-se proclamavam o encerramento de mais um dia de trabalho. Ausente, Lauren fez um sinal com a cabeça para as colegas que a lembraram de juntar-se a elas no bar. Tinha os olhos em Jim quando o viu contornar a passos largos o corredor em direção à mesa dela.

— Quer conversar? — ele perguntou, inclinando a cabeça em direção a seu escritório. — E aí? — provocou-a, ao vê-la sentar-se na cadeira em frente à escrivaninha dele. — Por favor... sem dúvida já passamos do ponto em que precisamos manter algum tipo de formalidade entre nós.

Nervosa, Lauren retirou fios de cabelos da testa.

— O que fez você ficar parado lá e... e ouvir tudo? O que fez você dizer aquelas coisas sobre nós... nós dois?

Jim recostou-se na cadeira, um sorriso largo repuxando-lhe os lábios.

— Quando voltei do almoço e descobri que você tinha sido transferida para trabalhar com Nick, subi com a intenção de me certificar de que estava fazendo tudo certo. Mary me disse que você tinha acabado de entrar no escritório dele, então abri a porta

e olhei para ver se precisava de socorro. Lá estava você... sorrindo como um anjo para ele enquanto lhe dava recados de outras mulheres e recusava a proposta de uma “aventura”. — Apoiou a cabeça contra o encosto da cadeira, fechou os olhos e riu. — Ah, Lauren, você foi magnífica! Eu ia saindo quando a vi repelindo esse cara para longe e dizendo que lhe telefonaria quando tivesse uma filha da sua idade, para que ele pudesse, hã, “iniciá-la”, como deduzo que iniciou você.

Abriu um olho, notou as faces rubras de Lauren e acenou-lhe com a mão para que ela não desse tanta importância ao fato.

— De qualquer modo, você parecia resistir muito bem à retaliação física de Nick. Eu tinha acabado de decidir ir embora, quando ele a pressionou e declarou que não conseguia se concentrar em nada além de você. Você, então, mordeu a isca e começou a afundar, por isso entrei para lhe dar tempo de recuperar-se.

— Por quê? — insistiu ela.

Jim hesitou por um tempo longo o bastante para despertar suspeita.

— Suponho porque a vi chorando por ele e porque não quero que acabe se magoando outra vez. Entre outros motivos, porque, se for magoada, pedirá demissão, e por acaso gosto de tê-la por perto. — Os olhos castanhos dele se aqueceram de admiração enquanto a examinavam. — Não apenas você é extremamente decorativa, mocinha, mas brilhante, inteligente e capaz.

Lauren recebeu o elogio com um sorriso, mas não ia deixar o assunto morrer aí. Ele explicou por que os interrompera, mas não

por que fizera, de propósito, Nick achar que havia algo entre os dois.

— E — especulou com ousadia — se Nick acha que você está interessado em mim, eu me tornarei mais que um desafio. Se isso acontecer, ele investirá mais tempo e esforço me perseguindo, não? — Antes que Jim pudesse responder, ela concluiu sem rodeios: — E se ele ficar ocupado em me perseguir, não terá muito tempo para dedicar-se a Ericka Moran, certo?

Jim estreitou os olhos.

— Nick, Ericka e eu freqüentamos a faculdade juntos. Somos amigos há anos.

— Amigos íntimos? — instigou Lauren.

Jim disparou-lhe um olhar perfurante, depois fez pouco caso da questão com um encolher de ombros.

— Ericka e eu ficamos noivos, mas isso foi há muitos anos. — Deu um sorriso malicioso. — Talvez eu deva fazer exatamente o que disse a Nick que ia fazer e eu mesmo conquistar você.

Lauren sorriu.

— Tenho a sensação de que você é tão macaco velho e cínico quanto ele. — Jim pareceu tão ofendido que ela acrescentou, brincando: — Bem, é, sim... mas também é muito atraente, apesar de tudo.

— Obrigado — respondeu Jim, secamente.

— Você e Nick fizeram parte juntos de alguma associação de estudantes? — perguntou Lauren, desejando desesperadamente saber mais sobre Nick.

— Não, Nick freqüentou a faculdade com uma bolsa de estudos. Não tinha condições financeiras para fazer parte da

associação à qual eu pertencia. Não faça essa cara de pena dele, sua linda idiota. Ele não tinha dinheiro, mas tinha miolos... é um brilhante engenheiro. Também tinha as meninas, entre elas várias que eu desejava.

— Eu não estava sentindo pena dele — ela negou, levantando-se para ir embora.

— Por falar nisso... — interrompeu-a Jim — ... falei com Mary e acabei com os mal-entendidos sobre quem foi seduzido por quem algumas semanas atrás.

Lauren suspirou, derrotada:

— Eu gostaria que você não tivesse feito isso.

— Alegre-se como o diabo por eu ter feito. Mary trabalhou para o avô de Nick e conhece o homem desde que ele era bebê. É ferozmente leal a ele. É também uma moralista convicta, com uma específica aversão a jovens libidinosas que perseguem a sua cria. Teria tornado a sua vida um verdadeiro inferno.

— Se essa senhora é uma moralista tão convicta — argumentou Lauren em rebeldia —, não consigo imaginar como pode trabalhar para Nick.

Jim piscou-lhe.

— Nick e eu somos os grandes favoritos dela, que acredita que ainda temos salvação.

Ela parou no vão da porta e virou-se.

— Jim — perguntou, sem graça. — Eu fui o único motivo de você ter subido? Quer dizer, inventou aquela desculpa sobre Curtis querendo falar de uma negociação?

Ele direcionou os olhos castanhos para ela, curioso.

— Não, era verdade. Mas o usei apenas como desculpa. — Riu ao abrir a pasta e começar a enfiar documentos nela. — Como Nick me informou de forma um tanto rude quando você saiu, o assunto de Curtis não era urgente o bastante para justificar minha subida até lá e minha interrupção. Por que pergunta sobre Curtis? — acrescentou.

Com o sangue parecendo fluir frio, Lauren sentiu-se transparente e óbvia.

— Por nada, só curiosidade. — Jim pegou a pasta e chamou-a:

— Venha, eu acompanho você até lá fora. — Atravessaram o saguão de mármore juntos, e Jim abriu uma das pesadas portas de vidro para Lauren passar. A primeira coisa que ela viu ao sair à rua foi Nick, que se encaminhava rapidamente na direção de uma longa limusine prateada, à sua espera no meio-fio.

Quando se virou para ocupar seu lugar no banco de trás, olhou para o prédio e os viu. Dissecou Jim com o olhar antes de pousá-lo em Lauren. Os olhos cinzentos sorriram-lhe com uma promessa... e uma advertência: na vez seguinte não ia ser contrariado com tanta facilidade.

— Para onde, sr. Sinclair? — perguntou o motorista, quando Nick se instalou no luxuoso automóvel.

— Aeroporto Metro — ele respondeu. Virou a cabeça para vê-la atravessar o largo bulevar ao lado do outro. Com pura apreciação estética, contemplou o suave balanço dos quadris de Lauren. Desprendia-se do seu porte um equilíbrio tranquilo, um orgulho que emprestava graça aos seus movimentos.

O motorista viu uma brecha no trânsito e a limusine lançou-se rumo ao fluxo de automóveis da hora do rush. Agora que pensava nisso, Nick compreendia que tudo em Lauren o atraía. Durante o tempo em que haviam passado juntos, desde que a conhecera, ela divertira-o, enfurecera-o e excitara-o sexualmente. Era riso e sensualidade, delicadeza e desafio, tudo embalado num pacote de extrema sedução.

Recostando-se no assento macio, pensou no caso que planejava ter com ela. Era loucura envolver-se com uma das funcionárias; se soubesse de antemão o que iria acontecer, teria arranjado um emprego para ela numa das empresas de seus amigos. Mas era tarde demais agora. Desejava-a.

Quisera-a desde aquela primeira noite, quando se virara para entregar-lhe um copo de água tônica e encontrara não uma adolescente despenteada, mas uma mulher de refinada beleza. Sorriu, lembrando-se da expressão no rosto dela quando observara o choque que causara nele. Ela previra aquela surpresa, e apreciara sem disfarce cada instante da situação.

Decidira naquela noite mantê-la a distância. Era jovem demais para ele... não gostara da inexplicável onda de desejo que sentira no momento em que ela o advertiu rindo de que, se a “sandália” se encaixasse, o transformaria num belo sapo. Se esse desejo não lhe houvesse sobrepujado a razão quando a levava ao restaurante de Tony para almoçar, Nick jamais a teria convidado a Harbor Springs. Mas a convidara.

E ela era virgem!

A consciência atormentou-o e ele suspirou irritado. Droga, se não tivesse feito amor com ela, outro homem teria feito, e muito

em breve. Jim Williams a queria. Assim como uma dezena de outros, pensou, lembrando a maneira admiradora, ávida e avaliadora como vários dos executivos haviam-na observado na festa no sábado.

A visão de Lauren parada no terraço naquela noite flutuou pela sua mente. “Um mês atrás eu achava que você era alguém especial!”, explodira, parecendo um anjo cruel. “Um mês atrás eu não sabia que você não tinha princípios, era promíscuo e de moral corrupta!” *“Sem dúvida, sabia expressar opiniões”*, pensou Nick com ironia.

Toda fibra de seu instinto avisava-o de que um caso com Lauren lhe complicaria a vida. Ela já o instigava. Devia ter se aferrado à decisão inicial de evitar mais qualquer contato com ela, a decisão que tomara quando a mandara embora de Harbor Springs. Teria se aferrado a isso se não a houvesse visto na festa na noite de sábado, tão sexy e glamourosa naquele vestido extremamente provocativo.

Ela o quisera também naquela noite, embora o negasse. E também essa tarde no escritório dele. Uma das primeiras coisas que ensinaria àquela beldade adorável e exasperadora era a aceitar a própria sexualidade e admitir seus desejos. Então lhe banharia os sentidos em cada refinada sensação que um homem podia proporcionar a uma mulher na cama. Ia ensiná-la a satisfazê-lo também. Lembrou-se das delicadas tentativas dela de dar-lhe prazer quando fizeram amor em Harbor Springs, e um excitante movimento instantaneamente o deixou enrijecido. O efeito que Lauren tinha nele era incrível, pensou, fechando a cara, ao mudar de posição.

E se Lauren não tivesse condições emocionais de manter um caso? E se desmoronasse quando a relação chegasse ao fim? Ele não queria magoá-la.

Nick curvou-se e abriu a pasta, retirando os contratos para a aquisição de terra que ia negociar com os homens que chegavam à cidade de avião para encontrar-se com ele. Era tarde demais para preocupar-se com as possíveis conseqüências; queria-a com demasiado ardor... e Lauren também o queria.

Capítulo 13

À uma hora da tarde seguinte, Lauren subiu ao octogésimo andar e foi informada por Mary de que o sr. Sinclair queria vê-la imediatamente. Combatendo a tensão, ajeitou os cabelos, presos num frouxo nó na nuca, e entrou no escritório.

— Você queria me ver? — perguntou, educada.

Nick largou no tampo da escrivaninha os documentos que lia, recostou-se na cadeira e examinou-a com ar indolente.

— Você usava os cabelos assim no alto no dia que partimos para Harbor Springs — disse, a voz profunda numa altura baixa e sedutora. — Eu gosto.

— Nesse caso — Lauren rebateu rindo —, começarei a usá-los soltos.

Nick riu.

— Então é assim que vamos jogar, é?

— Jogar o quê?

— Esse joguinho que começamos ontem.

— Não estou participando do seu jogo — ela respondeu com tranqüila firmeza. — Não quero o prêmio.

Mas queria. Queria-o para sempre, só seu. E desprezava-se por essa fraqueza idiota.

Nick observou a conturbada expressão de Lauren com um sentimento de satisfação, e apontou com a cabeça a cadeira em frente à escrivaninha.

— Sente-se. Eu ia começar a rever um arquivo que me enviaram.

Aliviada por vê-lo pronto para iniciar o trabalho, Lauren sentou-se, mas ficou sem ar quando pegou a pasta e abriu-a. As palavras *Arquivo Pessoal — Confidencial* estavam impressas na parte da frente, e embaixo havia uma etiqueta que dizia: *Lauren E. Danner/Funcionária nº 98753*.

Um rubor tingiu-lhe as delicadas maçãs do rosto ao lembrar-se de haver errado de propósito nos testes e indicar presidente como a primeira preferência de um emprego. Nick veria isso e...

— Hummm — comentou ele —, Lauren Elizabeth Danner. Elizabeth é um bonito nome, e Lauren também. Combinam com você.

Incapaz de suportar o tormento de vê-lo flertar, ela disse, reprimindo-o:

— Deram-me o nome de duas tias solteironas. Uma delas tinha estrabismo e a outra, verrugas.

Nick ignorou-a e continuou em voz alta:

— Cor dos olhos, azul. — Encarou-a por cima da pasta, com olhos íntimos e provocadores. — Sem a menor dúvida, são azuis.

Um homem gostaria de se perder nesses seus olhos... são deslumbrantes.

— O direito oscilava, a não ser que eu usasse óculos. — informou-o rindo. — Tiveram de operá-lo.

— Uma menina de olhos oscilantes e óculos no nariz — ele refletiu com um vagaroso sorriso. — Aposto que era bonitinha.

— Eu era estudiosa, não bonitinha.

Os lábios dele franziram-se como se soubesse muito bem o que ela tentava fazer. Virou a ficha, e Lauren viu-o examinando-a, o olhar chegando ao pé da página, onde a candidata listara as preferências de emprego. Percebeu o instante exato em que localizou a afronta.

— Que colocação...! — exclamou, estupefato, e desatou a rir. — Weatherby e eu vamos ter de nos cuidar. Qual dos empregos você quer mais?

— Nenhum — respondeu ela, sucinta. — Fiz isso porque, a caminho da entrevista na Sinco, decidi que não queria trabalhar ali, afinal.

— Então errou os testes de propósito, é isso?

— Isso mesmo.

— Lauren... — ele começou com uma voz sedutora que no mesmo instante a levou a pôr-se em guarda.

— Eu tive o dúbio prazer de ler todo o seu arquivo — cortou-o Lauren friamente. — O arquivo do departamento de Relações Públicas — esclareceu, diante do olhar surpreso dele. — Sei tudo sobre Bebe Leonardos e a estrela do cinema francês. Cheguei até a ver sua foto com Ericka Moran no dia depois que me mandou

embora porque um “importante parceiro de negócios” chegaria para encontrar-se com você.

— E — ele concluiu sem se alterar — ficou magoada.

— Fiquei repugnada — disparou de volta, recusando-se a admitir toda a angústia que sentira. Recuperou o equilíbrio e disse com muito pouco da calma anterior: — Agora podemos passar ao trabalho?

Um momento depois, Nick foi chamado para uma reunião que durou o resto da tarde, assim Lauren foi deixada em paz. Para ver-se perturbada pelos freqüentes olhares recriminadores de Mary Callahan.

Às dez horas da manhã seguinte, Jim, com a aparência estressada, surgiu junto à escrivaninha de Lauren.

— Nick acabou de ligar. Quer que você suba agora mesmo, e vai precisar que fique lá durante o resto do dia. — Com um suspiro, gesticulou em direção ao relatório que ela vinha lhe preparando. — Vá em frente. Eu terminarei isso.

Mary estava fora quando Lauren chegou, mas ela encontrou Nick sentado à escrivaninha, já despido do paletó e da gravata, a cabeça baixa, concentrado nas notas que escrevia. Tinha as mangas da camisa enroladas acima dos bronzeados antebraços e o colarinho desabotoado. Ela desviou o olhar para o pescoço também bronzeado. Não muito tempo atrás, lembrou, colara os lábios naquela concavidade onde o pulso batia...

Olhou para os escuros cabelos num corte magnífico e os ângulos da mandíbula e da face que pareciam talhados a cinzel. Ele era o homem mais bonito, mais irresistível que já vira, pensou

com uma pontada de desejo. Mas, quando falou, a voz saiu com calmo desinteresse:

— Jim disse que você precisava de mim aqui em cima agora mesmo. Que quer que eu faça para você?

— Ora, mas esta é uma boa pergunta! — ele provocou. Enfática, ela ignorou a indireta sexual.

— Entendo que tem uma tarefa urgente para mim.

— Tenho.

— Qual é?

— Quero que vá à lanchonete e traga alguma coisa para eu comer.

— Essa... — engasgou-se Lauren. — Essa é sua ideia de urgente?

— Muito urgente — respondeu Nick, imperturbável. — Por acaso, estou faminto.

Lauren fechou as mãos em punhos.

— Para você, talvez eu seja apenas um objeto sexual divertido e frívolo, mas lá embaixo tenho um trabalho importante a fazer, e Jim precisa de mim.

— Eu preciso de você, doçura. Sabe que desde que cheguei...

— Não ouse me chamar de doçura! — ela explodiu, vacilando com indesejável alegria diante daquela ternura casual.

— Por que não? — bajulou-a, e um sorriso iluminou-lhe o rosto. — Você é doce.

— Vai mudar de ideia se tornar a me chamar de doçura — prometeu ela.

Nick uniu as sobrancelhas ao ouvir aquele tom, e obrigou-a a lembrar-se de que ele continuava sendo o seu patrão.

— Ah, tudo bem! — rendeu-se, mal-humorada. — Que quer de café da manhã?

— Secretárias irritantes — gracejou ele.

Ela voltou com um andar arrogante para o seu escritório temporário e descobriu que Mary retornara.

— Não vai precisar de dinheiro, Lauren — disse a mulher. — Temos uma conta aberta na lanchonete.

Duas coisas impressionaram-na de imediato: a primeira foi que Mary a chamara apenas de Lauren, em vez do tratamento frio habitual de srta. Danner. E a segunda foi que ela sorria... e que sorriso tinha Mary Callahan! Parecia irradiar-se do seu interior iluminando o rosto e suavizando as austeras feições de uma maneira que a fazia parecer totalmente adorável.

Lauren viu-se retribuindo aquele contagioso sorriso.

— Que é que ele come no café da manhã? — suspirou. Os olhos de Mary brilharam.

— Secretárias irritantes.

Como para expiar a falta de enviá-la numa tarefa tão insignificante, Nick agradeceu-lhe pelos pãezinhos doces que ela trouxe e, todo galanteador, insistiu em servir-lhe uma xícara de café.

— Eu mesma me sirvo, mas obrigada de qualquer modo — recusou Lauren com firmeza.

Para seu sublime mal-estar, ele encaminhou-se sem pressa até o bar, e como quem não quer nada, debruçou-se sobre o balcão, observando-a adicionar creme e açúcar ao café.

Quando ela estendeu a mão para pegar a xícara, ele pôs a mão no braço dela.

— Lauren — disse tranqüilo —, sinto muito ter magoado você. Acredite, jamais tive o intuito de fazer isso.

— Não há a menor necessidade de continuar a desculpar-se — respondeu, afastando com todo o cuidado o braço. — Basta esquecer que tudo isso aconteceu.

Pegou a xícara e saiu a caminho da própria mesa.

— Por falar nisso — disse ele despreocupadamente —, parto para a Itália esta noite. Mas a partir de segunda-feira precisarei de você aqui em cima nas manhãs também.

— Por quanto tempo? — perguntou Lauren, apavorada.

Ele riu.

— Pelo tempo que for necessário para eu vencer esse seu jogo.

Com essas palavras, o desafio foi lançado, e a batalha de vontades que se seguiu logo a esgotou por completo.

Ela mal largara a xícara na mesa, quando Nick tocou o interfone e pediu-lhe que fosse ao seu escritório e anotasse uma carta para Rossi, o inventor italiano.

— E traga seu café — convidou.

No meio do ditado rápido como a luz, ele disse baixinho, sem fazer sequer uma pausa:

— Quando o sol se reflete em seus cabelos, eles brilham como fios de ouro — e lançou-se de volta à carta.

Lauren, que sem querer anotara metade do elogio em estenografia, disparou-lhe um olhar homicida e o fez gracejar.

À uma da tarde, Nick pediu-lhe que participasse de uma reunião no escritório principal e tomasse notas. No meio do encontro, ela ergueu os olhos e viu-o lançar-lhe um olhar de

pálpebras pesadas às suas pernas cruzadas. Sentiu todo o corpo aquecer-se e descruzou-as. Encarando-a, olhos nos olhos, Nick sorriu com o ar de quem sabe das coisas.

Quando a reunião chegou ao fim, Lauren levantou-se para sair, mas ele a deteve.

— Você já terminou de datilografar a tradução para o italiano daquela lista de perguntas que ditei, para que Rossi entenda o que quero saber? — Dando-lhe uma encantadora piscadela de desculpas, acrescentou: — Detesto apressá-la, doçura, mas preciso levar a papelada comigo para Casano.

Por que, perguntou-se ressentida, sentira o coração, idiota, revirar-se quando ele a chamou de doçura?

— Está pronta — respondeu.

— Ótimo. E você entendeu, a partir do trabalho que andou fazendo, o que significa o projeto Rossi?

Ela fez que não com a cabeça.

— Não, na verdade, não. Tudo é técnico demais. Sei que Rossi é um químico que mora em Casano e inventou algo em que você está interessado. Também sei que pensa na possibilidade de financiar a pesquisa dele, além de industrializar o produto no futuro.

— Eu devia ter lhe explicado antes. Tornaria seu trabalho aqui mais prazeroso — disse ele, mudando de repente de sedutor a chefe atencioso. — Rossi criou um produto químico que parece tornar certos materiais sintéticos, entre eles o náilon, totalmente à prova d'água, fogo, intempéries e sujeira, sem mudar a aparência nem a textura da substância original. Os tapetes e as roupas feitos

com estes materiais sintéticos seriam quase impossíveis de se desgastarem ou de se desfazerem.

Tratava-a como uma parceira profissional, e pela primeira vez desde o fim de semana que passaram juntos Lauren relaxou na companhia dele.

— Mas essa substância química funciona mesmo, sem modificar nem danificar nada?

— Quem dera eu soubesse — admitiu Nick, irônico. — Mas pretendo descobrir nessa viagem. Até agora, só vi demonstrações. Preciso de uma amostra para trazer de volta comigo e mandar analisar num laboratório de minha confiança, mas Rossi é paranóico em relação a sigilo. Ele diz que está me testando.

Lauren franziu o nariz.

— Parece meio doido.

— É excêntrico pra burro — suspirou ele. — Mora num pequeno chalé em Casano, numa minúscula aldeia pesqueira italiana. Tem vários cachorros para protegê-lo, mas o laboratório fica num abrigo a menos de um quilômetro de lá, sem proteção alguma.

— Pelo menos você viu demonstrações.

— Demonstrações não significam muito sem testes completos. Por exemplo, esse produto químico pode tornar alguma coisa à prova d'água... mas que acontecerá se derramar leite? Ou refrigerante?

— E se esse produto for tudo que ele diz que é? — perguntou ela.

— Nesse caso, formarei um consórcio, uma aliança entre a Global Industries e duas outras empresas colaboradoras, e apresentaremos ao mundo a descoberta desse maluco.

— Na certa o inventor teme que, se der a você uma amostra para testar, alguém no laboratório a analisará e ficará sabendo quais as substâncias químicas usadas. Depois poderia roubar a descoberta.

— Você tem razão — respondeu Nick com um sorriso. De repente, passou o braço em volta dela e ergueu-lhe o queixo com a mão livre. — Trarei um presente da Itália para você. Que gostaria de ganhar?

— Os brincos de minha mãe — respondeu Lauren, sem rodeios.

Com um brusco movimento para trás, libertou-se dos braços dele, girou nos calcanhares e dirigiu-se ao escritório de Mary. A risadinha gutural de Nick acompanhou-a.

Ao vê-la afastar-se, ele sentiu uma emoção estranha, desconhecida, brotar de seu íntimo, uma ternura que o fez sentir-se vulnerável. A visão dela agradava-lhe, o sorriso, aquecia-o, e tocá-la desencadeava uma explosão de desejo por todo o organismo. Lauren tinha equilíbrio e uma sofisticação simples, natural. Em comparação com outras mulheres de sua vida, Lauren era ingênua e delicada... e, no entanto, teve a coragem de desafiá-lo abertamente e força para resistir à pressão que ele vinha exercendo sobre ela.

O sorriso desfez-se na boca de Nick. Pressionava-a e jamais fizera isso com outra mulher em toda a vida. Perseguia-a, encurralava-a nos cantos e sentia-se indignado consigo mesmo por

isso. No entanto, não podia deter-se... Sentia mais por ela que apenas desejo; gostava dela. Admirava aquela coragem e obstinação, e até seu idealismo,

Essa emoção não identificável, indesejável, agitou-lhe mais uma vez o íntimo e ele afastou-a de sua mente. Queria-a porque era um belo enigma. Gostava dela e desejava-a. Nada mais.

Às 4h55, uma teleconferência que ele programara fora iniciada da Califórnia, de Oklahoma e do Texas. Quando Mary o avisou que estava tudo pronto, Nick pediu-lhe que enviasse Lauren ao escritório para tomar notas.

— Ele vai colocar você no telefone, no viva-voz — explicou Mary. — Só precisa que anote os números que serão discutidos.

A teleconferência já avançava quando Lauren entrou no escritório. Nick indicou-lhe a cadeira dele e levantou-se para que ela se sentasse e tomasse notas. Dois minutos depois de sentar-se, ele curvou-se sobre ela por trás, apoiou uma mão de cada lado dela no tampo da mesa e roçou-lhe os cabelos com os lábios.

O autocontrole de Lauren rompeu-se:

— Maldito! Pare com isso! — explodiu.

— Que foi? — Que foi? — Que foi? — perguntaram três vozes masculinas em uníssono.

Nick curvou-se para o viva-voz e falou arrastado:

— Minha secretária acha que vocês estão falando rápido demais e gostaria que fossem mais devagar.

— Ora, era só pedir, não precisava disso tudo — respondeu um homem ofendido.

— Espero que tenha ficado satisfeito! — sussurrou Lauren furiosa.

— Não estou — Nick riu no ouvido dela. — Mas vou ficar.

Com toda a intenção de deixá-lo para que ele próprio fizesse as anotações, a jovem fechou com força o caderno e tentou empurrar a cadeira para trás. O corpo de Nick bloqueou a cadeira. Ela girou a cabeça para dizer algo mordaz, e o outro lhe capturou os lábios num beijo que lhe forçou a cabeça contra o encosto da cadeira, triplicou sua pulsação e impediu-a de pensar. Quando ele desprende a boca, deixara-a abalada demais para fazer qualquer coisa além de encará-lo.

— Que você acha, Nick? — perguntou alguém pelo viva-voz.

— Acho que está ficando cada vez melhor — respondeu ele, a voz rouca.

Quando terminou a teleconferência, apertou um botão na mesa, e Lauren viu a porta que dava para o escritório de Mary fechar-se eletronicamente. Ele agarrou-lhe os braços e arrastou-a da cadeira, virando-a para si. Aproximou a boca da dela, e, impotente, Lauren sentiu-se atraída por aquele fascinante encanto.

— Não faça isso! — implorou. — Por favor, não faça isso comigo.

Nick apertou as mãos nos braços dela.

— Por que não pode apenas admitir que me quer e aproveitar as conseqüências?

— Tudo bem — disse ela, com um ar infeliz. — Você venceu. Eu quero você... admito. — Viu o brilho fugidio de triunfo nos olhos dele e ergueu o queixo. — Quando eu tinha oito anos, também quis uma macaquinha que vi num petshop.

O triunfo esvaiu-se.

— E? — suspirou Nick, irritado, soltando-a.

— E lamentavelmente tive meu pedido atendido — respondeu ela. — Daisy me mordeu e eu precisei levar doze pontos na perna.

Nick parecia oscilar entre a risada e a raiva.

— Imagino que ela a tenha mordido por você dar-lhe o nome de Daisy.

Lauren ignorou a gozação.

— E aos treze anos, queria irmãos e irmãs. Meu pai me satisfez se casando de novo, e ganhei uma meia-irmã que me roubava as roupas e um meio-irmão que me roubava a mesada.

— Que diabos isso tem a ver conosco?

— Tudo! — Ela ergueu as mãos num gesto de súplica, e depois as deixou caírem, sentindo-se derrotada. — Estou tentando explicar que eu quero você, mas não vou permitir que me magoe de novo.

— Não vou magoá-la.

— Ah, vai sim — disse ela, reprimindo com ferocidade as lágrimas. — Não terá intenção, mas vai acabar me magoando. Já me magoou. Quando o deixei para ir ao norte, você partiu para Palm Springs com uma de suas parceiras de cama. Sabe o que fiquei fazendo, enquanto você estava lá?

Nick enfiou as mãos nos bolsos, a expressão cautelosa.

— Não. Que foi?

— Eu — ela respondeu numa risada histérica engasgada — fiquei sentada ao lado do telefone, esperando você me ligar e tricotando um suéter cinza que combinaria com seus olhos. — Encarou-o, implorando com os olhos que ele entendesse. — Se

tivermos um caso, você não vai se envolver emocionalmente, mas eu vou. Não consigo separar as emoções do corpo, pular para a cama, passar momentos maravilhosos e depois esquecer tudo. Eu iria querer que gostasse de mim, como eu de você. Sentiria ciúmes se o imaginasse com outra mulher. E se soubesse que você estava, ficaria magoada e furiosa.

Se Nick a tivesse ridicularizado ou tentado persuadi-la, Lauren cairia em prantos. Mas ele não fez nenhuma das duas coisas, e ela ganhou forças. Conseguiu até esboçar um sorriso triste.

— Se tivéssemos um caso, quando terminasse, você ia querer que fôssemos amigos, não ia? Esperaria que fôssemos.

— Claro.

— Então, como nosso “caso” terminou, podemos ser amigos agora? — A voz saiu trêmula quando ela acrescentou: — Eu... eu gostaria realmente de pensar em você como meu amigo.

Nick assentiu com a cabeça, mas não falou nada. Ficou ali apenas observando-a, com seus enigmáticos olhos cinza.

Mais tarde, Lauren dirigiu-se ao carro, parabenizando-se pela maturidade com que tratara a situação. Fora honesta e direta; resistira à tentação e defendera seus princípios. Agira “certo” e era uma pessoa mais forte e melhor por isso.

Cruzou os braços sobre o volante e desatou a chorar.

Capítulo 14

Lauren passou o resto da semana trabalhando como uma louca no escritório. Em casa, alternava-se pensando em Nick e preocupando-se com a situação financeira do pai. O hospital vinha exigindo a metade do pagamento de uma vez. A única coisa que era possível fazer seria vender o esplêndido piano da mãe, mas a ideia a desconsolava. Também era seu o piano, e ali no Michigan sentia falta dele. Sentia falta de tocá-lo, de extravasar as frustrações e decepções no teclado como se habituara a fazer. Por outro lado, seu pai achava-se longe de estar bem, e se precisasse ir para o hospital de novo, ela não podia correr o risco de o recusarem porque a última conta não fora paga.

Na tarde da última sexta-feira, Susan Brook chamou-a no departamento de Relações Públicas.

— O aniversário de Jim é na quinta-feira da semana que vem — informou-a. — É mais ou menos um costume aqui trazer um bolo para nosso chefe. — Bolo com cafezinho é uma desculpa esplêndida para deixar o trabalho quinze minutos mais cedo.

— Eu trarei o bolo — apressou-se a tranquilizá-la Lauren. Olhou o relógio, desejou boa-noite a Susan e apressou o passo em direção à sua mesa. Philip Whitworth telefonara e convidara-a para jantar naquela noite, e não queria chegar atrasada.

A caminho do apartamento para trocar de roupa, ela pensou em falar a Philip sobre o negócio com Curtis. Sentia-se apreensiva, contudo, em relação a isso. Antes que se intrometesse na reputação e no trabalho de alguém, devia ter certeza do que de fato sabia. Ocorreu-lhe que Philip poderia considerar “informação valiosa” a notícia do projeto Rossi e que talvez lhe pagasse os dez mil dólares que oferecera, mas a consciência esbravejava por até mesmo pensar na ideia. Decidiu escrever ao hospital e oferecer três mil dólares. Talvez conseguisse pegar emprestado esse valor de um banco.

Durante o jantar, mais tarde, Philip perguntou-lhe se gostava do emprego na Sinco. Quando ela respondeu que sim, ele disse:

— Você ouviu mencionarem algum dos nomes que lhe dei? — Ela hesitou.

— Não, não ouvi.

Philip suspirou, decepcionado.

— A concorrência dos contratos mais importantes que já pensamos em negociar tem prazos finais daqui a apenas poucas semanas. Antes disso, preciso saber quem está vazando a informação para a Sinco. Preciso desses contratos.

Lauren sentiu-se logo culpada por não lhe falar de Curtis ou Rossi. Mais que nunca, achava-se confusa, dividida entre a lealdade a Philip e o desejo de fazer o que era certo.

— Eu disse a você que ela não ia conseguir ajudar — interveio Carter.

Lauren não sabia sequer como se deixara envolver nessa confusão. Em defesa própria, alegou:

— É cedo demais para saber, na verdade. Fui designada para trabalhar num projeto especial no octogésimo andar, por isso só trabalhei em horário integral para a Sinco desde ontem, quando Nick... o sr. Sinclair... pegou um voo para a Itália.

O nome de Nick disparou um raio de eletricidade por toda a sala e notou-se que os três Whitworth se enrijeceram.

Os olhos de Carter iluminaram-se de excitação.

— Lauren, você é fantástica! Como conseguiu fazer com que a designassem para ele? Nossa, terá acesso a todos os tipos de projetos confidenciais...

— Não consegui nada — interrompeu ela. — Estou lá porque, por acaso, incluí no meu currículo que falo italiano, e ele precisava de uma secretária temporária fluente na língua para trabalhar num projeto especial.

— Que tipo de projeto? — perguntaram Philip e Carter em uníssono.

Lauren olhou aflita para Carol, que a encarava com seriedade por cima do aro dos óculos. Então dirigiu o olhar aos dois homens.

— Philip, você prometeu, quando concordei em trabalhar para a Sinco, que só me pediria para lhe dizer se ouvisse um daqueles seis nomes. Por favor, não me peça outra coisa. Se eu fizer isso, não serei em nada melhor do que a pessoa que está espionando você.

— Você tem razão, claro, minha cara — ele concordou de imediato.

Mas uma hora depois, quando Lauren foi embora, Philip virou-se para o filho.

— Ela disse que Sinclair voou ontem para a Itália. Ligue para aquele piloto amigo seu e descubra se consegue acesso ao plano de voo dele. Quero saber o lugar exato na Itália aonde foi.

— Acha que isso é realmente importante?

Philip examinou o conhaque na taça: — É óbvio que Lauren considera isso muito importante. Se não, teria nos dito, sem nenhum escrúpulo. — Após uma pausa, acrescentou: — Se conseguirmos encontrá-lo, quero que você mande uma equipe de espiões lá para segui-lo. Meu palpite é de que ele está trabalhando em algo grande.

Lauren olhou o pequeno termômetro do lado de fora da janela do banheiro enquanto vestia um suéter amarelo e uma calça folgada. Apesar da ensolarada tarde de domingo outonal, do apartamento mobiliado com luxo, sentia-se solitária. Decidiu que comprar o presente de aniversário de Jim lhe daria alguma coisa para fazer. Pensava no que comprar para ele quando o repentino toque estridente da campainha da porta lhe interrompeu os pensamentos.

Ao abri-la, encarou em total perplexidade o homem cuja alta compleição parecia encher o vão da porta. Vestindo uma camisa creme, o colarinho aberto e uma jaqueta de camurça ferrugem pendurada com negligência no ombro, Nick exibia uma beleza tão

insuportável que lhe deu vontade de chorar. Ela obrigou-se a parecer composta e apenas um pouco curiosa.

— Oi. Que faz aqui?

Nick franziu as sobrancelhas.

— Quisera eu saber.

Sem conseguir reprimir o sorriso, ela disse:

— A resposta comum é que por acaso estava nos arredores e decidi aparecer.

— Ora, por que não pensei nisso? — zombou ele num tom seco. — Bem, vai me convidar para entrar?

— Não sei — respondeu Lauren com toda a franqueza. — Devo?

Ele deslizou o olhar por todo o comprimento do corpo dela, ergueu-o para os lábios e, por fim, os olhos.

— Eu não convidaria se fosse você.

Embora sem ar por causa daquele olhar de visível sensualidade, Lauren decidiu cumprir a decisão de evitar qualquer envolvimento pessoal com ele. A julgar pela maneira como acabara de olhá-la, o motivo de Nick ter ido ali era muito, muito pessoal. Com relutância, tomou a decisão.

— Até logo, Nick — disse, começando a fechar a porta. — E obrigada por aparecer.

Ele aceitou a decisão com uma leve inclinação da cabeça, e Lauren obrigou-se a fechar a porta. Forçou-se a afastar-se com pernas que pareciam de chumbo, e lembrou ao mesmo tempo a loucura que seria deixá-lo perto dela. Mas a meio caminho de atravessar a sala de estar, perdeu a batalha interior. Girando nos calcanhares, disparou a correr até a porta, escancarou-a e chocou-

se contra o peito dele. Reclinado com uma das mãos na moldura da porta, Nick olhava para o rosto afogueado dela com um sorriso experiente e satisfeito.

— Olá, Lauren. Por acaso eu estava realmente na vizinhança ou nos arredores e decidi aparecer.

— O que você quer, Nick? — suspirou, os olhos azuis vasculhando os dele.

— Você.

Determinada, ela recomeçou a fechar a porra, mas Nick usou a mão para detê-la.

— Quer mesmo que eu vá embora?

— Eu disse a você na quarta-feira que o que eu quero não tem nada a ver com isso. O importante é o que é melhor para mim e...

Ele a interrompeu com um sorriso de moleque:

— Prometo que jamais usarei suas roupas, nem roubarei sua mesada e tampouco os namorados. — Lauren não pôde deixar de começar a rir quando ele concluiu: — E se você jurar jamais me chamar de Nicky não a morderei.

Ela afastou-se para o lado e deixou-o entrar, depois pegou a jaqueta e pendurou-a no cabide. Quando se virou, viu-o encostado na porta da frente fechada, com os braços cruzados no peito.

— Pensando melhor, retiro parte da última promessa. Eu adoraria morder você.

— Perverso! — rebateu Lauren, provocando-o, o coração martelando tanto de excitação que mal sabia o que dizia.

— Chegue mais perto e mostrarei até que ponto eu posso ser perverso — convidou-a, tranquilo.

Lauren recuou um passo cauteloso.

— Em hipótese alguma. Gostaria de um café, ou uma Coca?

— Qualquer uma das duas coisas seria ótima.

— Vou fazer um pouco de café.

— Beije-me primeiro.

Lauren virou-se, lançou-lhe um olhar e encaminhou-se para a cozinha.

Enquanto preparava o café, tinha profunda consciência de que ele estava parado na porta da cozinha e a observava.

— Eu lhe pago o suficiente para manter este apartamento? — perguntou, como quem não quer nada.

— Não. Houve um problema de arrombamento recentemente aqui; por isso, em troca de cuidar da casa, passei a morar aqui de graça.

Ela ouviu-o aproximar-se e apressou-se a virar-se para a mesa e colocar xícaras e pires. Quando se endireitou, percebeu que ele se achava parado bem atrás, não teve outra opção senão dar meia-volta e enfrentá-lo.

— Sentiu saudade de mim? — perguntou Nick.

— Que é que você acha? — esquivou-se ela com toda a calma, mas não toda, porque ele riu.

— Bom. Quanto?

— Seu ego está carente de elogios hoje? — reagiu Lauren rindo.

— Está.

— Verdade? Por quê?

— Porque fui fulminado por uma linda garota de vinte e três anos, e parece que não consigo tirá-la da cabeça.

— Isso é péssimo — concordou ela, tentando, sem sucesso, ocultar a alegria na voz.

— Não é — ele gracejou. — É como um espinho no dedo, uma bolha no calcanhar. Tem os olhos de anjo, um corpo que me faz delirar, o vocabulário de uma professora de inglês e uma língua que parece um bisturi.

— Obrigada, eu acho.

Nick deslizou as mãos pelos braços dela acima, depois as colocou ao redor dos ombros de Lauren, apertando-as ao puxá-la até alguns centímetros do seu peito.

— E — acrescentou — eu gosto dela.

Fazia com a boca uma deliberada descida vagarosa, e Lauren esperou, impotente, o impacto dos lábios cobrindo os seus. Em vez disso, ele contornou os lábios e começou a explorar a suave pele do pescoço e ombro, roçando a área sensível com a boca cálida, depois subiu devagar pelo pescoço até a orelha. Com a mesa da cozinha atrás e ele na frente, Lauren não tinha condições de fazer nada, além de continuar parada ali, um feixe de vibrantes sensações. Nick deixou com a boca uma trilha ardente de beijos até a têmpora, quando começou, devagar, a baixar em direção aos lábios. Pairando milímetros acima, recuou e repetiu o comando anterior:

— Beije-me, Lauren.

— Não — ela sussurrou, trêmula.

Nick deu de ombros e começou a beijar-lhe indolentemente a outra face, detendo-se com sensualidade na orelha, traçando cada curva e cavidade com a língua, e mordiscou-lhe o lóbulo. Ela lançou-se para frente num movimento sobressaltado que empurrou

um corpo contra o outro e os uniu. O mesmo frio na espinha atacou a ambos, que se enrijeceram com o delicioso choque do encontro.

— Santo Deus! — ele grunhiu baixinho e começou a deslizar os lábios pelo pescoço de Lauren até o ombro.

— Nick, por favor — sussurrou enfraquecida.

— Por favor o quê? — murmurou contra a garganta dela. — Por favor, acabe com isso?

— Não!

— Não? — ele repetiu com a voz cativante e ergueu a cabeça. — Quer que eu a beije, tire sua roupa e faça amor com você? — Tinha os lábios numa tentadora proximidade, e Lauren quase desfalecia com o desejo de senti-los esmagando os seus. Em vez disso, Nick curvou a cabeça e roçou-lhe a boca com os lábios, primeiro numa direção, e depois na outra. — Por favor, me beije — persuadiu-a enrouquecido. — Sonho com aquele seu jeito de me beijar em Harbor Springs, com a doçura e o calor de senti-la em meus braços...

Com um silencioso gemido de entrega, ela subiu as mãos por aquele peito musculoso e beijou-o. Sentiu o tremor percorrer o corpo do parceiro, o arquejo da respiração contra os seus lábios segundos antes de envolvê-la nos braços, e abrir a boca passionadamente sobre a sua.

O desejo disparava por Lauren como uma fúria ensandecida quando ele acabou por desprender-lhe a boca.

— Onde é o quarto? — sussurrou rouco.

Inebriada, ela recuou, afastando-se dos braços que ainda a envolviam e ergueu os olhos para os dele, que tinha o rosto sombrio de paixão, e desejo ardia-lhe nos olhos cinza. Lembrou a

última vez que olhara dentro daqueles olhos insistentes e entregara-se à violenta paixão do amante efêmero. Outras lembranças ressurgiram-lhe na mente em arrepiante seqüência: ele fizera amor com ela em Harbor Springs, abraçara-a e acariciara-a como se não conseguisse arrancar-lhe o suficiente, e depois a mandara embora friamente. Ingênua, aprendera para a própria vergonha e angústia que esse homem tinha total capacidade de fazer amor de forma terna, apaixonada e comovente com uma mulher pelo puro prazer físico... sem sentir o mínimo envolvimento emocional.

Lauren percebia que Nick desejava-a mais agora do que em Harbor Springs. Sentia-o. Também se convencera um pouco de que ele sentia por ela mais que apenas desejo, mas, ao mesmo tempo, acreditara como uma tola que ele tinha sentimentos por ela em Harbor Springs. Desta vez, queria ter certeza. O orgulho não lhe permitiria deixá-lo usá-la mais uma vez.

— Nick — disse, nervosa —, acho que seria melhor se nos conhecêssemos um pouco mais antes.

— Nós já nos conhecemos — ele lembrou-lhe. — Intimamente.

— Mas eu quero dizer... gostaria que nos conhecêssemos melhor antes de... começar alguma coisa...

— Já começamos alguma coisa, Lauren — retrucou ele com um laivo de impaciência na voz. — E quero consumir isso. Você também.

— Não, eu...

Ela arquejou quando sentiu as mãos dele nos seus seios e os polegares começarem a circular os botões endurecidos dos mamilos.

— Eu sinto com que ardência você me quer — declarou Nick, agarrando-a pelos quadris, segurando-a apertada contra si e deixando-a vigorosamente consciente da rígida virilidade que a golpeava. — E você pode sentir o quanto a quero. Agora, o que mais precisamos fazer para conhecer um ao outro? Que mais tem importância?

— Que mais? — sibilou Lauren, libertando-se daqueles braços. — Como pode me perguntar isso? Eu disse que não poderia manter uma relação casual, sem envolvimento, com você. Que está tentando fazer comigo?

Nick enrijeceu os maxilares.

— Estou tentando fazer você entrar naquele quarto para podermos aliviar a dor que se avoluma dentro de nós há semanas. Quero fazer amor com você o dia inteiro, até ficarmos fracos demais para nos mexermos. Ou, se preferir que eu seja mais direto, quero...

— E depois o quê? — Lauren exigiu saber com violência. — Eu quero saber as regras, droga! Hoje fazemos amor, mas amanhã não passamos de conhecidos descompromissados, é isso? Amanhã você pode fazer amor com outra mulher se quiser, e eu não devo me importar... certo? E amanhã posso deixar outro homem fazer amor comigo, e você não vai dar a mínima... é isso mesmo?

— É — ele respondeu ríspido.

Ela teve a resposta? Nick não se importava mais com ela do que antes. Apenas a desejava mais. Exausta, declarou:

— O café está pronto.

— Eu estou pronto — rebateu com grosseria.

— Bem, eu não! — Lauren irrompeu em uma fúria crescente: — Não estou pronta para ser sua companheira de diversão nas tardes de sábado. Se por acaso se sentir entediado, vá fazer seus jogos com alguém que saiba lidar com farras descompromissadas na cama com você.

— Que diabos você quer de mim? — ele perguntou friamente.

“Quero que você me ame”, ela pensou.

— Não quero nada de você. Quero apenas que vá embora e me deixe em paz.

Os olhos de Nick varreram-na de forma insolente de cima a baixo.

— Antes de eu ir, quero lhe dar um pequeno conselho: — avisou-a, gélido — cresça!

Ela sentiu como se Nick a tivesse estapeado. Enfurecida além da razão, revidou-lhe o golpe no ego:

— Você tem absoluta razão! — exaltou-se. — É o que devo fazer. A partir de hoje, vou crescer e começar a praticar o que você prega! Vou dormir com qualquer homem que me atraia. Mas não com você, pois é velho e cínico demais para meu gosto. Agora dê o fora daqui!

Nick retirou uma caixinha de veludo do bolso e largou-a com força na mesa da cozinha.

— Eu devia a você um par de brincos — disse, já saindo a passos largos do aposento.

Lauren ouviu a porta da frente bater atrás dele e, com dedos trêmulos, pegou a pequena caixa e abriu-a. Esperava encontrar as pequenas argolas de ouro da mãe, mas, em vez disso, encontrou um par de pérolas cintilantes numa armação tão frágil que fazia as

gemas parecerem duas grandes e luminosas gotas de chuva suspensas no ar. Fechou a tampa com uma pancada. Qual das namoradas dele perdera aqueles em sua cama? Ou seria o “presente” que ele trouxera da Itália para ela?

Subiu marchando pela escada, a fim de pegar a bolsa e um suéter mais quente para cobrir os ombros. Ia sair e comprar o presente de aniversário de Jim exatamente como planejava, e afastar essa última hora com Nick dos pensamentos... para sempre. Nick Sinclair nunca mais a assombraria. Ia apagá-lo da mente de uma vez por todas. Abriu a última gaveta e ficou olhando o lindo suéter cinza-prateado que tricotara para aquele... canalha!

Tirou-o da gaveta. Jim era quase do mesmo tamanho de Nick, e sem dúvida o apreciaria muito. Daria o suéter para ele, decidiu, ignorando a aguda punhalada de angústia que a perfurou.

Capítulo 15

Lauren entrou no escritório na manhã seguinte com um chique conjuntinho de camurça vinho e um sorriso determinado e radiante. Jim deu-lhe uma olhada e riu.

— Lauren, você está deslumbrante... mas não devia apresentar-se para o trabalho lá em cima?

— Não mais — respondeu, entregando-lhe a correspondência.

Ela supunha que, como terminara o “jogo” do dia anterior, Nick não ia querê-la mais no último andar pelas manhãs.

Enganara-se. Cinco minutos depois, enquanto discutiam um relatório no qual ela trabalhava, o telefone na mesa de Jim tocou.

— É Nick — ele disse, passando-lhe o fone. A voz chegou com uma chibatada:

— Suba! Eu disse que a queria aqui o dia inteiro e falei sério. Agora se mexa!

Desligou na cara dela, e Lauren fitou o telefone como se tivesse acabado de mordê-la. Não esperava que Nick lhe falasse dessa maneira. Jamais ouvira ninguém falar assim.

— A-acho que é melhor eu subir — disse, apressando-se a levantar-se.

O rosto de Jim era pura incredulidade.

— Eu gostaria de saber que diabos deu nele.

— Acho que eu sei.

Ela notou o pensativo sorriso que se espalhou pelo atraente rosto de Jim, mas não tinha tempo para examiná-lo com atenção.

Apenas poucos minutos depois, bateu na porta de Nick e, com uma calma externa que não sentia, entrou no escritório dele. Esperou dois intermináveis minutos até que ele tomasse conhecimento de sua chegada, mas após ter quase gritado para que ela subisse, continuou escrevendo, ignorando sua presença. Com um irritado encolher de ombros, Lauren acabou por aproximar-se da escrivaninha e estendeu-lhe a caixinha aveludada de jóias.

— Estes não são os brincos de minha mãe, e não os quero — declarou ao perfil de granito de Nick. — Os da minha mãe são argolas de ouro comuns, não pérolas. Não valem uma fração do que valem estes; o único valor é sentimental. Mas para mim são inestimáveis. Significam algo para mim e eu os quero de volta. Você é capaz de entender isso?

— Totalmente capaz — ele respondeu, gélido, sem erguer os olhos. Estendeu o braço e apertou o botão do interfone para chamar Mary à sala. — Contudo, os seus sumiram. Como não consegui reavê-los, dei-lhe uma coisa que tinha valor sentimental para mim. Esses brincos pertenceram à minha avó.

Lauren sentiu o estômago revirar-se de náusea e o ressentimento desapareceu da voz quando disse em voz baixa:

— Mesmo assim, não posso aceitar.

— Então deixe aí.

Indicou a quina da escrivaninha com um brusco aceno da cabeça.

Lauren largou a caixa e voltou para seu escritório temporário. Mary seguiu-a um minuto depois, fechou a porta de acesso ao escritório do chefe atrás de si e aproximou-se da mesa. Com um sorriso bondoso, transmitiu as instruções que Nick obviamente lhe passara:

— A qualquer hora nos próximos dias, ele espera um telefonema do sr. Rossi. E quer você disponível para atuar como tradutora sempre que o homem decidir ligar. Enquanto isso, eu ficaria muito grata se me ajudasse com parte de meu serviço. Se ainda sobrar tempo, poderia trazer algum trabalho de Jim para fazer aqui em cima.

Durante os três dias seguintes, Lauren conheceu lados de Nick que apenas tinha imaginado existirem. Desaparecera o homem provocador que a beijara e perseguira de forma tão implacável. Em seu lugar revelou-se um executivo poderoso, dinâmico, que a tratava com uma enérgica e distante formalidade, que a intimidava da cabeça aos pés. Quando não se encontrava ao telefone ou em reuniões, ditava-lhe textos ou trabalhava em sua mesa. Chegava antes dela de manhã e continuava lá quando ela ia embora, à noite. Na função de secretária auxiliar, petrificava-a a ideia de desagradá-lo de algum modo. Tinha a sensação de que ele apenas esperava que cometesse um erro e lhe desse um motivo legítimo para demiti-la.

Na quarta-feira, cometeu o erro que vinha temendo: deixou um parágrafo inteiro fora de um contrato detalhado que Nick lhe ditara. Assim que ele a convocou, ríspido, pelo interfone, Lauren soube que chegara a sua hora, e entrou no escritório com as pernas trêmulas e as mãos suadas. Mas, em vez de esfolá-la viva — dava para perceber que era o que gostaria de fazer — apontou o erro e empurrou os contratos em sua direção.

— Faça-o de novo — repreendeu-a — e, desta vez, faça direito.

Lauren relaxou um pouco depois disso. Se não fora demitida por aquele erro crasso, era óbvio que não procurava uma desculpa para livrar-se dela. Precisava tê-la disponível para o tal telefonema de Rossi, por mais insatisfatório que fosse seu desempenho.

— Sou Vicky Stewart — anunciou, mais tarde, uma voz murmurante, quando se apresentou ao meio-dia a Lauren, que ergueu os olhos e se deparou com uma morena incrivelmente glamourosa parada ali à sua frente. — Por acaso vim ao centro e decidi passar por aqui e ver se Nicky... o sr. Sinclair... está livre para almoçar — informou-a. — Não precisa me anunciar, vou entrando.

Alguns minutos depois, os dois saíram juntos, sem pressa, do escritório e dirigiram-se aos elevadores. Ele, com a mão na base das costas da morena, numa atitude de intimidade, ria de qualquer coisa que ela lhe contava.

Lauren girou na cadeira e retornou à datilografia. Detestou aquela fala arrastada de Vicky Stewart; detestou a forma possessiva como olhava para ele; detestou a risada ofegante. De fato, tudo na outra lhe causava aversão, e ela sabia o exato

motivo... estava desesperada, total e irremediavelmente apaixonada por Nick Sinclair.

Adorava tudo nele, desde a aura de poder e autoridade que o circundava, a enérgica confiança nas longas passadas, até a aparência que assumia quando absorto em pensamentos. Adorava a elegância com que usava aquelas roupas caras, o jeito de girar, distraído, a caneta de ouro na mão quando escutava alguém ao telefone. Era — ela chegou à conclusão com uma dolorosa sensação de atormentada desesperança — o homem mais poderoso, cativante e dinâmico do mundo. E jamais lhe parecera tão além de seu alcance.

— Não se preocupe demais, minha querida — disse Mary Callahan, ao levantar-se para ir almoçar. — Diversas Vicky Stewart já passaram na vida dele antes. Não duram muito tempo.

O consolo apenas fez com que Lauren se sentisse pior. Desconfiava que a secretária mais antiga não apenas ficara sabendo de tudo o que acontecera entre ela e o chefe antes, mas também sabia exatamente como se sentia em relação a ele agora.

— Não me interessa o que ele faz! — respondeu com irritado orgulho.

— Não mesmo? — retorquiu Mary com um sorriso e saiu para almoçar.

Nick só retornou no fim da tarde, e Lauren perguntou-se, furiosa, para qual cama os dois haviam ido... a dele ou a de Vicky.

Quando deixou o escritório, sentia-se tão desgastada de ciúmes e tão cheia de desprezo pessoal por amar um libertino tão destituído de princípios que uma dor de cabeça de rachar a

acometeu. Em casa, ficou vagando sem rumo em volta da elegante sala de estar.

O fato de estar perto dele magoava-a mais a cada dia que passava. Tinha de sair da Sinco... não suportava ficar tão perto dele, amá-lo como o amava e ser obrigada a vê-lo com outras mulheres. Não agüentava que ele a tratasse como se ela fosse uma peça de engrenagem do escritório, cuja presença o ofendia, mas a necessidade o obrigava a mantê-la por perto.

Invadiu-a um repentino e louco desejo de mandar Nick Sinclair e Philip Whitworth para o inferno, arrumar as malas e regressar ao encontro do pai, dos amigos. Mas claro que não podia fazer isso. Eles precisavam...

De repente parou de andar, a mente agarrando-se a uma solução que devia ter lhe ocorrido antes. Existiam outras grandes empresas em Detroit que necessitavam de boas secretárias e pagavam altos salários. Quando comprasse os ingredientes para o bolo de Jim naquela noite, também compraria um jornal. Desde já, ia começar a procurar outro emprego.

Enquanto isso, Lauren telefonaria a Jonathan Van Slyke, com quem estudara durante o último ano, e lhe ofereceria o piano de cauda. O professor quisera comprá-lo no momento em que pusera os olhos no instrumento.

Apesar da difusa dor que a atingiu diante da perspectiva de vendê-lo, sentiu paz pela primeira vez em semanas. Procuraria um pequeno apartamento, mais barato, e se mudaria daquele lugar. Até lá realizaria o melhor trabalho possível na Sinco... e se por acaso ouvisse algum dos nomes que Philip lhe passara, o

esqueceria imediatamente. Philip ia ter de fazer seu próprio trabalho sujo. Ela não podia e não queria trair Nick.

Capítulo 16

A manhã seguinte, Lauren atravessou o saguão de mármore, equilibrando com todo o cuidado a caixa com o bolo de Jim, além de um pacote festivamente embrulhado que continha o suéter cinza. Sentia-se relaxada e despreocupada, e sorriu quando um senhor idoso de terno marrom recuou no elevador para dar-lhe mais espaço.

O elevador parou no trigésimo andar e as portas abriram-se. Ela notou que bem em frente, do outro lado do corredor, uma porta de escritório exibia uma placa de identificação onde se lia: Divisão de Segurança — Global Industries.

— Com licença — pediu o senhor de terno marrom. — Este é o meu andar.

Ela afastou-se para um lado, deu-lhe passagem e viu-o atravessar o corredor até o escritório da segurança.

A principal função da Divisão de Segurança era proteger as instalações industriais da Global Industries, sobretudo as instalações externas por todo o país, onde a verdadeira pesquisa se

encontrava em andamento, onde contratos com o governo aconteciam. A maior parte da atividade realizada pela divisão ali na sede, porém, era relativa a processamento de trabalho administrativo. Como diretor da divisão de Detroit, Jack Collins sentia-se muito entediado, mas a saúde em declínio e a idade avançada haviam-no obrigado a abandonar o trabalho de campo e aceitar esse emprego burocrático.

Quando Jack entrou no escritório, encontrou seu assistente, um rapaz de rosto redondo, superentusiástico, chamado Rudy, sentado com os pés apoiados em cima da mesa.

— Que foi que houve? — perguntou o mais jovem, e apressou-se a sentar-se direito.

— Provavelmente, nada. — Jack deslizou a pasta por cima da mesa e retirou um arquivo rotulado como “Relatório de investigação de segurança/Lauren E. Danner/Funcionária nº 98753”. Jack não gostava muito de Rudy, mas parte de seu trabalho antes de aposentar-se era treiná-lo. Com relutância, explicou: —Acabei de receber o relatório de uma investigação que fizemos sobre uma secretária no prédio.

— Uma secretária? — A voz do jovem soou desapontada. — Não imaginei que fizéssemos investigações de segurança sobre secretárias.

— Em geral, não fazemos. Nesse caso, designaram-na para um projeto confidencial de prioridade máxima, e o computador automaticamente a reclassificou e emitiu um atestado de “nada-consta”.

— Então, qual é o problema?

— O problema é que quando os investigadores no Missouri a checaram com o ex-empregador, o sujeito disse que ela trabalhou para ele em regime de meio expediente durante cinco anos, enquanto freqüentava a faculdade. Não em tempo integral, como supôs Weatherby na Sinco.

— Então ela mentiu na ficha de emprego, é isso? — perguntou Rudy, interessando-se.

— É, mas não sobre isso. Na verdade, a candidata não disse que trabalhou lá em expediente integral. O negócio é o seguinte: ela disse que nunca tinha feito faculdade. Os investigadores do Missouri checaram com a universidade, e a moça não apenas se formou, mas também obteve um mestrado.

— Por que alguém diria que não tinha freqüentado a faculdade quando, na verdade, freqüentou?

— Essa é uma das coisas que me incomodam um pouco. Eu entenderia se ela tivesse dito que havia cursado a faculdade quando, na verdade, não. Poderia imaginar que um diploma universitário a ajudaria a conseguir o emprego.

— Quais são as outras coisas que o incomodam?

Jack ergueu os olhos para o rosto redondo de Rudy, os olhos ávidos, e encolheu os ombros.

— Nada — mentiu. — Eu só queria esclarecer isso sobre ela para minha própria paz de espírito. Tenho de ir ao hospital fazer alguns exames este fim de semana, mas na segunda-feira começarei a trabalhar no caso.

— Por que não me deixa investigá-la, enquanto você está no hospital?

— Se decidirem me internar para mais exames, eu ligo telefone e digo como proceder.

— É meu aniversário — anunciou Jim, quando Lauren entrou no escritório. — Em geral, a secretária traz um bolo para o chefe, mas imagino que você não trabalha aqui tempo suficiente para saber disso. — A voz dele soou um pouco triste.

Lauren desatou a rir. Só agora percebia como a promessa que fizera a Philip Whitworth a oprimia. De repente, o peso desapareceu:

— Não apenas fiz um bolo, mas também tenho um presente para você — informou-o com um sorriso. — Que eu mesma fiz.

Jim desembulhou o pacote que ela entregou-lhe, e pareceu maravilhado como um menino com o suéter.

— Você não devia... — riu, erguendo-o — ... mas me alegra que tenha feito.

— Era para desejar-lhe feliz aniversário e agradecer-lhe por me ajudar com as... coisas — ela concluiu de forma trôpega.

— Por falar em “coisas”, Mary me contou que Nick parece um barril de dinamite prestes a explodir à primeira centelha. E que você tem resistido maravilhosamente à tensão. Conquistou a sincera aprovação dela — acrescentou em voz baixa.

— Eu também gosto dela — disse Lauren, com os olhos entristecendo-se à menção de Nick.

Jim esperou Lauren sair, depois pegou o telefone e apertou quatro números.

— Mary, como anda a atmosfera aí em cima esta manhã?

— Sem a menor dúvida, explosiva — ela respondeu rindo.

— Nick vai estar no escritório à tarde?

— Vai, por quê?

— Porque decidi acender um fósforo e ver o que acontece.

— Jimmy, não faça isso! — disse Mary em voz incisiva.

— Vejo você um pouco antes das cinco, minha linda. — O aniversariante riu, ignorando a advertência.

Quando Lauren retornou do almoço, duas dúzias de deslumbrantes rosas vermelhas destacavam-se num vaso sobre a sua mesa. Retirou o cartão do envelope e fitou-o em inescrutável perplexidade. Nele se viam escritas as palavras “*Obrigado, querida*”, seguidas pela inicial J.

Quando ergueu os olhos, avistou Nick em pé, parado sob o vão da porta, parecendo despreocupado, apoiado com o ombro na moldura. Mas, ao examiná-lo com mais atenção, viu que nada havia de despreocupado na posição determinada dos maxilares nem na gélida expressão que se desprendia dos olhos cinza.

— De um admirador secreto? — perguntou com sarcasmo. Era o primeiro comentário pessoal que lhe dirigia em quatro dias.

— Não muito secreto — esquivou-se ela.

— Quem é ele?

Lauren retesou-se. Nick parecia tão furioso que ela julgou que não seria sensato dizer o nome de Jim.

— Não tenho certeza.

— Não tem certeza? — grunhiu Nick. — Com quantos homens com a inicial J você tem saído? Quantos deles acham que você

merece mais de cem dólares em rosas como forma de agradecimento?

— Cem dólares? — repetiu, tão estarecida com a quantia que esqueceu por completo o óbvio fato de que ele abrira o envelope e lera o cartão.

— Você deve estar ficando melhor nisso — ele escarneceu com crueldade.

Por dentro, Lauren sob ressaltou-se, mas ergueu o queixo.

— Tenho professores muito melhores agora!

Com um olhar gélido que a varreu da cabeça aos pés, Nick girou nos calcanhares e tornou a entrar no escritório. Pelo resto do dia, deixou-a em completa paz.

Faltando cinco minutos para as cinco horas, Jim entrou no escritório de Mary, com o suéter cinza e equilibrando quatro pedaços de bolo em dois pratos. Largou-os na mesa vazia de Mary e olhou para a porta da sala de Nick.

— Onde Mary está? — perguntou.

— Saiu há quase uma hora — respondeu Lauren. — Pediu-me para avisá-lo de que o extintor de incêndio mais próximo fica ao lado dos elevadores... seja lá o que isso quer dizer. Eu volto já. Tenho de levar estas cartas a Nick.

Quando ela se levantou e contornou a mesa, tinha os olhos fixados na correspondência que ele levava nas mãos, e o que aconteceu em seguida deixou-a tão perplexa que a imobilizou.

— Sinto sua falta, querida — declarou Jim, puxando-a para seus braços.

Um momento depois, soltou-a tão de repente que a fez recuar cambaleando um passo para trás.

— Nick! — disse. — Veja o suéter que Lauren me deu pelo meu aniversário. Ela própria tricotou. E eu também trouxe um pedaço do meu bolo para você... também feito por ela. — Parecendo alheio ao tempestuoso semblante do amigo, riu e acrescentou: — Preciso retornar lá para baixo. — À Lauren, disse: — Até mais tarde, meu amor.

E saiu porta afora.

Em estado de choque, Lauren manteve os olhos fixos em Jim ao sair. Continuava com o olhar perplexo, quando Nick a virou para encará-la.

— Sua cadelinha vingativa, você deu o meu suéter a ele! Que mais Jim recebeu que pertence a mim?

— Que mais? — ela repetiu, elevando a voz. — Do que é que você está falando?

Nick apertou-a com mais força.

— Seu corpinho, minha doçura. É disso que estou falando. — perplexidade de Lauren cedeu à compreensão e depois à fúria:

— Como se atreve a me julgar, seu hipócrita! — explodiu, ofendida demais para sentir medo. — Desde que eu o conheci, você não parou de me dizer que não há nada de promíscuo em uma mulher satisfazer os próprios desejos sexuais com qualquer homem que ela deseje. E agora... — disse quase sufocada de ira — ... e agora, quando acha que eu fiz isso, você me julga. Logo você... você, o representante dos Estados Unidos nos Jogos Olímpicos na modalidade Canalhice!

Ele soltou-a como se ela o tivesse queimado. Numa voz baixa, perigosamente controlada, ordenou:

— Saia daqui, Lauren.

Depois que ela saiu, ele encaminhou-se até o bar e serviu-se um Uísque Cowboy, enquanto a fúria e a angústia lhe contorciam o íntimo como uma centena de serpentes.

Lauren tinha um amante. Na certa vários.

O remorso percorreu-lhe corrosivo o corpo como ácido. Ela deixara de ser aquela tolinha de olhos luminosos que acreditava que as pessoas deviam estar apaixonadas para fazer amor. Aquele lindo corpo tinha sido explorado de cima a baixo por outros. Sua mente logo evocou atormentadoras imagens de Lauren deitada nua nos braços de Jim.

Entornou a bebida de um gole e logo serviu outra dose para bloquear a mente da dor e das imagens. Levando o copo até o sofá, sentou-se e apoiou os pés na mesa.

A bebida aos poucos começou a realizar aquele mágico entorpecimento, e a raiva aplacou-se. Em seu lugar, nada restou, apenas um doloroso vazio.

— Que foi que deu em você? — perguntou Lauren a Jim na manhã seguinte.

Ele riu:

— Chame de um impulso incontrolável.

— Eu chamo isso de insanidade! — ela explodiu. — Você não pode imaginar como ele ficou furioso. Xingou-me de coisas horríveis! Eu acho... que Nick está louco.

— Está sim — concordou Jim com complacente satisfação.

— Está louco por você. Mary também acha. — Lauren revirou os olhos.

— Vocês todos estão loucos. Tenho de trabalhar com ele lá em cima. Como vou fazer isso?

Jim deu umas risadinhas.

— Com muita, muita cautela — aconselhou.

Bastou uma hora para ela saber exatamente o que Jim queria dizer, e durante os dias que se seguiram ela começou a sentir-se como se andasse numa corda bamba. Nick passou a trabalhar num ritmo demoníaco, que mantinha todos, desde os executivos de alto escalão aos contínuos, em frenética correria para acompanhá-lo e tentar evitar seus ataques de raiva.

Quando os esforços de alguém o satisfaziam, tratava-o com fria cortesia. Mas, se não ficasse satisfeito — o que em geral acontecia —, desancava o transgressor com uma selvageria que gelava o sangue de Lauren. Com democrática imparcialidade, Nick espalhava o desprazer por todos, desde as telefonistas até os vice-presidentes, retalhando-os com um sarcasmo cáustico que fazia os últimos e as primeiras chorarem. Executivos de alto nível conversavam em tom confidencial no seu escritório, apenas para retirarem-se às escondidas alguns minutos depois e trocar olhares de advertência com auditores que, por sua vez, saíam apressados, agarrados a folhas de contabilidade e documentos protegidos junto ao peito.

Na quarta-feira da semana seguinte o clima no octogésimo andar deteriorara para um pânico tumultuado, tenso, que estendia seus tentáculos de uma divisão à outra, de um andar a outro. Ninguém ria mais nos elevadores ou fofocava junto às máquinas copiadoras. Apenas Mary Callahan exibia serena impermeabilidade à tensão crescente. De fato, parecia a Lauren que ela ficava cada

vez mais exultante a cada hora cruciante que passava. Mas também Mary escapava da navalha cortante da língua de Nick, enquanto os outros não.

Com Mary, ele era sempre educado, e com Vicky Stewart, que lhe telefonava no mínimo três vezes por dia, mostrava um decidido encanto. Por mais ocupado que estivesse, não importa o que estivesse fazendo no momento, sempre tinha tempo para ela. E todas as vezes em que a namorada ligava, ele pegava o telefone e recostava-se na cadeira. Da sua mesa, Lauren ouvia a rouquidão que vibrava na profunda voz de Nick quando falava com a outra e sentia o coração comprimir-se mais e mais.

Na noite daquela quarta-feira, Nick tinha uma viagem marcada para Chicago, e Lauren ansiava por vê-lo partir. Após tantos dias de tensão, de ser tratada como se a visão dela o repugnasse, Lauren sentia a compostura desmoronar e reprimia a explosão de raiva e as lágrimas apenas com absoluta força de vontade.

Às quatro da tarde, duas horas antes da hora de partir, Nick chamou-a até a sala de conferências para que ajudasse Mary a tomar notas durante uma reunião da equipe financeira. Esta já seguia bem avançada quando a voz furiosa dele varou os procedimentos:

— Anderson! — disse ele, num tom assassino. — Se você conseguir tirar os olhos dos seios da srta. Danner, o restante de nós terá condições de terminar esta reunião.

A tez de Lauren logo ficou vermelha, porém a do idoso Anderson assumiu um matiz roxo, talvez indicativo de um iminente derrame.

Tão logo o último membro da equipe se retirou em fila da sala de conferências, Lauren ignorou o olhar de advertência de Mary e dirigiu-se furiosa a Nick:

— Espero que esteja satisfeito! — sibilou enfurecida. — Você não apenas me humilhou, mas quase provocou um ataque cardíaco no coitado daquele senhor. Que planeja fazer ainda?

— Demitir a primeira mulher que abrir a boca — retrucou Nick em tom frio.

Contornou-a e saiu a passos largos da sala de conferências. Pra lá de indignada, Lauren partiu atrás, mas Mary deteve-a:

— Não discuta com ele — disse, olhando-o por trás, com um sorriso beatificado no rosto. Parecia que acabara de testemunhar um milagre. — Nesse atual humor, Nick despediria você e depois se arrependeria pelo resto da vida. — Quando Lauren hesitou, ela acrescentou com um ar bondoso: — Ele só vai voltar de Chicago na noite de sexta-feira, o que nos dá dois dias para nos recuperarmos. Amanhã vamos sair para um longo almoço... talvez no Tony's. Nós merecemos.

Sem a imensa vitalidade de Nick, o conjunto executivo parecia um assombro de tão vazio na manhã seguinte. Embora Lauren dissesse a si mesma que isso era uma paz abençoada e que gostava do ambiente assim, não era verdade.

Ao meio-dia, ela e Mary foram de carro ao restaurante de Tony, onde Lauren fizera uma reserva por telefone. Um garçom supervisor, com o traje preto formal, achava-se parado á entrada das salas de jantar, mas Tony viu-as e correu ao encontro das duas.

Lauren recuou surpresa quando ele envolveu Mary num abraço de urso que quase a levantou dos sapatos bem calçados.

— Eu preferia quando você trabalhava para o pai e o avô de Nick na garagem no fundo da nossa casa — dizia o ítalo-americano. — Nos velhos tempos, pelo menos sempre via você e Nick.

Virou-se para Lauren com um radiante sorriso.

— Então, minha Laurie, agora já conhece Nick e Mary e Tony. Está se tornando parte da família. — Indicou-lhes a mesa, depois tornou a sorrir para a jovem. — Ricco cuidará de você. Ele a acha linda... corou quando seu nome foi mencionado.

Ricco anotou o pedido das duas e colocou uma taça de vinho diante de Lauren. Mary deu-lhe uma piscadela, mas, quando o rapaz se afastou, olhou direto para a colega e perguntou sem preâmbulos:

— Gostaria de conversar sobre Nick? — Lauren engasgou-se com o vinho.

— Por favor, não vamos arruinar um adorável almoço. Já sei mais do que o suficiente sobre ele.

— O quê, por exemplo? — insistiu Mary com gentileza.

— Sei que é um tirano, egoísta, arrogante e mal-humorado!

— E você o ama.

Não era uma pergunta, mas uma afirmação.

— Sim — Lauren concordou furiosa.

Via-se que Mary se esforçava para ocultar a diversão com o tom de Lauren.

— Eu tinha certeza de que você o amava. Também desconfio que ele a ame.

Tentando dissimular a angustiada esperança que lhe irrompeu no coração, Lauren virou o rosto para a janela de vitral perto da mesa.

— Que é que a faz pensar assim?

— Para começar, Nick não a trata da maneira como trata as mulheres da vida dele.

— Eu sei disso. Aquele tirano é gentil com as outras — disse ela, ressentida.

— Exatamente! — concordou Mary. — Sempre tratou as mulheres com uma atitude de divertida indulgência... e tolerante indiferença. Enquanto dura um caso, é atencioso e encantador. Quando uma mulher começa a aborrecê-lo, descarta-a com toda a cortesia, mas também com firmeza. Nem sequer uma vez, a julgar pelo que sei, alguma delas lhe causou emoção mais profunda que afeição ou desejo. Já as vi tentarem provocar ciúmes das formas mais criativas possíveis, mas ele reagia com nada mais forte que divertimento, ou de vez em quando, exasperação. O que nos traz de volta a você.

Lauren enrubesceu pelo fato de Mary incluí-la com razão na categoria das outras mulheres que Nick levava para a cama, mas sabia que era inútil negá-lo.

— Você — continuou Mary em voz baixa — despertou genuína raiva nele. Está furioso com você e consigo mesmo. Mas não a descarta da vida dele; nem a despacha lá para baixo. Não lhe parece estranho o fato de ele não deixá-la trabalhar para Jim, e simplesmente mandar que suba para trabalhar como tradutora quando o telefonema de Rossi afinal chegar?

— Acho que tem me mantido lá por vingança — concluiu Lauren, de semblante fechado.

— Também acho que seja por isso. Talvez esteja tentando descontar em você pelo que o faz sentir. Ou é possível que esteja tentando encontrar defeitos em você, para não se sentir mais assim. Nick é um homem complexo. Jim, Ericka e eu somos todos muito íntimos dele, e apesar disso ele mantém cada um de nós a certa distância. Uma parte de sua intimidade ele não partilha nada com outros, nem sequer conosco... Por que me olha assim com tanta estranheza? — interrompeu-se Mary para perguntar.

Lauren suspirou:

— Se está bancando a casamenteira, e acho que está, escolheu a mulher errada. Devia conversar com Ericka, não comigo.

— Não seja tola...

— Você viu a matéria de jornal sobre a festa em Harbor Springs algumas semanas atrás? — Lauren desviou o olhar encabulado do rosto de Mary ao acrescentar: — Eu estava em Harbor Springs com Nick, e ele me mandou embora porque Ericka ia chegar. Descreveu-a como um “parceiros de negócios”.

— Ora, ela é! — confirmou Mary, estendendo o braço pela mesa e apertando a mão da colega. — Eles são amigos íntimos e parceiros de negócios... e isso é tudo que são. Nick faz parte do conselho de diretores da empresa do pai dela, que faz parte do conselho de diretores da Global. Ela ia comprar de Nick a casa no Abrigo. Sempre adorou o lugar, e é provável que tenha ido lá fechar o negócio.

O coração de Lauren alegrou-se com repentino alívio e felicidade, embora a mente a advertisse de que sua situação com Nick ainda era sem esperança. Pelo menos ele não a levava para a cama da namorada na casa da outra! Esperou enquanto Ricco servia a comida, depois perguntou:

— Há quanto tempo você o conhece?

— A vida toda. Fui trabalhar como contadora para o pai e o avô dele aos vinte e quatro anos. Nick tinha quatro. O pai morreu seis meses depois.

— Como era ele na infância?

Lauren sentiu uma desesperada ansiedade por saber tudo que pudesse sobre o homem enigmático e vigoroso que se apoderara de seu coração e não parecia querê-lo.

Mary sorriu nostálgica.

— A gente o chamava de Nicky, então. Era o mais charmoso diabinho de cabelos escuros que já existiu... orgulhoso como o pai e mimado de vez em quando. Forte, alegre e brilhante... exatamente o tipo de menino que qualquer mãe se orgulharia de ter. Exceto a dele — acrescentou, o rosto entristecido.

— E como era a mãe dele? — insistiu Lauren, lembrando-se de como ele ficara relutante em falar da mãe em Harbor Springs. — Nick não falou muito sobre ela.

— Surpreende-me que tenha até mesmo falado. Nunca fala. — O olhar de Mary divagou um pouco quando ela levou seu pensamento ao passado. — Era uma mulher de extraordinária beleza, além de rica, mimada, indisciplinada e mal-humorada. Parecia um enfeite de árvore de Natal... lindo para a gente olhar, mas frágil e oco por dentro. Nicky a adorava, apesar de todos os

defeitos. Logo após a morte do pai de Nick, ela abandonou-o e deixou-o com os avós. Durante meses depois de ela sair de casa, o pequeno continuava olhando pela janela, à espera de que a mãe voltasse. Sabia que o pai estava morto e que nunca mais o veria, mas se recusava a acreditar que a mãe tampouco voltaria. Nunca perguntava por ela, apenas a esperava. Eu julguei erroneamente que os avós não a tinham deixado voltar e, com toda a franqueza, os culpei por isso... fui injusta, como se constatou mais tarde. Então um dia, dois meses antes do Natal, Nicky parou de esperar à janela e de repente se tornou um redemoinho de atividade. Aquela altura, fazia quase um ano que o pai havia morrido. A mãe havia se casado de novo, acabara de ter um bebê. De qualquer modo, o menino se tornou um feixe de energia; fazia qualquer tarefa que imaginava que lhe rendesse um centavo. Economizou todo o dinheiro que ganhou e, uns quinze dias antes do feriado natalino, convenceu-me a levá-lo às compras para um presente extraespecial. Achei que ele procurava um presente para a avó, pois me arrastou loja adentro, em busca de alguma coisa que fosse “simplesmente perfeita para uma dama”. Só mais tarde descobri que ele queria comprar um presente de Natal para a mãe. Na seção de pechinchas de uma enorme loja de departamentos no centro da cidade, Nicky encontrou afinal o tal presente extraespecial... uma linda caixinha esmaltada para comprimidos, de preço remarcado para uma pequena parte do que deveria ter custado. Ficou extasiado, e aquele entusiasmo foi contagiante. Em cinco minutos, havia seduzido o vendedor para que a embrulhasse, e me convencido a levá-lo até a casa da mãe para lhe entregar o presente.

Mary olhou para Lauren com olhos marejados de lágrimas.

— Ele... ele pretendia subornar a mãe, a fim de fazê-la voltar para ele, só que eu não percebi isso. — Engoliu em seco e continuou: — Tomamos o ônibus para Grosse Pointe, e Nicky ficou tão nervoso que mal conseguia se sentar quieto. Pediu-me para verificar se tinha os cabelos e as roupas bem arrumados. *“Estou bem apresentado, Mary?”*, continuou a me perguntar sem parar. Encontramos a casa sem a menor dificuldade... uma propriedade palaciana que havia sido magnificamente decorada para o Natal. Eu ia tocar a campainha, mas Nicky pôs a mão em meu braço. Baixei os olhos e jamais vi uma criança com a aparência tão desesperada. *“Mary”*, ele disse *“tem certeza que estou legal para ver minha mãe?”*

Mary virou o rosto para a janela do restaurante e sua voz saiu trêmula:

— Parecia tão vulnerável, e era um menino tão bonito. Com toda a honestidade, acreditei que se a mãe o visse, perceberia que a criança precisava dela e pelo menos o visitaria de vez em quando. De qualquer modo, um mordomo nos fez entrar e nos levou a uma linda sala de estar com uma enorme árvore de Natal que parecia ter sido decorada para a vitrine de uma loja de departamento. Mas Nicky nem notou. Só fitava a brilhante bicicleta vermelha com o grande laço de fita ao lado da árvore, e o seu rosto se iluminou. *“Está vendo, Mary? Eu sabia que minha mãe não ia se esquecer de mim. Só estava esperando que eu viesse visitá-la.”* Estendeu a mão para tocar o presente, e a empregada, que tirava a poeira da sala, quase lhe arrancou a cabeça com um tapa. A bicicleta, disse, era para o bebê. Nicky retirou a mão como se a

tivesse queimado. Quando sua mãe desceu afinal, as primeiras palavras ao filho foram: *“Que é que você quer, Nicholas?”* Nicky deu-lhe o presente e explicou que o havia escolhido sozinho. Quando ela ia colocá-lo embaixo da árvore, ele insistiu que ela o abrisse logo...

Mary precisou enxugar os olhos para concluir:

— A mãe dele abriu o pacote, olhou a elegante caixinha e declarou: *“Não tomo comprimidos, Nicholas... você sabe disso.”* Entregou-a à empregada que espanava a sala e disse: *“Mas a sra. Edwards toma. Sei que fará bom uso.”* Nicky viu o presente ir para o bolso da empregada, e então desejou com toda a educação: *“Feliz Natal, sra. Edwards.”* Olhou a mãe e avisou: *“Mary e eu temos de ir agora.”* Nada disse até chegarmos ao ponto do ônibus. Eu vinha combatendo as lágrimas o caminho todo, mas o rosto de Nicky estava... sem expressão. Enquanto esperávamos o ônibus, virou-se para mim e retirou a mão da minha. Numa solene voz infantil, declarou: *“Não preciso mais dela, Mary. Já sou um menino grande. Não preciso de mais ninguém.”*

A voz de Mary tremeu:

— Foi a última vez que ele me deixou segurar sua mão. — Após um momento de doloroso silêncio, continuou: — Daquele dia em diante, que eu saiba, jamais comprou um presente para uma mulher... a não ser para a avó e para mim. Segundo o que Ericka tem ouvido das namoradas dele, Nicky é de uma extravagante generosidade com o seu dinheiro, mas nunca lhes dá presentes, não importa qual seja a ocasião. Dá dinheiro, em vez disso, e manda que escolham algo de que gostem; não se importa que

sejam jóias, peles ou qualquer outra coisa. Mas não os compra sozinho.

Lauren lembrou-se dos lindos brincos que ele lhe dera, e da forma cheia de desprezo com que o informou não querê-los. Sentiu o coração mudar de direção.

— Por que a mãe iria querer esquecê-lo, fingir que ele não existia?

— Só posso tentar imaginar. Ela era de uma das famílias mais proeminentes de Grosse Pointe: uma aclamada beldade, a rainha do baile de debutantes. Para pessoas assim, as linhagens significam tudo. Têm dinheiro; portanto, o status social baseia-se no prestígio das ligações familiares. Quando se casou com o pai de Nick, passou a ser uma proscrita da própria classe. Hoje isso mudou... o dinheiro é o próprio excluída. Nick frequenta os círculos sociais da mãe agora e a ofusca, a ela e ao marido dela. Claro, ser bonito, além de bilionário, não o prejudica nem um pouco. De qualquer modo, nos primeiros dias, Nick deve ter sido um lembrete vivo de sua queda da graça social. Ela não o queria perto, nem o padrasto o queria. Você teria de conhecer a mulher a fim de compreender tanta falta de compaixão, tão completo egoísmo. A única pessoa que importa para ela, além de si mesma, é o meio-irmão de Nick... a quem, sem a menor dúvida, ela ama cegamente.

— Vê-la deve ser doloroso para Nick.

— Não creio. No dia em que ela deu o presente dele à empregada, seu amor pela mãe morreu. Ele próprio o matou, cuidadosa e completamente. Embora tivesse apenas cinco anos, teve a força e a determinação que lhe permitiram fazer isso.

Lauren sentiu um desejo simultâneo e intenso de estrangular a mãe de Nick, e de encontrá-lo e dar-lhe generosamente seu próprio amor, quisesse ele ou não.

Justo nesse momento, Tony materializou-se à mesa e entregou a Mary um pequeno pedaço de papel com um nome.

— Você recebeu um telefonema desse homem. Disse que precisa de alguns documentos que se encontram no seu escritório.

Mary deu uma espiada no bilhete.

— Acho que terei de voltar, minha querida; você fica e termina seu almoço.

— Por que não comeram a massa? — Ele dirigiu às duas uma expressão acusadora. — Não está saborosa?

— Não é isso, Tony — explicou Mary, colocando o guardanapo na mesa e estendendo o braço para pegar a bolsa. — Eu estava falando a Lauren de Carol Whitworth, e isso arruinou nosso apetite.

O nome rugiu nos ouvidos de Lauren e martelou-lhe o cérebro. Um grito silencioso de negação subiu pela garganta, cortando-lhe a respiração assim que tentou falar:

— Laurie? — Preocupado, Tony apertou-lhe o ombro quando a viu continuar a olhar fixo, em paralisado horror, para as costas de Mary, que se retirava.

— Quem? — sussurrou frenética. — Quem Mary disse?

— Carol Whitworth. A mama de Nick.

Lauren ergueu os perplexos olhos azuis para ele.

— Ó meu Deus — exalou rouca. — Ó meu Deus, não!

Lauren tomou um táxi de volta ao prédio. O choque cedera um pouco, deixando no lugar um frio entorpecimento. Entrou no saguão de mármore e foi até a mesa da recepção, onde pediu para usar o telefone.

— Mary? — disse, quando a outra atendeu. — Não estou me sentindo bem... vou para casa.

Envolta no roupão aquela noite, ela ficou sentada fitando a lareira vazia do apartamento. Fechou mais em volta dos ombros o xale de lã que tricotara no ano anterior, tentando proteger-se do frio, mas este vinha de dentro. Estremecia da cabeça aos pés toda vez que pensava na última visita à casa dos Whitworth: Carol Whitworth presidindo com aquele ar sereno uma pequena reunião íntima onde três pessoas tramavam contra o seu próprio filho. O filho dela. O lindo e magnífico Nick Sinclair. Santo Deus, como ela podia fazer-lhe isso?

Lauren tiritou de impotente fúria e agarrou o xale com dedos que desejavam arranhar e ferir o rosto régio daquela mulher... o rosto lindo, altivo, fútil e impassível.

Teve certeza de que, se havia algum tipo de espionagem, era por parte de Philip, e não de Nick. Mas se fosse Nick, se de fato ele pagava alguém para vazar informação sobre os lances das Empresas Whitworth, não o culpava. Se estivesse em seu alcance, faria desabar todas as Empresas Whitworth para que a família caísse em desgraça.

Nick talvez a amasse; Mary acreditava que sim. Mas Lauren jamais saberia. Tão logo ele descobrisse que era parente dos Whitworth, mataria os sentimentos que tinha por ela, exatamente

como aqueles que nutria pela mãe. Iria querer saber por que se candidatara a um emprego na Sinco, e nunca acreditaria que fora uma coincidência, mesmo se ela mentisse para ele.

Ressentida, lançou um olhar de desprezo ao sedoso ninho de amor onde se achava abrigada. Vinha vivendo como a amante paparicada de Philip Whitworth. Não mais, porém. Ia voltar para casa. Se fosse necessário, pegaria dois empregos e daria aula de piano, para compensar pela diferença de salário. Mas não podia continuar em Detroit. Enlouqueceria esperando por um vislumbre de Nick em todos os lugares a que fosse, e perguntando-se se ele continuava a pensar nela.

— Sente-se melhor? — perguntou Jim na manhã seguinte, e acrescentou num tom seco: — Mary disse que falava sobre Carol Whitworth, e isso a fez passar mal.

Lauren tinha o rosto pálido, mas composto, ao fechar a porta do escritório do chefe e entregar-lhe a folha de papel que acabara de tirar da máquina de escrever.

Ele desdobrou-a e examinou as quatro frases simples.

— Está se demitindo por motivos pessoais... que diabos quer dizer isto? Que motivos pessoais?

— Philip Whitworth é um parente distante meu. Só soube ontem que Carol Whitworth é a mãe de Nick.

O choque o sobressaltou e o fez empertigar-se na cadeira. Encarou-a com furiosa confusão e depois perguntou:

— Por que me diz isso?

— Porque você perguntou por que eu estava me demitindo. — Jim examinou-a em silêncio, a rigidez desfazendo-se aos poucos do rosto.

— Então é parente do segundo marido da mãe dele — acabou por dizer. — E daí?

Lauren não esperava uma discussão. Exausta, afundou numa cadeira.

— Jim, quando vai lhe ocorrer que, como parente de Philip Whitworth, eu poderia estar espionando vocês para ele? — Ele a encarou com olhos intensos e penetrantes.

— E está, Lauren?

— Não.

— Whitworth pediu que fizesse isso?

— Pediu.

— E você concordou? — ele perguntou ríspido. Lauren não julgava possível sentir-se tão infeliz.

— Pensei a respeito, mas quando vinha para a entrevista aqui concluí que não poderia fazer isso. Jamais esperei ser contratada, e não teria sido... — De forma resumida, contou-lhe como conhecera Nick naquela noite. — E no dia seguinte você me entrevistou e ofereceu um emprego. — Recostou-se e fechou os olhos. — Eu queria ficar perto dele. Sabia que trabalhava neste prédio, então aceitei sua oferta. Mas nunca passei informação alguma a Philip.

— Não dá para acreditar nisso — declarou Jim, curto e grosso, esfregando os dedos na testa como se começasse a sentir uma insuportável dor de cabeça. Os momentos transcorreram em vagaroso silêncio. Desolada demais para notar ou importar-se, Lauren apenas ficou ali sentada, esperando que ele declarasse a

sentença: — Não tem importância — disse afinal. — Você não vai se demitir. Não permitirei que faça isso.

Lauren olhou-o boquiaberta.

— Do que está falando? Não o incomoda o fato de que eu poderia dizer a Philip tudo que sei?

— Você não fará isso.

— Como pode ter certeza? — ela desafiou-o.

— Bom-senso. Se você fosse nos espionar, não entraria aqui para se demitir e me dizer que é parente de Whitworth. Além disso, está apaixonada por Nick, e acho que ele está apaixonado por você.

— Não acredito que esteja — afirmou Lauren com tranqüila dignidade. — E mesmo que isso seja verdade, tão logo descubra de quem sou parente, não vai querer nada comigo. Insistirá em saber por que eu me candidatei a um emprego na Sinco, e jamais acreditará que foi coincidência, mesmo que eu quisesse mentir para ele, e não quero...

— Lauren, uma mulher pode confessar quase tudo a um homem se escolher o momento certo para tal. Espere Nick chegar, e então...

Quando ela se recusou com um firme balanço negativo da cabeça, Jim ameaçou:

— Se você se demitir assim, sem aviso prévio, não lhe darei uma boa referência.

— Não espero que o faça.

Jim viu-a sair do escritório. Por vários minutos, ficou imóvel, unindo as sobrancelhas numa expressão pensativa. Depois estendeu devagar a mão e pegou o telefone.

— Sr. Sinclair. — A secretária curvou-se ao lado de Nick, baixando a voz para evitar perturbar os sete outros importantes industriais americanos sentados ao redor da mesa de conferências que discutiam um acordo de comércio internacional. — Lamento incomodá-lo, mas um tal de sr. James Williams está ao telefone, querendo falar com o senhor.

Nick assentiu com a cabeça, já deslizando a cadeira para trás, sem trair no rosto nada da ansiedade que lhe causava essa inconveniente interrupção de emergência. Não imaginava que desastre poderia ter ocorrido para justificar que Mary fizesse com que Jim lhe telefonasse ali. A secretária conduziu-o a uma sala privada, e Nick pegou o telefone.

— Jim, que foi que houve?

— Nada, eu apenas precisava de alguma orientação.

— Orientação? — repetiu Nick, em furiosa descrença. — Estou no meio de uma reunião de comércio internacional e...

— Eu sei, por isso serei breve. O novo gerente de vendas que contratei pode vir trabalhar para nós daqui a três semanas, em 15 de novembro.

Nick praguejou de irritação.

— E daí? — vociferou.

— Bem, o motivo de eu ligar é porque queria saber se teria algum problema de ele se apresentar ao trabalho logo em novembro ou se você preferiria que ele esperasse e só começasse em janeiro, como havíamos combinado. Eu...

— Eu não acredito! — interrompeu Nick, furioso. — Não dou a mínima para quando ele começa, e você sabe disso. Quinze de novembro, perfeito. Que mais?

— É só isso — respondeu Jim, imperturbável. — Como está Chicago?

— Ventando muito! — rosnou Nick. — Então, me ajude, se você me tirou dessa reunião só para me perguntar essa...

— Tudo bem, foi mal. Ah, por falar nisso, Lauren se demitiu esta manhã — informou-o.

O anúncio atingiu-o como um tapa na cara.

— Falarei com ela na segunda-feira, quando eu voltar.

— Não vai conseguir... a demissão vai ser efetivada imediatamente. Acho que ela planeja partir para o Missouri amanhã mesmo. — Você deve estar perdendo a lábia, Nick. — Rangeu os dentes com sarcasmo. — Em geral, elas se apaixonam por você, e é você que tem de transferi-las para outra divisão, a fim de que o deixem em paz. Lauren lhe poupou o trabalho.

— Ela não está apaixonada por mim. Isso é problema seu, não meu.

— Claro que é! Quis levá-la para a cama e, quando ela não concordou, o bacana aí a obrigou a trabalhar até que ficasse exausta. Lauren está apaixonada por você, e você fez com que anotasse recados de outras mulheres, mandou...

— Lauren não dá a mínima para mim! — Nick rebateu furioso. — E não tenho tempo para discutir sobre ela com você. — Bateu o telefone e encaminhou-se com um andar arrogante de volta à sala de conferências. Sete homens olharam-no com uma mistura de educada preocupação e indolente acusação. Por acordo mútuo,

nenhum deles ia atender a telefonemas, a não ser de extrema urgência. Nick sentou-se na cadeira e disse num tom ríspido e breve: — Peço desculpas pela interrupção. Minha secretária superestimou a importância de um problema e transferiu a ligação.

Embora tentasse concentrar-se no negócio imediato e em mais nada, visões de Lauren não paravam de atravessar sua mente. No meio de uma acalorada discussão sobre direitos de marketing, visualizou-a rindo, o rosto erguido para o sol, os cabelos esvoaçando ao redor dos ombros, quando velejavam no lago Michigan.

Lembrou-se de quando lhe examinava as encantadoras feições.

“Que me acontece se esta sandália se encaixar?”

“Eu o transformo num belo sapo.”

Em vez disso, ela o transformara num louco furioso! O ciúme vinha deixando-o ensandecido havia duas semanas.

Toda vez que o telefone dela tocava, ele perguntava-se qual dos amantes telefonava. Toda vez que um homem a olhava no escritório, sentia uma violenta compulsão de fazê-lo engolir os dentes.

No dia seguinte, Lauren já teria ido embora. Na segunda-feira, ele não a veria mais. Isso era melhor para ambos. Melhor para toda a maldita empresa; seus próprios executivos andavam esquivando-se quando o viam aproximar-se!

A reunião durou até as sete da noite e, ao término do jantar, Nick desculpou-se, pediu licença para retirar-se e subiu para a suíte. Ao atravessar o corredor do elegante hotel em direção aos elevadores, passou pela vitrine de uma joalheria exclusiva. Um

magnífico pingente de rubi, circundado por cintilantes diamantes, atraiu-lhe o olhar e o fez parar. Olhou os brincos combinando. Talvez se comprasse o pingente para Lauren... De repente, sentiu-se mais uma vez como um menino, em pé ao lado de Mary, comprando uma caixinha esmaltada.

Virou-se e continuou a atravessar o corredor com arrogância. Enfurecido, lembrou a si mesmo que o suborno era a forma mais humilhante de implorar. Não ia implorar a ela que mudasse de ideia. Não ia implorar nada a ninguém.

Passou uma hora na suíte, retornou telefonemas e tratou de questões profissionais que haviam surgido em sua ausência. Quando desligou, eram quase onze horas. Foi até a janela e contemplou a cintilante silhueta dos edifícios contra o céu de Chicago.

Lauren ia partir. Jim dissera que ela estava pálida e exausta. E se tivesse adoecido? E se tivesse engravidado? Diabos, e se estivesse grávida? Ele não poderia nem ter certeza de que o filho era seu ou de outro homem.

Uma vez poderia ter tido. Uma vez fora o único homem que ela conhecera. Agora era provável que ela pudesse ensinar coisas a ele, pensou, com amargura.

Lembrou-se da tarde de domingo que fora ao apartamento dela dar-lhe os brincos. Quando quisera levá-la para a cama, viera a explosão. A maioria das mulheres teria ficado satisfeita com o que ele oferecia, mas não ela, pois queria que a amasse, assumisse um envolvimento emocional, além de apenas sexual. Queria algum tipo de compromisso da parte dele.

Nick se esticou na cama. Era melhor mesmo que Lauren partisse, decidiu enfurecido. Que voltasse logo para casa e encontrasse algum imbecil provinciano que se arrastasse aos seus pés, dissesse que a amava e assumisse qualquer compromisso que quisesse.

A conferência prosseguiu às dez horas em ponto na manhã seguinte. Como todos os presentes eram gigantes industriais, com tempo valiosíssimo, cada participante revelou-se pontual. O presidente do comitê olhou os seis homens sentados em volta da mesa e avisou:

— Nick Sinclair não comparecerá hoje. Pediu-me que explicasse que foi chamado de volta a Detroit esta manhã para tratar de um assunto urgente.

— Todos nós temos assuntos urgentes — grunhiu um dos membros. — Qual é o problema de Nick que o impede de estar presente aqui?

— Disse que se tratava de um problema de relações trabalhistas.

— Isso não serve como desculpa! — explodiu outro membro. — Todos temos problemas de relações trabalhistas.

— Eu o lembrei disso — respondeu o presidente.

— Que foi que ele alegou?

— Explicou que ninguém tem um problema de relações trabalhistas como o dele.

Lauren saiu carregada de pertences até o carro e parou para olhar o nublado céu de outubro. Ia chover ou nevar, concluiu com desânimo.

Encaminhou-se de volta ao apartamento, deixando a porta um pouco entreaberta para poder abri-la com um chute ao trazer a carga seguinte de coisas. Tinha os pés molhados de chapinhar nas pequenas poças na calçada e curvou-se mecanicamente para tirar os tênis de lona. Planejava usá-los ao conduzir o carro na volta ao lar, por isso teria de secá-los logo. Levou-os até a cozinha, enfiou-os dentro do forno e ligou-o bem baixo, deixando a porta do forno aberta.

No andar de cima, calçou outro par de sapatos e fechou a última mala. Restava-lhe agora apenas escrever um bilhete para Philip Whitworth, e depois poderia partir. Lágrimas ardiam-lhe os olhos e ela limpou-as com dedos impacientes. Pegando a mala, levou-a para baixo.

Na metade do caminho da sala de estar, ouviu passadas que vinham da cozinha. Deu meia-volta, surpreendida, e logo ficou imóvel ao ver Nick sair com altivez do cômodo. Notando o brilho agitado nos olhos dele ao encaminhar-se em sua direção, a mente de Lauren gritou-lhe um aviso: ele soubera sobre Philip Whitworth.

Em pânico, largou a mala e apressou-se a recuar devagar. Na afobação, bateu com a parte de trás dos joelhos no braço do sofá, perdeu o equilíbrio e caiu estatelada de costas nas almofadas.

Com um brilho de diversão nos olhos, o recém-chegado examinou a deleitável beldade convidativamente esparramada no sofá.

— Sinto-me lisonjeado, doçura, mas eu gostaria de algo para comer antes. Que vai servir, além de sapatos assados?

Cautelosa, Lauren levantou-se sem jeito. Apesar do tom bem-humorado, via-se uma severidade férrea em seu maxilar de dentes cerrados, transmitindo muita tensão em cada músculo do corpo vigoroso. Cuidadosa, ela recuou mais um passo para fora do alcance dele.

— Parada — ele ordenou em voz baixa. Lauren congelou de novo.

— Por que... por que você não está na conferência de comércio internacional?

— Na verdade — respondeu Nick com a fala arrastada —, eu me fiz a mesma pergunta várias vezes esta manhã. Me fiz essa pergunta ao largar sete homens que exigem meu voto em questões de vital importância. Me fiz essa pergunta a caminho daqui, quando a mulher no assento ao meu lado no avião vomitou num saco.

Lauren reprimiu um risinho nervoso. Via-o tenso, irritado, mas não furioso. Portanto, nada sabia sobre Philip.

— Me fiz essa pergunta — ele continuou, avançando um passo — quando quase empurrei um senhor idoso para fora do táxi e o ocupei, porque temia chegar aqui tarde demais.

Lauren tentou em desespero decifrar esse estado de espírito e não conseguiu.

— Agora que chegou aqui — perguntou trêmula —, o que você quer?

— Você.

— Eu disse...

— Sei o que você disse — interrompeu-a, impaciente. — Sou velho e cínico demais para você. Certo?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Lauren, sou apenas dois meses mais velho do que era em Harbor Springs, embora me sinta muito mais velho do que então. A verdade, porém, é que você não me considerava velho demais antes, nem na verdade acha isso hoje. Pois bem, vou descarregar aquele carro e você pode começar a desempacotar suas coisas.

— Vou voltar para casa, Nick — ela respondeu com tranqüila determinação.

— Não, não vai não — ele declarou implacável. — Você pertence a mim e, se me forçar a isso, eu a carregarei até lá em cima, até a cama, e farei você admitir isso lá.

Ela sabia que Nick poderia fazer exatamente o que dissera. Recuou mais um passo.

— Você só iria provar que pode me dominar fisicamente. Nada que eu admitisse lá contaria. O que de fato importa é que não quero pertencer a você... de maneira alguma.

Nick sorriu com um ar melancólico.

— Eu quero pertencer a você... de todas as maneiras. — Lauren sentiu o coração atirar-se contra as costelas. Que queria ele dizer com pertencer? Soube por instinto que não lhe oferecia casamento, mas ao menos oferecia a si mesmo. Que aconteceria se ela lhe contasse agora sobre Philip Whitworth?

Nick continuou a falar, a voz persuasiva tingida de desespero:

— Pense no cínico amoral, sem princípios, que sou... pense em todas as melhorias que você poderia fazer em meu caráter.

A simultânea compulsão de rir e chorar rebentou o controle de Lauren. Os cabelos caíram-lhe para frente numa pesada franja quando curvou a cabeça e combateu as lágrimas. Ia fazer isso; ia deixar-se tornar aquele sórdido clichê... a secretária apaixonada pelo chefe, tendo um caso amoroso com ele. Ia arriscar o orgulho e o respeito próprio na chance de poder fazê-lo se apaixonar. Arriscar-se a fazê-lo detestá-la quando acabasse por lhe contar sobre Philip Whitworth.

— Lauren — disse Nick roucamente —, eu te amo.

Ela disparou a cabeça para cima. Sem poder acreditar nos próprios ouvidos, encarou-o com olhos marejados de lágrimas.

Nick viu aquelas lágrimas e sentiu o coração afundar em ressentida derrota.

— Não se atreva a chorar — advertiu-a com rudeza —, eu jamais disse isso a uma mulher antes, e também...

As palavras extinguíram-se quando ela de repente se lançou nos braços dele, os ombros trêmulos. Hesitante, Nick ergueu-lhe a ponta do queixo e fitou-lhe o rosto. Lágrimas acumulavam-se nos seus cílios espessos e inundavam-lhe os olhos. Ela tentou falar e Nick retesou-se, preparando-se para a rejeição que temera o tempo todo desde Chicago.

— Acho você tão lindo — sussurrou Lauren com a voz entrecortada. — Acho você o homem mais lindo...

Um gemido baixo rasgou o peito dele, que abafou a boca da amada com a sua. Devorando-lhe os lábios com a insaciável fome que o vinha torturando havia semanas, esmagou o corpo flexível e enternecido dela nos contornos rígidos e famintos do seu. Beijava-a feroz, tempestuosa e ternamente, e mesmo assim não conseguia

extrair o suficiente. Por fim, desprende a boca, refreando as enlouquecidas exigências do seu corpo, e manteve-a nos braços, apertada contra o coração que martelava.

Como Nick não se mexeu por vários minutos, ela reclinou-se para trás nos braços que a seguravam e ergueu o rosto para o dele, que viu a pergunta naqueles olhos azuis e a desejosa aceitação da decisão que ele tomara. Ela se deitaria ao lado dele ali ou em qualquer outro lugar que ele escolhesse.

— Não — murmurou Nick cheio de ternura. — Assim não. Não vou entrar aqui e fazê-la correr para a cama. Fiz algo semelhante a isso em Harbor Springs.

A impudente beldade que tinha nos braços deu um daqueles sorrisos fascinantes.

— Você está mesmo com fome? Eu poderia preparar umas meias douradas na manteiga para acompanhar os sapatos assados. Ou prefere alguma coisa mais convencional, como uma omelete?

Nick riu e roçou um beijo pela testa lisa dela.

— Mandarei minha governanta preparar algo para mim enquanto tomo um banho. Depois vou dormir um pouco. Não dormi nada ontem à noite — acrescentou expressivo.

Lauren lançou-lhe um olhar de simulada compaixão, que lhe rendeu mais um beijo.

— Sugiro que você também durma, pois quando voltarmos da festa esta noite, vamos para a cama, e eu pretendo mantê-la acordada até de manhã. — Em quinze minutos, ele havia descarregado a mudança do carro de Lauren.

— Pego você às nove horas — disse, quando se preparava para partir. — É uma festa black-tie; tem alguma roupa formal?

Lauren detestava usar as roupas que haviam pertencido à amante de Philip Whitworth, mas para esta noite não tinha outra opção.

— Aonde vamos?

— Ao baile beneficente do hospital infantil no Hotel Westin. Sou um dos patrocinadores e por isso recebo ingressos todo ano.

— Não parece uma ocasião muito discreta — disse Lauren, apreensiva. — Alguém pode nos ver juntos.

— Todo mundo vai nos ver juntos. Trata-se de um dos eventos sociais do ano, motivo pelo qual quero levá-la. Que há de errado nisso?

Se o baile beneficente era uma sofisticada solenidade social, seria improvável que algum dos outros empregados da Global comparecesse. Assim, não precisariam se preocupar em provocar fofocas de escritório.

— Nada de errado. Eu adoraria ir — ela disse, erguendo-se nas pontas dos pés para despedir-se dele com um beijo. — Eu iria a qualquer lugar com você.

Capítulo 17

Nick surgiu com uma elegância de tirar o fôlego no smoking preto e lustroso, camisa preguiçada e gravata borboleta formal quando Lauren abriu a porta naquela noite.

— Você está esplêndido — ela disse, em voz baixa.

Ele deslizou o olhar cheio de brilhante admiração pelas suas vividas feições, pelos cabelos cintilantes presos em intrincadas e sofisticadas tranças atrás da cabeça, e imobilizou-se por um momento ao ver a tentadora exibição dos seios que se avolumavam acima do decote do vestido longo e justo de veludo preto, antes de percorrer a saia reta, com uma abertura do joelho ao calcanhar.

— Não gosta? — perguntou ela, entregando-lhe um xale de veludo debruado de branco.

— Sou apaixonado por eles — respondeu, fazendo-a enrubescer quando percebeu a que ele se referia.

O hotel Westin localizava-se no magnífico Centro Renascença, na área comercial de Detroit. Em homenagem ao baile, estendera-se um tapete vermelho do meio-fio até a entrada principal do hotel.

Câmeras de televisão achavam-se posicionadas nos dois lados do tapete. Quando o motorista de Nick encostou a limusine, fotojornalistas avançaram aos empurrões com suas câmeras erguidas.

Um porteiro adiantou-se e abriu a porta de Lauren. Quando Nick a seguiu, ao saltar da limusine, e tomou-lhe o cotovelo, clarões de flashes explodiram nos dois lados e câmeras de televisão acompanharam a caminhada do casal pelo tapete vermelho.

A primeira pessoa que Lauren viu no salão de baile, repleto de pessoas importantes, foi Jim, que também os viu, e observou-os aproximarem-se com um olhar de júbilo muito mal simulado. Mas quando ele estendeu a mão, ela notou a hesitação de Nick antes de retribuir o cumprimento.

— Você voltou de Chicago antes do previsto — observou Jim, parecendo alheio à fria reserva do amigo. — Gostaria de saber por quê.

— Sabe bem demais por quê — replicou Nick, de cara fechada.

Jim ergueu as sobrancelhas, porém dirigiu os olhos castanho-amarelados a Lauren.

— Eu diria que você está deslumbrante, mas no momento seu acompanhante já está contendo a compulsão de me esmurrar até meus dentes descerem goela abaixo.

— Por quê? — arquejou Lauren e disparou o olhar para as feições de granito de Nick.

Jim respondeu com uma risadinha:

— Tem a ver com duas dúzias de rosas vermelhas e um beijo que ele testemunhou. Meu amigo se esqueceu de uma garota por

quem eu estava apaixonado tempos atrás, mas não consegui exatamente reunir coragem para pedi-la em casamento. Aí ele se cansou de esperar que eu tivesse um ímpeto de ousadia e enviou a Ericka duas dúzias de...

O suspiro de Nick irrompeu em gargalhada.

— Seu patife — desabafou bem-humorado, e desta vez deu um aperto de mãos sincero.

Para Lauren, foi uma noite de magia, uma noite cheia do perfume de flores, de candelabros cintilantes e música gloriosa. Passou a noite dançando nos braços de Nick e permaneceu ao lado dele, que a apresentava às pessoas conhecidas... e parecia conhecer todo mundo. Os convidados cercavam-no tão logo saíam da pista de dança ou paravam para tomar uma taça de champanhe. Ficou óbvio para Lauren o grande respeito e a grande estima que as pessoas demonstravam-lhe, e também se sentiu imensamente orgulhosa dele. Nick, por sua vez, exibia igual orgulho dela, evidente no caloroso sorriso que ele dava aos conhecidos quando a apresentava, e na maneira possessiva de envolver-lhe firme a cintura com o braço.

— Lauren?

Já passava bem da meia-noite. Ela inclinou a cabeça para trás e sorriu-lhe enquanto dançavam.

— Hummm?

— Eu gostaria de ir embora já.

O desejo nos seus olhos cinza revelou-lhe o motivo.

Ela assentiu com a cabeça e sem protestos seguiu-o para fora da pista de dança.

Acabara de chegar à conclusão de que essa fora a mais perfeita noite de sua vida, quando uma voz conhecida fez o pânico disparar-lhe por todo o sistema nervoso:

— Nick — disse Philip Whitworth, alteando de leve a voz, exibindo no rosto uma máscara de cordialidade. — É um prazer ver você.

O sangue de Lauren correu gelado. *“Ai, não! Aqui não, assim não!...”* rezou enlouquecida.

— Creio que não conhecemos essa jovem dama — acrescentou Philip, e ergueu as sobrancelhas em direção à acompanhante de Nick, de uma educada e curiosa forma que a fez sentir-se estonteada de alívio.

Ela desprende o olhar de Philip, encarou Carol Whitworth e depois Nick. Mãe e filho cumprimentaram-se como estranhos refinados; uma loura esguia, refinada, e um belo homem moreno, alto, com os olhos cinza da outra. Com fria cortesia, Nick apresentou-os:

— Philip Whitworth e sua esposa, Carol.

Na limusine, alguns minutos depois, Lauren percebeu Nick observando-a.

— Que foi que houve? — perguntou, afinal. Ela sorveu uma trêmula inspiração.

— Carol Whitworth é sua mãe. Mary me contou poucos dias atrás.

A expressão dele não se alterou.

— Sim, é.

— Se eu fosse sua mãe — disse Lauren num suspiro sufocado e virou a cabeça para o outro lado —, ficaria muito orgulhosa de

você. Toda vez que o olhasse, pensaria: que homem bonito, poderoso e elegante é o meu...

— Meu amor — sussurrou Nick, arrastando-a para dentro dos seus braços e beijando-a com ardente ternura.

Lauren deslizou os dedos pelos volumosos cabelos escuros dele, prendendo-lhe a boca na sua.

— Eu te amo — sussurrou ela.

Um suspiro de alívio pareceu percorrer o corpo de Nick.

— Eu começava a achar que você jamais ia dizer isso.

Lauren aconchegou-se nos braços do amado, mas esse contentamento teve vida curta. O alívio que sentira por Philip Whitworth não tê-la desmascarado foi dando aos poucos lugar à inquietação. Fingindo não conhecer Philip e Carol diante de Nick, ela participara de uma flagrante encenação que de certa forma o fizera de bobo. Sentiu o pânico avolumar-se no peito. Contaria a ele esta noite, depois de fazerem amor. Tinha de contar-lhe antes que a trama daquela mentira a enredasse ainda mais.

Após chegarem ao apartamento, Nick ergueu o xale de veludo dos ombros dela e estendeu-o sobre uma poltrona. Transferiu as mãos para os botões do paletó do smoking e, quando ia começar a retirá-lo, Lauren sentiu uma vibrante excitação. Virou-se e encaminhou-se para as janelas, tentando estabilizar-se. Ouviu-o aproximar-se por trás.

— Gostaria de um drinque? — perguntou numa voz trêmula.

— Não.

Ele passou-lhe o braço pela cintura e puxou-a para si ao curvar a cabeça e pressionar a boca num irresistível beijo na têmpora. A respiração de Lauren tornou-se rasa e rápida quando

ele lhe tocou a orelha, depois a nuca, com lábios cálidos, e começou a deslizar as mãos indolentes pela região do ventre. Descia uma delas enquanto subia a outra e, delicadamente, a fechava sobre um seio coberto de veludo. Tinha um toque de refinado deleite e, quando deslizou os dedos sob o corpete do vestido, para provocar, e possessivamente acariciar-lhe o seio sensível, Lauren sentiu-o pressionar arrojadamente contra ela o calor exigente da sua intensificada paixão viril.

Quando as mãos de Nick lhe chegaram aos ombros, virando-a para tomá-la nos braços, rápidas e perfurantes punhaladas de desejo dispararam por todo o corpo dela. Ele tocou com os lábios abertos os dela, e com os braços puxou-a com delicadeza contra o seu membro endurecido. Beijou-a de uma forma vagarosa, lânguida, que se aprofundou momento após momento numa ardente insistência e depois explodiu em voraz urgência. Mergulhou-lhe então a língua na boca num beijo profundo e brutal.

Impelida por uma mistura de amor e medo de perdê-lo, Lauren curvou-se em febril necessidade de partilhar e estimular aquela paixão explosiva. Sentiu contra a boca o arquejo da respiração do companheiro quando provocou os lábios quentes dele com a língua, com o reflexo do aperto das mãos dele em suas costas e em seus quadris ao acariciar-lhe a carne dura e musculosa das costas e ombros.

Em algum lugar nos recessos da mente inebriada de paixão, Nick conscientizou-se de que ela o beijava como nunca antes, e movia com muita sensualidade os quadris contra a rígida ereção, incitando de propósito as imensas ondas de desejo que lhe surgiam. Mas na verdade não comparou a desinibida mulher que

tinha nos braços com a encabulada e hesitante garota de Harbor Springs — só que então ele tivera de pôr a mão dela em sua camisa para que a desabotoasse. Naquela noite, era tímida e inexperiente. Sem a menor dúvida, ganhara muita experiência desde então.

Remorso e decepção inundaram-no e o fizeram cobrir-lhe os dedos com as mãos para detê-la.

— Prepare uma bebida para mim, sim? — pediu, odiando-se pelo que pensava e como se sentia em relação a ela.

Pega de surpresa pelo ressentimento cansado, derrotado, na voz de Nick, ela deixou as mãos caírem. Foi até o bar, preparou-lhe um uísque com gelo e água e levou até ele. Viu-o curvar os lábios num sorriso sem humor quando notou que ela se lembrara do drinque exato que ele gostava, mas sem comentar nada a respeito, Nick levou-o aos lábios e tomou-o.

Lauren ficou perplexa com essa atitude, porém as palavras seguintes dele deixaram-na inteiramente estupefata:

— Vamos tirar logo isso a limpo, para eu poder parar de me perguntar. Quantos foram?

Ela encarou-o. — Quantos o quê?

— Amantes — ele esclareceu, num tom ressentido.

Ela mal acreditava no que ouvia. Após tratá-la como se os padrões de moralidade dela fossem infantis, após agir como se promiscuidade fosse uma virtude, após dizer-lhe que os homens preferiam mulheres experientes, ele sentia ciúmes. Porque Nick agora se importava.

Lauren não sabia se o agredia, desatava a rir ou o abraçava. Em vez disso, decidiu exigir apenas uma minúscula partícula de

vingança por toda a infelicidade e incerteza pelas quais ele a fizera passar.

— Por que o número deveria fazer alguma diferença? — perguntou, simulando inocência. — Você me disse em Harbor Springs que os homens não valorizam mais a virgindade, não esperam nem desejam que a mulher seja inexperiente. Certo?

— Certo — respondeu ele, fuzilando com os olhos os cubos de gelo no copo.

— Você também disse — ela continuou, com um sorriso reprimido — que as mulheres têm os mesmos desejos físicos que os homens, e que também temos o direito de satisfazê-los com quem desejarmos. E foi muito enfático a respeito...

— Lauren — ele advertiu em voz baixa —, eu lhe fiz uma pergunta simples. Não me importo com a resposta, só quero saber para poder parar de me perguntar. Diga-me quantos foram. Diga-me se gostava deles, se não dava a mínima ou se fez isso para ficar quites comigo. Apenas me diga. Não vou me ressentir de você por isso.

“Com os diabos que você não vai!”, pensou ela, alegremente, enquanto lutava para desarrolhar a garrafa de vinho.

— Claro que não se ressentirá de mim — disse rindo. — Você afirmou em termos específicos que...

— Eu sei o que afirmei — respondeu Nick, a voz ríspida. — Agora, quantos?

Ela lançou-lhe um olhar, insinuando que ficara perplexa com esse tom de voz.

— Só um.

Remorso furioso lampejou nos olhos dele, que retesou o corpo como se tivesse acabado de sofrer um golpe físico.

— Você... gostava dele?

— Achei que o amava na época — respondeu Lauren animada, torcendo mais fiando o saca-rolhas na garrafa.

— Tudo bem. Vamos esquecer esse cara — disse Nick, curto e grosso.

Notou, afinal, os esforços dela com a garrafa de vinho e foi ajudá-la.

— Vai conseguir esquecê-lo? — perguntou Lauren, admirando a facilidade com que ele cuidava da rolha.

— Vou... depois de algum tempo.

— Que quer dizer com depois de algum tempo? Você disse que não tinha nada de errado em uma mulher satisfazer as suas necessidades biológicas...

— Eu sei o que disse, droga!

— Então por que está tão furioso? Não mentiu para mim, mentiu?

— Não menti — respondeu ele, batendo a garrafa no bar e estendendo a mão para pegar uma taça no armário. — Eu acreditava nisso na época.

— Por quê? — ela incitou-o.

— Porque era conveniente acreditar nisso — ele respondeu, mordendo as palavras.

Lauren amou-o mais que nunca nesse momento.

— Gostaria que eu lhe falasse dele?

— Não — respondeu Nick com toda a frieza.

Os olhos de Lauren brilharam, mas ela recuou um cauteloso passo para fora do alcance dele.

— Você o teria aprovado. Era alto, moreno e lindo, como você. Também era muito elegante, sofisticado e experiente. Minou minha resistência em dois dias, e depois...

— Maldição, pare com isso! — rangeu Nick em genuína fúria.

— O nome dele é John.

Ele apoiou as mãos no armário de bebidas, de costas para ela.

— Não quero ouvir!

— John Nicholas Sinclair — esclareceu Lauren.

O alívio que Nick sentiu foi tão intenso que ele mal soube lidar com a informação. Endireitou-se e virou-se para ela, que se encontrava em pé no centro da sala, um anjo num longo e sedutor vestido preto, uma jovem beldade de refinada sensualidade e inconsciente equilíbrio em cada graciosa linha do corpo. Tinha em si mesma uma delicadeza, um tranqüilo orgulho, que a impedira de tornar-se um receptáculo conveniente para as paixões de garotos e homens.

E estava apaixonada por ele.

Nick podia torná-la amante ou esposa. No íntimo, sabia que ela se ajustava bem ao lado dele como sua noiva; qualquer coisa menos que isso iria destruir-lhe o orgulho e envergonhá-la. Aquele belo corpo fora oferecido apenas a ele. Não poderia aceitar o presente e o amor dela, e em troca oferecer-lhe alguma coisa tênue, obscura, chamada “relacionamento significativo”. Embora Lauren fosse muito jovem, ele amava-a, e ela era sensata o suficiente para não fazer jogos com a vida dele. Também era obstinada, voluntariosa e de uma desafiadora coragem, como Nick

aprendera às custas de intensa fúria e frustração durante as muitas semanas anteriores...

Examinou-a em silêncio, e então inspirou longa e profundamente.

— Lauren — começou num tom grave —, eu gostaria de quatro filhas com olhos azuis oscilantes e estudiosos óculos de tartaruga nos narizinhos. Também me tornei muito parcial em relação à cor de mel dos seus cabelos; portanto, se você puder dar um jeito de... — Viu lágrimas de jubilosa descrença encherem os olhos dela e puxou-a para seus braços, esmagando-a contra o peito, vibrando com as mesmas emoções que a abalavam. — Por favor, querida, não chore. Por favor, não... — sussurrou com a voz embargada, beijando-lhe a testa, a face e, por fim, os lábios.

Lembrando-se de que se tratava apenas da sua segunda experiência sexual, e que não ia apressá-la, curvou-se, ergueu-a nos braços e levou-a para o quarto no andar de cima.

Ainda com a boca presa na de Lauren, retirou devagar a mão debaixo dos joelhos dela. A deliciosa sensação daquelas pernas deslizando-lhe pelas coxas o fez prender a respiração com força. Enquanto ele retirava as próprias roupas, ela despia-se diante do seu olhar ardente. E quando a calcinha de renda tombou afinal no chão, ergueu o rosto para o de Nick e ficou ali diante dele, sem o menor pudor.

Um dilacerante sentimento de ternura fez as mãos de Nick vacilarem quando tomou o rosto dela entre as palmas, os dedos trêmulos sobre as delicadas feições. Após semanas desafiando-o, obstinada, e recusando-o com total frieza, Lauren olhava-o agora com indisfarçável entrega. O amor brilhava em seus olhos, um

amor de tão serena intensidade que Nick se sentia ao mesmo tempo submisso e profundamente orgulhoso.

— Lauren — ele disse, a voz grave áspera com as novas e desconhecidas emoções que fluíam por dentro de si. — Eu também te amo.

Em resposta, ela deslizou as mãos pelo peito dele acima, envolveu-as no pescoço e apertou-se contra toda a extensão daquele corpo nu, sentindo a rija excitação e fazendo disparar incontroláveis chamas de desejo por toda a corrente sangüínea dele. Tentando conter a paixão à beira de explodir, Nick curvou a cabeça e beijou-a. Lauren separou os lábios; ele enfiou a língua no espaço entre eles apenas para uma doce e excitante saboreada, retirou-a... e, faminto, tomado por violento desejo, mergulhou-a mais uma vez, e de repente perdeu o controle. Com um baixo gemido, puxou-a mais para baixo na cama, rolou-a de costas, comprimindo-a nos travesseiros, as mãos e a boca em feroz desejo enquanto, enlouquecido, beijava-a e acariciava-a.

Em algum lugar no tumulto dessas sensações vertiginosas, Lauren percebeu que ele fazia amor de forma diferente nesta noite. Em Harbor Springs, tratara o seu corpo como um maestro trata um instrumento conhecido, as mãos destros, hábeis; nesta noite, havia uma delicadeza atormentadora, uma sutil reverência no jeito de acariciá-la e excitá-la com as mãos. Em Harbor Springs, Nick controlara e contivera a paixão com todo o cuidado; esta noite, ele parecia tão desesperado por ela quanto ela por ele.

Tocava-lhe os seios com os lábios e a língua, fazendo-a circular ao redor dos mamilos endurecidos, e Lauren perdeu toda a capacidade até de pensar. Ela cerrara os dedos em movimentos

convulsivos nos volumosos cabelos dele, prendia-lhe a cabeça junto aos seios, depois os deslizava pelos músculos dos ombros e braços dele.

— Quero você — ele sussurrou, rouco. — Quero demais você!

As roucas palavras de paixão de Nick inflamaram-na, e os termos sussurrados de ternura excitaram-na até a alma. Cada toque dos dedos que a buscavam, cada roçar dos seus lábios e língua faziam-na alçar um voo sempre mais alto, para um universo onde nada existia, além da ensandecida beleza do ato sexual do homem a quem amava.

Quando ele lhe separou as coxas com as mãos, Lauren soltou um gemido gutural e arqueou os quadris para recebê-lo. A contenção de Nick rompeu-se: agarrou com os seus os lábios dela num beijo brutal e profundo, e mergulhou no incrível calor feminino.

— Mexa-se comigo, querida — incentivou-a enrouquecido, e, quando ela o fez, ele investiu o membro inteiro nela.

A feroz fome daquelas estocadas viris, e a urgência de cada golpe, fizeram surgir ondas de trêmulo êxtase pelo corpo de Lauren, um êxtase que acabou por explodir com tamanha força que lhe arrancou um grito baixo da garganta. Nick estreitou os braços em volta dela, esmagando-a contra si, e com um mergulho final juntou-se a ela em bem-aventurado esquecimento.

Bem cedo na manhã seguinte, o toque estridente do telefone despertou-a com um sobressalto. Estendendo a mão pelo peito nu de Nick, ela pegou o fone e atendeu-o.

— É Jim... para você — disse, entregando-lhe o telefone. Após uma breve conversa, Nick desligou, depois tirou as pernas da cama e penteou os cabelos com as mãos.

— Tenho de pegar um avião para Oklahoma hoje — explicou, com uma mistura de pesar e resignação. — Alguns meses atrás, comprei uma companhia de petróleo cujo dono ao longo dos anos tinha transferido a propriedade para seus funcionários. Meu pessoal vem tentando negociar com esses mesmos funcionários na base dos próprios contratos, mas eles têm o hábito de fazer promessas e não cumprir. Exigem falar comigo, caso contrário entrarão em greve.

Já vestia a calça e enfiava a camisa.

— Até amanhã no escritório — prometeu, poucos minutos depois, na porta da frente. Tomou-a nos braços para um longo e inebriante beijo, depois a soltou com relutância. — Nem que eu tenha de voar a noite toda para chegar aqui, voltarei amanhã. Prometo.

Capítulo 18

Dezenas de rostos atentos e especulativos voltaram-se para assistir ao avanço de Lauren pelo escritório na manhã de segunda-feira. Perplexa, pendurou o casaco e continuou até sua mesa, onde encontrou Susan Brook e meia dúzia de outras mulheres reunidas em volta.

— O que está acontecendo? — perguntou, sentindo uma radiante felicidade; Nick telefonara-lhe duas vezes de Oklahoma e em algum momento neste dia ia tornar a vê-lo.

— Conte-nos você — disse Susan rindo. — Esta aqui não é você?

Lançou o jornal com força na mesa dela e alisou-o. Lauren arregalou os olhos. Uma página inteira dedicada ao baile beneficente do hospital infantil. No centro, destacava-se uma foto colorida dela... com Nick. Os dois dançavam, e ele sorria-lhe. Seu rosto estava de perfil, inclinado para trás, encarando-o. A legenda dizia: *“O industrial de Detroit J. Nicholas Sinclair e acompanhante.”*

— Parece mesmo comigo, não? — ela esquivou-se ao ver os rostos animados, cheios de ávida curiosidade ao redor da mesa. — Não é uma coincidência impressionante?

Não queria que o relacionamento com Nick fosse do conhecimento público até chegar o momento certo, e sem dúvida não queria que os colegas de trabalho a tratassem diferente em nada.

— Quer dizer que não é você? — perguntou uma das mulheres num tom decepcionado.

Nenhuma delas notou a repentina calma, o silêncio que baixava no escritório quando as pessoas pararam de falar e as máquinas de escrever ficaram em total imobilidade...

— Bom-dia, senhoras — a voz grave de Nick chegou por trás de Lauren. Seis mulheres, estupefatas, puseram-se em posição de sentido, olhando, em fascinada reverência, Nick curvar-se sobre Lauren por trás e apoiar as mãos na mesa dela. — Oi — ele disse, com os lábios tão próximos da sua orelha que ela receou virar a cabeça por temer que fosse beijada na frente de todo mundo. Ele olhou o jornal aberto na mesa. — Você está linda, mas quem é esse cara horroroso com quem dançava?

Sem esperar resposta, endireitou o corpo, despenteou-lhe os cabelos no alto da cabeça afetuosamente e encaminhou-se sem pressa para o escritório de Jim, fechando a porta atrás de si.

Lauren sentiu como se afundasse no chão de vergonha. Susan Brook ergueu as sobrancelhas.

— Que coincidência impressionante — provocou-a. Nick saiu do escritório de Jim alguns minutos depois e pediu a Lauren que subisse com ele. Tão logo chegaram lá, puxou-a para os braços, a fim de dar-lhe um beijo longo e satisfatório.

— Senti saudade de você — sussurrou, depois suspirou, soltou-a com relutância e cruzou as mãos nas costas. — Vou sentir ainda mais... tenho de partir para Casano em uma hora. Rossi não conseguiu me localizar, então ligou para Horace Moran em Nova York. Parece que alguns americanos andam bisbilhotando na aldeia, fazendo perguntas sobre ele. Mande uma equipe de segurança investigar. Enquanto isso, Rossi foi para um esconderijo, e não há telefone onde ele está. Vou levar Jim comigo.

O pai de Ericka entrou em pânico e mandou-a ir até a Casano para tentar acalmar Rossi. Ela fala um pouco de italiano. Voltarei na quarta ou quinta-feira o mais tardar.

Ele fechou a cara.

— Lauren, eu nunca expliquei a você sobre Ericka...

— Mary explicou — respondeu ela, conseguindo parecer alegre, embora se sentisse infeliz com aquela partida repentina, Além de sentir saudades, também passaria três ou quatro dias de ansiedade, à espera de falar-lhe a respeito de Philip. Sem a menor dúvida, não podia fazer isso agora, quando ele estava prestes a partir. A raiva de Nick fermentaria e ferveria em silêncio durante dias. Tinha de contar-lhe quando pudesse estar ao seu lado para acalmá-lo. — Por que vai levar Jim?

— Quando o presidente da Sinco se aposentar, no mês que vem, Jim vai assumir o lugar dele. Levando-o comigo, poderemos discutir as metas imediatas e os planos de longo alcance para a Sinco. — Nick deu uma risadinha. — E também — admitiu — estou me sentindo muito grato ao meu amigo pela interferência em nossas vidas, e decidi interferir na dele. Levando-o para a Itália, onde Ericka se encontra... vejo que entende aonde quero chegar — disse, quando ela começou a sorrir.

Com um último abraço, Nick soltou-a, foi até a sua mesa e começou a enfiar papéis na pasta.

— Eu disse a Mary que, se Rossi telefonar de novo, transferisse a ligação para onde você estiver. Garanta-lhe que estou a caminho e que ele nada tem com que se preocupar. Quatro laboratórios nossos já estão testando agora mesmo a fórmula dele.

Em duas semanas saberemos se ele é um gênio ou um impostor, e até lá vamos imaginar que não seja um impostor e paparicá-lo.

Lauren ouviu esse monólogo acelerado com um sorriso interno de admiração. Ser casada com Nick ia assemelhar-se a viver próxima a um furacão, e ela ia ser colhida no redemoinho.

— Aliás — ele recomeçou, tão descontraído que Lauren logo se pôs em guarda —, a repórter de uma revista me telefonou esta manhã. Sabem quem você é e que vamos nos casar. Quando a matéria for publicada, receio que a imprensa vá começar a persegui-la.

— Como descobriram? — arquejou ela. Nick disparou-lhe um radiante sorriso.

— Eu contei.

Tudo vinha acontecendo tão rápido que ela se sentiu estupefata.

— Por acaso você contou a eles quando e onde vamos nos casar? — censurou-o.

— Eu disse que em breve. — Nick fechou a pasta e puxou-a da cadeira em que ela acabara de sentar-se. — Você quer um casamento numa grande igreja, com centenas de pessoas... ou se casaria comigo numa pequena capela em algum cantinho, com apenas sua família e alguns amigos? Quando voltarmos da lua de mel, poderíamos oferecer uma enorme festa, e isso satisfaria nossas obrigações sociais com todos os demais que conhecemos.

Lauren logo pensou no fardo que um casamento em uma igreja grande representaria para a saúde e as finanças inexistentes do pai, e a muitíssimo desejável alternativa de tornar-se logo a esposa de Nick.

— Você e uma capela — respondeu.

— Ótimo. — Ele riu. — Porque eu iria enlouquecer à espera de torná-la minha. Não sou um homem paciente.

— É mesmo? — Lauren endireitou-lhe o nó da gravata a fim de ter um pretexto para tocá-lo. — Eu não havia reparado.

— Moleca — disse ele com carinho, e em seguida acrescentou: — Fiz um cheque e dei-o a Mary. Deposite na sua conta, tire alguns dias de folga e use o dinheiro para comprar o enxoval enquanto eu estiver fora. Não vai conseguir gastar tudo em roupas. Use o resto para comprar alguma coisa especial como lembrança de nosso noivado. Uma joia — sugeriu — ou alguma pele.

Depois que Nick saiu, Lauren recostou-se na mesa dele, o sorriso tingido de pensativa tristeza ao lembrar-se das palavras de Mary durante o almoço: *“Daquele dia em diante, Nick jamais comprou um presente para uma mulher... dá a elas dinheiro, em vez disso, e manda que escolham algo de que gostem... não se importa que sejam jóias, peles ou qualquer outra coisa...”*

Afastou o pensamento triste. Um dia, talvez, ele mudaria. Até isso acontecer, tinha de sentir-se mais agradecida que qualquer mulher. Conferiu as horas no relógio de pulso. Eram dez e quinze e ela ainda não fizera trabalho algum.

* * *

Jack Collins fixou os olhos no grande relógio redondo na parede diante da cama de hospital onde se encontrava, lutando contra o estupor em que sempre mergulhava após as injeções hipodérmicas que lhe aplicavam antes de o levarem para os

exames no primeiro andar. Tentava focar-se, concentrar-se. O relógio mostrava dez e trinta. Era segunda-feira. Rudy devia telefonar com os resultados da investigação sobre a secretária bilíngüe que fora designada para Nick Sinclair.

Como se houvesse invocado a ligação, o telefone ao lado da cama começou a tocar.

— Jack — disse a voz —, aqui é Rudy.

O diretor da Segurança compôs devagar uma imagem do rosto redondo do rapaz, os olhos pequenos e brilhantes.

— Você investigou a tal Lauren Danner? — perguntou.

— Investiguei, sim, como você mandou. Está morando num condomínio elegante em Bloomfield Hills, e um homem bem mais velho paga o aluguel. Falei com o porteiro, e ele disse que o velho mantém o lugar para a amante. A última dona que morava lá era uma ruiva. O velho Whitworth chegou para visitá-la uma noite e, quando a encontrou recebendo outro homem, botou a dona para fora. O porteiro disse ainda que Lauren Danner leva uma vida tranqüila e decente... consegue ver o apartamento dela do portão.

Rudy deu uma risadinha maliciosa.

— Ele também disse que Whitworth não está ganhando nada em troca pagando pela casa para ela, porque só esteve lá uma vez desde que ela se mudou. Imagino que Whitworth esteja ficando velho para...

Jack lutou contra o nevoeiro que parecia ofuscar-lhe os sentidos.

— Quem?

— Whitworth — respondeu Rudy. — Philip A. Whitworth. Acho que ele já não dá no couro e...

— Ouça bem e feche essa matraca! — repreendeu-o Jack. — Vão me levar para fazer exames logo, logo e me deram uma injeção para dormir. Procure Nick Sinclair e diga a ele o que me disse. Entendeu bem? Diga a Nick... — a zonzeira inundava-o em ondas — ... diga a ele que acho que foi ela a responsável pelo vazamento de informação no projeto Rossi.

— Ela o quê? É ela? Você só pode estar brincando! Aquela garota é... — O tom de Rudy passou de desdém a firmeza militar: — Cuidarei disso, Jack, deixe tudo comi...

— Cale a boca, diabo, e me ouça! — enfureceu-se Jack. — Se Nick Sinclair estiver fora, procure Mike Walsh, o principal advogado da empresa, e diga a ele o que mandei. Não fale com mais ninguém sobre isso. Depois quero que a investigue. E que os telefonemas dela no escritório sejam monitorados. Quero que fique de olho em cada movimento dela. Arranje outro homem para ajudá-lo...

Lauren fitava o espaço com uma expressão sonhadora quando o telefone tocou na manhã de terça-feira. Sentia-se tão feliz e excitada que mal conseguia concentrar-se nas tarefas mundanas do trabalho. Mesmo se quisesse afastar seus pensamentos de Nick, o que não queria, seria impossível parar de pensar nele, porque o pessoal do escritório não parava de provocá-la. Atendeu ao telefone e sem querer notou o pequeno clique que ocorria todas as vezes que o usava desde a véspera.

— Lauren, minha cara — disse Philip Whitworth, com toda a tranqüilidade —, acho que devíamos almoçar juntos hoje.

Não era um convite, era uma ordem. Com cada fibra do seu ser, Lauren desejou desligar na cara dele, mas não se atrevia. Se o enfurecesse, sempre haveria o risco de o sujeito contar a Nick quem e o que ela era, antes que a própria tivesse a chance de contar-lhe. Além disso, também, continuava morando no apartamento de Philip, e não poderia mudar-se enquanto Nick estivesse fora, pois ele não teria como lhe telefonar. Se ligasse para o escritório, Lauren poderia dizer-lhe que ia mudar-se para um hotel, mas teria de inventar um motivo, e não queria acrescentar mais uma mentira cabal a todo o rolo.

— Tudo bem — concordou ela, sem entusiasmo. — Mas não posso me ausentar do escritório por muito tempo.

— Dificilmente poderíamos almoçar no seu prédio, Lauren — Philip lembrou-lhe num tom sarcástico.

O tom da voz dele causou-lhe um tremor de inquietação. Lauren ficou preocupada com o fato de ficar a sós com ele, inquieta em relação ao que ele queria dizer-lhe. Então se lembrou do restaurante de Tony e sentiu-se melhor.

— Eu o encontrarei no restaurante do Tony ao meio-dia. Sabe onde fica?

— Sei, mas esqueça. Não se consegue uma mesa lá, a não ser que...

— Farei a reserva — ela apressou-se a interrompê-lo.

O restaurante estava apinhado de pessoas à espera de uma mesa quando Lauren chegou. Tony viu-a e esboçou-lhe um sorriso atormentado do outro lado da sala, mas foi Dominic quem a levou até a mesa. O rapazinho corou intensamente diante do desanimado sorriso de saudação dela.

— Sua mesa não é muito boa, Lauren. Sinto muito. Se ligar com mais antecedência da próxima vez, terá uma melhor.

Ela entendeu o que ele quis dizer quando a conduziu em direção às mesas nos fundos do restaurante contíguo ao salão de coquetel. De iluminação baixa, era separado do restaurante por nada além de treliças de madeira pintada cobertas por trepadeiras. Um ruído constante de conversa pontuada de risos vinha do superlotado salão de coquetel, e os garçons corriam de um lado para outro até as cafeteiras que eram mantidas num cantinho ao lado da mesa.

Philip Whitworth já se achava sentado, girando com indolência os cubos de gelo no copo, quando Lauren chegou à mesa. Levantou-se, educado, esperou até Dominic acomodá-la, e então lhe ofereceu uma taça de vinho. Parecia muito calmo, muito composto, muito... satisfeito, ela pensou, ao notar-lhe a expressão.

— Muito bem, agora espero que me diga como andam de fato as coisas entre você e nosso amigo em comum...

— Você quer dizer seu enteado! — corrigiu Lauren, ressentida e furiosa ao ver que Philip continuava com a intenção de enganá-la.

— Sim, minha cara — respondeu logo Philip —, mas é melhor não usarmos o nome dele em um lugar público como este.

Lembranças de como o sujeito e a mulher haviam tratado Nick voltaram dilacerantes a sua mente, até deixarem-na fervendo de raiva por dentro. Lauren também tentou lembrar-se, porém, de que ele na verdade não a tratara mal, e falou com cuidadosa moderação:

— Daqui a um dia, ou dois, você vai ler nos jornais; portanto, eu o informarei desde já que vamos nos casar.

— Parabéns — disse ele, satisfeito. — Já lhe falou de sua... relação comigo? Era óbvio que ele nada sabia a respeito quando nos encontramos no baile beneficente.

— Vou falar muito em breve.

— Acho que não é uma boa ideia, Lauren. Ele sente certa animosidade em relação à minha esposa e a mim...

— Por um motivo muito justo! — ela deixou escapar antes de poder deter-se.

— Ah, vejo que já conhece a história. Em vista disso, pense em como ele reagirá quando descobrir que tem vivido como minha amante, usando as roupas que comprei para ela.

— Não seja ridículo! Não sou sua amante...

— Nós sabemos, mas será que ele vai acreditar?

— Eu farei com que acredite — respondeu Lauren, numa voz baixa e tensa.

O sorriso que Philip esboçou foi de fria e calculista astúcia.

— Receio que você descubra ser impossível convencê-lo disso se ele também achar que foi você que me contou sobre seu projetinho em Casano.

Chocada, o pânico varou-a de cima abaixo em ondas paralisantes e campainhas de alarme dispararam-lhe na mente.

— Eu não lhe contei nada sobre Casano, absolutamente nada! Jamais lhe contei nada confidencial.

— Ele acreditará que me deu a informação sobre o projeto do italiano.

Lauren juntou as mãos na mesa para fazê-las pararem de tremer. De forma lenta e vagarosa, o medo desenrolava os seus sedosos tentáculos e apoderava-se dela.

— Philip, está... ameaçando contar a ele que eu era sua amante, contar-lhe outras mentiras?

— Não bem ameaçando — respondeu ele sem se alterar. — Você e eu estamos prestes a fazer um acordo, e apenas quero que entenda que não se acha em posição confortável para contestar meus termos.

— Que acordo? — perguntou, mas que Deus a ajudasse, pois ela já sabia.

— Em troca do meu silêncio, de vez em quando lhe pedirei informação.

— E você acha que eu darei? — respondeu Lauren com lacrimoso desprezo. — Acredita mesmo nisso? — Lágrimas ardiam-lhe atrás dos olhos e embargavam-lhe a voz. — Prefiro morrer a fazer qualquer coisa para prejudicá-lo, está me entendendo?

— Que reação mais exagerada — disse Philip, agressivo, curvando-se para frente. — Não quero tirar o sujeito do mercado... só estou tentando salvar minha própria empresa, que está mal das pernas por causa da concorrência da Sinco.

— Que coisa baixa! — sibilou Lauren.

— Talvez não signifique nada para você, mas as empresas Whitworth são um direito nato de Carter, a herança dele, e muito importante para minha esposa. Agora, vamos parar de discutir sobre se você vai ou não ajudar, porque não tem opção. Sexta-feira é o prazo final para apresentar as propostas da concorrência de quatro importantes contratos. Quero saber o valor do lance que a Sinco vai oferecer. — Apresentou um pequeno pedaço de papel com os nomes de quatro projetos, desenroscou os dedos de Lauren, colocou o papel na mão dela e deu-lhe um tapinha amistoso,

paternal. — Receio ter de voltar para o escritório — disse, empurrando a cadeira para trás.

Lauren olhou-o, tão imersa em raiva que nada mais sentia, nem sequer medo.

— Esses lances são muito importantes para você? — perguntou.

— Muito.

— Porque sua esposa quer preservar a companhia para Carter? Isso é muito importante para ela?

— Mais importante do que você pode imaginar. Entre outras coisas, se eu tentasse vender a empresa agora, que é minha única alternativa, nossas finanças se tornariam uma questão de registro público. Seria muitíssimo humilhante.

— Entendo — disse Lauren com extrema calma. Para convencê-lo de que pretendia cooperar, acrescentou cuidadosamente: — E você promete não contar nenhuma dessas mentiras a Nick se eu ajudar?

— Tem minha palavra de honra.

Lauren entrou no escritório num estado de raiva fria, assassina. Carol Whitworth queria conseguir a “herança” do adorado segundo filho destruindo o que o primeiro construía. Mais ainda, esperavam que ela ajudasse. Estava sendo chantageada, e ela sabia que a chantagem jamais teria um fim. Os Whitworth eram ambiciosos, grosseiros e inescrupulosos. Antes de serem liquidadas, as indústrias da Global se tornariam mais uma parte da herança de Carter.

Alguns minutos depois, o telefone na sua mesa tocou. Automaticamente, ela atendeu.

— Detesto apressá-la, minha cara — chegou a voz suave de Philip —, mas quero essa informação ainda hoje. Você tratará de descobrir os lances que precisa em algum lugar no departamento de Engenharia. Se eu puder ter a folha de rosto, isso nos seria de imensa ajuda.

— Farei o melhor que puder — respondeu ela, com a voz uniforme.

— Excelente. Muito sensato. Encontro-a lá embaixo, na frente do prédio, às quatro da tarde. Desça e atravesse correndo o saguão; eu a esperarei no carro. Toda a missão lhe tomará apenas dez minutos.

Lauren desligou o telefone e atravessou os escritórios até o departamento de Engenharia. Por enquanto, não tinha qualquer preocupação de estar agindo de forma suspeita. Tão logo Jim retornasse, ela própria lhe contaria o que acontecera. Talvez ele até a ajudasse com Nick.

— O sr. Williams gostaria dos arquivos desses quatro projetos — disse à secretária do departamento.

Em questão de minutos, tinha todos os quatro em mãos. Levou-os de volta para a sua mesa. Na frente de cada um, a folha de rosto mostrava o nome do projeto, um resumo do equipamento técnico que seria fornecido, se o contrato fosse concedido à Sinco, e a quantia que a empresa oferecia.

Ela retirou as folhas e foi até a copiadora, depois levou as cópias e os originais de volta à mesa. Devolveu os originais aos arquivos e, com um corretivo, com todo o cuidado e calma, mudou

os valores que a Sinco oferecia, aumentando cada número em vários milhões de dólares. Embora o corretivo fosse visível nas cópias com que trabalhava, quando tirou outras cópias, ele ficou invisível e as mudanças, impossíveis de serem detectadas. Lauren ia afastando-se da copiadora quando um rapaz de rosto redondo se adiantou.

— Com licença, senhorita — ele disse. — Sou da empresa que presta serviços de manutenção a essa fotocopiadora, que parece ter tido problemas o dia todo. A senhorita se importaria de passar de novo os originais pela máquina para eu ver se está funcionando direito?

Uma vaga inquietação agitou-se nela, mas a máquina realmente vinha apresentando defeitos com regularidade, e por isso o atendeu. O rapaz retirou as cópias na bandeja assim que saíram, olhou-as e assentiu com a cabeça.

— Parece que desta vez consertaram mesmo — disse.

Lauren viu-o jogar as cópias na cesta de lixo ao afastar-se.

Mas não o viu abaixar-se para pegá-las um instante depois.

Enquanto Lauren atravessava o saguão, um Cadillac parou junto ao meio-fio. A janela ao seu lado baixou automaticamente e ela curvou-se para entregar o envelope a Philip.

— Espero que você entenda como isso é importante para nós — ele começou — e...

A fúria bramiu-lhe de cima a baixo, gritando-lhe nos ouvidos. Após girar nos calcanhares, ela voltou correndo para o prédio.

Quase se chocou com o rapaz de rosto redondo, que escondeu às pressas uma câmara fotográfica nas costas.

Capítulo 19

— Graças a Deus você voltou! — desabafou Mary no fim da tarde de quarta-feira, quando Nick entrou apressado no escritório, seguido por Ericka e Jim. — Mike Walsh precisa falar com você imediatamente. Disse que é uma emergência.

— Mande-o subir — respondeu Nick, tirando o paletó. — E depois venha juntar-se a nós para um brinde. Vou levar Lauren a Las Vegas para nos casarmos. O avião está sendo reabastecido e inspecionado neste instante.

— Lauren sabe disso? — perguntou Mary, franzindo a testa. — Ela está lá embaixo, no escritório de Jim, mergulhada em trabalho.

— Eu a convencerei da sensatez do plano.

— Depois que o avião alçar voo, ela não terá mais opção — contribuiu Ericka, com um sorriso de quem sabe das coisas.

— Isso mesmo. — Nick riu, muito bem-humorado. Sentira tanta saudade dela que lhe telefonara três vezes por dia, como um adolescente apaixonado. — Fiquem à vontade — acrescentou,

virando-se para trás. Estendeu o braço até um extenso armário que continha várias mudas de roupa e tirou de lá uma camisa limpa.

Cinco minutos depois, saiu do banheiro recém-barbeado e deu uma espiada em Mike Walsh e no rapaz de rosto redondo em pé perto do sofá, onde se achavam sentados Jim e Ericka.

— O que houve, Mike? — perguntou Nick, encaminhando-se para o bar e tirando uma garrafa de champanhe, de costas para os outros.

— Há um vazamento de informações no projeto Rossi — começou o advogado, cauteloso.

— Certo. Eu disse isso a você.

— Os sujeitos em Casano que tentavam encontrar Rossi são homens de Whitworth.

Apenas uma momentânea imobilidade na mão de Nick enquanto ele desenroscava o arame da rolha de plástico do champanhe denunciou a tensão ao ouvir o nome de Whitworth.

— Continue — insistiu sem se alterar.

— É evidente — prosseguiu o advogado — que uma mulher na nossa folha de pagamentos está espionando para Whitworth. Tomei providências para que Rudy aqui escutasse na extensão do telefone do escritório dela e a mantivesse sob vigilância.

Nick pegou quatro taças de champanhe do bar; sua mente passeou pelo sorriso de Lauren, seu lindo rosto. Esta ia ser a noite do casamento dos dois. E depois, ele, apenas ele, teria o direito de tomá-la nos braços, unir o corpo, faminto, com o dela, beijá-la e acariciá-la...

— Estou ouvindo — mentiu. — Continue.

— Ontem ela foi fotografada passando a ele cópias de quatro das propostas de concorrência da Sinco. Temos em nossa posse um conjunto das cópias que ela passou a Whitworth para usarmos no processo.

— Aquele filho da... — Nick conteve o arroubo de fúria, tentando não deixar a animosidade por Philip Whitworth estragá-lhe o bom humor. Era o dia de seu casamento. Friamente, disse: — Jim, eu vou fazer o que devia ter feito há cinco anos. Vou tirá-lo do mercado. De agora em diante, quero que a Sinco entre em toda concorrência que ele entrar e quero que você apresente uma quantia abaixo do custo. Ficou claro? Quero que aquele canalha pare de me importunar!

Depois que Jim murmurou um assentimento, Mike continuou:

— Podemos emitir um mandado de prisão para a moça. Já discuti a questão com o juiz Spath, e ele se prontificou a fazer isso assim que você der a ordem.

— Quem é ela? — perguntou Jim, quando Nick pareceu mais interessado em servir champanhe nas taças.

— É a amante de Whitworth! — irrompeu Rudy, entusiasmado, desprendendo na voz pomposa presunção. — Investiguei pessoalmente. A dama mora como uma rainha num elegante condomínio em Bloomfield Hills que Whitworth arca com os custos. Também se veste como uma modelo e...

O horror explodiu no peito de Nick e todo o seu corpo retesou-se contra a agonizante certeza que já lhe martelava o cérebro. Formulou em sua mente a pergunta, mas antes de conseguir forçar as palavras a saírem, teve de apoiar as mãos no balcão do bar. Com as costas ainda voltadas para eles, sussurrou:

— Quem é ela?

— Lauren Danner — respondeu o advogado, impedindo mais uma descritiva efusão do impulsivo rapaz da segurança. — Nick, sei que ela tem trabalhado para você pessoalmente e que é a jovem que praticamente caiu aos seus pés naquela noite. A publicidade envolvida na prisão dela irá sem sombra de dúvida desencorajar qualquer outra pessoa que pense em nos espionar, mas esperei para falar com você antes de dar seguimento à acusação formal. Devo...?

A voz de Nick saiu sufocada de fúria e dor:

— Volte para o seu escritório — ordenou — e espere lá. Chamarei você. — Sem se virar, lançou a cabeça na direção de Rudy. — Tire-o das minhas vistas e o mantenha fora daqui... para sempre!

— Nick... — Jim interpelou-o por trás.

— Fora! — vociferou Nick, a voz açoitando como o estalo de uma chibatada, depois, assumindo perigoso controle: — Mary, ligue para Lauren e mande-a estar aqui em dez minutos. Depois vá para casa. São quase cinco horas.

No silêncio sepulcral que se seguiu à partida de todos, Nick endireitou o corpo diante do bar e jogou fora o champanhe que servira para comemorar seu casamento com um anjo. Uma princesa de risonhos olhos azuis que entrara em sua vida e virara-a de cabeça para baixo. Lauren espionava-o, traía-o com Whitworth. Era a amante de Whitworth.

Do coração veio um grito de negação, mas a mente sabia que era verdade. Isso explicava a forma como a jovem vivia, as roupas que usava.

Lembrou-se de que a apresentara a Whitworth na noite de sábado e, ao recordar a maneira como Lauren fingira não o conhecer, sentiu como se fosse rebentar em milhões de pedaços. Fúria e angústia precipitavam-lhe pelas veias como ácido. Queria apertá-la nos braços e fazê-la dizer que não era verdade; queria despejar nela todo o amor que tinha dentro de si até não haver mais espaço no coração e no corpo dela para ninguém além dele.

Queria estrangulá-la pela traição, matá-la com as próprias mãos.

Queria morrer.

Lauren olhou de relance para os três guardas da segurança em pé na área de recepção privada de Nick, enquanto apertava o passo até a sala dele. Os homens observavam-na, desprendendo nas expressões uma estranha atenção e desconfiança. Ela deu um leve sorriso ao passar por eles, mas apenas um retribuiu o cumprimento... acenou com uma curta e inamistosa inclinação da cabeça.

Na porta do escritório de Nick, parou para ajeitar os cabelos. A mão tremia com uma mistura de deleite por vê-lo e medo de como ele reagiria quando lhe falasse do envolvimento com Philip. Pretendera só lhe contar à noite, depois que ele houvesse tido tempo para relaxar, mas agora que Philip começara a chantageá-la, precisava contar sem demora.

— Bem-vindo de volta — disse ela, entrando no escritório. Em pé diante da janela, com uma das mãos apoiada na moldura e de costas para a porta, Nick contemplava a cidade do outro lado. As

cortinas estavam fechadas sobre o restante da parede de vidro e nenhuma das luzes fora acesa para dissipar a obscuridade de uma prematura noite escura e chuvosa.

— Feche a porta — disse ele em voz baixa. A voz pareceu estranha, mas, como ele estava de costas, ela não pôde ver o rosto de Nick. — Sentiu saudades de mim, Lauren? — perguntou, sem se virar.

Ela sorriu da pergunta que ele sempre fazia quando passava algum tempo longe.

— Senti — respondeu, deslizando com ousadia os braços pela cintura dele.

O corpo de Nick pareceu retesar-se a esse toque e, quando ela esfregou o rosto contra aquelas costas largas e musculosas, sentiu-as duras como ferro.

— Quanta saudade senti de mim? — sussurrou Nick com voz sedosa,

— Vire-se, que eu mostro a você — provocou ela.

Ele baixou a mão da janela e virou-se. Sem olhá-la, encaminhou-se para o sofá e sentou-se.

— Venha cá — convidou-a, a voz nivelada. Obediente, Lauren foi até o sofá, parou diante de Nick e baixou os olhos para o bonito rosto ensombrecido, tentando entender aquele humor estranho. Nick tinha a expressão impassível, quase arredia, mas quando ela ia sentar-se ao seu lado, ele tomou-lhe o pulso e puxou-a para o colo.

— Mostre o quanto você me quer — instigou-a.

Um estranho tom na voz dele fez um inexplicável frio percorrer a espinha de Lauren de cima a baixo, mas que foi logo

reprimido pela dominante insistência da boca do amante na dela. Beijou-a de forma completa, hábil, e, sentindo-se impotente, Lauren rendeu-se às tórridas exigências daqueles lábios. Nick sentira falta dela. Seus dedos ágeis já estavam lhe desabotoando a blusa de seda, retirando o sutiã para expor os seios quando a deitou no sofá e cobriu-lhe o corpo seminu com o dele. Excitou-lhe com a perícia da língua os seios intumescidos e mamilos endurecidos, insinuou a mão sob a saia e baixou a calcinha de renda.

— Você me quer agora?

— Quero — arquejou Lauren, contorcendo-se sob o corpo dele.

Segurou-lhe os cabelos pelas raízes com a mão livre e apertou-a.

— Então abra os olhos, doçura — ele ordenou em voz baixa. — Quero ter certeza de que sabe que sou eu em cima de você, e não Whitworth.

— Nick...!

O grito frenético de Lauren foi sufocado quando Nick se levantou de um salto, torceu a mão nos cabelos dela e cruelmente ergueu-a consigo.

— Por favor, me escute! — gritou Lauren, aterrorizada com a raiva sombria, o virulento ódio em chamas nos olhos dele. — Eu posso explicar tudo, eu...

Um grito baixo de dor rompeu da sua garganta quando Nick intensificou o aperto nos cabelos, girou-lhe a cabeça e baixou-a.

— Explique isto — ele ordenou num sussurro apavorante. O olhar dela imobilizou-se de terror nos papéis espalhados na mesa

de centro: cópias das quatro propostas de projetos que dera a Philip, fotografias em preto e branco ampliadas mostravam-na curvada sobre a janela do carro de Philip, a placa na traseira do Cadillac e o registro do estado de Michigan apontando Philip A. Whitworth como o dono do veículo.

— Por favor, eu te amo! Eu...

— Lauren — ele interrompeu-a com uma voz ameaçadoramente baixa. — Continuará me amando daqui a cinco anos, quando você e seu amante saírem da prisão?

— Ah, Nick, por favor, me escute — ela implorou, arrasada. — Philip não é meu amante, é um parente. Enviou-me à Sinco para que eu me candidatasse a uma vaga, mas juro que jamais contei algo a ele. — A raiva desfez-se do rosto de Nick, substituída por um terrível desprezo que a angustiou tanto que as palavras saíram num desconexo frenesi: —Até... até nos encontrarmos no baile, ele me deixou em paz, mas agora está tentando me chantagear. Ameaçou dizer a você mentiras se eu não...

— Seu parente — repetiu ele com gélido sarcasmo. — Seu parente está tentando chantagear você.

— Sim! — Lauren tentava explicar de maneira febril. — Philip estava certo de que você pagava a alguém para espioná-lo; por isso me mandou aqui para descobrir quem era e...

— Whitworth é o único a pagar um espião — ele escarneceu, em tom mordaz. — E a única espiã aqui é você! — Soltou-a e tentou empurrá-la, mas ela o agarrou.

— Por favor, me escute — implorou ensandecida. — Não faça isso conosco!

Nick desprendeu-lhe com força os braços, e Lauren caiu no chão, os ombros fustigados por profundos soluços engasgados.

— Eu te amo tanto — chorou, beirando a histeria. — Por que não quer me escutar? Por quê? Estou implorando que apenas ouça o que tenho a dizer.

— Levante-se! E abotoe a blusa — ordenou Nick com rispidez, a caminho da porta.

Com o peito subindo e descendo com soluços convulsivos e silenciosos, ela endireitou as roupas, apoiou a mão na mesa de centro e tomou um lento impulso para levantar-se.

Nick escancarou a porta e os guardas da segurança adiantaram-se.

— Levem-na daqui — ele ordenou, com a voz gélida. Lauren arregalou os olhos em paralisado terror para os homens que vinham decididos em sua direção. Iam levá-la para a cadeia. Disparou o olhar para Nick, implorando em silêncio pela última vez, que a ouvisse, acreditasse nela, parasse aquilo.

Com as mãos nos bolsos, ele retribuiu-lhe o olhar sem pestanejar; nas feições cinzeladas, uma máscara de pedra, os olhos como lascas de gelo cinza. Apenas o músculo contraído na mandíbula cerrada com força traía o fato de que sentia alguma emoção.

Os três guardas cercaram-na armados, e um deles tomou-a pelo cotovelo. Lauren soltou-se com um gesto brusco. — Não me toque!

Sem olhar para trás, saiu com eles do escritório e atravessou a área de recepção silenciosa, deserta.

Quando a porta se fechou atrás dela, Nick retornou ao sofá. Sentou-se com os antebraços apoiados nos joelhos e encarou a foto em preto e branco ampliada de Lauren entregando a Whitworth as cópias roubadas das propostas.

Era muito fotogênica, pensou com uma pontada de dor. Ventava muito, mas ela não se preocupara em vestir um casaco. A foto captara as delicadas feições de perfil com o vento açoitando-lhe os cabelos num glorioso abandono.

Era uma foto de Lauren, traindo-o.

Sentiu um músculo contrair-se em movimentos convulsivos na garganta quando engoliu a constrição ali. A fotografia devia ter sido feita com filme colorido, concluiu. Simples preto e branco não captava a tez rósea, os realces dourados nos belos cabelos, nem a cintilação dos vividos olhos turquesa.

Nick cobriu o rosto com as mãos.

Os guardas escoltaram Lauren pelo saguão de mármore, ainda repleto de funcionários que saíam mais tarde. No meio de tantas pessoas, ela foi poupada da humilhação de espectadores curiosos. Todos os demais voltavam para casa, absortos em seus próprios pensamentos. Não que Lauren se importasse em especial com quem testemunhasse aquela vergonha; no momento, nada lhe importava.

Escurecera e chovia, mas ela mal sentia a saraivada gelada das gotas de chuva contra a fina blusa de seda. Desinteressada, olhou à procura de um carro de polícia à espera no meio-fio, mas

não viu nenhum. O guarda à esquerda e o de trás recuaram. O da direita também se virou para partir, depois hesitou e perguntou:

— Não tem casaco, senhorita?

Lauren encarou-o com olhos entorpecidos de dor.

— Tenho — respondeu, imbecilizada.

Tinha um casaco; deixara a bolsa no escritório de Jim. O guarda olhou hesitante o meio-fio, como se esperasse que alguém fosse encostar e oferecer uma carona a ela.

— Eu pegarei para a senhorita — disse, e regressou ao prédio com os companheiros.

Lauren ficou na calçada, a chuva deixando seus cabelos escorridos e desferindo-lhe gotas que pareciam agulhas de injeção. Parecia que não iam levá-la para a prisão, afinal. Não sabia para onde ir, nem como voltar para casa sem dinheiro ou chaves. Numa espécie de transe, virou-se e saiu andando a esmo pela avenida Jefferson, e logo uma figura conhecida saiu apressada do prédio em sua direção. Por um instante, a esperança lampejou e acendeu-se com um doloroso brilho.

— Jim! — chamou, quando ele e Ericka iam passar por ela sem vê-la.

Jim virou-se de repente, e Lauren sentiu um frio no estômago ao ver a fúria acusadora no único olhar áspero que ele deslizou sobre ela.

— Não tenho nada a dizer a você — respondeu agressivo. Toda a esperança extinguiu-se no íntimo de Lauren, e com essa extinção veio um abençoado torpor. Girou nos calcanhares, enfiou as mãos geladas nos bolsos da saia de tweed e continuou a seguir pela rua. Seis passos depois, Jim agarrou-lhe o braço e virou-a.

— Tome — disse, com a expressão tão hostil quanto antes. — Tome meu casaco.

Lauren soltou o braço.

— Não me toque — disse com toda a calma. — Nunca mais quero ser tocada.

O alarme lampejou no seu olhar antes dele extingui-lo.

— Tome meu casaco — repetiu curto e grosso, já começando a despi-lo. — Você vai morrer congelada.

Ela não via nada desagradável na perspectiva de morrer congelada. Ignorando a mão estendida de Jim, ergueu o olhar para ele.

— Você acredita no que Nick acredita?

— Em cada palavra — declarou.

Com os cabelos colados na cabeça e a chuva golpeando-lhe o rosto virado para cima, Lauren disse com grande dignidade:

— Neste caso, não quero seu casaco. — Ia virar-se e, então, parou. — Mas pode dar a Nick um recado meu quando ele acabar por descobrir a verdade. — seus dentes tiritavam quando disse: — Di-diga a ele que jamais torne a se aproximar de mim. Di-diga a ele para ficar longe de mim!

Sem pensar aonde ia, percorreu automaticamente as oito quadras ao encontro das únicas pessoas que a receberiam sem puni-la. Foi ao restaurante de Tony.

Com os nós dos dedos congelados, bateu na entrada dos fundos. A porta abriu-se e Tony fitou-a, o smoking em destoante contraste com o barulho e o vapor da cozinha atrás.

— Laurie? — ele disse. — Laurie! *Dio mio!* Dominic, Joe — gritou —, venham rápido!

Lauren acordou numa confortável cama quente e abriu os olhos para um quarto encantadoramente incomum, mas desconhecido. Sentiu a cabeça martelar furiosamente quando se esforçou para erguer-se, apoiando-se nos cotovelos, e olhar em volta. Estava na casa acima do restaurante, e a jovem esposa de Joe pusera-a na cama após um banho e uma refeição quentes. Não morrera da exposição às intempéries, percebeu. Que decepção... que anticlímax, concluiu com humor mórbido. O corpo doía-lhe como se tivesse sido espancada.

Perguntou-se quando Nick iria descobrir que ela mudara os números nas propostas. Se qualquer um dos quatro contratos fosse concedido à Sinco, Nick sem a menor dúvida se perguntaria como isso podia ter acontecido. Iria perguntar-se por que Whitworth não entrara na concorrência com uma quantia menor do que a da Sinco, e talvez comparasse as cópias que ela dera a Philip com as originais.

Por outro lado, também existia sempre a possibilidade de que outras empresas além da Sinco e Whitworth ganhassem a concorrência dos contratos, caso em que Nick continuaria acreditando que ela o traía.

Lauren empurrou as pesadas mantas e desceu vagarosamente da cama. Sentia-se enjoada demais para se importar com o que quer que acontecesse.

Sentiu-se ainda pior quando, alguns minutos depois, entrou na cozinha da família e ouviu Tony ao telefone. Todos os filhos achavam-se sentados à mesa.

— Mary — ele dizia, o rosto vincado em linha severas —, aqui é Tony. Deixe-me falar com Nick.

O coração de Lauren disparou, mas era tarde demais para impedi-lo, porque Tony já se lançava num monólogo sem fim:

— É melhor você vir até aqui. Alguma coisa aconteceu a Laurie. Chegou ontem aqui quase congelada. Não tinha casaco, bolsa, nada. Não quis dizer o que houve. Não deixou que nenhum de nós a tocasse, a não ser... Como? — A expressão dele ficou furiosa. — Não use esse tom de voz comigo, Nick! Eu... — Ficou imóvel por um momento, ouvindo fosse lá o que Nick dizia, depois afastou o fone do ouvido e olhou-o como se tivessem acabado de nascer dentes no aparelho. — Nick desligou na minha cara — informou aos filhos.

O olhar pasmo dele encontrou Lauren parada, hesitante, no vão da porta.

— Nick disse que você roubou informação dele, que você é amante do padrasto dele — contou. — Nunca mais quer ouvir o seu nome, e se eu tentar falar com ele sobre você de novo, vai mandar o banco executar minha hipoteca do empréstimo que me deram para as melhorias do restaurante. Nick disse tudo isso a mim... falou comigo assim! — repetiu, com a expressão descrente.

Lauren adiantou-se, o rosto pálido de remorso.

— Tony, você não sabe o que aconteceu. Não entende.

— Mas entendo a forma como ele falou comigo — respondeu, com os maxilares cerrados. Ignorando-a, voltou-se ao telefone e discou com furiosa decisão. — Mary — disse no aparelho —, você ponha Nick de novo na linha já. — Parou, enquanto parecia que

Mary dirigia uma pergunta a Nick. — É — respondeu —, pode apostar a vida que é sobre Laurie. Como? Sim, ela está aqui.

Entregou o telefone a Lauren, a expressão tão furiosa e magoada que ela se sentiu mal.

— Nick não quer falar comigo — explicou —, mas Mary quer falar com você.

Com uma mistura de esperança e medo, Lauren disse:

— Alô, Mary?

A voz de Mary parecia um pingente de gelo:

— Lauren, já fez muito mal àqueles que foram tolos demais para confiar em você. Se tem alguma decência, mantenha Tony fora disso. Nick não fez ameaças sem propósito... pretende cumprir o que disse a Tony. Está bem claro?

Lauren engoliu um bolo de desolação na garganta.

— Perfeitamente claro.

— Bom. Então sugiro que fique onde está durante a próxima hora. Nosso advogado lhe entregará suas coisas e explicará sua situação legal. Íamos notificá-la por intermédio de Philip Whitworth, mas assim será imensamente melhor. Adeus, Lauren.

Lauren afundou numa cadeira à mesa, envergonhada demais para olhar os homens que agora a encarariam com a mesma ressentida condenação que Jim e Mary lhe haviam demonstrado.

Tony apertou-lhe o ombro com uma das mãos, para reconfortá-la, e ela sorveu uma inspiração longa e instável.

— Partirei assim que o advogado chegue com minha bolsa — disse e ergueu com dificuldade o olhar.

Em vez de desprezá-la, os rapazes e Tony olhavam-na com impotente compaixão. Após tudo que lhe acontecera, sentia-se

mais capaz de lidar com animosidade do que com bondade, e a solidariedade deles oprimiu-lhe o coração, enfraquecendo a represa que refreava suas emoções.

— Não me peçam para explicar — sussurrou. — Se eu fizesse isso, vocês não iam acreditar em mim.

— Acreditaríamos em você sim! — respondeu Dominic com violento rubor. — Eu estava em pé atrás da divisória do espaço onde são mantidos os bules de café e ouvi cada palavra que... aquele porco disse a você no almoço, mas não sabia o nome dele. Papa reconheceu-o e veio ficar ao meu lado, pois queria saber por que você almoçaria com alguém que Nick odeia.

Lauren perdeu mais um pouco da compostura, com os olhos sendo assaltados por lágrimas, mas piscou forte, repelindo-as, e disse com um sorriso trêmulo:

— O serviço deve ter sido terrível com vocês dois cuidando de mim.

Antes de conhecer Nick, havia anos que não chorava. Depois da última noite não haveria mais lágrimas. Nunca mais. Chorara aos pés dele, implorando para que a ouvisse. Só pensar nisso fazia-a encolher-se de mortificação e fúria.

— Tentei telefonar para Nick depois que você saiu naquele dia — explicou Tony — para dizer que Whitworth vinha ameaçando-a e que você estava em apuros, mas ele estava na Itália. Disse a Mary para fazê-lo me ligar assim que retornasse, mas nunca acreditei que você fosse dar de fato a informação ao padrasto dele.

Lauren percebeu a reprovação na voz do amigo e ergueu os ombros num gesto exausto.

— Eu não lhe dei o que ele queria. Mas Nick acha que dei.

Meia hora depois, Tony e Dominic acompanharam-na até o restaurante, no andar de baixo, que ainda não havia sido aberto para o almoço, e mantiveram-se numa postura protetora atrás da cadeira dela. Lauren logo reconheceu Mike Walsh como o homem que estava com Nick na noite em que caíra literalmente aos pés dos dois. Ele apresentou o homem que o acompanhava como Jack Collins, chefe da Divisão de Segurança da Global em Detroit. Depois os recém-chegados sentaram-se do outro lado da mesa, diante dela.

— Sua bolsa — disse Mike, entregando-a. — Gostaria de conferir o conteúdo?

Lauren teve o cuidado de manter o rosto totalmente inexpressivo.

— Não.

— Muito bem — ele disse curto e grosso. — Irei direto ao assunto. Srta. Danner, a Global Industries tem provas suficientes para acusá-la de roubo, conspiração para defraudar a empresa e vários outros crimes graves. Nesse momento, a empresa não vai insistir em sua prisão. Porém, se algum dia você tornar a ser vista no prédio da Global Industries, ou de qualquer uma das suas subsidiárias, a empresa pode e vai processá-la pelos crimes que acabei de citar. Um mandado judicial de prisão já foi preparado. Se for vista em nossas instalações, esse mandado será assinado e você será presa. Se estiver em outro Estado, insistiremos na extradição.

Ele abriu um grande envelope de papel pardo e retirou dele várias folhas.

— Esta é uma carta declarando os termos que acabei de expor. — Entregou-lhe uma cópia da carta, junto com um

documento de aparência legal. — Isto... — indicou o documento — ... é uma proibição, assinada pelo tribunal, que torna agora para você ilegal até mesmo pôr o pé em qualquer propriedade da Global. Entendeu?

— Perfeitamente — respondeu Lauren, erguendo o queixo em silenciosa rebelião.

— Você tem alguma pergunta?

— Sim, duas. — Ela levantou-se e virou-se para dar um beijo afetuoso na face de Tony e outro na de Dominic. Sabia que desmoronaria sob a tensão de uma despedida sentimental; despedia-se dos dois amigos agora, quando era mais fácil. Tornou a virar-se para o advogado e perguntou: — Onde está meu carro?

Mike indicou com a cabeça a porta do restaurante.

— O sr. Collins trouxe-o até aqui. Está estacionado na porta. Qual é a outra pergunta?

Lauren ignorou o advogado e perguntou a Jack Collins:

— Foi o senhor que descobriu todas essas “provas” contra mim?

Apesar da palidez, Jack Collins tinha olhos inquisitivos e penetrantes.

— Um homem que trabalha para mim realizou as investigações enquanto eu estava no hospital. Por que pergunta, srta. Danner? — quis saber, encarando-a com muita atenção.

Lauren pegou a bolsa na mesa.

— Porque não fez um trabalho muito bom. — Despregou os olhos de Jack Collins e conseguiu dar um breve sorriso lacrimoso a Tony e Dominic. — Até logo — disse em voz baixa. — E obrigada.

Saiu do restaurante e não olhou sequer uma vez para trás. Os dois homens da Global Industries observaram-na ir embora.

— Jovem de beleza estonteante, não é? — comentou o advogado.

— Linda — concordou Jack Collins, juntando as sobrancelhas numa expressão pensativa.

— Mas tão traiçoeira e trapaceira quanto linda.

O diretor da Segurança uniu ainda mais as sobrancelhas.

— Será mesmo? Encarei os olhos dela o tempo todo. Parecia furiosa e magoada. Não parecia culpada.

Mike Walsh levantou-se impaciente da cadeira.

— É culpada. Se não pensa assim, vá ver as provas que seu assistente reuniu contra ela.

— Acho que farei isso mesmo — disse Jack.

— Faça mesmo! — intrometeu-se Tony, indignado e descaradamente escutando às escondidas. — Depois venha conversar comigo e eu contarei a você a verdade. Whitworth a obrigou a fazer isso!

Capítulo 20

Nick recostou-se na cadeira, atento à entrada no escritório de Jack Collins, Mary, Jim e Tony. Concordara com essa reunião sobre Lauren apenas porque Jack insistira que era de vital necessidade pelo bem da empresa, no caso de ela decidir processá-los.

Processá-los por que, pensou Nick, cheio de amargura. Quisera Deus que estivesse em outro lugar naquele momento. Em qualquer outro lugar. Iam falar sobre ela, e ele teria de ouvir. Lauren fora embora havia um mês e ainda não conseguira arrancá-la da sua mente.

Não parava de imaginar erguer os olhos e vê-la entrando ali, o bloco de estenografia e a caneta na mão, pronta para anotar as suas instruções.

Na semana anterior, achava-se profundamente absorto no novo balanço financeiro da empresa, e de repente uma mulher na recepção rira. Soara como a risada baixa e musical de Lauren, que o impulsionou a levantar-se com um ímpeto da cadeira e pretender arrastá-la até seu escritório e avisá-la pela última vez de que se

mantivesse afastada. Mas quando se dirigira à área da recepção e vira que se tratava de outra mulher sentira o coração afundar.

Precisava de um descanso, convenceu-se de um pouco de tranqüilidade e do tipo certo de diversão. Vinha esforçando-se com demasiado empenho na tentativa de expulsá-la dos pensamentos, trabalhando até ficar com a mente e o físico esgotados. Tudo isso ia mudar agora. Em poucas horas viajaria até Chicago para participar da reunião do comitê de comércio internacional, a reunião que abandonara para sair disparado atrás dela e para a qual marcaram uma nova data a fim de que os membros do comitê concluíssem os negócios que não puderam resolver sem o voto dele. No domingo, dali a três dias, quando se encerasse a reunião, Vicky ia encontrar-se com ele em Chicago, os dois pegariam um avião até a Suíça e lá passariam três semanas. Três semanas consecutivas esquiando durante o dia e fazendo amor à noite deveriam solucionar de forma magnífica todos os seus problemas. Passar mais uma vez o Natal na Suíça, como fizera três anos atrás, também era uma ideia muitíssimo atraente.

Com quem mesmo o passara há três anos? Ele tentou lembrar-se.

— Nick — disse Jack Collins —, posso começar?

— Sim — respondeu, virando a cabeça para as janelas.

Quanto tempo ainda seria necessário para fazê-lo conseguir apagar a lembrança de Lauren chorando aos seus pés? *“Por favor, não faça isso conosco”*, ela soluçara. *“Eu te amo tanto.”*

Indolente, girou a caneta de ouro entre os dedos, consciente de que Tony o encarava furioso, à espera da mínima oportunidade para defender Lauren.

“Defender Lauren”, pensou Nick, com sarcasmo. Que defesa? Porque a jovem tinha origem italiana, Tony automaticamente assumia uma imparcial tendência em favor da traidora. Porque era de uma beleza tão comovente, Tony ficara cego à traiçoeira natureza dela. Não podia culpá-lo, porque ele mesmo ficara tão cego e idiota! Lauren cativara-o, fascinara-o e encantara-o. Desde o início, fora enfeitiçado por ela, tornara-se imbecilizado pelo seu incontrolável e violento desejo por ela...

— Percebo — estava dizendo Jack Collins — que Lauren Danner é um assunto bastante desagradável para todos vocês, mas os cinco nesta sala já conhecem uns aos outros há muitos anos e não existe nenhum motivo que nos impeça de falarmos abertamente entre nós, existe?

Como ninguém respondeu, o diretor da Segurança suspirou de frustração:

— Ora, para mim também ela é um assunto bastante difícil de ser discutido. A investigação sobre ela era em questões técnicas responsabilidade minha, e vou lhes contar agora que isso foi feito de forma muito ineficiente. O rapaz que cuidou do controle da segurança quando eu me encontrava no hospital era inexperiente e superprecipitado, e isso para descrevê-lo em termos educados. Se eu não tivesse precisado voltar ao hospital duas vezes desde então, teria examinado o problema antes. Agora que o fiz, — prosseguiu com obstinada determinação, — confesso que ainda não consigo entender a mulher... pelo menos não completamente. Já falei com cada um de vocês em separado. Agora espero que, reunidos, possamos resolver algumas das contradições que continuam me incomodando. Talvez cada um de nós tenha uma peça do quebra-

cabeça e agora possamos encaixá-las todas. Tony, por enquanto eu vou me dirigir apenas a Nick, Mary e Jim. Gostaria que você não fizesse comentários até o fim.

Tony estreitou os olhos pretos em sinal de impaciência, mas manteve a boca fechada e recostou-se num dos sofás verdes.

— Agora, então — disse Jack, dirigindo a atenção a Nick, Jim e Mary. — Todos os três me disseram acreditar que Lauren Danner se candidatou a um emprego aqui porque queria nos espionar para Philip Whitworth. E todos os três indicaram que ela era uma jovem extremamente inteligente com talentos de estenografia e datilografia superiores. Certo?

Mary e Jim responderam sim. Nick assentiu com um rude aceno da cabeça.

— Então a próxima pergunta que eu gostaria de fazer é por que iria uma secretária inteligente e competente ser reprovada em cada teste de escritório que lhe passaram e afirmar jamais ter estado na faculdade quando de fato tem um diploma de mestrado que indica que é uma talentosa pianista? — Como todos permaneceram calados, ele continuou: — E por que iria uma jovem inteligente, com boa formação acadêmica, em busca de um emprego com o intuito de espionar, fazer uma das coisas mais idiotas que eu já vi... escrever no formulário de inscrição, nos campos reservados aos cargos desejados, os de presidente e gerente de pessoal?

Jack olhou em volta as expressões reservadas dos ouvintes.

— A resposta óbvia é que ela não queria o emprego. De fato, fez tudo ao seu alcance para se certificar de que não lhe ofereceriam emprego algum, não fez? — Ninguém respondeu e ele

suspirou: — Pelo que sei, ela estava voltando para o seu carro depois da entrevista, quando conheceu Nick, que intercedeu em seu favor naquela mesma noite. No dia seguinte, Jim entrevistou-a e, numa completa e radical mudança de atitude, a srta. Danner decidiu trabalhar para a Sinco e aceitou o trabalho proposto por Jim. Por quê?

Jim recostou a cabeça no sofá.

— Eu já disse a você e a Nick o que Lauren me contou. Ela explicou que conheceu Nick naquela noite, e aceitou o emprego porque queria trabalhar perto dele. E que achava que ele era um simples engenheiro que trabalhava para a Global.

— E você acreditou? — perguntou Jack.

— Por que não acreditaria? — respondeu Jim, desgostoso. — Eu a vi chorando quando descobriu quem na verdade ele era. Sou o mesmo idiota que também acreditou que Whitworth era um parente dela, e que embora o sujeito tivesse lhe pedido para nos espionar, Lauren não iria fazer isso.

— Na verdade — continuou Jack, curvando a boca com sombria diversão — Whitworth é parente dela. Pesquisei e, segundo a árvore genealógica da família, que remonta a uns treze anos, e se encontra registrada num livro usado sobretudo por esnobes da sociedade, os Danner são primos em sétimo ou oitavo grau dos Whitworth.

O incontrollável estímulo de alegria que Nick sentiu foi no mesmo instante esmagado. Primos ou não, Lauren continuava sendo amante do padrasto dele.

— Sei, — disse Jack, massageando a têmpora como se tivesse uma dor de cabeça — que a srta. Danner não pediu para ser

designada a você, Nick. De fato, sei por Weatherby que ela se opôs inflexivelmente à ideia.

— Se opôs, sim — disse Nick rangendo os dentes.

Não ia agüentar por muito mais tempo continuar a discutir esse assunto. Falar de Lauren deixava-o muito angustiado.

— Se ela quisesse de verdade espionar para Whitworth — insistiu Jack —, por que argumentaria contra ser designada a você, quando trabalhar com o presidente lhe teria dado muito melhor acesso a informações confidenciais?

Nick pegou uma pasta na escrivaninha e começou a ler seu conteúdo.

— Ela não quis trabalhar para mim porque brigamos sobre um assunto pessoal. — *“Não quis dormir comigo”*, acrescentou, apenas em sua mente.

— Isso não faz sentido — insistiu Jack, firme. — Se vocês haviam brigado, ela deveria ter adorado a oportunidade de retaliar subindo aqui e o espionando.

— Nada sobre essa garota faz sentido — disse Mary, hesitante. — Quando lhe falei da mãe de Nick, ela ficou branca como uma...

— Eu não tenho tempo para isso! — cortou Nick sem rodeios. — Estou de partida para Chicago. Jack, posso esclarecer tudo em poucas palavras. Lauren Danner veio à Sinco espionar. É amante de Whitworth. Uma mentirosa consumada e uma atriz magnífica.

Tony abriu a boca para argumentar, e Nick disse numa voz grave, ensurdecadora:

— Não a defenda, droga. Ela permitiu que eu a apresentasse à minha própria mãe e a meu padrasto! Ficou ali e me deixou passar

por imbecil, apresentando-a aos cúmplices, um deles seu amante! Traiu a todos nós, não apenas a mim. Falou a Whitworth sobre Rossi e o fez espalhar os seus homens por toda Casano à procura dele. Forneceu informações de concorrências a Whitworth que vai custar à Sinco uma fortuna em lucros. Ela...

— Não era amante de Whitworth — interrompeu Jack, quando Tony se levantou com um ímpeto para protestar. — Sei que foi isso que meu investigador lhe disse, mas a verdade é essa: embora Whitworth seja de fato o proprietário do apartamento, só a visitou uma vez, na noite em que a moça chegou, por talvez trinta minutos.

— A idade de meu padrasto deve estar debilitando sua capacidade...

— Você pare de falar de Laurie assim! — Tony disse explosivo, furioso. — Eu...

— Poupe seu fôlego, Tony — Nick rebateu com rispidez.

— Tenho fôlego de sobra, e agora vou ter o direito de dizer o que sei! Dominic e eu ouvimos o que Whitworth disse a ela no dia em que almoçaram no meu restaurante. Laurie informou-o de cara que vocês iam se casar, e de que ia contar a você que era parente dele. Assim que disse isso, Whitworth começou a falar que você talvez achasse que eram amantes e talvez acreditasse que foi ela quem deu a informação sobre Casano. Laurie ficou transtornada e respondeu que não tinha contado a ele sobre Casano e tampouco era amante do sujeito. Então perguntou logo se ele a estava chantageando. Whitworth disse em meias palavras que sim. E que ficaria calado se ela lhe passasse as informações...

— O que ela fez — repreendeu Nick — em uma hora! Fez porque pretendia continuar mentindo para mim até Whitworth acabar por nos eliminar das concorrências.

— Não — berrou Tony. — Laurie disse que preferiria morrer a fazer qualquer coisa para prejudicar você. Ela...

Nick bateu a mão com força na mesa ao levantar-se impetuoso.

— Ela não passa de uma cadela traiçoeira e mentirosa. É só disso que eu preciso saber. Agora, saiam todos daqui!

— Eu já vou! — quase gritou Tony, pisando fundo ao atravessar o escritório. — Mas você precisa saber de mais uma coisa. O que fez a ela a magoou mais do que alguém foi magoado na vida. Você a botou para fora sem casaco, dinheiro, sem nada, e ela telefonou para Whitworth? Não, andou oito quadras no frio e na chuva para desabar em meus braços. Portanto, ouça o que tenho a lhe dizer agora... — empertigou-se até a sua mais impressionante altura e enfiou o chapéu na cabeça — ... de agora em diante, você está fora da minha lista, Nick. Se quiser comer no meu restaurante, é melhor levar Laurie com você!

Capítulo 21

— Sr. Sinclair — a secretária em Chicago curvou-se ao lado de Nick e reduziu a voz a um sussurro, para evitar incomodar os outros grandes industriais americanos sentados ao redor da mesa de conferências, que discutiam os detalhes finais de um acordo de comércio internacional. — Lamento incomodá-lo, mas o sr. James Williams está ao telefone querendo falar com o senhor.

Nick assentiu com a cabeça e deslizou a cadeira para trás. Sete homens ergueram os olhos e encararam-no em irritada acusação. A não ser em questões de extrema urgência, nenhum deles recebia telefonemas. Durante o último encontro, e agora nesse, apenas Nick recebera uma ligação urgente, e na última vez a reunião teve de ser cancelada e uma nova data marcada porque ele os abandonara de repente.

Nick saiu da sala, oprimido pela lembrança da última vez que Jim o interrompera nessa reunião. Naquela ocasião, Jim inventara

uma desculpa muito tola para telefonar, com a intenção de dizer que Lauren se demitira.

— Sim, que foi? — perguntou ele, furioso com a lembrança dela e da dor que sempre acompanhava essa lembrança.

— Está rolando uma senhora comemoração aqui no departamento de Engenharia — começou Jim, a voz hesitante e confusa. — Nick, embora Lauren tenha dado a Whitworth as cópias de nossas quatro propostas, acabamos de ganhar dois dos quatro contratos. Os concorrentes com lances inferiores dos dois outros contratos ainda não foram anunciados. — Parou, evidentemente à espera de resposta. — Não consigo entender o que houve... Que é que você acha?

— Acho — rosnou Nick — que aquele canalha idiota não é inteligente o bastante para ganhar uma rodada de pôquer nem com um baralho de cartas marcadas.

— Whitworth é desonesto, ardiloso e qualquer outra coisa, menos idiota — contestou Jim. — Acho que vou pegar o arquivo com Jack Collins na segurança e verificar os números que Lauren...

— Eu já disse o que quero que você faça — interrompeu-o Nick, a voz baixa, letal. — Independentemente de quem ganhe os dois contratos restantes, quero que a Sinco entre na concorrência de qualquer projeto que Whitworth entre, e quero que ponha uma quantia inferior ao nosso custo, se necessário. Quero aquele canalha fora do mercado em um ano!

Desligou o telefone e voltou à sala de conferências. O presidente do comitê olhou-o com reprovação mal disfarçada pela interrupção.

— Agora, podemos recomeçar?

Nick balançou a cabeça numa brusca afirmativa. Votou com todo o cuidado nas três questões seguintes, mas quando a manhã foi passando e a tarde chegando; a tarde escurecendo, dando início à noite, tornou-se cada vez mais difícil pensar em outra coisa senão em Lauren. A neve caía do lado de fora das janelas do arranha-céu de Chicago enquanto a reunião tinha seguimento, e a voz indignada de Tony retornou-lhe à mente... *“Você a botou para fora sem casaco, dinheiro, nada, e ela telefonou para Whitworth? Não! andou oito quadras no frio e na chuva para desabar em meus braços.”*

“Oito quadras! Por que os guardas não a haviam deixado voltar para pegar o casaco?” Lembrou-se da fina blusa que ela vestia, porque a desabotoara com toda a intenção de expô-la e degradá-la, exatamente como acontecera. Lembrou-se da absoluta perfeição dos seios macios, a incrível suavidade da pele, o refinado gosto dos lábios, a forma como o beijara e agarrara-se a ele...

— Nick — interpelou-o o presidente com severidade. — Suponho que seja a favor dessa proposta.

Nick desprendeu os olhos das janelas. Não tinha a menor ideia de qual proposta debatiam.

— Eu gostaria de saber mais do que se trata antes de decidir — disfarçou.

Sete rostos surpresos se voltaram para ele.

— É a sua proposta, Nick — repreendeu o presidente. — Você a escreveu.

— Então é claro que sou a favor — ele informou-os num tom frio.

O comitê jantou em grupo num dos mais elegantes restaurantes de Chicago. Tão logo terminou a refeição, Nick pediu de repente licença para retornar ao hotel. A neve caía em flocos espessos, polvilhava-lhe o sobretudo de cashmere cor de canela e grudava-se na cabeça descoberta enquanto ele percorria a avenida Michigan de Chicago, lançando olhares desinteressados às lojas exclusivas onde as vitrines com brilhante iluminação haviam sido decoradas para o Natal.

Enfiou as mãos nos bolsos e amaldiçoou Jim por telefonar-lhe aquela manhã para falar de Lauren, e a ela própria por entrar em sua vida. Por que ela não ligara para Whitworth para ir buscá-la quando os guardas a retiraram à força do prédio da Global? Por que, em nome de Deus, caminhara oito quadras naquela temperatura congelante para ir ao encontro de Tony?

Depois que a magoara e degradara, por que chorara aos seus pés como um anjo inconsolável? Nick parou para pegar um cigarro do maço e enfiou-o na boca. Curvando a cabeça, envolveu as mãos em torno da chama e acendeu-o. A voz de Lauren flutuava-lhe na mente, sufocada por soluços muito pesarosos. *“Eu te amo tanto”,* chorara. *“Por favor, me escute... Por favor, não faça isso conosco...”*

Fúria e dor vararam-no em chamas. Ele não podia aceitá-la de volta, lembrou a si mesmo com violência. Jamais a aceitaria de volta.

Dispunha-se a acreditar que Whitworth a chantageara para passar-lhe as quantias propostas. Dispunha-se até a acreditar que ela não lhe contara sobre o projeto Rossi. Afinal, se tivesse contado, os homens de Whitworth não teriam varado toda a aldeia

fazendo perguntas sobre Nick... teriam perguntado sobre Rossi. Parece que nem sabiam o nome do químico. Mesmo que o encontrassem, não teria importância. Os testes de laboratório haviam provado que a fórmula de Rossi tinha apenas uma fração da eficácia que afirmara o sujeito, além de ser irritante à pele e aos olhos.

Nick parou no sinal da esquina, onde viu um homem vestido numa fantasia vermelha brilhante de Papai Noel em pé ao lado de um pote de ferro preto e tocando um sino. O Natal nunca fora uma ocasião muito agradável para ele. Era uma festa que, sem exceção, fazia com que se lembrasse da visita que fizera à mãe na infância; de fato, jamais pensava nela, a não ser na época natalina.

Carros passavam por ele, os pneus triturando a neve fresca. Este Natal poderia ter sido diferente; poderia ter sido um começo. Levaria Lauren à Suíça. Não... passaria em casa com ela. Acenderia um crepitante fogo na lareira e os dois poderiam iniciar as próprias tradições. Fariam amor diante do fogo, com as luzes da árvore de Natal cintilando na pele acetinada dela...

Furioso, Nick desligou a mente desses pensamentos e atravessou a rua de forma temerária, ignorando as buzinas que troavam protestos, e os faróis que avançavam em sua direção. Não haveria Natais com Lauren. Desejava-a com bastante desespero para perdoá-la por quase tudo, mas não podia, não queria perdoar nem esquecer o fato de que ela o traíra com a mãe e o padrasto. Talvez com o tempo a perdoasse por ter conspirado contra ele, mas não com os Whitworth. Jamais com eles.

Nick enfiou a chave nas portas duplas da suíte no último andar.

— Onde, diabos, você andou? — perguntou Jim do sofá no qual se refestelara com os pés apoiados numa antiga mesa de centro. — Vim falar das propostas que Lauren passou a Whitworth.

Nick despiu o sobretudo, furioso por ter a suíte invadida, a intimidade infringida e em especial por ser forçado — mesmo pelo momento que ia levar para fazer o amigo dar o fora dali — a falar mais uma vez sobre Lauren.

— Eu já disse — saiu a mesma voz baixa, letal — que quero Whitworth fora do mercado, e também já disse como quero isso feito. Quando você explicou sua participação como cúmplice dela, eu desculpei, mas não irei...

— Não precisa se preocupar em pôr Whitworth fora do mercado — interrompeu Jim, tranqüilo, quando o outro avançou em sua direção. — Lauren está fazendo isso por você. — No sofá ao lado, pegou as cópias das propostas originais e as alteradas que Lauren fizera para dar a Whitworth. — Ela mudou os números, Nick — declarou sombrio.

A reunião do comitê de comércio internacional reiniciou os debates às nove horas em ponto na manhã seguinte. O presidente do comitê olhou para os seis homens sentados ao redor da mesa de conferências.

— Nick Sinclair não comparecerá hoje — informou ao grupo com expressão tempestuosa. — Pediu-me que expressasse seu pesar e explicasse que foi convocado de volta para resolver um problema urgente.

Em uníssonos, seis rostos indignados se voltaram para encarar com impotente hostilidade a cadeira vazia do membro ausente.

— Da última vez, foi um problema de relações trabalhistas. Qual diabos é o problema de Sinclair agora? — perguntou um homem de queixo duplo, irritado.

— Uma fusão de empresas — respondeu o presidente. — Ele disse que ia tentar negociar a mais importante fusão empresarial da sua vida.

Capítulo 22

Um novo tapete de neve cobria Fenster, no Missouri. Com as decorações de Natal penduradas em todos os cruzamentos, a cidadezinha tinha uma singularidade que se assemelhava à visão idealizada e sentimental da vida cotidiana retratada nas obras do famoso pintor e ilustrador americano Norman Rockwell. Esse cenário trouxe a Nick a lembrança muito dolorosa do pudor inicial de Lauren em relação a sexo.

Ajudado pelas indicações que um velho taciturno lhe dera poucos minutos antes, ele não teve a menor dificuldade para encontrar a rua tranqüila onde Lauren fora criada. Encostou o carro diante de uma modesta casa de estrutura branca com um balanço na varanda e um enorme carvalho no jardim da frente, e desligou a ignição do carro que alugara no aeroporto cinco longas horas antes.

A viagem lenta e traiçoeira pelas rodovias cobertas de neve fora a parte fácil; enfrentar Lauren ia ser a difícil.

Bateu à porta e foi logo atendido por um jovem magro, porém musculoso, de vinte e poucos anos. O coração do recém-chegado afundou. Jamais, mesmo nas piores imaginações durante o trajeto até ali, lhe passara pela mente a possibilidade de ela ter outro homem.

— Meu nome é Nick Sinclair — disse e viu o curioso sorriso do jovem mudar para franca animosidade. — Eu gostaria de ver Lauren.

— Sou o irmão dela — respondeu o rapaz — e ela não quer ver você.

Irmão! Ao momentâneo alívio de Nick, seguiu-se um impulso absurdo de esmagar-lhe o rosto por ele ter roubado as mesadas de Lauren quando ela era menina.

— Vim vê-la — declarou num tom implacável — e se tiver de passar por cima de você para chegar até ela, eu farei isso.

— Acho que está falando sério, Leonard — interveio o pai de Lauren, chegando ao vestibulo, o dedo num livro fechado que estivera lendo.

Por um longo momento, Robert Danner examinou o homem alto, indômito, no vão da porta, com os penetrantes olhos azuis observando os vincos de extenuação e tensão gravados fundo nas feições do visitante. Um fraco e relutante sorriso suavizou a linha severa da boca do sr. Danner.

— Leonard — disse tranqüilamente —, que tal a gente dar ao sr. Sinclair cinco minutos com Lauren, para ver se ele consegue fazê-la mudar de ideia. Ela está na sala — acrescentou, inclinando a cabeça para trás na direção dos alegres cânticos de Natal que saíam do estéreo.

— Cinco minutos e só — grunhiu Leonard, seguindo direto na cola de Nick, que se virou para ele.

— Sozinho — declarou com determinação.

O rapaz abriu a boca para se opor, mas o pai interveio de novo:

— Sozinho, Leonard.

Nick fechou em silêncio a porta da alegre salinha, avançou dois passos e parou, com o coração martelando descontrolado no peito.

Em cima do degrau de uma escada portátil, Lauren pendurava enfeites cintilantes nos galhos superiores de uma árvore de Natal. Comoveu-o ao extremo vê-la parecer tão jovem, de calça jeans justa, suéter verde-claro, e tão linda com os cabelos que lhe caíam em ondas cor de mel queimado sobre os ombros e as costas.

Ele sentiu um ansioso desejo de puxá-la da escada para seus braços, levá-la até o sofá e perder-se nela, beijá-la, abraçá-la, e curar com o corpo, as mãos e a boca a dor dela.

Descendo da escada, Lauren ajoelhou-se para pegar mais enfeites na caixa ao lado dos festivos pacotes embrulhados sob a árvore. Pelo canto dos olhos, vislumbrou um par de mocassins masculinos.

— Lenny, seu ritmo de trabalho é fantástico — provocou, em voz baixa. — Eu já terminei. Acha que a estrela fica bonita em cima ou eu devo ir ao sótão pegar o anjo?

— Deixe a estrela em cima — respondeu uma voz grave, que desprendia dolorosa delicadeza. — Já tem um anjo na sala.

Lauren girou a cabeça de repente, seu olhar cravado no homem alto e solene parado a poucos passos. A cor esvaiu-se de

seu rosto quando sua mente registrou a determinação esculpida em cada feição masculina, desde as retas sobrancelhas escuras á dura projeção do queixo e do maxilar. De cada linha daquele corpo muitas vezes lembrado emanavam riqueza, poder e o mesmo irresistível magnetismo de que Lauren fugia nos sonhos à noite.

As mesmas feições que lhe haviam ficado gravadas a fogo na mente; lembrava perfeitamente. Também lembrava a última vez que o vira: achava-se ajoelhada então como agora... chorando aos pés dele. Humilhação e fúria fizeram-na levantar-se de um salto.

— Saia daqui! — fulminou, cega demais pelo próprio tormento para ver o remorso torturado, a dor que escurecia os olhos cinza.

Em vez de sair, ele adiantou-se na direção dela, que recuou um passo e manteve-se firme, o corpo todo tremendo com explosiva violência. Nick estendeu-lhe a mão, e Lauren girou o braço, dando-lhe com toda a força um tapa no rosto.

— Eu mandei você sair! — sibilou. Como ele não se mexeu, Lauren levantou de novo a mão numa ensandecida ameaça: — Que o Diabo o carregue! Fora daqui!

Ele ergueu o olhar para a palma da mão levantada.

— Vá em frente — disse, com delicadeza.

Tremendo de raiva, frustrada, ela baixou com força a mão, passou os braços ao redor da barriga e deslocou-se de lado para escapar, tentando contornar a árvore, afastar-se dele e sair da sala.

— Lauren, espere... — Nick interpôs-se no caminho e estendeu a mão para alcançá-la.

— Não me toque! — gritou ela e encolheu-se como uma louca para longe da mão estendida.

Continuou seguindo de lado para dar os três passos restantes que lhe possibilitariam contorná-lo e sair da sala.

Nick estava disposto a permitir-lhe fazer qualquer coisa, qualquer coisa com ele, menos abandoná-lo. Isso não podia permitir.

— Lauren, por favor, me deixe...

— Não! — ela gritou histérica. — Fique longe de mim! — Tentou correr e Nick segurou-a pelos braços. Virou-se para ele como uma gata selvagem, demente, aos prantos, lutando com ferocidade e agredindo-o.

— Seu canalha! — gritou de dor, enlouquecida e histérica, dando-lhe socos no peito e ombros. — Seu canalha! Eu lhe implorei de joelhos!

Nick precisou de toda a sua força para segurá-la, até Lauren acabar por extravasar a fúria e desabar contra ele, o corpo esbelto fustigado por violentos soluços.

— Você me fez implorar... — chorava, o pranto fragmentado, nos braços dele — ... me fez implorar.

As lágrimas varavam o coração de Nick, e as palavras cortavam-no como facas. Segurava-a, fitando sem ver à frente, lembrava-se da linda e risonha garota que entrara em sua vida e virara-a de cabeça para baixo com o sempre radiante sorriso.

“Que me acontece se esta sandália se encaixar?”

“Eu o transformo num belo sapo.”

O remorso aguilhoou os olhos de Nick, obrigando-o a fechá-los.

— Me perdoe — sussurrou enrouquecido. — Eu sinto tanto, tanto.

Lauren sentiu a dor brutal naquela voz, e sentiu a parede de entorpecimento congelado que erguera ao redor de si começar a derreter-se. Lutou para bloquear da mente a extraordinária beleza de estar mais uma vez nos braços dele, de ser apertada contra aquele corpo grande e forte.

Nas solitárias semanas de noites insones e dias de desolada raiva, chegara à tranqüila conclusão de que Nick tinha um incurável cinismo e insensibilidade. O abandono da mãe fizera-o dessa forma, e nada do que ela tentasse fazer jamais conseguiria mudá-lo. Ele sempre continuaria a excluí-la de sua vida e a afastar-se friamente dela, porque nunca a amaria de verdade.

Aprendera aos cinco anos que não confiaria o coração a uma mulher. Ofereceria a Lauren o corpo, a afeição... porém nada além disso. Nunca se permitiria deixar-se mais uma vez inteiramente vulnerável.

No momento, Nick deslizava as mãos pelas suas costas acima e abaixo, num gesto de impotente conforto, espalhando calor em todos os lugares onde a tocava. Juntando os últimos vestígios de autocontrole, Lauren libertou-se com firmeza do domínio dos braços dele.

— Estou bem agora. Sério. — Dirigiu o olhar aos insondáveis olhos cinza e pediu com toda a calma: — Quero que você vá agora, Nick.

Ele enrijeceu o maxilar e retesou o corpo todo ao ouvir a objetividade tranqüila e mortal naquela voz, mas, em vez de ir embora, pareceu bloquear aquelas palavras da mente, como se ela houvesse falado numa língua que ele não entendia. Ainda com os

olhos cravados nos dela, enfiou a mão no bolso do paletó e retirou uma caixa embrulhada em papel prateado.

— Comprei um presente para você — disse.

Lauren encarou-o.

— Como?

— Tome. — Entregou-a, erguendo-lhe a mão e pondo a caixa ali. — É um presente de Natal. Para você... por favor, abra logo.

As palavras de Mary de repente ressoaram pela mente de Lauren, cujo corpo começou a tremer todo. *“Ele pretendia subornar a mãe, a fim de fazê-la voltar para ele... Deu-lhe o presente... e insistiu que o abrisse logo...”*

— Abra-o agora, Lauren — pediu ele.

Teve o cuidado de manter o rosto inexpressivo, mas ela viu o desespero nos olhos dele, a rígida tensão nos vigorosos ombros e soube que Nick esperava que ela rejeitasse seu presente. E a ele.

Lauren desprendeu os olhos daquele olhar e, trêmula, retirou o papel prateado do estojo de veludo, que exibia o nome em discreto relevo de uma joalheria de Chicago, seguido pelo de um hotel da mesma cidade. Abriu o fecho. O leito de veludo branco na base continha um espetacular pingente de rubi circundado por uma fileira de diamantes estonteantes. O magnífico pingente tinha, fácil, o tamanho de uma caixinha de comprimidos.

Tratava-se de um suborno.

Pela segunda vez na vida, Nick tentava subornar uma mulher para fazê-la voltar. Lágrimas de ternura encheram os olhos de Lauren e um afeto imenso transpassou-lhe o coração.

A voz dele saiu rouca e embargada, como se as palavras lhe fossem arrancadas:

— Por favor — sussurrou. — Por favor... — Puxou-a para os braços, esmagou-a contra seu magro e forte corpo e enterrou o rosto nos cabelos dela. — Ah, por favor, querida...

As defesas de Lauren desmoronaram por completo.

— Eu te amo! — ela disse, com a voz entrecortada, enlaçou os braços com força no pescoço dele, deslizou as mãos pelos músculos retesados dos ombros e afagou os volumosos cabelos escuros.

— Comprei brincos para você também — seduziu-a, ainda com a voz rouca e urgente. — Comprarei um piano... disseram na faculdade que você era uma pianista talentosa. Gostaria de um de cauda ou prefere um de...

— Não faça isso! — gritou angustiada quando se ergueu nas pontas dos pés e silenciou-o com os lábios.

Um tremor percorreu o corpo de Nick, que a abraçou, abrindo com a sua boca a dela com desesperada ânsia, moveu as mãos pelas costas e a lateral dos seios, e depois as desceu mais, puxando os quadris para grudá-los nos seus, como se quisesse absorver com o seu corpo o dela.

— Senti tanto a sua falta — sussurrou, tentando suavizar o beijo, movendo a boca nos lábios separados dela com uma ânsia afetuosa, enternecedora, quando afundou devagar a mão nos espessos cabelos na nuca. Mas o controle desfez-se quase no mesmo instante, e com um gemido Nick apertou a mão e mergulhou a língua na boca de Lauren com urgência feroz, compulsiva.

Ela retribuiu-lhe o beijo com todo o amor dolorido, que lhe irrompia do coração, arqueando-se mais para perto dele e segurando-o colado a si.

Um infindável tempo depois, retornou à realidade, os braços ainda enlaçados nele, a face apertada contra o violento martelar do coração dele.

— Eu te amo — sussurrou ele e, antes que ela pudesse responder, continuou numa voz que era em parte suplicante e em parte provocante: — Você tem de se casar comigo. Acho que acabei de ser excluído da votação no comitê de comércio internacional... os participantes me consideram instável. E Tony me riscou da lista dele. Mary disse que se demitirá se eu não a levar de volta. Ericka encontrou os brincos que eram da sua mãe e entregou-os a Jim, que me pediu para lhe dizer que não vai devolvê-los a você, a não ser que volte para eles...

* * *

Minúsculas luzes coloridas cintilavam da árvore de Natal na imensa sala de estar. Estendido no tapete diante da lareira, Nick embalava a esposa adormecida na dobra do braço e contemplava a luz do fogo que dançava nas ondas revoltas dos cabelos espalhados pelo seu peito nu. Já eram casados fazia três dias.

Lauren mexeu-se, aproximando-se mais dele, em busca de calor. Com cuidado para não incomodá-la, puxou a colcha de cetim em volta dos ombros dela. Reverente, tocou-lhe a face com o dedo, traçando a elegante curva. Lauren trouxera-lhe alegria à vida e risos ao lar. Achava-o lindo e, quando o olhava, ele se sentia lindo.

Em algum lugar, em outra parte da imensa casa, o carrilhão de um relógio começou a soar meia-noite. As pálpebras de Lauren

adejaram e ela despertou. Nick olhou dentro daqueles fascinantes olhos azuis.

— É Natal — sussurrou.

Sua esposa sorriu-lhe e suas palavras causaram-lhe um aperto na garganta:

— Não — disse ela baixinho, envolvendo os dedos no queixo de Nick. — Já é Natal há três dias.

Fim